

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
NÍVEL DOUTORADO

ANGELA ZAMIN

NOS JORNAIS, UM TÍPICO ACONTECIMENTO ATÍPICO
O Caso Angostura em diários latino-americanos de referência

São Leopoldo, RS
Fevereiro de 2012

ANGELA ZAMIN

NOS JORNAIS, UM TÍPICO ACONTECIMENTO ATÍPICO
O Caso Angostura em diários latino-americanos de referência

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Ciências da Comunicação.

Orientadora: Profa. Dra. Beatriz Alcaraz Marocco

São Leopoldo, RS
Fevereiro de 2012

Z24n Zamin, Angela
Nos jornais, um típico acontecimento atípico: o Caso Angostura em diários latino-americanos de referência / Angela Zamin. -- 2012. 275 f. : il. ; 30cm.

Tese (doutorado) -- Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Programa de Pós-Graduação Ciências da Comunicação, São Leopoldo, RS, 2012.
Orientador: Profa. Dra. Beatriz Alcaraz Marocco.

1. Jornalismo. 2. Conflito - América Latina. 3. Caso Angostura. I. Título. II. Marocco, Beatriz Alcaraz.

CDU 070

ANGELA MARIA ZAMIN

“NOS JORNAIS, UM TÍPICO ACONTECIMENTO ATÍPICO O CASO ANGOSTURA
EM DIÁRIOS LATINO-AMERICANOS DE REFERÊNCIA”

Tese apresentada como requisito parcial
para obtenção do título de Doutor, pelo
Programa de Pós-Graduação em
Ciências da Comunicação da
Universidade do Vale do Rio dos Sinos -
UNISINOS.

Aprovada em 13 de abril de 2012

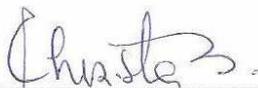
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Fernando Antonio Resende – UFF



Prof. Dr. Eduardo Barreto Vianna Meditsch – UFSC



Profa. Dra. Christa Berger – UNISINOS



Prof. Dr. José Luiz Braga – UNISINOS



Profa. Dra. Beatriz Alcaraz Marocco – UNISINOS

Ao Reges,
sonhos partilhados

AGRADECIMENTOS

A realização desta tese dependeu da colaboração de muitas pessoas e do carinho de muitas outras e por essa razão sou profundamente grata:

A minha orientadora, professora Beatriz Alcaraz Marocco, pela confiança e orientação precisa em todos os momentos. Pelas colaborações pontuais, pelo convívio e pelos laços construídos durante a elaboração da tese.

Ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos, especialmente aos professores Christa Berger, José Luiz Braga e Ronaldo Henn. Agradeço, em especial, a funcionária Lilian Boettier Motta, sempre cordial e disponível.

Ao Conselho Nacional de Pesquisa Científica (CNPq) e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (PDEE-Capes / Processo 0072-10-9) pela viabilização material desta jornada.

À Universidad Pompeu Fabra e ao professor Miquel Rodrigo Alsina pela acolhida durante o Estágio Doutoral no Exterior (PDEE-Capes). Aos colegas de “despatx”, professores José Afonso da Silva Júnior, Maria del Rocío Cruz Días e Antonio Pineda Cachero. Ao professor Xavier Giró, da Universidad Autónoma de Barcelona, e aos jornalistas Nilton César Torres Varillas, peruano, e Jaime Cevallos, equatoriano.

À Comissão Examinadora da Tese, professores Christa Berger (Unisinos), Eduardo Meditsch (UFSC), Fernando Resende (UFF) e José Luiz Braga (Unisinos).

À amiga colombiana Maria Patrícia Téllez Garzón, muchas gracias por “enseñarme” su país.

À Lourdes Silva, pelo afeto e por mobilizar em meu auxílio sua rede de amigos colombianos e equatorianos, obrigada imenso. A Javier Diaz e a José Mármol, gracias por todo.

À Julieta Marocco, pela acolhida generosa em Barcelona, moltes gràcies.

Aos e às participantes do Grupo de Pesquisa Estudos em Jornalismo (Unisinos/CNPq), pelas questões e reflexões produzidas.

Aos e às colegas da turma de Doutorado 2008-2012, especialmente aos amigos Luciano Correia, Eloísa Klein e Aline Dalmolin.

Aos amigos que, de uma forma ou outra, colaboraram nesta caminhada: Arion Fernandes, Camila Cornutti, Cleusa Schneider e Vera Raddatz. E aos que, perto ou longe, estiveram presentes: Adriana Veronese, Eduardo Ritter, Joel Guindani, Lara Nasi, Leslie Chaves, Maitê Medonça, Marcia Andres, Marcia Veiga, Maria Joana Chaise, Marina Chiapinotto, Melissa Bonotto, Nara Magalhães, Neusa Gonçalves, Vera Martins e Virgínia Fonseca.

Aos meus pais “seu Zamin” e “dona Dora”, a minha irmã Márcia e a minha sobrinha Luísa, por tudo que não cabe aqui, mas está em mim.

Ao Reges Schwaab pela cumplicidade, apoio e generosidade.

Podríamos decir que al espacio físico y a sus distancias le substituye el espacio de los medios y su sed de proximidades. A la geografía le substituye la información. A la geometría, la actualidad.
(Rey Morató, 1988)

RESUMO

Os modos de objetivação jornalística contêm a organização, a experiência e a interpretação do “mundo diante de si”, apresentado diariamente nos mapas constituídos pelos jornais. Essas processualidades diretamente vinculadas aos interesses organizacionais, todavia, são suscetíveis aos espaços do mundo vivido e aos acontecimentos que neles irrompem e contrastam com a “normalidade” cotidiana. Do conjunto, alguns têm alto grau de conflitividade, são os típicos acontecimentos atípicos, que mobilizam o Jornalismo enquanto seu campo de possíveis não cessa de se atualizar. A presente pesquisa apresenta e explora um típico acontecimento atípico a partir de seu ingresso e de sua cobertura em três jornais latino-americanos de referência, o brasileiro *O Estado de S. Paulo*, o colombiano *El Tiempo* e o equatoriano *El Comercio*. Trata-se do *Caso Angostura*, a forma como denomino a crise colombo-equatoriana desencadeada a partir do ataque do Exército colombiano a um acampamento das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc) localizado em território equatoriano, em 1º de março de 2008. A pesquisa, de forma mais ampla, investiga a produção do acontecimento jornalístico visando a compreender em que medida os típicos atípicos, por suas características e por seus fluxos, alteram as processualidades do Jornalismo. A apreensão é de uma dupla emergência: dos fluxos do Jornalismo e dos fluxos do acontecimento em um processo de codeterminação. Nesse contexto, dedica-se a observar os processos de produção do acontecimento jornalístico, a partir de sua materialidade discursiva, como forma de compor e recompor o acontecimento pelos processos que o constituem (Foucault, 2006, 2010), tomando por base o arcabouço dos estudos do acontecimento jornalístico. Considera, para tanto, um arquivo conformado por textos dos três jornais do período de março de 2008 a agosto de 2009, como modo de acessar a dispersão interpretativa dos sentidos que conformam o *Caso Angostura*.

Palavras-chave:

Jornalismo. Acontecimento. Conflito. Espaço. América Latina.

ABSTRACT

Modes of journalistic objectification contain the organization, the experience and the interpretation of “the world before me”, daily presented in maps constructed by newspapers. These processualities directly connected to organizational interests are, however, susceptible to spaces of the lived world and to events that emerge in it and these events contrast with everyday “normality”. From a series of events, some have a high degree of conflict; these are the typical atypical events, which mobilize Journalism while its field of possibilities does not cease updating. This research presents and explores a typical atypical event from its ingress and its coverage in three reference Latin-American newspapers, the Brazilian *O Estado de S. Paulo*, the Colombian *El Tiempo* and the Ecuadorian *El Comercio*. We are talking about the Angostura Case, our designation for the crisis between Colombia and Ecuador triggered by the attack of the Colombian Army to a camping site of the Revolutionary Armed Forces of Colombia (Farc) located in Ecuadorian territory on March 1st, 2008. The research, more broadly, investigates the production of the journalistic event, aiming at understanding to what extent the typical atypical, for its characteristics and its flows, alters the processualities of Journalism. The apprehension is of double emergence: of the flows of Journalism and of the flows of the event in a process of co-determination. In this sense, it is dedicated to observe the processes of production of a journalistic event from its discursive materiality, as a way of arranging and rearranging the event by processes that constitute it (Foucault, 2006, 2010), building on the studies of the journalistic event. To do so, it considers a corpus consisted of texts taken from the three newspapers between march 2008 and august 2009, as a way of accessing the interpretative dispersion of meanings that shape the Angostura Case.

Keywords:

Journalism. Event. Conflict. Space. Latin America.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

ILUSTRAÇÃO 1 – Localização de Angostura.....	21
ILUSTRAÇÃO 2 – O ingresso no acontecimento.....	24
ILUSTRAÇÃO 3 – Poder de revelação do <i>Caso Angostura</i>	104
ILUSTRAÇÃO 4 – Capas de <i>O Estado de S. Paulo</i>	113
ILUSTRAÇÃO 5 – Capas de <i>El Tiempo</i>	117
ILUSTRAÇÃO 6 – Capas de <i>El Comercio</i>	119
ILUSTRAÇÃO 7 – Cartola <i>Tensão da fronteira</i>	155
ILUSTRAÇÃO 8 – Circulação na esfera da produção do <i>Angostura</i>	209
ILUSTRAÇÃO 9 – A retificação do erro em <i>El Tiempo</i>	231
ILUSTRAÇÃO 10 – A incorreção de <i>El Tiempo</i> em <i>O Estado de S. Paulo</i>	235

LISTA DE MAPAS

MAPA 1 – Fluxos de <i>O Estado de S. Paulo</i> na cobertura do <i>Caso Angostura</i>	176
MAPA 2 – Fluxos de <i>El Tiempo</i> na cobertura do <i>Caso Angostura</i>	184
MAPA 3 – Fluxos de <i>El Comercio</i> na cobertura do <i>Caso Angostura</i>	192

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Os computadores de Raúl Reyes em <i>El Tiempo</i>	144
QUADRO 2 – Os computadores de Raúl Reyes em <i>El Comercio</i>	149
QUADRO 3 – O <i>Caso Angostura</i> no jornal <i>O Estado de S. Paulo</i>	153
QUADRO 4 – O <i>Caso Angostura</i> no jornal <i>El Tiempo</i>	158
QUADRO 5 – O <i>Caso Angostura</i> no jornal <i>El Comercio</i>	161

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO - PARA CONHECER O ESPAÇO	14
I Apresentação	14
II As rotas, o que se fez percurso.....	23
III A escala, a pesquisa de um típico acontecimento atípico	28
IV As orientações, de como <i>ler</i> o espaço no / do jornalismo.....	32
1 QUESTÕES DE CONTEXTO – UM MAPA DO MUNDO	36
1.1 Modos de objetivação dos espaços do mundo vivido	43
1.1.1 As agências de notícias	49
1.1.2 Os jornais de referência	54
1.2 A geopolítica da informação	59
1.2.1 Dos primórdios a uma nova ordem da informação	65
1.2.2 Geopolítica da informação latino-americana	69
2 PERSPECTIVA DE ESTUDO – TÍPICO ACONTECIMENTO ATÍPICO .	81
2.1 Do acontecimento.....	86
2.2 Do acontecimento jornalístico.....	88
2.3 Do típico acontecimento atípico.....	92
2.3.1 Caso Angostura, um típico acontecimento atípico	95
2.3.2 Os jornais	110
2.3.3 Analisar o acontecimento	120
3 A PRODUÇÃO DO ACONTECIMENTO – DOS FLUXOS	126
3.1 Fluxos do acontecimento.....	127
3.1.1 A morte, a invasão, os nexos com as Farc	128
3.1.2 Os computadores	136
3.2 O acontecimento nos mapas diários.....	150
4 A PRODUÇÃO DO ACONTECIMENTO – DO ESPAÇO	166
4.1 Ir pelo mundo em busca das coisas do mundo.....	168
4.2 Ir ao jornalismo em busca do mundo	194

5	A PRODUÇÃO DO ACONTECIMENTO – DO CONFLITO	211
5.1	Conflitos reconhecidos pelo Jornalismo	214
5.1.1	Os conflitos	217
5.1.2	Os conflitos sobre o conflito	222
5.2	Conflitos provocados pelo Jornalismo	227
5.2.1	“Una patraña mediática”. A foto que “não” era	229
5.2.2	“Hay error en la transcripción”. O “não” que não existia	235
5.3	Conflitos enfrentados pelo Jornalismo.....	238
5.3.1	El Tiempo	239
5.3.2	El Comercio	241
	CONCLUSÃO – A CARTOGRAFIA DO ACONTECIMENTO	246
	REFERÊNCIAS	259

INTRODUÇÃO

Para conhecer o espaço

Eu não conheço Angostura. Tampouco Putumayo ou Sucumbíos. Nunca estive em Quito ou Bogotá, mas fui até lá todos os dias. Conheço esses lugares das notícias que li. De outro modo que não pelo Jornalismo, talvez eu não tivesse como chegar. Sucumbíos. Putumayo. Angostura. Descobri esses nomes numa manhã de domingo, ao ler as páginas de Internacional de *O Estado de S. Paulo*. Pouco sabia sobre a Colômbia e o Equador. Talvez agora conheça o necessário. Raras vezes havia passado os olhos por jornais de países vizinhos. A leitura passou a ser diária, como também o exercício de percorrer os acontecimentos ordenados pelos jornais em sua tarefa cotidiana de cartografar o mundo, em escalas as mais diversas, nas quais encerram o presente das coisas presentes.

I Apresentação

A ciência avança pela objeção. E a objeção não é entendida aqui unicamente por um caráter de refutação total de uma determinada pesquisa ou reflexão, exceto em casos específicos. A pesquisa científica se desenvolve por um exercício rigoroso de planejamento, sistematização e interpretação, do teórico e do empírico, permeado por idas e vindas, em um espaço propositivo em que o pesquisador deve ser capaz de pensar, de forma adequada, a processualidade da pesquisa. Ao seu desenvolvimento soma-se o exercício de pensar a partir de pontos já construídos, propor caminhos diversos dos já traçados, em percursos próprios ou de outros pesquisadores, ou, ainda, refazer esses caminhos atento a possibilidades outras, porque o ato de *produzir* conhecimento envolve o que é anterior, o que foi gestado antes (Bachelard, 1996 e 1971).

Por esse exercício, que se realiza no próprio *fazer* científico, sujeito(s), objeto(s) e método(s) se imbricam em resposta àquilo que o pesquisador perguntar. Afinal, como alertam Bourdieu et al. (2005, p. 48), “o real nunca toma a iniciativa já que só dá resposta quando é questionado”. A ciência se configura pela dúvida, pela inquietação permanente, pela problematização e é nessa conjunção que promove rupturas, inaugura o novo e, em seguida, algo mais novo ainda, abarcando e ampliando saberes.

A proposição de Bachelard (1971), que é feita também por Mills (1975), é de que se reflita sobre a pesquisa (delimitação do objeto, aportes teóricos, movimentos metodológicos, etc.) durante o próprio processo, em um movimento permanente de observação do que está

em curso, com vistas à mudança de estratégias, incorporações, desvios. Desta forma, definem-se procedimentos adequados à pesquisa em sua processualidade. Este ir-e-vir, refletido a cada movimento, permite inclusive analisar os resultados negativos que a pesquisa produz e, como sugerem Bourdieu et al. (2005, p. 78), que “se interrogue sobre as razões que fazem com que os fatos tenham razão de dizer não”. Ainda sob esse prisma, Bachelard (1996, p. 12) indaga: “A experiência que não retifica nenhum erro, que é monotamente verdadeira, sem discussão, para que serve?” De um modo geral, Bachelard (1971) aponta para uma epistemologia da ruptura, sustentada por uma reflexão vigilante, que abarca a tomada de consciência e questionamento do processo.

Em direção semelhante, Latour (2007) propõe que se compreenda a ciência não como pronta, simplesmente dada, verdadeira por sua existência e positiva (porque não traz erros), mas que ela seja entendida no momento de sua formulação. “Nossa entrada no mundo da ciência [...] será pela porta de trás, a da ciência em construção, e não pela entrada mais grandiosa da ciência acabada” (p. 17), uma vez que o interesse é pela ciência em ação. Nesse sentido, mais do que as rupturas que promove ou o novo que instaura, a pesquisa científica é instigante e enriquecedora por seu percurso, pelas dúvidas que a originam, pela inquietação permanente que a conforma, pelos movimentos que realiza.

A processualidade da pesquisa, entendida dessa forma, requer que o investigador desenvolva a capacidade de passar de uma perspectiva a outra de forma refletida e sistematizada, identificando, desse modo, modificações, acréscimos e apagamentos, “índice do nosso progresso e vigor intelectual” (Mills, 1975, p. 215). Para isso, deve estar atento às novas relações que podem se estabelecer no processo de elaboração da pesquisa e, ao mesmo tempo, retomar problemas, proposições e planos iniciais. Mills (p. 240) sugere, ainda, outro movimento ao pesquisador-artesão, passar do contexto da descoberta para a apresentação, uma tradução da experiência, capaz de lhe dar forma, por uma “imaginação sociológica” que evita “o fetichismo do modelo e da técnica. Acima de tudo, essa tradução da experiência evidencia a processualidade da pesquisa em que cada investigador é seu próprio metodólogo”.

O método a ser construído vai ao encontro do que o objeto solicita, portanto, pretende-se que esteja atento aos movimentos da investigação a ser desenvolvida para que responda, de forma flexível, às mudanças necessárias. Por esses movimentos se estabelecem, a cada pesquisa, relações e entendimentos sobre método, objeto, metodologias, etc., que consideram o percurso desde onde a pesquisa se inscreve até onde ela pretende chegar. É desta forma que a proposta se organiza visando a um aprendizado no sentido de uma vigilância epistemológica (Bachelard, 1971; Bourdieu et al., 2005). O esforço, nesse sentido, como propõem Bourdieu

et al. (2005, p. 14), é de se tornar um “trabalhador da prova” ancorado em uma prática científica coletiva e cumulativa, por que

só podemos opor o treino constante na vigilância epistemológica que, subordinando a utilização das técnicas e conceitos a uma interrogação sobre as condições e limites de sua validade, proíbe as facilidades de uma aplicação automática de procedimentos já experimentados e ensina que toda operação, por mais rotineira ou rotinizada que seja, deve ser repensada, tanto em si mesma quanto em função do caso particular.

Esses movimentos se desenvolvem em meio ao estatuto e às questões próprias ao campo no qual a investigação se insere. Em relação aos objetos do campo da Comunicação identifica-se tanto a observação interessada de outras áreas das diversas Ciências Humanas e Sociais, posto que os estudos de Comunicação não se dissociam do social; como da própria Comunicação em direção ao que lhe é próprio ou a objetos outros. Aprender o comunicacional a partir da própria Comunicação difere das construções teórico-conceituais de áreas correlatas em olhares específicos para a Comunicação, porque, nesses casos, os fenômenos comunicacionais são coadjuvantes e a maior relevância é atribuída a questões habituais dessas outras disciplinas.

Com efeito, quando alguém se dispõe a fazer sociologia da (ou na) comunicação, senão antropologia, psicologia, economia, estudos culturais etc, permanece no interior dessa perspectiva, que faz do estudo da comunicação algo parasitário de uma disciplina clássica do pensamento social. A comunicação é concebida como instrumento (rádio, jornal, revista, televisão, internet e outros) a ser analisado, ou então como mero pretexto para a resolução de um problema da disciplina em questão, tal como o de suprir uma carência analítica frente à multiplicação dos dispositivos informacionais na cultura contemporânea (Sodré, 2007, p. 16).

É importante ter em mente que o contrário também é verdadeiro, uma vez que muitos dos estudos que se originam no campo da Comunicação e do Jornalismo se ancoram em perspectivas teórico-metodológicas de outras áreas. Não perder de vista o que há de propriamente comunicacional (Braga, 2007) é uma forma de não aplicar à Comunicação o que serve a outras áreas da forma como serve a estas. A pesquisa em Comunicação não deve empreender simplesmente uma *importação* de teorias e métodos, mas deve configurá-los a partir de seus objetivos ou em consequência de sua reflexão sistematizada.

Por esse movimento de procurar pelos objetos de conhecimento da Comunicação, pelas questões que lhe são próprias, por aquilo que há de propriamente comunicacional, a Comunicação, entretanto, não deve se pretender um bloco monolítico em sua constituição como campo (Braga, 2007). O trânsito entre campos de conhecimento contribui para que o próprio campo acadêmico da Comunicação reflita sobre *seus fazeres* e, assim, “possa se tornar crescentemente fornecedor de perguntas e de procedimentos para obter respostas, que não seriam expressamente elaboradas algures” (p. 15). Ainda com referência às questões do

campo da Comunicação, há as relações internas ao próprio campo e deste com outros campos sociais, midiáticos, e instituições específicas não midiáticas.

Considerar o comunicacional não exige que se separe o que é desta ou de outra ordem de reflexão e pesquisa, da Comunicação ou de outra disciplina/campo. Requer sim, que haja várias entradas e que estas se estimulem, articulem e se desafiem continuamente em um movimento de cotejo que ofereça, acima de tudo, perguntas sobre o mundo (Braga, 2007). A diferenciação entre a Comunicação e outras especialidades deve ser o resultado de um esforço que leve à elaboração de perguntas que não seriam feitas por aquelas disciplinas que servem de aporte à pesquisa em Comunicação, por suas abordagens teóricas, métodos e metodologias.

Na elaboração das perguntas ‘próprias do campo’, não é simples assegurar o ‘lugar do questionamento’ – uma vez que as disciplinas vizinhas crescentemente geram novas e novas perguntas sobre seus próprios objetos, dentre os quais incluem as questões comunicacionais de seu interesse (como processo natural de crescimento epistemológico), recebendo, inclusive, os aportes do campo da Comunicação como estímulo e desafio para questionamentos *em suas lógicas próprias* (2007, p. 7 [grifo no original]).

Aprender o comunicacional a partir da própria Comunicação difere, certamente, das construções teórico-conceituais de áreas correlatas em olhares específicos para a Comunicação, por que, nesses casos, os fenômenos comunicacionais são coadjuvantes e a maior relevância é atribuída a questões habituais dessas outras disciplinas. Desta mesma forma, ao lançar-se sobre outros campos, a pesquisa em Comunicação não deve empreender simplesmente uma *importação* de teorias e métodos, mas deve configurá-los a partir de seus objetivos ou em consequência de sua reflexão sistematizada. Não perder de vista o comunicacional é, também, uma forma de não aplicar à Comunicação o que serve a outras áreas da forma como serve a estas.

Esse trânsito entre áreas, por sua vez, não se restringe à Comunicação e seus pares. Piaget (1967), citado por Santos (1989, p. 31), ao se referir à Sociologia e à Psicologia, alega que estas têm “o triste privilégio de tratar de matérias de que todos se julgam competentes”. Da mesma forma, o relatório da Comissão Gulbenkian (in Wallerstein, 1996), em um exame das Ciências Sociais e das relações que estas estabelecem, destaca um processo de construção em que cada disciplina tem seu ponto de partida em outra, historicamente anterior. Resultam desse imbricamento entre campos, múltiplas narrativas e *visadas* epistemológicas e é por aí que o mundo de *sentido* é construído (Lopes, 2007). No que se refere à Comunicação, se observa uma “convergência de saberes especializados sobre a comunicação, entendido mais como movimento de *intersecção* que não é, em hipótese alguma, uma amálgama ou síntese de saberes. É antes um produto das relações” (2007, p. 6 [grifo no original]).

Um campo deve sempre ser pensado pelo dentro e pelo fora (Fausto Neto, 2002), limite e fronteira. Esses dois conceitos são antinômicos: ora acentuam aspectos de um e outro, ora dão a entender que são espaços de contato. Enquanto o limite está orientado para dentro, a fronteira implica aquilo que está à frente. O limite é um fator de separação. A fronteira, a um só tempo, é espaço de encontro e desencontro com o outro. Ora limite e fronteira podem evidenciar os aspectos próprios de uma Ciência, por seu estatuto, ora podem dar a entender que ela é espaço de contato.

A Comunicação como disciplina *de fronteira*, designa um espaço de encontro e desencontro com o outro, de intercâmbio. Seus temas, percursos e objetos delineiam-se no interior de um espaço que toca espaços outros, de uma parte, e reivindica territorialidade, de outra. Nas palavras de Galtung (2006), uma fronteira é uma acomodação. O emprego destas expressões do vocabulário espacial, pertencentes à linguagem da Geografia e da estratégia, “resume em si a filosofia política do momento” (Augé, 2010, p. 8), um período histórico que comporta tanto o esgotamento das fronteiras tradicionais, físicas e simbólicas, quanto seu ressurgimento.

Os estudos de comunicação não se dissociam do social, um terreno complexo pela sua volatilidade, e, por isso, a observação será tanto mais produtiva quanto mais bem articulada e sistematizada for a reflexão durante o processo de investigação. Devemos trazer à tona a fundamentação que permita entender as lógicas que fizeram da *nossa* diversidade algo tão próprio quando o olhar se volta para as pesquisas da área. E as regularidades percebidas não se revestem de suficiência para explicar a complexidade do fenômeno social da Comunicação, onde, em tese, nascem todas as questões norteadoras das pesquisas.

Um estudo de Jornalismo é, sem dúvida, algo que permite pensar e refletir sobre o campo da Comunicação. Primeiro, por que o todo está contido na parte. Segundo, por que as relações de poder e mediação, tanto em um estudo de Jornalismo, quanto do campo da Comunicação, são o lugar de onde é indispensável falar. Terceiro, e não menos importante, por que ao se “tocar” em objetos comunicacionais traz-se ou busca-se aportes de outras áreas. O Jornalismo assenta-se sobre conceitos que são também fundantes para outras ciências; assim como seus produtos são conformados a partir de dizeres de outros lugares.

O Jornalismo, nesse sentido, deve ser analisado em sua complexidade. Refletir sobre seus *fazeres* (e *afazeres*) requer a observação interessada daquilo que o Jornalismo assume como lhe sendo próprio, por exemplo, ordenar o tempo e o espaço, funções reconhecidas também como atributos de outras disciplinas. De um modo geral e amplo, à História cabe “recortar o tempo”, ou seja, a periodização; à Geografia, “recortar o espaço”, a regionalização

(Haesbaert, 2010). Ortiz (2005, p. 50) lembra que “a Sociologia e a Antropologia privilegiam a relação entre cultura e meio físico”, ao assinalarem as relações entre os habitantes e seus lugares.¹

O discurso jornalístico é conformado *no e pelo* atravessamento de saberes e dizeres de diferentes campos de conhecimento, num dado período histórico:

O jornalismo que é instrumento de pesquisa histórica e cultural, que é objeto de estudo da história, da economia, da ciência política e da linguística, deixa para a comunicação a interpretação do que é da sua essência: o jornalismo informa, narra, desvela o mundo. O jornalismo conecta e dá sentido à vida. O jornalismo é o suporte para a existência continuada do ‘contador de histórias’ (Berger, 2002, p. 139).

Os movimentos do Jornalismo não se encontram apartados do social por que este é insumo e fonte de significados. Ao narrar (e nomear) as questões do tempo presente, em meio ao fluxo da atualidade imediata que o caracteriza, o Jornalismo transita entre campos e agentes do conhecimento, em percursos simbólicos que visam a produzir significados sobre os acontecimentos do mundo vivido. Por um enfoque relacional do Jornalismo (Ponte, 2005), os eventos do mundo e o trabalho jornalístico não podem ser dissociados. Leal et al. (2010, p. 189) assentam a relação entre Comunicação e sociedade e, a partir dela, entre Jornalismo e acontecimento, em três princípios:

1) as práticas da mídia são, ao mesmo tempo, constituidoras da e constituídas pela vida social; 2) a relação entre os sujeitos interlocutores é complexa e com diferentes configurações; e 3) a análise da significação discursiva compreende uma articulação entre a dimensão proposicional e a dimensão relacional da linguagem.

Parece adequado refletir sobre esta perspectiva relacional, porque, como sugerem Leal et al. (2010), o discurso jornalístico constitui-se em dado da experiência, por um lado, e em um dos seus vetores, por outro. Segundo Groth (2011), refere-se a sua inscrição no mundo da natureza, da sociedade e da cultura, e de como se movimenta com a finalidade de completar o quadro do mundo e informar aos indivíduos sobre os seus mundos.²

A partir das discussões propostas na Linha de Pesquisa Linguagens e Práticas Jornalísticas e no Grupo de Pesquisa Estudos em Jornalismo, vinculados ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos, opto por desenvolver um estudo do acontecimento jornalístico. Decorrência da ação sobre o acontecimento vivido,³ o

¹ Assim como Mauss (apud Ortiz, 2005, p. 50), de posse dos princípios durkheimianos de articulação entre as sociedades e seu substrato material, associou a ligação da civilização esquimó ao meio físico, também Malinowski localizou os habitantes das ilhas Trobriand aos seus lugares. O espaço não é uma categoria abstrata.

² Mundo, do latim mundus, “é o universo dos próximos, dos semelhantes entre si. Em princípio, um dos efeitos cognitivos das notícias seria de fato a promoção de ajustamentos progressivos dos sujeitos sociais a seus próximos, o seu mundo” (Sodré, 2005, p. 9).

³ Existem inúmeras denominações para os acontecimentos que servem de insumo aos acontecimentos jornalísticos, como: acontecimento social (Verón, 1995; Medina 2008); acontecimento cotidiano ou puro (Deleuze, 1975) e acontecimento bruto (Charaudeau, 2009).

acontecimento jornalístico é forjado na relação com o “mundo diante de si” (Groth, 2011). Deste modo, aquilo que o Jornalismo oferta diz muito da sua paradoxal experiência de acionamento de espaços e tempos. Ao ocupar-se das coisas do mundo – “na medida em que este pertença aos *mundos diante dos seus leitores*” – o Jornalismo o reassenta nos seus próprios espaços (2011, p. 182 [grifo no original]). Nas palavras de Silverstone (2009, p. 171 [grifo no original]), “no domínio da reportagem factual e do fabrico da informação, os *media* têm apenas uma responsabilidade: a de tornar o mundo compreensível. Pois só na sua inteligibilidade é que o mundo – incluindo os outros que vivem neste mundo e nós próprios – se torna humano”.

A cartografia do mundo proposta pelos jornais a cada dia engendra “aconteceres”, ou seja, acontecimentos programados, aqueles que irrompem e desorganizam os quadros da vida e dizeres de toda ordem, que ganham a forma de “realidade jornalística”. Se o Jornalismo é o lugar no qual os acontecimentos “ganham” existência por meio de uma materialidade discursiva que busca dotá-los de sentido, a observação dos textos produzidos pode revelar os mecanismos de produção do acontecimento jornalístico. É essa direção que percorre a investigação, ou seja, dos textos à produção, em uma tentativa de compreender os movimentos que possibilitam ao Jornalismo construir discursivamente os acontecimentos. Chamo de “texto” o discurso de informação (Verón, 2002) produzido pelos meios de comunicação como forma de dar visibilidade ao que vai pelo mundo.

A partir de um conjunto de autores que se dedicaram ao estudo do acontecimento, por meio de teorias de natureza múltipla é possível identificar três vertentes nos estudos de acontecimento jornalístico (Zamin e Marocco, 2010). A primeira delas marca um espaço exógeno de intervenção, que avança criticamente em relação ao trabalho de mapeamento do presente realizado pelo Jornalismo. Nela estão os trabalhos de Sociologia do acontecimento (Morin, 2000), Etnografia do acontecimento (Augé, 2001) e Pedagogia do acontecimento (Dayan et al., 2009). A segunda vertente, de natureza disciplinar, reúne os estudos que, nucleados por um acontecimento ou por um conjunto deles, dedicam-se aos processos de produção e ao discurso que dão conta de sua materialidade jornalística. Entre eles estão Berger (2003), Fausto Neto (1991) e Verón (2002). Uma terceira e última vertente, “nem exógena nem totalmente endógena”, na interface Jornalismo e Filosofia, trabalha “aquele acontecimento que faz sentido para a reflexão dedicada ao reconhecimento de sua própria época” (Zamin e Marocco, 2010, p. 113). Trata-se do “acontecimentalizar”, ou seja, “analisar o acontecimento segundo os processos múltiplos que o constituem” (Foucault, 2010, p. 339-340), proposto por Foucault a partir da dinástica acontecimental kantiana que dá materialidade

filosófica a certo elemento do presente que se trata de reconhecer em um “poliedro de inteligibilidade”.

A pesquisa realizada para a presente tese inscreve-se nessa segunda vertente por que se dedica aos processos de produção do acontecimento jornalístico, a partir de sua materialidade discursiva, como forma de compor e recompor o acontecimento pelos processos que o constituem.

Ilustração 1: Localização de Angostura



Fonte: *O Estado de S. Paulo*

Os modos de objetivação jornalística contêm a organização, a experiência e a interpretação do mundo, apresentado diariamente nos mapas construídos pelos jornais. Essas processualidades diretamente vinculadas aos interesses organizacionais, todavia, são suscetíveis aos espaços do mundo vivido e aos acontecimentos que neles irrompem e contrariam a “normalidade” cotidiana. Do conjunto, alguns possuem alto grau de conflitividade e mobilizam o Jornalismo enquanto seu campo de possíveis não cessa de se atualizar. A pesquisa apresenta e explora um destes acontecimentos a partir de seu ingresso e de sua cobertura em três jornais latino-americanos de referência, o brasileiro *O Estado de S. Paulo*, o colombiano *El Tiempo* e o equatoriano *El Comercio*. Trata-se do *Caso Angostura*, forma como denomino a crise colombo-equatoriana desencadeada a partir da incursão do Exército colombiano no território equatoriano, em 1º de março de 2008, com a finalidade de desmantelar o posto de comando das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc)

sob responsabilidade de Raúl Reyes, o número 2 do Secretariado da organização. O ataque nas proximidades da fronteira com a Colômbia resultou na morte de Reyes e de outras 24 pessoas, entre guerrilheiros e simpatizantes.⁴

O acontecimento provocou um corte na serialidade jornalística – que apesar do interesse pelo surpreendente, estrutura-se a partir da presumida normalidade do dia a dia –, por que contém, a um só tempo, elementos que indicam uma ruptura na vida social: o inesperado, a infração, a morte, a notabilidade, a relevância, o conflito, a violência. A ação do Exército colombiano, ainda que planejada por este, é *inesperada* tanto para quem sofre como para quem a acessa; assim como a invasão do território equatoriano, que ainda pode ser lida como *infração*. À *morte* vincula-se a *notoriedade* do morto,⁵ porque apesar de serem 25 os mortos (primeiro falou-se em 16), é um em especial que interessa: Raúl Reyes. O acontecimento por si só seria *relevante* porque envolve *violência, morte, infração*, etc. Mais que isso, de um lado da fronteira é *relevante* por que é parte da estratégia do governo colombiano para encerrar o *conflito* de décadas com as Farc; já do outro lado, é *relevante* por instituir um novo *conflito*, tanto pela *infração* de violar a soberania do Equador, quanto por deslocar para o exterior o conflito que antes era interno.

Ao fazer trabalhar a noção de acontecimento de Quéré (2005), que destaca o poder de revelação dos acontecimentos, percebe-se ao observar o sistema de ingresso deste acontecimento inesperado na pauta dos jornais sua especial particularidade: se de um lado revela campos problemáticos (o acontecimento encerra em si toda a complexidade do deslocamento do conflito interno colombiano para o exterior), de outro mostra que ele resulta de campos problemáticos (os problemas públicos inerentes ao conflito interno colombiano). Por um gesto de leitura do acontecimento, que dá suporte a esta tese, evidencia-se que o poder de revelação (Quéré, 2005) deste acontecimento é justamente essa conjunção que provoca o deslocamento do conflito para o exterior, levando-o a deixar de ser apenas um problema interno colombiano.

Definido o acontecimento, o estudo constituiu-se a partir de uma analítica em torno de sua produção jornalística. No trabalho o acontecimento aparece nomeado como *Caso*

⁴ O emprego do termo “simpatizante” se deve ao fato de que entre os mortos e feridos no acampamento das Farc em Angostura estavam estudantes da Universidad Autónoma de México (UNAM), que haviam participado de 24 a 27 de fevereiro de 2008 do II Congreso de la Coordinadora Continental Bolivariana, (CCB), realizado na Casa da Cultura Equatoriana, em Quito, Equador. Em alguns textos jornalísticos eles são retratados como estudantes que estavam conhecendo as Farc e sua estrutura, logo, simpatizantes; em outros, aparecem como membros da célula mexicana da guerrilha. Como ambas as afirmações são suposições acerca de quem seriam os estrangeiros que se encontravam no acampamento da organização, opto por nomeá-los de simpatizantes.

⁵ Para Marocco (2011, p. 207), “a morte será sempre um mesmo e inevitável fato biológico”. O que a singulariza são outros atributos, como a notoriedade do morto, se acidental, se prematura ou tardia, etc.

*Angostura*⁶ e empreguei os termos *acontecimento Angostura* ou *Angostura* como sinônimos. O termo “caso” na expressão *Caso Angostura* não indica uma delimitação metodológica. Os jornais *El Comercio* e *El Tiempo* adotam essa expressão quando se referem a questões em aberto que precisam ser resolvidas pelas esferas política e jurídica de seus países. Quando a palavra “Angostura” aparece sem grifo (itálico) indica a região geográfica no Departamento equatoriano de Sucumbíos, local onde aconteceu o ataque de 1º de março de 2008.

A opção por manter a palavra “Angostura” ao nomear o acontecimento deve-se a duas razões: (1) indica um espaço físico, um lugar localizável no mapa da Geografia, posto em relação, no trabalho, aos mapas construídos pelos jornais e aos movimentos do Jornalismo pelos espaços do mundo vivido em razão do acontecimento; (2) *Angostura*,⁷ em espanhol arcaico, significa tristeza, angústia e fadiga, referentes interessantes ao se considerar que o acontecimento está na experiência daquele que o sofre, que o enfrenta, que reage a ele.

A designação *Caso Angostura* abarca o conjunto de elementos que se justapõem no e a partir do acontecimento – a operação militar, a morte de Raúl Reyes, a invasão do território equatoriano, a crise colombo-equatoriana, as relações das Farc com países vizinhos, etc. –, sem, contudo, dar destaque a um ou a outro aspecto. Importante assinalar que apesar de o *acontecimento Angostura* estar diretamente relacionado às Farc, a a organização guerrilheira não é tomada como objeto, como se o interesse versasse sobre a relação entre o movimento guerrilheiro e os jornais. Trata-se de uma reflexão ampliada a partir do reconhecimento de que cabe ao Jornalismo a tarefa de reordenar e produzir sentidos acerca dos acontecimentos do mundo. Ou de que é de sua competência mostrar ao mundo o que nele é acontecido.

II As rotas, o que se fez percurso

O percurso de elaboração desta perspectiva de estudo é resultado de um exercício interessado e reflexivo, quer por aproximações ao objeto empírico, quer por construções teórico-metodológicas. Do entrelaçamento destas ações, em idas e vindas refletidas a cada etapa do processo, resultaram as proposições apresentadas a seguir.

⁶ Inicialmente o acontecimento era apresentado como Fênix, mesmo nome dado à operação do Exército colombiano em 1º de março. Apesar da simbologia do termo, reduzia o acontecimento ao ataque. Depois foi empregada a sigla 1-M, um diminutivo que fazia referência à data, mantendo o acontecimento vinculado à ação militar e à morte de Raúl Reyes, que foi o modo inicial de interpretar o acontecimento.

⁷ Segundo a Real Academia Espanhola (RAE), “Angostura” significa qualidade de estreito, estreiteza intelectual ou moral; também é o nome de uma planta da qual se produz uma bebida amarga. No dicionário da RAE também se encontra a definição utilizada “tristeza, angustia o fadiga” (in: <http://www.rae.es>)

Como em investigação anterior havia trabalhado algumas relações entre Jornalismo e fronteira,⁸ o interesse inicial para o projeto de Doutorado era observar esses mesmos espaços quando estes se constituíam em lugar de algum tipo de conflito, disputa, enfrentamento bélico. De antemão, porém, o projeto sugeria um movimento mais autônomo em relação às questões imediatas do local, uma vez que seguindo a proposição de Grimson (2000), eu havia tomado a periferia como centro na investigação do Mestrado. Assim, a partir de jornais de referência interessava observar um episódio de conflito na fronteira de algum país para um estudo de Jornalismo. Por este recorte qualquer fronteira poderia ser analisada, bem como qualquer conflito, quer religioso, político ou militar, uma vez que o estudo inicialmente se propunha a investigar o discurso jornalístico sobre fronteira e conflito. Durante o processo de formação, todavia, me pareceu mais desafiador tomar a produção do acontecimento jornalístico como objeto de estudo.

Ilustração 2: O ingresso no acontecimento



Fonte: *O Estado de S. Paulo*

Legenda: Capa de *O Estado de S. Paulo* (D) e página de *Internacional* de 2 mar. 2008 (E)

A entrada no acontecimento jornalístico deu-se pela leitura da edição de 2 de março de 2008 de *O Estado de S. Paulo*. A manchete de capa, “Número 2 das Farc é morto pelo exército da

⁸ A dissertação “A discursivização do local-fronteira no Jornalismo. Estudo de caso de programas jornalísticos em rádios comunitárias” investiga o funcionamento do Jornalismo no rádio comunitário. A preocupação central estava pautada no modo como o local é discursivizado por esse Jornalismo. A escolha vinculou o rádio comunitário ao espaço local, conceito que requer ser posto em relação com outra grandeza espacial para balizar o seu lugar. Assim, os recortes sobre o local versam sobre as fronteiras Santana do Livramento-Rivera e Uruguaiiana-Libres, a partir dos programas de jornalismo Realidade Urgente, da Rádio Nova Aurora FM e Bom Dia Cidade, da Rádio Elshaday FM, respectivamente.

Colômbia”,⁹ redirecionava para a matéria principal na editoria de Internacional (de abertura de página, não da editoria), “Colômbia mata número 2 das Farc”.¹⁰

As primeiras narrativas do *Estado* identificam o acontecimento no sentido de informar sua excepcionalidade: morte, infração, território, conflito, etc. À medida que em *O Estado de S. Paulo* o acontecimento ganhava novos contornos, passei a detectar sua presença em diversos jornais latino-americanos, a partir de suas versões digitais. Tal movimento possibilitou conhecer outros jornais e, nestes, outros aspectos ou versões do acontecimento. Posteriormente, porém, o recorte recaiu sobre jornais de referência dos países ligados diretamente ao conflito – a Colômbia e o Equador –, mais um terceiro, externo, brasileiro.

No contexto equatoriano, *El Comercio*, *Hoy*, *El Universo* e *Expreso* “son los diarios de mayor influencia en las dos ciudades más importantes del país, Quito y Quayaquil” (Checa Montúfar, 2008a, p. 13). Há ainda um importante jornal diário estatal, *El Telégrafo*, além da revista *Viztazo*. Na Colômbia, *El Tiempo* e *El Espectador* são os jornais de referência nacional. Além destes, destacam-se os regionais *El Colombiano*, de Medellín; *El Heraldo*, de Barranquilla; *El País*, de Cali; *El Mundo* e *La Vanguardia Liberal*, de Bucaramanga, e a revista *Semana*. Dentre estes, para a escolha, considerei a relação de jornais que integram o Grupo de Diários América (GDA), uma cooperação corporativa, criada em 1991, que congrega 11 jornais privados conservadores, cabeças de conglomerados midiáticos latino-americanos. Assim, a escolha recaiu sobre o equatoriano *El Comercio* e o colombiano *El Tiempo*, membros do Grupo. Apesar de o brasileiro *O Globo* integrar o GDA, e de a *Folha de Paulo* ser outro importante jornal de referência, optei por manter *O Estado de S. Paulo* uma vez que minha entrada no acontecimento havia se dado por este jornal.

Inicialmente a pesquisa flertou com o Jornalismo internacional, dado que minha entrada no acontecimento havia se dado por esta editoria (pelas páginas de Internacional de *O Estado de S. Paulo*). A necessidade de estreitar a relação entre esse Jornalismo e a América Latina impôs-se e, a partir daí, deu-se a recuperação de estudos do Centro Internacional de Estudos Superiores de Comunicação para a América Latina (Ciespal), do Relatório McBride, da Nova Ordem Mundial da Informação e Comunicação (Nomic), e de textos clássicos, como os de Lezama Lima (1988), Paz (1984) e Galeano (2007). Voltei-me também para reflexões sobre Jornalismo internacional e correspondentes (Colombo, 1997; Rey Morató, 1988; Galtung e Ruge, 1999; Guerra Gómez, 2005; Kucinski, 2008; Natali, 2007).

⁹ Os excertos dos textos dos jornais que compõem a amostra serão sempre grafados em fonte diferente do restante do texto.

¹⁰ COLÔMBIA mata número 2 das Farc. *Estado*, Caderno A, Internacional, São Paulo, ano 129, n. 41774, p. A21, 2 mar. 2008.

Por um mapeamento¹¹ (Santaella, 2001) que tomava por base o período 1980-2005 identifiquei 27 textos acadêmicos, entre teses e dissertações, para uma primeira análise da produção acumulada sobre o tema, ainda em perspectiva ampliada. A “pesquisa da pesquisa” (Zamin, 2010a) contemplou neste momento, seis desses textos: *O controle externo da informação como forma de dominação* (UFRGS, 1980), de Martha Alves D'Azevedo; *A notícia que não é nossa: uma análise do noticiário internacional da imprensa gaúcha* (UFRGS, 1984), de Cleni Dombroski Leal; *O exterior e o jornal: um estudo sobre o ritual da notícia internacional* (PUCSP, 1992), de Fátima de Azevedo Francisco; *Papel da mídia impressa brasileira no processo de integração latino-americana: um estudo do comportamento editorial de grandes periódicos nacionais* (FAC-UNB, 2001), de Francisco Cláudio Corrêa Meyer Sant'Anna; *Discursos Geopolíticos da Mídia: Jornalismo e Imaginário Internacional na América Latina* (PUCSP, 2003), de Margarethe Born Steinberger, e *A solidão da América Latina na grande imprensa* (ECA-USP, 2005), de Alexandre Barbosa.

Ao incursionar novamente pelo empírico, percebi claramente que a pesquisa não poderia ser circunscrita a uma editoria, haja vista que nos jornais da Colômbia e Equador o acontecimento ocupava outros espaços no corpo do jornal. Não era a editoria de Internacional em si que interessava ao estudo, mas uma cobertura que, ainda que apresentada nas páginas de Política ou Mundo ou Justiça, dizia respeito a questões conjunturais internacionais. Somente mais tarde dei-me conta de que a distribuição do acontecimento pelo jornal era um dos elementos que deveria ser problematizado na investigação, e que a ele correspondia um ordenamento anterior, dos territórios de interesse de cada veículo.

Simultaneamente a pesquisa avançava em outra direção. O acontecimento jornalístico, por seus primeiros relatos, era o da versão oficial, impregnado por um tom declaratório. Como perspectiva de análise esbocei uma investigação que, no espaço do Jornalismo latino-americano, permitisse desvelar as relações e afetações entre discursos e acontecimentos jornalísticos e geopolíticos. Por esse viés, propunha-me a observar a produção dos discursos jornalísticos e o que estes mobilizavam em seu próprio dizer quando faziam referência ao geopolítico. Tratei de problematizar, em alguns trabalhos (Zamin, 2010b e 2010c), esses entrelaçamentos, mas o exercício de refletir acerca da processualidade dessa etapa da pesquisa levou-me a propor, uma vez mais, um caminho diverso daquele que havia sido traçado.

¹¹ Neste mapeamento considerei alguns territórios que aqui funcionam como pontos de ancoragem e de contato, como imprensa latino-americana; Jornalismo internacional; representações, identidades e imaginário latino-americano na imprensa; discurso geopolítico, integração e blocos regionais (por exemplo, Mercosul); cobertura de guerras, guerrilha e narcotráfico, etc.

A observação e a reflexão do que estava em curso no Jornalismo de *El Tiempo*, *El Comercio* e *O Estado de S. Paulo* conduziu-me a outro movimento, teórico,¹² de reflexão acerca dos grandes temas e do cenário que conforma as relações internacionais contemporaneamente. Deparei-me com um vasto conjunto de questões latentes e, dentre essas, os conflitos territoriais.

De volta ao empírico, refiz o caminho de observação dos jornais. Em *O Estado de S. Paulo* detive-me na editoria de Internacional no ano de 2008 e procurei por regularidades. Em meio a elas – eleições presidenciais, crise econômica, catástrofes naturais e conflitos de fronteira – deparei-me que a lógica editorial do jornal centra-se em acontecimentos controlados, programados, que permitem ao Jornalismo agendar-se. Tal condição, porém, é alterada por acontecimentos imprevistos, como os ocorridos nas fronteiras. Nos três jornais fiz o movimento de quantificar a recorrência dos termos “conflito”, “crise”, “território” e “fronteira”, nos textos que faziam alguma referência ao *acontecimento Angostura*, em cinco períodos entre março de 2008 e agosto de 2009. A quantidade, todavia, não dava conta de explicar aquilo que os textos traziam.

Por ocasião da banca de qualificação do projeto, o território e o conflito foram tomados como variáveis de entrada para uma investigação das processualidades de produção do Jornalismo impresso de referência, concretamente, quando este se ocupava em acompanhar e significar acontecimentos que compunham os grandes temas do cenário das relações internacionais. Nesse momento, a proposta de investigação buscava refletir sobre os estatutos de produção jornalística e de prática discursiva a partir da investigação das processualidades próprias ao Jornalismo diante definição de espaços geográficos e temáticos de interesse, e diante das afetações que surgiam na relação com o território e o conflito.

À medida que ensaiava alguns movimentos de análise, pós-qualificação, fui percebendo a importância de tomar o acontecimento como entrada em razão daquilo que interessava perguntar-lhe. A partir de então me dediquei a compor um estudo da produção do acontecimento jornalístico, em sentido ampliado, e do estudo de um acontecimento, singular, refletindo acerca de suas especificidades e de como estas afetam as processualidades¹³ do Jornalismo. Isso porque, da cadeia de sentidos que o acontecimento jornalístico faz emergir,

¹² Trata-se do curso de extensão Os novos atores da agenda internacional: o Brasil e o mundo, cursado no Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais, da UFRGS, em 2009.

¹³ Aqui o termo “processualidade” é tomado como conjunto de métodos e procedimentos sistemáticos que visam a um resultado determinado. Episteme é assumida em sentido foucaultiano (2007), como o conjunto de relações que estruturam e delimitam o pensamento e os discursos de determinada época. A episteme delimita os limites da experiência num dado período; é um espaço de dispersão; um dispositivo discursivo; não um sistema, mas relações, deslocamentos, oposições, diferenças entre sistemas (Foucault, 2007).

pelas “perturbações” que o acontecimento vivido traz à tona, é possível pensar em certa “episteme jornalística” tecida pela necessidade de falar sobre o que acontece no mundo.

III A escala, a pesquisa de um típico acontecimento atípico

Ao tomar o *Caso Angostura* como ponto de partida e de chegada, o estudo possibilitou identificar e analisar, em alguma medida, certa categoria de acontecimento, o “típico acontecimento atípico” (Young, 2002; Fishman, 1983; Grossi, 1985; Surette, 1992), bem como reelaborá-la a partir das especificidades do objeto em estudo.¹⁴ Por mais paradoxal que possa soar a expressão “típico atípico”, ela encerra em si o debate acerca dos acontecimentos previstos e imprevistos. Para além de inesperados, aos acontecimentos imprevistos é atribuída a capacidade de, ao irromperem, desestabilizarem o mundo vivido. No sentido oposto, os meios de comunicação dedicam-se à “descrição das ‘descontinuidades’ (do anormal, do patológico, do novo) da sociedade e do mundo” (Santos, 2005, p. 82). Se “a chave para o interesse e a qualidade de uma notícia é [...] o atípico: aquilo que surpreende, que está em contraste com a presumida ‘normalidade’ cotidiana” (Young, 2002, p. 189); se o “fator de imprevisibilidade norteia a produção noticiosa” (Berger e Tavares, 2010, p. 132), o atípico constitui-se como o típico acontecimento de interesse do Jornalismo.

Assim, o trabalho de tese tem como orientação principal a tentativa de aprofundar a compreensão deste “típico atípico”, que, por sua excepcionalidade, possui um significativo grau de ruptura e de revelação (Quéré, 2005), de perturbação do “mundo diante de si” (Groth, 2011). Um “típico atípico” designa um tipo particular de acontecimento, um *caso eccezionale*, por sua gravidade ou centralidade, por tocar o social, a política, a legitimação das instituições e a identidade coletiva, por ser “politicamente relevante para a dinâmica social de um determinado país” (Grossi, 1985, p. 47 [tradução minha])¹⁵. À definição de notícia como aquilo que é incomum, Surette (1992) sobrepõe a constatação de que crimes violentos são

¹⁴ O uso do termo “típico acontecimento atípico” toma por referência os estudos de Fishman (1978), Surette (1992), Young (2002) e Grossi (1985). Os três primeiros empregam a expressão *typical ‘atypical’ event* ao tratar de acontecimentos de natureza violenta, enquanto Grossi estuda o que denomina de *caso eccezionale*, ou seja, eventos violentos, que geram impacto no coletivo, na opinião pública e na legitimidade das instituições, especialmente nos sistemas políticos. Apesar de se dedicar a acontecimentos oriundos da ação da máfia na Itália, Grossi não faz referência direta às questões de território, aqui consideradas centrais ao *Angostura* e que, por isso, compõem um dos pontos de análise. Quéré (2005), por sua vez, é auxiliar na proposição de compreender esta categoria de acontecimento a partir dos campos problemáticos. Conjuntamente estes autores contribuem para tratar da relação de tais acontecimentos com o sistema jornalístico. Assim como o território constitui um ponto singular de observação do *Caso Angostura*, o fato de ele envolver o Jornalismo em sua conflitividade é outro aspecto que particulariza a análise. Tais questões serão mais bem examinadas ao longo do relato.

¹⁵ “[...] quel tipo particolare di evento che è anche politicamente rilevante per la dinamica sociale di un determinato paese” (Grossi 1985, p. 47).

classificados como os mais interessantes por que ocorrem com menos frequência, nomeando-os de *typical 'atypical' event*.

Outra característica dos típicos acontecimentos atípicos é que estes atraem a atenção do Jornalismo de maneira preferencial, especialmente por conjugarem uma série de elementos de interesse jornalístico, como o elevado grau de valores-notícia de seleção e construção¹⁶ (Wolf, 2003), e por dilatarem espacial e temporalmente a cobertura jornalística. Ao gerarem um conjunto de microrrelatos, sem começo ou fim, que remete ao passado e projeta o futuro, os “típicos atípicos” levam o Jornalismo a assumi-los como acontecimentos jornalísticos de longa duração (Fontcuberta, 1993). Os “típicos atípicos”, todavia, envolvem o Jornalismo em sua conflitividade e este será um dos pontos de análise no decorrer do presente estudo.

Para além das definições anteriores, passíveis de serem aplicadas ao *Caso Angostura*, há que se considerar também o que é específico do acontecimento em estudo. *Angostura* mantém uma relação complexa com os espaços geográficos: se objetivado pela relação Colômbia-Farc, que antecedeu o acontecimento, diz de uma disputa por território (ou pelo uso deste); se visto pela crise diplomática que irrompeu com ele, a violação do território remete à soberania de um Estado-nação. Ademais desses espaços físicos – com ampla carga simbólica – há os movimentos do Jornalismo pelo espaço vivido, porque o seu reordenamento solicita “deslocar-se”. Há, também, o reassentamento do acontecimento vivido, pelos sentidos construídos pelo Jornalismo, no espaço físico do jornal que, de forma simbólica, constitui-se como um mapa diário do mundo. Importante considerar, ainda, o espaço como um dos construtos do Jornalismo.

O espaço aparece comumente como um princípio normativo do Jornalismo: das empresas jornalísticas, das suas condições de produção e dos seus produtos. No primeiro, o espaço corresponde aos territórios que integram a rede informativa de cada organização

¹⁶ Segundo Wolf (2003, p. 256 [grifos no original]), os valores-notícia permeiam não apenas o momento de seleção, mas todo o processo de produção; “a escolha de um acontecimento coincide com a determinação de um ‘recorte’ particular ou de um ponto de vista a partir do qual ele pode ser contado, noticiado”. Wolf (2003, p. 202-228) divide-os em valores-notícia de seleção e de construção. Os primeiros referem-se aos critérios de seleção dos acontecimentos, enquanto os segundos ao processo de produção das notícias. Os valores-notícia de seleção, por sua vez, dividem-se em critérios substantivos – a avaliação do acontecimento em termos de importância e interesse da notícia (nível hierárquico dos sujeitos envolvidos; impacto sobre a nação ou sobre o interesse nacional; quantidade de pessoas que o acontecimento envolve; relevância e significatividade do acontecimento em relação aos desenvolvimentos futuros de determinação situação) – e critérios contextuais. Traquina (2005, p. 79-93) utiliza-se da proposição conceitual de Wolf para nela assentar os valores-notícia derivados de outros estudos, como os de Galtung e Ruge (1999), de Ericson, Baranek e Chan (1987) e de Molotch e Lester (1999). Nos valores-notícia de seleção substantivos, Traquina coloca a morte, a notoriedade, a proximidade, a relevância, o tempo, a notabilidade, o inesperado, o conflito, a controvérsia e o escândalo. Nos contextuais estão, de acordo com este autor, a disponibilidade (facilidade de fazer a cobertura), o equilíbrio, a visualidade, a concorrência e o dia noticioso (porque “cada dia jornalístico é um novo dia”). Já nos valores-notícia de construção indica a simplificação, a amplificação, a relevância, a personalização, a dramatização e a consonância, enquanto elementos do acontecimento “dignos de serem incluídos na elaboração da notícia” (Traquina, 2005, p. 91).

jornalística; no segundo, a mecânica de funcionamento do discurso jornalístico que encerra o mundo em uma “realidade jornalística”; no terceiro, ao dispositivo do jornal (Mouillaud, 2002), que propõe uma cartografia do mundo assentado em editoriais que compreendem, de algum modo, as espacialidades do local, do nacional e do internacional.

Apesar de a proposição aqui expressa orientar-se por um típico acontecimento atípico, reconhecê-lo desta forma é resultado do processo de investigação e não seu ponto de partida. Ao observar o acontecimento jornalístico, a partir de sua materialidade discursiva, identifico o porquê de seu ingresso no Jornalismo, bem como os fluxos e as afetações de um e outro em direção à ordem e ao sentido.

Ao encerrar em si a morte, a notabilidade, o inesperado, a relevância, a infração, o conflito, a violência, o *Caso Angostura* se impôs como fratura tanto do/no mundo vivido quanto no Jornalismo. No primeiro, por que irrompe no “mundo diante de si” perturbando os quadros de vida dos sujeitos afetados, provocando deslocamentos que acabam por exteriorizar algo que, em princípio, era interno; no segundo, inicialmente porque altera a serialidade jornalística, depois porque envolve o Jornalismo em sua conflitividade. A singularidade do *acontecimento Angostura* está justamente nesta conjunção. Um acontecimento que encerra em si tamanha força de revelação exige do Jornalismo movimentar-se para recolocá-lo na ordem das coisas, afetando os modos de reportar. Considerando essa problematização, interessa responder: Como se materializam no acontecimento jornalístico os múltiplos processos que constituem o *Caso Angostura* e o que o ingresso de um típico acontecimento atípico no Jornalismo diz sobre o próprio Jornalismo e seus fazeres?

O objetivo geral é analisar a produção do acontecimento jornalístico visando a compreender em que medida os típicos atípicos, por suas características e por seus fluxos, alteram as processualidades do Jornalismo. A investigação é permeada, ainda, pelo entrelaçamento dos seguintes objetivos específicos:

- Compreender os modos de objetivação pelo Jornalismo dos espaços do mundo vivido ao propor seus mapas diários.
- Tensionar o estatuto do acontecimento jornalístico.
- Entender a mútua afetação entre Jornalismo e típicos acontecimentos atípicos, debatendo a participação do primeiro na conflitualidade do segundo.

O problema de pesquisa é, a um só tempo, ontológico e metodológico. Se por um lado visa a compreender a produção do acontecimento e, por meio dela, o acontecimento, por

outro, se interroga acerca de como trabalhar o acontecimento e sua produção. No interior das indagações “Como se coletam, se descrevem e se interpretam os dados? Como são construídas as categorias, hipóteses, verificações? Como são construídos os procedimentos qualitativos e quantitativos? E o autor, onde se coloca? E as relações sobre o observado, como são constituídas?” (Ferreira, 2008, p. 4), reside o indicativo de quão orgânica deve ser a tarefa de cotejar o objeto de estudo. A essa complexidade se sobrepôs o desafio assumido quando do ingresso em um fenômeno em processo, observado à medida que o acontecer do acontecimento ingressava nos jornais e, mesmo que analisado posteriormente, é afetado pela natureza instável do acontecimento, da ordem de sua constituição. De alguma forma esse “em processo” desafiou a teorizar sobre algo que estava sendo observado enquanto acontecia.

Foi necessário, para tanto, compor um modo de ingresso no objeto de estudo que possibilitasse apanhar os processos que permitiram aos jornais elaborar o acontecimento da forma como o fizeram e perceber o que é próprio a um e outro, ao Jornalismo e ao acontecimento. A opção recaiu sobre a materialidade discursiva do *Caso Angostura* em uma proposição analítica que toma o texto como ponto de partida e de chegada, tanto para compreender os processos de sua produção ao refazer o caminho inverso, como para identificar os modos de “dizê-lo”.

Por uma análise dos discursos se decompôs e se recompôs fragmentos de textos e títulos, reunidos em um conjunto e acionados conforme se interrogava o objeto de estudo e em virtude do lhe era perguntado a cada momento do processo. O *corpus* reúne textos informativos publicados pelos jornais *O Estado de S Paulo*, *El Tiempo* e *El Comercio* durante a cobertura do *Caso Angostura*, no período de março de 2008 a agosto de 2009. Foram identificados e selecionados 307 textos do brasileiro *O Estado de S Paulo*, 406 do colombiano *El Tiempo* e 503 do equatoriano *El Comercio*. O *corpus* discursivo é compreendido aqui como um conjunto e não como um recorte delimitado *a priori*. Ao tomá-lo dessa forma foi possível buscar na própria materialidade do discurso um trajeto de leitura, que se alterna durante as análises, ora acionando uma parte dos textos, ora outra.

Esse movimento permitiu ingressar na materialidade discursiva e analisá-la, buscando dela extrair as conexões, os encontros, os jogos de força que, em um dado momento, conformaram o acontecimento jornalístico e que, em seguida, funcionaria também para a compreensão dos mecanismos de sua produção. Esta perspectiva vai ao encontro de outros estudos da produção do acontecimento, como os de Verón (2002) e Berger (2003). Neles, a análise considera tanto o acontecimento quanto o meio no qual ele ingressa. Esses elementos, desdobrados, indicam modos de estudar o acontecimento e os processos de produção a partir

da materialidade discursiva, contudo, eles não podem ser aplicados indistintamente a todo e qualquer objeto porque respondem ao que era específico nos seus estudos. Neste sentido, a pesquisa desenvolvida tomou também o método como uma construção capaz de atender as demandas da problemática em si.

IV As orientações, de como ler o espaço no/do Jornalismo

Após essas descrições preliminares que apresentam o objeto de estudo e os modos de cotejá-lo, o restante do relato de pesquisa, que constitui a presente tese, compõem-se de cinco capítulos. O primeiro, *Um mapa do mundo*, traz as questões de contexto, ou seja, de uma ambiência na qual o acontecimento se inscreve e de onde ele é “lido”, qual seja: o jornalismo latino-americano. Teórico, esse capítulo traz elementos contextualizadores sem, contudo, ingressar na análise do acontecimento jornalístico. Antes, essas proposições visam a tangenciar algumas questões que relatam as especificidades dos jornais, seus modos de organização, suas processualidades definidas a *posteriori*, por uma parte, e de um jornalismo latino-americano, sócio-historicamente delimitado, por outra.

Ainda no primeiro, é tratada a cartografia que o Jornalismo constrói diariamente como forma de acessar as coisas do mundo, dos elementos que participam ou intervêm nesse processo, internos e externos aos meios de comunicação. Fundamental nesta etapa é o indicativo de que determinados acontecimentos se impõem sobre as processualidades jornalísticas levando o Jornalismo a produzir outro mapa, em outra escala, para dar conta dos fluxos e da conflitividade que os atravessam.

Refere-se aos modos de objetivação dos espaços do mundo vivido, com especial atenção às ordens institucional, de produção e discursiva (Silva e Marocco, 2008) – essas ordens não são processos que correm em linhas paralelas, antes se entrecruzam e se interpenetram –, estabelecidas a partir das prioridades informativas de cada meio. A partir delas e com o propósito de acessar determinados territórios, temas e organizações conformam-se redes informativas (Tuchman, 1983; Borrat, 1989) constituídas por jornalistas, agências de notícias e por outros *media* de referência, especialmente jornais diários. O capítulo trata, ainda, de uma geopolítica da informação em nome da qual o Jornalismo se aproxima dos fenômenos deste tempo que passam da realidade por seus relatos. A geopolítica proposta em cada meio deve-se, fundamentalmente, aos modos como objetiva o mundo e aos recursos que emprega nesse empreendimento.

No segundo, pela especificidade do lugar de onde se observa e se produz o acontecimento jornalístico, ou seja, os jornais latino-americanos de referência, a abordagem, de contexto, discorre acerca de uma geopolítica da informação latino-americana, apresentando elementos históricos e a “pesquisa da pesquisa” que guiou os primeiros movimentos da investigação. Apesar de o objeto de estudo ter sido alterado durante o processo, o estado da arte foi mantido porque responde a questões de contexto.

O segundo capítulo, *Um típico acontecimento atípico*, visa a apresentar o construto teórico-metodológico com vistas a fazer avançar a análise do objeto de estudo. Em poucas linhas são organizadas algumas abordagens propostas por outras ciências para tratar do acontecimento, especialmente as da História e da Filosofia. No momento seguinte trata do acontecimento e do acontecimento jornalístico, apesar da impossibilidade de separá-los rigorosamente, uma vez que o último se abastece e intervém na percepção do primeiro. As proposições apresentadas, de algum modo, são um indicativo do estado da questão, porque reúnem abordagens teóricas relacionadas ao objeto.

Do acontecimento jornalístico passa-se à discussão sobre os típicos acontecimentos atípicos, a partir de assertivas teóricas que foram delineadas ao tomar o *Caso Angostura* como referência. Ao término dessa parte são apresentados os jornais *O Estado de S. Paulo*, *El Tiempo* e *El Comercio* e expostos os movimentos metodológicos levados a cabo para responder a um objeto de estudo complexo por suas especificidades.

Os três últimos capítulos destinam-se ao cotejo do objeto de estudo. A exemplo dos selos de cobertura adotados pelo Jornalismo (em *O Estado de S. Paulo* usa-se a cartola *Tensão na fronteira*), esses capítulos são nomeados da mesma forma, *A produção do acontecimento*, variando apenas o que se observa dos processos de produção em cada um deles, o Jornalismo, o espaço ou o conflito, porque complementares. Desse modo, o quarto capítulo, *A produção do acontecimento – Dos fluxos*, a partir do acontecimento produzido pelos jornais, desvela os movimentos do acontecimento no mundo vivido. Porque em desenvolvimento (Tuchman, 1983), o *Angostura* desperta a atenção do Jornalismo e o desafia a nomeá-lo e interpretá-lo a cada um dos fluxos, centrais à compreensão das rupturas que instaura.

Além desse movimento em direção aos fluxos do acontecimento, a partir da cartografia conformada pelos jornais no dia a dia da cobertura, identifica-se em que medida os fluxos do *Angostura* nela intervêm. Ruptura no social, o acontecimento se impõe como tal ao Jornalismo e para fazê-lo ingressar no seu ordenamento, precisa assentá-lo em escalas e lugares os mais variados nos jornais (especialmente em *El Tiempo* e em *El Comercio*) como

forma de ser “explicado”. Mais do que o assentamento e reassentamento do acontecimento em novos limites, das editorias e páginas, mostra-se como ele se movimenta pelos espaços do Jornalismo.

Observados os movimentos do acontecimento, tanto no mundo vivido, por seus fluxos, como no interior dos jornais, o capítulo seguinte, *A produção do acontecimento – Do espaço*, dedica-se aos percursos do Jornalismo pelos espaços do vivido em direção ao acontecimento, dependentes das estruturas (rede informativa) e dos interesses de cada organização jornalística (temas, territórios e organizações que interessa cobrir), ao mesmo tempo em que visam a responder aos acontecimentos que têm existência no social. Pelo estudo da produção do acontecimento identificam-se dois movimentos complementares: o primeiro, dos jornais em direção aos espaços físicos, aos lugares do mundo nos quais o acontecimento tem existência; o segundo, do Jornalismo aos espaços do Jornalismo, enquanto operação no interior dos sistemas informativos que permite acessar os modos como o acontecimento ingressa nos seus pares e como estes deles se ocupam e os dotam de sentido. Utilizo a expressão “meio-fonte”, proposta por Borrat (1989), ao identificar aquilo que os jornais “tomam de empréstimo” uns dos outros (Novais, 2010). O primeiro movimento, por sua vez, possibilita elaborar uma cartografia dos fluxos de cada diário observado a partir dos acionamentos que faz de sua rede informativa.

Por fim, em *A produção do acontecimento – Do conflito* analiso como a produção do acontecimento é atravessada pelos traços que permitiram reconhecê-lo, ainda no social, como um típico acontecimento atípico: a natureza violenta; o impacto que gera no coletivo e o modo como intervém na legitimidade das instituições; o fato de se conectar aos sistemas políticos; os campos problemáticos que o faz emergir e aqueles que gera e a relação conflituosa que estabelece com o território. Constata-se que o Jornalismo acaba envolto pela conflitividade que havia despertado sua atenção quando da emergência do acontecimento. Devido à dependência das fontes oficiais para esclarecê-lo e ordená-lo, o Jornalismo acaba enredando-se na conflituosidade do próprio acontecimento.

Ao examinar os processos de produção do *Angostura*, seja pelos fluxos do acontecimento, seja pelos do Jornalismo, identifico três modos de afetação: o dos conflitos que o Jornalismo reconhece, o dos conflitos que provoca e o dos conflitos que o envolvem. Os primeiros estão conectados com os recortes que o Jornalismo faz no acontecimento; o segundo diz respeito às incorreções que comete no processo de cobertura e o último é resultado da relação entre o Jornalismo e os sistemas políticos porque se vê diante de um

conflito dependente do comportamento dos sujeitos diretamente envolvidos e dos antagonismos que isso provoca.

Desse modo, a partir da materialidade discursiva do *Caso Angostura*, construído pelos jornais *O Estado de S. Paulo*, *El Tiempo* e *El Comercio* em 18 meses de cobertura (março/2008 – agosto/2009), identifiquei os meandros da produção do acontecimento jornalístico. Mais do que isso, examino em que medida as processualidades de produção se alteram ou ajustam a partir da atipicidade do *Angostura* que fazem dele um típico acontecimento de interesse jornalístico e sobre o qual o Jornalismo se debruça, ordenando-o e dizendo-o.

QUESTÕES DE CONTEXTO

1. Um mapa do mundo

Diante de um mosaico desordenado de “aconteceres”, quer relacionados à ação de indivíduos ou coletivos, quer à natureza, o Jornalismo movimenta-se em direção ao ordenamento a partir de prioridades sobre as quais se concentram os esforços informativos de cada meio. Primeiro, delimita o que está dentro ou fora, considerando as características e os interesses da organização jornalística, vinculados sempre a uma determinada sociedade e a um dado período histórico (Rey Morató, 1988). Num momento posterior, organiza a geografia dos fatos noticiáveis, constitui um mapa que articula o mundo (Moreno Sardà, 1998) e o apresenta sob determinadas rubricas e em determinadas páginas. Aparentemente banal, é sob distinções binárias, mecanismo instaurador de campos pela dinâmica da oposição (Gomes, 2004), que se assentam, geralmente, os quadros de sentidos produzidos pelo Jornalismo.

Os relatos cotidianos ofertados pelo Jornalismo são “uma prática do espaço” (Certeau, 1994, p. 200) em relação a uma segunda variável, o tempo. Nos estudos de Jornalismo o espaço aparece comumente como um princípio normativo de organização da atualidade. Pode-se reconhecer nele tanto uma dimensão diacrônica de tempo, *Cronos*, “dependente dos espaços em que se realiza como gênero e como escritura” (Silva e Marocco, 2008, s/p), como em uma dimensão sincrônica, ou *Aion*, “que se autonomiza do espaço material, configurando as condições de criação de um jornalismo em devir”. *Cronos* submete o tempo ao espaço, enquanto *Aion* não.

Segundo Rey Morató (1988), o Jornalismo assume-se enquanto um ordenador do tempo e do espaço. Tuchman (1983, p. 52) o define como um “entretejido del tiempo y el espacio” por meio do qual fenômenos sociais são entrelaçados. Ancoradas no uso do tempo, segundo Tuchman (1983), encontram-se as tipificações de notícias, enquanto a noticiabilidade é caracterizada e constituída por uma ancoragem no espaço.¹⁷

À dimensão temporal soma-se a espacial, que, no entendimento de Rebelo (2002), modaliza a primeira. O potencial de atualidade remete para a relação tempo e espaço, “em que

¹⁷ “El anclaje o empotramiento de las tipificaciones en el tiempo comparte otras dos importantes características con el anclaje de la noticiabilidad en la red informativa espacial. Las tipificaciones de la noticia y la asignación de la noticiabilidad están relativamente libres de los contenidos. Hemos visto que la noticiabilidad es un fenómeno negociado más que la aplicación independiente de criterios objetivos a los sucesos informativos. Así también, las tipificaciones de las clases de noticias se basan en la manera como ocurren los sucesos, y no en qué está ocurriendo. Las tipificaciones son libres de contenido sólo relativamente, puesto que algunas clases de sucesos probablemente van a ocurrir de una manera en tanto que otros tienen un ritmo temporal diferente” (Tuchman, 1983, p. 59).

a dimensão “espaço” relativiza, acelerando ou retardando a dimensão “tempo” (p. 117). Contribui, neste sentido, o modo como Groth (2011) percebe a atualidade: ela é um conceito complexo por conter as relações do acontecer com o tempo objetivo, do momento da publicação com este e entre ambos. O “atual” só o é para alguém que o sofre, o experencia. “A mediação do jornal se empenha em primeira linha naquilo que o sujeito sente e vive como o seu presente no mundo diante de si, uma relação dupla com o sujeito na sua totalidade” (2011, p. 230). Apesar de estar na gênese do acontecimento e ainda que invocada como central ao Jornalismo, a noção de espaço não aparece em grande parte das reflexões teóricas como um aspecto problemático.

Foucault (2000, p. 168), afirma que

o que está se descobrindo hoje, por muitos caminhos, além do mais quase todos empíricos, é que a linguagem é espaço. Tinha-se esquecido isso simplesmente porque a linguagem funciona no tempo, é a cadeia falada que funciona para dizer o tempo. Mas a função da linguagem não é o seu ser: se sua função é o tempo, seu ser é o espaço. Espaço porque cada elemento da linguagem só tem sentido em uma rede sincrônica.

E complementa:

A época atual seria de preferência a época do espaço. Estamos na época do simultâneo, estamos na época da justaposição, do próximo e do longínquo, do lado a lado, do disperso. Estamos em um momento em que o mundo experimenta [...] menos como uma grande via que se desenvolveria através dos tempos do que como uma rede que religa pontos e que entrecruza sua trama (Foucault, 2001, p. 411).

Em sua ordem discursiva o Jornalismo desloca os acontecimentos do mundo vivido para seu interior e apresenta, dia após dia, uma cartografia do mundo passível de ser compreendida pelos discursos que engendra e pelos espaços nos quais os apresenta. Os acontecimentos do “mundo diante de si” tomam a forma de uma “‘realidade’ jornalística” que, de certo modo, “funciona em sincronia com outras ‘realidades disciplinadas’ produzidas em outros espaços fechados e repercute as mudanças relativas à experiência e à esfera da vida” (Silva e Marocco, 2008, s/p). Objetivar essa mecânica de funcionamento do Jornalismo, que visa a enquadrar o mundo em uma “realidade jornalística”, como uma cartografia do mundo “resume em si a filosofia política do momento”, acomodada, segundo Augé (2010, p. 8), sobre um vocabulário espacial.

Fazendo uso também de termos da topologia, Mouillaud (2002, p. 69) argumenta que “a disposição dos acontecimentos em um jornal possui uma analogia com um mapa [...]. As regiões do mapa são dispostas horizontalmente. O mapa não tem centro nem periferia, nenhum ponto de onde parta a vista, nem horizonte”. Um e outro, contudo, o jornal e o mapa, têm uma propriedade em comum, o ponto de onde se parte, a orientação. Por seus protocolos que permitem atribuir ordem ao caos do mundo, os jornais fazem uma escrita do espaço no

limite de cada página, considerando a disposição das seções que conforma a aparente estrutura do diário. No jornal, enquanto “local-suporte” de um discurso, os acontecimentos “perdem a relação de próximo e de distante que os separa territorialmente” (Mouillaud, 2002, p. 69), todavia são permeados por indicações de leitura, *daqui até ali, de lá para cá*.

Abordagens teóricas da Geografia são auxiliares na percepção das construções discursivas operadas pelo Jornalismo como cartografia. Para Lacoste,¹⁸ segundo Vesentini (1989, p. 9), o real, entendido como espaço geográfico, “é tão somente aquilo que pode ser mapeado, colocado sobre a carta, delimitado”. Logo, o “real” jornalístico pode ser entendido como “um mapa onde todo espaço envolvido é qualificado, ou seja, em que estejam definidas as continuidades e as descontinuidades em plano horizontal” (George, 1969, p. 23).

Assim como “uma situação geográfica é uma situação delimitada, de que se pode dar representação cartográfica em escala variável” (1969, p. 13), também os acontecimentos vividos constituem-se em acontecimentos jornalísticos por escalas as mais diversas. As ilustrações cartográficas, como as páginas dos jornais, têm escalas desiguais: algumas são planisférios, outras representam um continente ou Estado, outras ainda uma região ou uma aglomeração urbana, um bairro, ou simplesmente fluxos. “Essas extensões de tamanho bem desigual são representadas por cartas cujas escalas são bem diversas: desde as cartas em pequeníssima escala que representam o conjunto do mundo até cartas e planos em escala bem grande, que representam, de maneira detalhada, espaços relativamente pouco extensos” (Lacoste, 1989, p. 74).

Os jornais valem-se destas mesmas escalas, ou seja, destinam um conjunto numeroso de páginas e seções aos acontecimentos próximos, reservando aos acontecimentos que se originam em espaços geograficamente distantes as poucas páginas das editoriais de Internacional ou Mundo. Importante considerar que esta é a “escala” da provável normalidade cotidiana, apresentada como ação descontínua, em pequenas doses (Gomis, 1991, fala em pílulas); alterada sempre que algum acontecimento, por seu potencial de ruptura ou revelação, imponha um corte à serialidade jornalística.

No que diz respeito às escalas utilizadas pelo Jornalismo é possível percebê-las também pelos lugares que consideram e a forma como os representam.¹⁹ Entre todas as cartografias não há somente diferenças qualitativas com relação ao território representado, mas com a forma como são representados, uma vez que determinadas ocorrências ou

¹⁸ Lacoste (1989) divide a Geografia por uma percepção binária: de um lado, a da sala de aula e dos meios de comunicação; de outro, a dos aparelhos do Estado.

¹⁹ Tal discussão será a seguir retomada a partir do conceito de rede informativa (Fishman, 1983; Tuchman, 1983).

fenômenos têm seu tratamento ampliado ou reduzido a partir da “escala” empregada. Para Groth (2011), o jornal é um mediador do que ocorre no “mundo diante de si”. Para tanto, “ele os parte quando e onde quer, onde a exigência de completar o quadro do mundo diante de si o move a isso” (2011, p. 178).

Apesar dos esforços para acessar ocorrências em todos os lugares, os meios informativos não conseguem libertar-se das oposições espaciais, do perto e do longe, do interno e do externo. Para Mouillaud (2002, p. 70 [grifo no original]), essa é uma diferença incontestável entre o jornal e o mapa:

O mapa está liberto de sua origem, circula em todos os espaços, é utilizável por quem quer que seja. Já o jornal tem uma implantação em um território: nunca pode (ainda que tenda para o universal, como *Le Monde*) despir-se inteiramente da diferença do próximo e do distante. A ordem na qual situa os acontecimentos e a área que lhes atribui são tributárias do fato de pertencer a um território: os acontecimentos locais, nacionais e internacionais não são tratados na mesma escala.

Nesta direção, Lacoste (1989, p. 254) observa que o mundo é intangível, cabendo aos meios de comunicação integrar os acontecimentos (ciclones, tremores de terra, guerras civis e conflitos de toda ordem) de tal maneira que ofereçam “uma representação do globo suficientemente precisa e diferenciada”. Para Certeau (1994, p. 199), os relatos atravessam e organizam lugares diariamente, “eles os selecionam e os reúnem num só conjunto; [...] são percursos de espaço”.

Por esta perspectiva espacial, Certeau (p. 204) identifica dois tipos de relatos de espaço: os mapas e os percursos, ou seja, “uma descrição redutora das observações” e “uma série discursiva de operações”. “Os relatos que mapeiam são os que dão a ver, que apresentam um quadro, que visam a conhecer a ordem dos lugares. Os outros são aqueles que organizam movimentos, que nos apontam os processos, que nos fazem experimentar os durante” (Resende, 2008, p. 142).

Aos relatos jornalísticos talvez Certeau (1994) atribuísse, como o fez Moreno Sardà (1998, p. 17), a condição de mapas, “una representación del mundo en el que vivimos, una guía para orientar nuestros viajes cotidianos”. Os mapas mesclam “lugares heterogêneos, alguns *recebidos* de uma tradição e outros *produzidos* por uma observação. Mas o essencial aqui é que se apagam os itinerários que, supondo os primeiros e condicionando os segundos, asseguram de fato a passagem de uns aos outros” (Certeau, 1994, p. 206-207 [grifos no original]). Também Resende (2008, p. 143) destaca que o Jornalismo tem contribuído para o procedimento de mapear o mundo, por seus relatos que “primam por uma leitura do presente que, na grande maioria das vezes, é feita sem a perspectiva dos percursos”.

Steinberger (2005, p. 30) afirma que os jornais não apenas traçam mapas do mundo como se constituem em mapas “que propõem roteiros de compreensão dos mundos, podendo indicar em que lugar estamos e quem somos”. Os jornais, assim como os mapas, são uma forma de orientação por itinerários possíveis, porque neles não cabem as descrições de percursos, apenas os resultados legíveis. Os jornais, como as cartografias geográficas, não contêm a totalidade de qualquer cidade ou país.

Hay mapas, como esos tan prácticos para moverse por el Metro de una gran ciudad, en los que sólo se registran lugares muy concretos, las estaciones enlazadas por rutas bien trazadas que sólo se pueden recorrer en determinadas condiciones, en vagones que circulan veloces por túneles subterráneos. Se parecen a los periódicos especializados o a las secciones de los periódicos que nos conducen, por ejemplo, por los despachos de los dirigentes de las instituciones públicas y las empresas, o por los salones de las familias acomodadas y las personas famosas... Son mapas y periódicos muy útiles, siempre que tengamos en cuenta sus limitaciones: sólo sirven para hacer recorridos específicos, y ni siquiera las personas más estrechamente vinculadas a ellos pueden reducir su vida a lo que en ellos se representa (Moreno Sardà, 1998, p. 17).

Por mecanismos de ordenamento, em que até a imprevisibilidade encontra seu lugar entre os já existentes, o Jornalismo organiza a percepção do mundo para além das experiências imediatas (Fishman, 1983). Por sua capacidade de trazer à visibilidade, o Jornalismo apresenta o “mundo como ele deve ser visto” (Gomes, 2004, p. 11). A maneira de olhar e lidar com o “mundo diante de si”, em constante mudança e sujeito a influências internas e externas, é que definem, segundo Groth (2011, p. 170), as raízes dos jornais, os dogmas e valores, os jornalistas e as empresas jornalísticas. A relação “eu e o mundo” não apenas orienta o Jornalismo, como concebe o ser humano, que necessita se posicionar em relação ao mundo e, para tanto, instruir-se sobre ele é essencial.

A ligação do Jornalismo com o efetivamente acontecido descortina as coisas, os lugares do mundo, a experiência humana. “Os discursos jornalísticos tornam-se expressões máximas do que é verdadeiro; e é com eles, vale dizer, que construímos os nossos modos de compreender e ver o mundo” (Resende, 2009, s/p).

Abrir o jornal do dia significa deparar-se com um mapa do mundo conformado por tantos lugares, acontecimentos e temáticas quanto o interesse e as possibilidades de cada meio permitem acessar. Quando se olha além, para e pelas fronteiras delimitadas sob a rubrica Mundo ou Internacional, ali estão demarcados os conflitos da atualidade. Hoje, Síria, Egito, Líbia, Afeganistão, Somália; ontem, Israel-Palestina, Iraque; antes Sudão, Chade, Nigéria; sem falar nos atentados terroristas, nos sequestros, nos asilados políticos e nos refugiados pelas guerras, pelos conflitos civis e pela fome. De certo modo, pela cartografia que realizam, “os jornais tornaram possível que vários lugares que eram por si mesmos incompatíveis se

encontrassem presentes em um só lugar” constituindo-se, segundo Silva e Marocco (2008, s/p), em espaços de acolhida do desvio, dos “mais distintos perigos deste mundo”.²⁰

A cartografia diária do mundo, mais que trazer acontecimentos de outros territórios para suas páginas, encerra em si um conjunto de processualidades, entre procedimentos, escolhas e recusas que, juntos, permitem reuni-los e interpretá-los, uma vez que não estão prontos em alguma parte da realidade social. Evidentemente que algumas ocorrências não “cabem”²¹ no mapa, quer por interesses das empresas jornalísticas, quer pela incapacidade destas em acessar determinados territórios. O Jornalismo vale-se de escalas distintas para interpretar aquilo que cabe.

Vê-se que certos tipos de acontecimentos impõem-se sobre as processualidades dos meios. Primeiro, porém, irrompem no mundo vivido como fratura ou ruptura nos quadros da vida social. Depois, porque é próprio do Jornalismo ocupar-se das discontinuidades, dos desvios e perigos, dos acontecimentos que contrastam com a “normalidade” do cotidiano, por uma parte, e com a produção jornalística seriada, por outra. O atípico constitui-se, desta forma, no típico acontecimento que interessa ao Jornalismo tratar.

Entre os típicos acontecimentos atípicos (Fishman, 1983; Grossi, 1985; Surette, 1992; Young, 2002), proposição que será apresentada no próximo capítulo, destacam-se os conflitos, aqui entendidos para além dos confrontos cotidianos, como os presentes nos períodos eleitorais, por exemplo. “Típicos atípicos” são os conflitos que se impõem como centrais porque relevantes para a dinâmica de determinado lugar, do político ao social, do privado ao coletivo. “Típicos atípicos” são os conflitos tratados de forma retrospectiva e fragmentados, por meio da dispersão interpretativa em um tempo alargado, devido, especialmente, a incapacidade de articulação dos nexos de sentido num primeiro momento.

Eis o acontecimento em estudo: A ação militar colombiana realizada em 1º de março de 2008 consistiu num ataque para dismantelar um acampamento das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc) em território equatoriano, provocando a morte de 25 pessoas, entre guerrilheiros e simpatizantes. Entre as mortes, a do número 2 do secretariado da organização, Raúl Reyes, interessava ao governo colombiano. Se por um lado, o *Caso Angostura* emergia como ruptura porque, pela primeira vez em mais de 40 anos de conflito, o Exército havia matado um membro da alta cúpula da guerrilha, por outro, impunha-se como ruptura pela fratura que provocava no sistema político ao atingir a soberania do Equador. Por outro lado, possibilitava verificar, empiricamente, que o conflito interno colombiano havia

²⁰ A abordagem dos autores toma por referência as “heterotopias de desviação” elaboradas por Foucault (2001).

²¹ O debate acerca do que “cabe” no Jornalismo está em Darnton (2010) e Berger (2002).

“migrado” para o exterior, porque se comprovou a existência de bases das Farc no Equador, ao mesmo tempo em que nele se inscreviam discursos antagônicos: a fragilidade da fronteira Norte equatoriana diante do conflito interno colombiano, a falta de proteção da fronteira Sul colombiana e o abrigo consentido às Farc.

O *caso Angostura* exige que a narrativa jornalística componha outro mapa, em outra escala, para dar conta da conflitividade presente nestes discursos que revelam, antes de tudo, campos problemáticos (Quéré, 2005). A singularidade do espaço onde se deu o acontecimento, a fronteira de dois Estados-nação, traz consigo sentidos divergentes e que independem da existência ou não de conflitos para sê-los. Para além da materialidade, identificada nos mapas da Geografia, as fronteiras conformam e são afetadas por questões políticas, econômicas, culturais, ambientais, sociais, que se estabelecem nas interações e inter-relações entre vizinhos. Na sua compreensão, e, por conseguinte, dos discursos produzidos nesses ou sobre esses espaços, devem ser considerados os elementos simbólicos social e historicamente constituídos, atualizados e naturalizados na vivência cotidiana das fronteiras.

A ambiguidade que caracteriza o típico-atípico é também inerente à configuração simbólica das fronteiras, cuja legitimação depende do sentido naturalizado, como um dado da História. É típico entendê-las como prescrição da soberania geopolítica dos Estados-nação e, por isso, limites que precisam ser preservados. Da mesma forma, é típico tomá-las como um espaço de encontro e desencontro com o outro, intercâmbio e bloqueio, passagem e impedimento. Igualmente é típico pensá-las a partir de uma concepção que se ancora na territorialidade e se desdobra no político (Pesavento, 2001), como encerramento de um espaço, delimitação.

O atípico nestes espaços não é a infração em si, porque a porosidade das fronteiras permite o contrabando, a fuga, por exemplo, mas a infração sobre este espaço. Em síntese, a perspectiva que se constrói na investigação é que o atípico é uma ruptura naquilo que tipicamente a fronteira pode suportar.

Separados, o típico e o atípico evocam a ordem e a ruptura. A ordem indica o que é típico, a porosidade da fronteira, o ordenamento no Jornalismo. As rupturas que emergem, as fraturas que o acontecimento expõe, são o atípico, as ações sobre o espaço da fronteira. Tomados assim, de maneira isolada, o típico e o atípico anulam-se. Tomados em perspectiva revelam a complexidade que encerram e instalam ao mesmo tempo. Porque tal justaposição se impõe no “mundo diante de si” o Jornalismo se vê desafiado a interpretá-la. Como a força do *acontecimento Angostura* está no atípico, na desordem que provoca, o Jornalismo vê-se desafiado a se apropriar de outras escalas ao cartografá-lo.

Os modos de o Jornalismo operar diante do mundo “fraturado” pelo *Caso Angostura*, que serão trabalhados nos próximos capítulos, levaram a propor um percurso teórico neste primeiro momento. As proposições visam a tangenciar não o acontecimento em si, mas algumas de suas especificidades e outras dos jornais *O Estado de S. Paulo*, brasileiro, *El Tiempo*, colombiano, e *El Comercio*, equatoriano, enquanto lugares de onde se observa a produção do *acontecimento Angostura*.

O conjunto dessas abordagens, desdobrado ao longo da tese, começa a ganhar corpo aqui. O presente capítulo cumpre com o propósito de ser historiador e contextualizador. Neste sentido, discuto modos de objetivação jornalística do “mundo diante de si”, centrando a abordagem no que consiste e abarca a rede discursiva (Fishman, 1983; Tuchman, 1983) conformada por cada empresa jornalística, uma vez que tal proposição oferece pistas para compreender como se processa a elaboração diária de um mapa do mundo. Como as agências de notícias e os jornais de referência integram a rede informativa, por um lado, e são necessários ao estudo do *Caso Angostura*, por outro, serão também trabalhados a seguir. O primeiro, numa perspectiva histórico-evolutiva porque diretamente ligado a outra discussão aqui realizada, a da geopolítica da informação. Os jornais de referência são apresentados por uma construção teórica propositiva que permite compreender a dimensão de tal expressão. O entendimento do que são jornais de referência diz respeito, ainda, ao modo como se objetiva a compreensão de *O Estado de S. Paulo*, *El Tiempo* e *El Comercio*.

Na discussão sobre geopolítica e informação mais uma vez a opção recaiu sobre uma perspectiva histórico-social que abarca em alguma medida o todo e as especificidades do espaço latino-americano. Isso porque estes elementos serão importantes aos capítulos subsequentes. Por essa opção recupero, ao final do capítulo, reflexão sobre estudos acadêmicos brasileiros que colocam em relação o Jornalismo e o mundo das coisas vividas. Uma vez mais, entre os estudos, destaca-se a opção por aqueles que de algum modo trabalham sobre acontecimentos ou sobre jornais latino-americanos.

1.1 Modos de objetivação dos espaços do mundo vivido

Diariamente, da forma como o Jornalismo sistematiza o mundo, está contida a experiência do espaço e sua interpretação²². Nos termos de Gomis (1991), o Jornalismo pode

²² “La interpretación de primer grado nos dice qué ha pasado: es descriptiva. La interpretación de segundo grado nos dice qué significa lo que ha pasado: es evaluativa. La primera opera más o menos directamente con la realidad en crudo: acontecimientos, hechos, palabras. La segunda opera con la realidad ya interpretada descriptivamente, ya comunicada en forma de noticia. El ideal periodístico es que un mismo ejemplar del diario pueda ofrecer los dos grados de interpretación, y pueda comunicarnos el hecho (noticia) y su significación

ser assumido como método de interpretação sucessiva da realidade social que, como tal, abarca dois aspectos: compreender e expressar. Por sucessiva entende-se que começa e termina a cada nova edição. “La interpretación periodística permite descifrar y comprender por medio del lenguaje la realidad de las cosas que han sucedido en el mundo” (Gomis, 1991, p. 36). Segundo Ericson et al. (1987), os significados são atribuídos para além do contexto em que o fato é produzido e são sempre, e inevitavelmente, uma questão de interpretação.

A relação que o repórter mantém com o mundo que tem de dar conta é mediada por procedimentos regulares, um “regime de práticas”, do que se diz e do que se faz. Dito em outras palavras, informar sobre os acontecimentos é resultado de um modo de objetivação jornalística, com seus procedimentos operativos, métodos, prazos e limitações de espaço. Todo produto jornalístico “es el resultado de un proceso complejo, que comprende una serie de elecciones sobre lo que ha de publicarse, el lugar en que ha de ir, el espacio que tiene que ocupar, la importancia que debe concedérsele. No hay en esto reglas objetivas, sino más bien convenciones” (Gomis, 1987, p. 16). De algum modo, enseja um conjunto de procedimentos que possibilita ao Jornalismo ser como aparenta ser.

O Jornalismo, segundo Silva e Marocco (2008), dimensiona os limites do mundo por meio de três ordens: a institucional, a de produção e a discursiva. A ordem institucional está expressa na rede informativa (Tuchman, 1983; Fishman, 1983); enquanto a ordem de produção refere-se às rotinas produtivas e a ordem discursiva às especificidades do relato jornalístico. Por estas ordens, o Jornalismo organiza e objetiva os espaços do mundo vivido e deles seleciona acontecimentos para, em seguida, reuni-los em um só conjunto, em um produto particular, como o jornal ou o telejornal do dia. Estas ordens não correspondem, porém, a limites fixos, uma vez que se justapõem continuamente. Na ordem discursiva, especialmente, é possível ver trabalhar as ordens institucional e de produção. Pela análise da materialidade discursiva pode-se apreender as demais, dos territórios aos temas que interessa cobrir, da dispersão dos profissionais do próprio veículo às agências de notícias, da disposição e enquadramento das informações. É sob esta perspectiva analítica, quer seja, ir da ordem discursiva às demais, que se assenta a presente investigação.

Estabelecida a partir de prioridades sobre as quais se concentram os esforços informativos de cada meio, a rede informativa incorpora interesses dos leitores e da organização jornalística, possibilidades financeiras desta e a distribuição dos repórteres e

(comentário)” (Gomis, 1987, p. 17). Ao empregar o termo “interpretação”, Gomis (1991) o faz com o mesmo sentido de interpretação das leis por juristas e legisladores; interpretação das línguas por tradutores ou interpretação das obras por artistas.

correspondentes a partir dos interesses anteriores (Tuchman, 1983). Sua ordem institucional diz dos interesses da empresa jornalística pela cobertura de determinadas organizações, territórios e temáticas (Tuchman, 1983; Fishman, 1983).

Em sua ordem de produção assentam-se as rotinas produtivas que visam a dar conta dos acontecimentos no mundo e a dispersão dos profissionais envolvidos em tal tarefa. Aí estão jornalistas, correspondentes, enviados especiais e agências de notícia. Na visão de Tuchman (1983) a dispersão de repórteres e diretores por determinadas zonas é parte também da rede informativa; conformada por cada meio, ela atende a interesses de cobertura do veículo: alguns territórios devem ser cobertos sempre, enquanto outros apenas quando se ligam a determinadas temáticas.

A ordem discursiva remete aos mundos composíveis por meio de uma organização anterior, própria, que permite ao Jornalismo assentar cada acontecimento do mundo vivido em um determinado lugar e sob determinada escala. Por esta ordem, os acontecimentos do mundo de cada dia são convertidos em relatos que ocupam tempo e espaço (Tuchman, 1983, p. 13-14). O ato de compor a cartografia passa pelo nome do jornal ou programa noticioso, pelas editoriais, pela diagramação, pela edição, etc.; modos de delimitar o mapa diário conformado nos noticiários, em mais um número do jornal ou da revista. Os relatos jornalísticos são organizadores do espaço também pelos deslocamentos ali contidos.

Percebe-se que a ordem discursiva compreende vários espaços ou aspectos do espaço. De pronto, a realidade interpretada é um discurso sobre o presente que nos cerca que, por sua vez, aciona espaços do mundo social. Cada seção ou editoria, espaços simbólicos do Jornalismo, corresponde a determinados temas ou territórios dos espaços do vivido. O Jornalismo utiliza-se de metáforas espaciais ao dar conta de certos acontecimentos, mede distâncias temporalmente²³, por exemplo, um longo tempo. Ainda, em termos concretos, os relatos devem considerar o espaço disponível, que é variável.

Todo el proceso de adaptación del material disponible a un espacio dado es, en suma, un conjunto de procesos sucesivos de interpretación. Fundamentalmente, la interpretación ha de decidir qué debe ir y qué puede no ir y qué espacio ha de ocupar lo que se publica. Por lo demás, es materia de interpretación también cuál es el mejor espacio y cuál es el mejor efecto que se puede producir al disponer el material dado en un espacio limitado (Gomis, 1987, p. 35).

A ordem discursiva pode ser reveladora, todavia, dos fluxos no espaço, da dispersão dos jornalistas pelos territórios que interessa cobrir. Tal ordem é expressa por indicadores como “enviado especial” ou “correspondente”, o nome da cidade em que o mesmo se

²³ Tuchman (1983) considera profunda a metáfora do “tempo espacializado” porque ela dá ênfase a uma ordenação do tempo e do espaço que se encontra no centro da atividade humana.

encontra ou, ainda, por um relato que dê conta desta especificidade. A diagramação também responde à dispersão dos informadores no tempo e no espaço. A distribuição das seções atende à legibilidade dos espaços e dos fluxos, reunindo em páginas claramente delineadas os acontecimentos em função de sua origem – local ou internacional, por exemplo – e do seu grau de especialização – esporte, economia, cotidiano, etc.

Os deslocamentos no espaço originam-se dos propósitos informativos referidos anteriormente como ordem institucional e de produção e são subsumidos pela rede informativa. Fishman (1983, p. 37) identifica a existência de um sistema de cobertura jornalística ancorada em “âmbitos noticiáveis”: os temas ou tópicos e os territórios. Segundo o autor, esta dupla maneira de definir o noticiável, pela temática e pelos espaços físicos, é auxiliar das rotinas produtivas por encaminhar escolhas, como “lugares donde debe concurrirse y personas a las que debe verse, o como una serie de temas sobre los cuales uno tiene la responsabilidad de informar” (Fishman, 1983, p. 39).

Estruturadas, de acordo com Tuchman (1983), com base no que creem ser de interesse de seus leitores e ao que estão dispostas a fazer-lhes chegar, as redes informativas são organizadas pelas empresas jornalísticas a partir de três instâncias de interesse: lugares específicos, organizações específicas e tópicos específicos. Percebe-se que Tuchman (1983) traz um elemento a mais que Fishman (1983) ao afirmar que importam também as atividades de determinadas organizações. Apesar do acréscimo, porém, a autora concorda com a perspectiva de Fishman (1983, p. 39) de que o território, “entidad localizable y situable, con un escenario, actores y movimientos establecidos”, é o elemento mais importante na dispersão espacial dos repórteres.

Para Tuchman (1983, p. 36), a rede informativa se lança através do espaço, impõe uma ordem ao mundo social, “porque hace posible que los acontecimientos informativos ocurran en algunas zonas pero no en otras”. Borrat (1989), ao citar Tuchman (1983), reelabora essa proposição e argumenta que as empresas jornalísticas distribuem seu elenco segundo um duplo dispositivo, as redações e as áreas geográficas e instituições políticas onde são produzidos os fatos que mais interessam à organização cobrir.

As fontes ou fornecedores de informação²⁴, que funcionam como auxiliares no relato, sem, contudo, deixar de insinuar posições, relações e interesses, são parte da rede informativa

²⁴ “Há um sem-número de classificações de fontes jornalísticas e três grandes atributos para que se cristalize em conceito jornalístico: autoridade, produtividade e credibilidade. Estes atributos estão diretamente vinculados aos processos jornalísticos, ao tempo de produção do Jornalismo e ao enquadramento dos acontecimentos que este possibilita no interior do qual reconhece e naturaliza certas pessoas e os discursos dominantes de uma época” (Berger e Marocco, 2009, p. 143).

(Borrat, 1989; Fishman, 1983; Tuchman, 1983). Para organizar suas ações, destaca Borrat (1989), os meios de comunicação integram de maneira contínua e renovada uma rede de fontes, entre exclusivas e compartilhadas, que lhes permitem acessar a “geografia política”, por um lado, como outros espaços geradores de importantes acontecimentos, por outro.

Segundo Marocco e Berger (2008, p. 3), “há diferentes modalidades de fonte jornalística instituídas pelo saber jornalístico como expressão de um contrato que transfere ao jornalista ausente a autoridade de quem esteve presente, viu ou ouviu alguém falar”. Ao tomar parte *no* e *do* discurso do outro, o Jornalismo, por sua natureza de mediação (Gomis, 1987, 1991), enreda uma trama de dizeres possíveis, uma vez que se constitui como lugar de proposição de sentidos. Ao mesmo tempo em que se nutre de discursos outros, o Jornalismo visa a um controle e ordenamento destes, sob condições de produção específicas que ensejam modos de perceber e apreender os acontecimentos no mundo. Em parte, é aí que reside a complexa relação entre jornalistas e fontes (Bourdieu, 1997; Santos, 1997, 2006).

Jornalistas e fontes²⁵ buscam atribuir significados aos fatos, o que envolve negociações entre estes agentes (Santos, 1997). Desta forma, tanto as parcelas de informação selecionadas ou excluídas quanto os quadros de sentido produzidos são o resultado de um conflito de perspectivas pela definição do presente que nos cerca. Se, por um lado, as fontes estão implicadas, têm interesses na divulgação ou não de informações, por outro, o jornalista se movimenta na busca de obter delas mais do que desejam revelar (Rosa, 2006). Nesta disputa por pontos de vista, Ericson et al (1987) definem a ação das fontes como um processo de controle social sobre a significação das notícias.

As ordens institucional e de produção se sobrepõem quando se referem aos territórios de interesse e à dispersão dos profissionais nestes espaços. Para esse fim, os meios de comunicação utilizam-se de correspondentes, enviados especiais e agências de notícia. Os dois primeiros, vinculados às organizações jornalísticas, respondem aos modos de interpretação da realidade pretendidos pelas mesmas e aos seus esforços informativos, constituindo-se em típicos representantes da diáspora jornalística. Os jornais de referência tendem a manter correspondentes nos lugares que mais interessam aos seus objetivos e decidem-se por enviados especiais quando acontecimentos imprevistos, em sua maioria, ocorrem em espaços geográficos não cobertos pela rede de correspondentes. “En los que

²⁵ Uma forma de tratar da relação entre jornalistas e fontes consiste em tipificá-las e classificá-las (Bahia, 1990; Borrat, 1989; Erbolato, 2001; Lage, 2006; Medina, 2003). Outra maneira é observar aspectos referidos em códigos deontológicos e manuais, como graus de confiabilidade e processos de apuração.

cubre con su propia red, el periódico podrá contar con tantas versiones de un mismo hecho noticable” (Borrat, 1989, p. 63).

Para cobrir a geografia dos fatos noticiáveis valem-se também das agências de notícia. Tuchman (1983) havia identificado em seu trabalho etnográfico que os jornais optam por utilizar-se dos correspondentes ou deslocar enviados com base nos informes das agências, duplicando substantivamente a apuração. Ainda assim, segundo a pesquisadora, persistem lugares não cobertos porque “los medios de información y los servicios de noticias dejan que subsistan los mismos tipos de agujeros en la red informativa, huecos que son justificados por una noción de la noticia que profesionalmente comparten” (p. 36).

Jornais de referência também integram essa mesma rede informativa, uma vez que, por suas características, a seguir descritas, são imprescindíveis para os outros meios de comunicação e servem externamente de referência sobre a realidade do país. Isto porque, como parte instrumental do trabalho jornalístico, é preciso “saber o que os outros disseram” (Bourdieu, 1997, p. 32). O teórico francês, em sua análise do Jornalismo como campo de autonomia incompleta, critica esse movimento da produção para a produção, no interior do sistema comunicacional, por favorecer a uniformidade do que é ofertado: dos temas, dos convidados, do que não se pode deixar de abordar.

No inverso da qualidade informativa é que Umberto Eco identifica tal fenômeno ao assinalar que “cada vez mais a imprensa fala da própria imprensa”. O autor alerta que “cada vez é mais frequente o desmentido de quem diz que não deu nenhuma declaração ao jornal A, seguido da resposta do jornalista que sustenta ter lido a afirmação em uma entrevista do jornal B, sem se preocupar se o jornal B tirou a notícia indiretamente do jornal C” (Eco, 1998, p.78). Eco, todavia, lembra que a imprensa também se ocupa da imprensa, não apenas enquanto fornecedora de falas a circular,²⁶ mas como objeto a ser comentado. Tal perspectiva será trabalhada no item 5, *Do conflito*.

Para além de uma possível comparação entre os relatos ofertados – que, na concepção de Bourdieu (1997), acaba por torná-los homogêneos –, “saber o que os outros disseram” auxilia na obtenção ou verificação de dados e na identificação de novas fontes. Borrat (1989) defende esse ponto de vista ao afirmar que os meios orientam suas atuações, públicas ou não, um a partir do outro. Para além desta orientação, o autor identifica a ocorrência de uma apropriação do conteúdo de um meio por outro, sinalizada no interior do texto jornalístico.

²⁶ Contemporaneamente, na esteira dos estudos de midiaticização, emprega-se o termo “correferencialidade” para tratar do uso da produção de um meio por outro. A correferência “diz respeito a uma mudança no estatuto das fontes, que passam a se localizar no sistema, e não no ambiente em que ele se encontra” (Soster, 2009, p. 9).

Nestes casos, designa de meios-fonte as mídias indicadas por outras como origem de uma informação.

Novais (2010) emprega a expressão *borrowed press*, no sentido de tomar emprestado, ao designar a prática recorrente nos meios de se utilizarem uns dos outros como fonte para informações, especialmente do exterior. Ao comparar as coberturas britânica e portuguesa do massacre de Dili, no Timor Leste, busca identificar elementos nacionais e internacionais que orientam a cobertura do conflito. Neste sentido, afirma que

eles [os jornais] também recorrem a uma maior variedade de fontes ao incorporar em suas coberturas informações tomadas de empréstimo de jornais estrangeiros e nacionais. Também estavam dispostos não apenas a relatar conflitos e controvérsias, expressando opiniões críticas do governo e do *status quo*, mas também definindo uma agenda de promoção do trabalho de investigação e levantando outras questões correlacionadas [ao conflito] (Novais, 2010, p. 304 [tradução minha])²⁷.

Por esta perspectiva, todavia, a produção jornalística é conformada pelas informações “tomadas de empréstimo” de outros meios, posto que “una parte considerable de la información [...] procede de sus pares y de los otros medios de comunicación masiva del propio país y del extranjero” (Borrat, 1989, p. 67). No Jornalismo internacional, a geografia dos fatos noticiáveis amplia-se ainda mais, uma vez que requer a incorporação de fontes governamentais, instituições públicas e privadas, especialistas e lideranças, entre outros agentes, identificados a partir de meios de comunicação de outros países. Na avaliação de Borrat (1989), em certa medida a rede informativa é um indicativo da política exterior e do mapa de interesses que a configura. Assim, a escolha de meios-fonte para “tomar de empréstimo” ou contrastar informações é orientada pela necessidade de se informar conjugada a um alinhamento editorial.

1.1.1 As agências de notícias

As agências de notícia constituem uma parte importante da rede informativa, especialmente porque, simbolicamente, estão em todos os lugares ao mesmo tempo. Por meio das agências as empresas jornalísticas podem acessar o que ocorreu em uma localidade desconhecida num país distante qualquer, ou no país que está ao seu lado, com o qual compartilham fronteiras comuns e fluxos de toda ordem.

O surgimento e o desenvolvimento das pioneiras agências de notícias internacionais, a partir da segunda metade do século 19, estiveram ligados à expansão do capitalismo.

²⁷ “They also resort to a bigger variety of sources in incorporating in their coverage information borrowed from both foreign and national newspapers. They were also willing not only to report conflict and controversy, expressing opinions critical of the government and of the status quo, but also to set the agenda by promoting investigative work and raising other correlated issues” (Novais, 2010, p. 304).

Inicialmente a informação econômica era sua matéria-prima, originando despachos sobre agricultura, mercado de grãos e mineração, e os banqueiros e comerciantes seus clientes. As primeiras agências atuavam como monopólios delimitados sobre o traçado das fronteiras nacionais. O fluxo de informações esteve vinculado às redes de comunicação e transporte (ferrovias, embarcações, cavalos e pombos-correio) até o desenvolvimento de tecnologias, como o telégrafo, inventado em 1844 por Samuel Morse.

Antes disso, em 1835, em Paris, Charles-Louis Havas havia fundado a primeira agência de notícias, a *Havas* (Pizarroso Quintero, 1994; Briggs e Burke, 2004), hoje *Agence France-Presse* (AFP). A gênese da *Havas* eram os serviços de informação financeira para bancos, investidores e capitalistas o que, de certa forma, corrobora para a afirmação de Natali (2004, p. 13) de que o “jornalismo nasceu internacional”. A demanda por informação estrangeira vinha desde o período mercantil, com os jornais, e ganhou impulso com as agências em meio a um capitalismo incipiente e “a demanda por informação transcontinental derivada da integração das nações emancipadas das Américas na economia mundial” (Aguiar, 2009, p. 6).

A expansão das redes de telégrafo favoreceu a consolidação das agências como redes de notícias. A *Agência Wolff* foi fundada em Berlim em 1848 por Bernhard Wolff, embrião da atual *Deutsche Presse-Agentur* (DPA). Também em 1848 foi criada a *Associated Press* (AP) a partir de um grupo de jornais de Nova York, durante a guerra entre os Estados Unidos e o México, com o nome de *General News Association of the City of New York* (Pizarroso Quintero, 1994). Três anos mais tarde, em 1851, o alemão Julio Reuters fundou a inglesa *Reuters*, também para envio de informações ao sistema financeiro, e em 1892 formou-se a *United Press* (UP), que em 1958, com a fusão da *Internacional News Service* (INS) deu origem à *United Press Internacional* (UPI).

A *Havas* introduziu a venda de traduções de documentos com informações de atualidade sobre outros países, ampliando a abrangência de seus despachos com a incorporação de acontecimentos ocorridos em outras nações. Nesta mesma direção, a *Reuters* criou um serviço de difusão de “fatos súbitos e imprevistos” (Los Monteros, 1998). Foi ela que deu às agências a estrutura de negócio.

Além das traduções de reportagens de jornais estrangeiros, as agências passaram a observar fenômenos do exterior e escrever “testemunhos” sobre terceiras sociedades, a exemplo dos antropólogos e historiadores, que, até então, segundo Los Monteros (1998, p. 421), eram os responsáveis pelos discursos etnocêntricos. Smith (1984), por sua vez, define como “sequela colonial” o formato adotado pelos serviços noticiosos para a cobertura de

acontecimentos internacionais, como os ensaios e “testemunhos” sobre os outros países, porque considerava um produto intelectual europeu. Ao discorrer acerca da geopolítica da informação,²⁸ e dos vínculos entre Jornalismo e relações internacionais, Smith (p. 22) descreve o jornalista-testemunho como herdeiro do explorador:

El corresponsal extranjero o el periodista del siglo XIX que trabajaban en la prensa popular se consideraban como herederos legítimos de los grandes exploradores; veían como su objeto a todo el mundo, cuyos sujetos eran él y su civilización. En realidad, gran parte de los reportajes trataban de elucidar los problemas de la conquista colonial o de otra índole, cuando las civilizaciones más poderosas compartían las “esferas de influencia” disponibles.

Ainda:

Ningún explorador, ningún periodista trabaja solo, pues cada quien lleva consigo esa totalidad del pasado observador que ha llegado a ser parte de su cultura y, por consiguiente, de su propio aparato conceptual (Smith, 1984, p. 23)

As três agências europeias, *Havas*, *Wolff* e *Reuters*, não tardaram a perceber a dificuldade em dar conta de todos os pontos do mundo e decidiram pela formação de um cartel e pela divisão do globo em regiões para a apuração e comercialização de notícias. Estima-se que o cartel tenha surgido entre 1856 e 1870 e sobreviveu até o período do entre-guerras, porque enfraqueceu nos anos imediatamente anteriores a Primeira Guerra Mundial. De acordo com Smith (1984), o controle da transmissão de notícias ao redor do mundo estava associado à proximidade da *Reuters* e da *Havas* com os governos da Alemanha e França, respectivamente. Segundo Oliveira (2010, p. 49), na divisão coube à *Reuters* o Império Britânico e colônias, os Países Baixos, Áustria, Índias Orientais e Extremo Oriente; à *Havas* a França e colônias, Itália, Espanha, Portugal, Oriente Médio, Indochina e América do Sul; e à *Wolff* a Europa Setentrional e Oriental, a Alemanha e os Bálcãs. As demais regiões do mundo seriam de exploração comum.

No final dos anos 40, conforme Smith (1984, p. 43), os Estados Unidos acabaram com o domínio da *Reuters*, com “el interés de crear un flujo de noticias más equilibrado que entrara en los Estados Unidos y que no estuviese mediado por una organización que aún cuando no es controlada por el gobierno británico, parecía imponer un conjunto de prioridades y valores ingleses a las noticias de todo el globo”. Um novo redesenho surgiu em meio ao cenário da guerra fria com a divisão do mundo segundo a lógica binária de então: mundo capitalista e mundo socialista. No primeiro estavam as estadunidenses AP e UPI, a inglesa *Reuters* e a francesa AFP, sucessora da *Havas*. Do outro lado, a russa *Agência Telegráfica da União Soviética* (TASS), criada em 1925. Também do outro lado a *Hsinhua* ou *Agência de Notícias da Nova China* (ANNC), informativo oficial para a República Popular da China.

²⁸ A temática será mais bem trabalhada no item 1.2 (A geopolítica da informação).

No início da década de 80 do século 20, segundo Rossi (1980), os países desenvolvidos controlavam o circuito de notícias, por meio da francesa AFP, das norte-americanas UPI e AP, da inglesa *Reuters*, da italiana *Agenzia Nazionale Stampa Associata* (Ansa), criada em 1945, da alemã DPA (antiga *Wolff*) e da espanhola EFE, criada em 1939. De acordo com Hohenberg (1981), algumas agências nacionais eram extensões de um ou mais serviços globais: a *Canadian Press* e a *Australian Associated Press*, do Canadá e da Austrália, respectivamente, em parte da AP; a *British United Press*, da UPI, e a *Press Trust of India* da *Reuters*.

A América do Sul ficou submetida à *Havas*, exclusivamente, pelo acordo do cartel *Reuters*, entre fins do século 19 e os anos 20 do século 20. Tal situação se alterou quando a estadunidense UP (hoje UPI) rompeu com o monopólio para informar sobre os Estados Unidos, em 1916, seguida pela AP, em 1951. Smith (1984, p. 70-71) verificou que:

el cincuenta por ciento de las noticias mundiales publicadas en los periódicos de América del Sur procede de las dos agencias estadounidenses, y otro diez por ciento emana de la *Reuters* y de la moderna sucesora de la *Havas*, la *Agence France-Presse*. La cantidad total de noticias que los principales periódicos de este continente reciben de agencias noticiosas propiedad de países miembros del Tercer Mundo, tan sólo equivale a unos cuantos puntos de porcentaje.

O ingresso de outras agências na região, como a italiana Ansa e a alemã DPA, assim como a AP, deu-se nos anos 50. A Ansa entrou em 1952 e a DPA sete anos mais tarde. A espanhola EFE somente em 1966 inaugurou um escritório em Buenos Aires, e mais tarde, no mesmo ano, em Lima, Caracas, México, Montevideu, Santiago do Chile, Assunção, Quito e La Paz. No ano seguinte ingressou em Bogotá, no Rio de Janeiro, Santo Domingo e Panamá. Apesar da entrada tardia na América Latina em relação às demais, no início dos anos 90 tornou-se a primeira agência devido ao número de notas publicadas e à centimetragem (Reyes Matta, 1993), como resultado de um esforço institucional para se fixar entre as grandes agências europeias e estadunidenses.

Em meio aos debates na América Latina pela reorganização dos fluxos globais de informação, projeto internacional conhecido como Nova Ordem Mundial da Informação e Comunicação (Nomic), desenvolvido com apoio da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), a seguir abordado, a EFE instituiu junto a alguns meios de comunicação privados da América Central um modelo de agência regional, a *Agencia Centroamericana de Noticias* (Acan-EFE). Instalada no Panamá em 1972, a Acan-EFE revestiu-se logo de grande importância porque esta região do continente americano gerou grande parte dos conflitos do mundo no período: revolução sandinista na Nicarágua, conflito em El Salvador, intervenção militar estadunidense no Panamá, entre outros.

Outra agência que surge em meio aos debates por uma inversão no fluxo das informações é a *Inter Press Service* (IPS), agência especializada em notícias referentes ao Terceiro Mundo de então, criada em 1964 por uma cooperativa de jornalistas. Sua antecessora foi a *Agencia de Prensa Romana*. Com escritórios na América Latina, a IPS teve de fechá-los, por suas posições, em razão dos inúmeros regimes autoritários que surgiram na região nos anos 70. Nesse período, passou a trabalhar com os países não alinhados, que na década anterior haviam fundado o Grupo dos 77, ocupando-se das vozes marginalizadas, dos grupos em situação de risco e do desenvolvimento destes países.

Também a *Prensa Latina*, criada em Cuba, em 1959, por influência da soviética Tass que havia sido vital para a Revolução Cubana. Nos anos 90 enfrentou uma grave crise e reestruturou sua rede de correspondentes, optando apenas pelos países de maior relevância para Cuba. Em 2009, aos 50 anos de existência, a agência vinculada a movimentos de esquerda mantinha 25 sucursais nos vários continentes. Outra agência criada com o propósito de contribuir para um maior equilíbrio no fluxo informativo norte-sul foi a *Agencia Latinoamericana de Información* (Alai), fundada em 1976 em Montreal, Canadá.

Além das internacionais, há agências nacionais estatais e privadas que visam a alimentar as redações dos jornais do país, como a *Agência O Globo, Estado* ou *Agência Brasil*, brasileiras; *Agencia de Noticias de la República Argentina* (Télam) e *Agencia Diarios y Noticias* (DyN), argentinas; *Agencia Colombiana de Noticias* (Colprensa); *Agencia Pública de Noticias del Ecuador y Suramérica* (Andes); *Agencia Peruana de Noticias* (Andina); *Agencia Boliviana de Información* (ABI); *Agencia de Información Pública Paraguay* (IP) e *Agencia Venezolana de Noticias* (AVN). Em 2011 foi criada a *Unión Latinoamericana de Agencias de Noticias* (Ulan), reunindo agências públicas latino-americanas com o objetivo de avançar na construção de um bloco regional de produção informativa.

A *Télam* é a principal agência pública de notícias da Argentina. Fundada em 1945, está subordinada à Secretaria de Meios Públicos, do Ministério das Comunicações. Já a DyN, também argentina, foi criada em 1982 por um grupo de jornais nacionais e locais. Formada por nove jornais sócios, a *Colprensa* foi fundada em 1981 e fornece conteúdo para 27 diários colombianos e um semanário, além de páginas webs de jornais e independentes. A *Andina*, fundada em 1981, é a agência oficial do Estado peruano.

No Brasil as primeiras iniciativas foram a *Agência Americana* (1913-1914), fundada por Cásper Líbero, e a *Agência Meridional* (1931-1972), de Assis Chateaubriand. A terceira, segundo Oliveira (2010), foi a *Agência de Notícias dos Diários Associados* (1975-1992), ligada ao *Correio Braziliense*, depois rebatizada de *Meridional* (1993-1997). “A partir de

1998, o *Centro de Documentação* – órgão de preservação do acervo dos *Diários Associados* instalado na sede do *Correio Braziliense*, em Brasília – passou a comercializar a distribuição de fotografias e textos produzidos pela redação do jornal” (Oliveira, 2010, p. 59). Em 2008, segundo a autora, passou a se denominar *DAPress*.

Os conglomerados de mídia brasileiros, conformados, em sua maioria, a partir de um jornal de referência, criaram também suas agências. *O Estado de S. Paulo* criou em 1970 a *Agência Estado*; *O Globo*, a *Agência O Globo*, em 1973; o *Jornal do Brasil*, a *AJB*, em 1975; e a *Folha de S. Paulo*, a *Agência Folha*, hoje *Folhapress*, em 1994. A *AJB* inaugurou o serviço pioneiro de tradução dos serviços da estadunidense AP, passando a distribuir despachos internacionais. A *AJB* também foi a primeira das agências nacionais a disponibilizar a versão digital do jornal, em 1995.

A evolução das agências de notícias, no tempo e no espaço, mostra o lugar que elas ocupam na produção de referentes acerca do mundo que, de alguma forma, afeta a cartografia trazida dia após dia pelos meios de comunicação.

1.1.2 Os jornais de referência

Os jornais latino-americanos *O Estado de S. Paulo*, do Brasil, *El Tiempo*, da Colômbia, e *El Comercio*, do Equador, lugares de onde se observa a produção do *acontecimento Angostura*, são assumidos como jornais de referência por uma série de características, a seguir expostas. Abordar teoricamente a proposição de nomeá-los como “de referência” se faz necessário para compreender a ambiência de produção destes jornais e as relações que mantêm com o social.

Os jornais de referência dominante (Imbert e Vidal Beneyto, 1986; Merrill, 1991) são, ao mesmo tempo, produtores de uma instância enunciativa no plano simbólico, instituições sociais que se relaciona com um sistema mais amplo de instituições – as civis, econômicas, políticas, religiosas, educacionais, etc. – e também empresas. Esses fatores – as mediações simbólica, social e empresarial – são elementos-chave para a observação e compreensão do Jornalismo de referência.

No Jornalismo impresso, as expressões “de referência”, “de elite”, “de prestígio” ou “de qualidade”, usadas como sinônimos, não se referem à tiragem e à circulação exclusivamente, mas aos jornais “que mais influência têm sobre a opinião pública de seus países” (Molina, 2007, p.10). Empregadas para designar uma categoria particular de jornais dentre o conjunto, remetem para:

[...] periódicos de orientación internacional, serios y reflexivos, que ofrecen una alternativa racional y profunda a un selecto grupo de lectores [...]. Suelen ser leídos por intelectuales, políticos y líderes de opinión del mundo, así como por ciudadanos cosmopolitas e interesados de diferentes países.

[...] el periódico de élite debe ser efectivamente cosmopolita, tener un enfoque racional y serio, preocupación cultural y lenguaje culto. Además debe estar presentado de tal forma que proyecte su seriedad a través de su tipografía, composición y estética (Merrill, 1991, s/p).

Vidal Beneyto (1986), da mesma forma, contribui para a definição do que denomina “jornal de referência dominante” ao indicar como funções básicas: ser imprescindível para os outros meios de comunicação; possibilitar a presença e a expressão de grandes líderes políticos, de instituições sociais e associações representativas, e servir externamente de referência sobre a realidade do país. Esta última função aponta para a orientação dos jornais ao contexto internacional, às relações internacionais, à diplomacia, à política e economia, características assumidas como próprias de um jornal de referência (Vidal Beneyto, 1986, Merril, 1991; Molina, 2007).

Para além do interesse por questões internacionais, segundo Molina (2007), são características do Jornalismo de referência: a relevância, a hierarquia da informação, a diagramação cosmopolita, o consumo por uma elite formadora de opinião, nem sempre vinculada ao governo, e o respeito ao leitor. Também associando referência à qualidade e à elite, Sousa (2003, p. 8) refere-se à tendência para a especialização, para a análise e a investigação e, ainda, para o potencial de “transformar o jornalismo de referência, nos regimes democráticos, num novo espaço público, ou numa nova arena pública”. Imbert (1986), da mesma forma, define a imprensa de referência como um novo espaço público, partícipe da socialização e cidadania, que permite aos discursos públicos excluídos do cenário político emergir. Ao se referir ao *El País*, da Espanha, como um espaço público, o identifica como mentor da nova classe política e guardião da democracia pós-franquismo²⁹, uma vez que surgiu em 1976 no início da transição.

“Estos diarios son el espacio público donde la vida política y social – sus temas, conflictos, procesos – son objeto de prácticas (ceremonias) de esclarecimiento y racionalización a la vista de todos” (Vidal Beneyto, 1986, p. 23). Os jornais de referência constituem-se no tempo como alguns dos responsáveis pela mediação social entre o público e o privado, entre a sociedade civil e o Estado (Imbert, 1986). Outra característica destes jornais, segundo Sousa (2002, p. 2), é servir “de referência e mesmo de fonte aos restantes órgãos jornalísticos”.

²⁹ Regime político da Espanha entre 1939 e 1976, durante a ditadura do general Francisco Franco.

Vidal Beneyto (1986), Merrill (1991) e Molina (2007) apresentam como jornais de referência: *Le Monde* e *Le Figaro*, da França; *El País*, da Espanha; *Daily Telegraph*, *The Guardian*, *The Times* e *Financial Times*, do Reino Unido; *Corriere della Sera*, da Itália; *Frankfurter Allgemeine Zeitung* e *Suddeutsche Zeitung*, Alemanha; *Neue Zürcher Zeitung*, da Suíça; *Svenska Dagbladet*, Suécia; *The New York Times*, *Los Angeles Times*, *The Washington Post*, *The Wall Street Journal* e *Christian Science Monitor*, estadunidenses; *The Globe and Mail*, Canadá, e *Asahi Shimbun* e *Nihon Keizai Shimbun*, do Japão. Sousa (2002, 2003) cita os jornais *Público* e *Diário de Notícias* como de referência em Portugal.

No contexto latino-americano, o estudo *Dos semanas en la prensa latino-americana*, realizado pelo Ciespal (1967), serve como indicativo de jornais de referência. Neste estudo, os jornais *El Comercio*, do Equador, *El Tiempo*, da Colômbia, e *O Estado de S. Paulo*, do Brasil, aparecem junto de outros 25, de 19 países. Também a investigação conduzida pelo Comitê Internacional de Comunicação, Conhecimento e Cultura da Associação Internacional de Sociologia, entre 1981 e 1984, a partir da Espanha, apresenta *O Estado de S. Paulo* como jornal de referência ao lado de outros 15 jornais de 12 países diferentes da Europa e América.

Os jornais de referência dominante mantêm relações com o contexto social no qual se inscrevem dia após dia, em parte, por aproximarem os temas políticos e econômicos dos culturais e sociais, adquirindo relevo no contexto da significação social. Deste modo é importante considerar as relações entre o Jornalismo e a indústria informativa e, também, entre Jornalismo e os contextos da vida social.

A extensa cobertura informativa nacional e internacional e a importância que, tradicionalmente, concedem aos artigos de opinião e ao debate de temas políticos são características dos jornais de referência. Estes fatores contribuem para a definição de uma determinada unidade comunicativa, que abarca o viés informativo de cada meio. Também os investimentos em tecnologia e em especialização, não apenas dos conteúdos, mas das audiências, são características importantes de tais jornais. Cada empresa jornalística intervém na configuração de seu próprio modelo de Jornalismo, segundo as condições materiais de que dispõe, os investimentos que realiza e, também, conforme os papéis políticos que desempenha.

1.1.2.1 Jornais de referência como mediadores simbólicos

A imprensa, de um modo geral, precisa posicionar-se diante da bipolaridade consenso-conflito sobre a qual se assenta a vida social. Para Imbert (1986, p. 29), o papel do Jornalismo

de referência é o de “socializar el conflicto, resolver simbolicamente la anomia social”. O conflito pode ser objetivado como o imprevisível, o acidental, o dissonante, integrados ao acontecimento pelo Jornalismo em seu intento de ordenar as coisas do mundo e lhes atribuir sentidos. O conflito pode ser entendido em seu sentido literal como divergência, oposição, enfrentamento, choque, cabendo ao Jornalismo, igualmente, ordená-lo e resolvê-lo simbolicamente.

A função socializadora é latente no Jornalismo colombiano, especialmente em *El Tiempo*, desafiado pela violência de mais de 40 anos e pela fragilidade do Estado, em determinados períodos históricos, diante das guerrilhas, do narcotráfico e dos paramilitares. Da mesma forma, o Jornalismo de *El Comercio* exerce uma mediação simbólica ante o conflito colombiano, posto que recebe milhares de “desplazados” vítimas da violência no país vizinho e, ao mesmo tempo, frente à fragilidade do Estado, “incapaz de contener militarmente a las Farc, que ingresaba frecuentemente por las selvas” (Ruiz, 2008, p. 200).

A função socializadora (Imbert, 1986) acentua-se em períodos de fragilidade do aparato do Estado e de instituições como a família, a escola e a religião. Como o Jornalismo difusamente exerce uma mediação do social, diante de alterações nestas instituições responsáveis pelos mecanismos que asseguram a regularidade das dinâmicas sociais, cabe a ele a estruturação do espaço público e do consenso. Segundo Imbert (1986), o discurso jornalístico institui ordem onde reina o caos. A mediação simbólica exercida pelo Jornalismo lhe permite produzir um determinado saber nos termos de Foucault (2010). Para Imbert (1986, p.3 2), “el periódico se vuelve instancia productora de cultura y de una cultura que se impone como referencia dominante”. Neste sentido, Morey (1988, p. 87) afirma que o Jornalismo imprime ordem aos acontecimentos, segundo a qual exige que se viva e impõe que se reconheça “el sentido del pasar de las cosas que pasan en la verdad de su funcionamiento”. O Jornalismo procura tornar legítima a ordem que imprime por “una verdad revelada” (p. 89), via mediação simbólica. Ou seja, a informação é um acontecimento discursivo, no qual se apresenta a realidade produzida pelo jornal: a atualidade política, econômica, social e cultural. Por outro lado, essa mesma realidade construída tende a se constituir como seu próprio referente.

Gomis (1987) concebe o Jornalismo como interpretação da realidade social e, mais, como mediação, que designa como a função política da imprensa. Segundo este autor (p. 148), “la mediación política a través de la noticia se produce básicamente por la selección y presentación de los hechos”. Por conseguinte, a análise da mediação jornalística por meio dos

acontecimentos discursivos permite localizar elementos que compõem as mediações simbólicas desenvolvidas pelos meios.

1.1.2.2 Jornais de referência como instituições

Ao mesmo tempo, a imprensa de referência dominante é uma instituição social que, além de dar existência aos fatos que nomeia, medeia o acesso a estes; condiciona a promoção de atores sociais a atores políticos; aproxima a sociedade civil do Estado; e age em nome de uma opinião pública interessada em observar o poder político e o exercício da democracia. Relaciona-se com um sistema social mais amplo – o das instituições políticas, econômicas, civis, educacionais, religiosas, etc. –, ao mesmo tempo em que o integram e conformam. Os jornais de referência são instituições que colocam em circulação elementos simbólicos a partir do vínculo e interação que estabelecem com o sistema social.

O meio é um ator posto em interação com outros atores sociais que tende a se constituir em um mediador entre o público e as instituições, a classe política, os movimentos sociais, etc.

Entendiendo por actor político a todo actor colectivo o individual capaz de afectar al proceso de toma de decisiones en el sistema político, afirmo que el periódico independiente de información general es un verdadero actor político de naturaleza colectiva cuyo ámbito de actuación es el de la influencia, no el de la conquista del poder institucional o la permanencia en él. El periódico influye así sobre el Gobierno, pero también sobre los partidos políticos, los grupos de interés, los movimientos sociales, los componentes de su audiencia. Y al mismo tiempo que ejerce su influencia, es objeto de la influencia de otros (Borrat, 1989, p. 10).

Num sentido de continuidade histórica, estes jornais são tradicionais e gozam de um prestígio consolidado. Encontram-se alinhados a posições ideológicas conservadoras e, para além de exercerem uma supremacia mercadológica, em termos de mercado publicitário, o são também em termos comunicacionais, enquanto referência informativa das elites. Constituem-se como instâncias mediadoras, dado que seus discursos se estabelecem em função e por interação com o poder político, a opinião pública e a intelectualidade.

Associados à qualidade editorial e gráfica, os jornais de referência constituem-se, ainda, como produtores de cultura.

1.1.2.3 Jornais de referência como empresas

A análise das empresas jornalísticas e de suas conexões político-econômicas é fundamental para localizar os meios de comunicação em seu contexto social, e também o Jornalismo praticado segundo condições materiais específicas de produção (Bustamante,

1986). Características próprias a cada empresa jornalística intervêm na configuração do modelo do diário. “La superficie administrativa es aquella que ha sido cubierta por elementos de la empresa editora aparentemente ajenos a la tarea periodística” (Tuchman, 1983, p. 79). Por um lado, o Jornalismo depende da superfície empresarial formada por instrumentos tecnológicos, condições de produção, investimentos, indicadores da assinatura, recepção e publicidade. Por outro, “el profesionalismo de la información pretende independencia tanto con respecto a la propiedad como con respecto a la gestión empresarial al pretender el derecho de juzgar qué es noticia” (p. 188).

A descrição da história institucional ou jurídica do diário, segundo a sugestão de Casasús (1985), permite evidenciar algumas conexões entre as distintas fases da indústria informativa e seu entorno, de acordo com cada periódico e período analisados. Deste modo é possível situar a empresa nos contextos sociais, econômicos e políticos que direta ou indiretamente afetam os jornais. Os jornais *O Estado de S. Paulo*, *El Tiempo* e *El Comercio* podem também ser compreendidos em sua relação jornal-empresa, derivada de como os modos de produção das indústrias culturais foram incorporados aos jornais (Taschner, 1992). No próximo capítulo estas proposições serão retomadas quando da apresentação de cada um dos diários latino-americanos aqui estudados.

1.2 A geopolítica da informação

Dizer das coisas do mundo induz a atividade jornalística à aproximação de fenômenos e processos de escala global, dos quais também é parte, especialmente pela ordem que imprime aos acontecimentos que passam da realidade por seus relatos (Morey, 1988). Em outras palavras, Tuchman (1983, p. 207) afirma que as notícias organizam e fazem parte da realidade cotidiana, por dois processos que se realizam simultaneamente, “un suceso es transformado en acontecimientos, y un acontecimiento es transformado en relato informativo”.

O jornalismo quer mostrar todo o mundo [...], quer dizer tudo a respeito de um acontecimento ou de uma questão. Também persegue a diversidade: quer falar de tudo, seja abrangendo nações, cidades, culturas, classes, idades, seja explorando o microcosmo escolhido ao fornecer um número enorme de detalhes como horários, locais, falas redundantes, expressões faciais, descrições de cenas – principalmente no jornalismo impresso (Buitoni, 2011, p. 24).

Para passar dos acontecimentos do mundo à notícia, o Jornalismo vale-se de um conjunto de métodos e procedimentos específicos às organizações jornalísticas e à comunidade de profissionais (Tuchman, 1983), detalhados anteriormente, bem como de um conjunto de relações que estruturam e delimitam o pensamento e os discursos de determinada

época, uma episteme (Foucault, 2007). O enquadramento dado pelo Jornalismo aos temas e acontecimentos que aborda constitui o centro do processo de produção de sentidos do seu discurso, elaborado a partir de conteúdos advindos de outras esferas sociais e em meio a campos de forças. É assim, não sem tensionamento, que o Jornalismo ordena o mundo e configura um discurso de reconhecimento do presente pela interpretação que realiza.

A organização das coisas do mundo, para além de uma dentre as rotinas produtivas, consiste em um exercício diário de vigilância e seleção, de tematização e organização da informação, de atribuição de sentidos e construção da realidade social. O intento de pensar sobre o Jornalismo quando diz das coisas do mundo associa-se à necessária compreensão das dinâmicas que lhe são próprias, por um lado, e à necessária compreensão das espacialidades, por outro. Colombo (1998, p. 129) considera que os critérios de definição do noticiável “se hacen más evidente cuando hechos de inmediata emergencia y de orden público suceden en un lugar”.

Em perspectiva complementar, importante considerar a abrangência do “mundo diante de si” (Groth, 2011), porque diz respeito a propriedades espaciais dos fatos e processos deste tempo, como: surgimento de novos Estados-nação e formação de territorialidade; integração regional e alteração do papel econômico e político das regiões; globalização de mercados (Ianni, 1999); mundialização da cultura (Ortiz, 1994, 2005); revolução informacional (Castells, 1999); surgimento de novos atores, não governamentais (Soares, 2009); recrudescimento de conflitos étnicos, religiosos e territoriais (Bigo, 2004; Heidrich, 2008); terrorismo e revoltas urbanas; violência (Bigo, 2004); modificação das relações de “vizinhança” e de solidariedade (Bauman, 2003); diásporas (Hall, 2003; Said, 2004), para citar alguns.

Estes processos “não constituem situações isoladas”, conforme adverte Heidrich (2008, p. 77), porque “na esteira de cada um se desenrolam e se associam outros”. O século 20 foi pleno em exemplos de conflitos geopolíticos que não podem ser apartados da forma como foram e do que foi comunicado. Um dos motores da Primeira Guerra Mundial foi a tentativa de uma divisão de colônias, porque a Alemanha e a Itália haviam ficado de fora da primeira divisão.³⁰ No período do entre-guerras houve vários conflitos, como: Alemanha-Polônia, Polônia-URSS, Irlanda-Grã-Bretanha, Itália-Croácia, Polônia-Lituânia, Grécia-Turquia (genocídio armênio, 1915-1917), árabes-judeus na Palestina (até a atualidade). No pós-guerra ocorre um novo período de descolonização, com guerras de libertação (Vietnã,

³⁰ A expansão da Europa além-mar ocorreu com base nos Estados nacionais modernos, que se formaram desde o final da Idade Média, como Portugal, Espanha, França, Holanda e Inglaterra.

Argélia, Moçambique, Zimbábue, Namíbia) e conflitos Leste-Oeste. As fronteiras passam a ser questionadas em muitos lugares e se estabelecem cisões e unificações, como a unificação da Alemanha (1990), o desmanche da URSS (1991), a independência da Letônia, Estônia e Lituânia (1991), a divisão da Tchecoslováquia em República Tcheca e Eslováquia (1993), o desmanche da Iugoslávia a partir da independência da Eslovênia (1991) e da Guerra da Bósnia (1992-1995), conflitos na Ossétia do Sul (1989, 1990-1992, 2008), Somália (a partir de 1991), Geórgia (2008), Guerra do Golfo (1990-1991), devolução de Hong Kong à China pelo Reino Unido (1997) e de Macau por Portugal (1999), etc.

Os modernos conflitos pós-bipolaridade, no século 21, são marcados pela ruptura e pela reconfiguração de forças geoestratégicas, atores econômicos e culturais. Apesar da impossibilidade de enquadrar os acontecimentos do mundo pós-guerra fria pela divisão em dois blocos, simplificadora, Bigo (2004) chama a atenção para outra postura redutora: qualificar as transformações por um antes e um depois do muro de Berlim. Segundo o autor, “exagera-se” a “novidade” do perigo nuclear, do terrorismo, das drogas e revoltas diante da “estabilidade” da guerra fria.

Habitado antigamente a um grande medo bem tranquilizante, o espírito público não está muito preparado para o encadeamento das pequenas ameaças, minoradas como sendo periféricas.

O fim da diarquia EUA/URSS transporta-nos de um mundo onde o risco (programado) de guerra mundial derivava em conflitos regionais a um mundo de conflitos regionais podendo derivar em guerra mundial não programada (Debray, 1989, p. 40, apud Bigo, 2004, p. 306-307).

Colombo (1998) afirma que a queda do muro de Berlim teve consequências importantes sobre o Jornalismo, especialmente no tocante à distinção entre notícias nacionais e internacionais. Citando o prólogo de uma tese apresentada à Escola de Jornalismo da Columbia University, na qual se lia “las noticias nacionales son las que aparecen en las páginas nacionales del diario. Las noticias internacionales son las que aparecen en la ‘Sección Exterior’ del diario”, Colombo (1998, p. 12-13) aborda o caráter arbitrário desta divisão, uma vez que há acontecimentos que surgem num lugar e afetam a outro, como há outros que necessitam de um contexto amplo para serem compreendidos. Tal postura permite apresentá-los de maneira equilibrada, nem mais graves ou mais simples do que de fato são. A imigração, o tráfico de drogas e o crime organizado são exemplos de temáticas que afetam o local, mas que carecem de outras referências, internacionais geralmente, para serem explicadas.

Vázquez Medel (2004) faz um trocadilho ao ironizar que o pós-guerra fria foi o período das guerras mais “calientes”. Refere-se ao Afeganistão, Zaire, Oriente Médio, Argélia, a ex-Iugoslávia, aos Grandes Lagos (Ruanda, Burundi, Zaire e Uganda) e os designa

de nomes para uma “geografia do terror”. Nos anos pós-guerra fria se estabeleceram dois discursos recorrentes, o do fim dos conflitos e o da desordem. No primeiro, joga-se com “uma pacificação dos conflitos regionais” (Bigo, 2004, p. 8), com seu esgotamento diante da democracia, como verificou-se ao longo de 2011 nos noticiários sobre os conflitos na Praça Tahrir e na Líbia, entre outros. À pacificação se sobrepõe a prevenção dos conflitos em teses que “constituem a maneira como o debate é apresentado pelos homens políticos e pelos jornalistas” (Bigo, 2004, p. 7).

O discurso sobre a desordem e o caos, por outro lado, diz de “um universo anômico, inexplicável, irracional, povoado de indivíduos entregues a suas pulsões mortíferas primitivas” (Bigo, 2004, p. 10). Nele são alocados conflitos como o do Afeganistão, da Bósnia, da Argélia, da ex-Iugoslávia, da Libéria, etc. Em contraposição ao Norte ocidental e desenvolvido, referência à Europa e aos Estados Unidos, encontra-se um Sul selvagem. Giró (1999, 2004) identifica em estudo sobre a imprensa do Norte e os países do Sul tal posicionamento.

La particularidad de las tensiones, guerras, enfrentamientos, disputas de nuestro tiempo es que, en general, se dirimen entre Estados, a nivel internacional, o bien son problemas intraestatales que pueden tener su origen en diferencias étnicas, políticas, culturales o económicas. Las desigualdades que lastran nuestro mundo, expresadas con toda elocuencia en el enfrentamiento Norte-Sur, o las diferencias político-ideológicas que marcaron las relaciones Este-Oeste, ponen de manifiesto la persistencia de un orden mundial en el que la tensión y el conflicto están en permanente vigencia (López Trigal e Benito del Pozo, 1999, p. 65).

Outro elemento importante do discurso sobre o caos é a dificuldade em identificar o inimigo e precisar sua localização. Os grupos adversários, sem ancoragem territorial específica, não são um Estado ou grupo de Estados, tampouco uma guerrilha localizável em um perímetro, não respondem à negociação política, nem à militar, não têm território ou população para defender. Tais grupos perceberam nas práticas de violência sem objetivos militares, como desvio de aviões, reféns, etc., uma maneira de modificar relações de forças ao jogar com o simbólico e a deslocalização. Tal proposição instaura-se a partir do 11 de setembro de 2001, seguida da promessa de uma “guerra ao terror” para vencer o “eixo do mal”, proposta pelo presidente estadunidense George Bush (2001-2009). Sem poder localizar espacialmente o inimigo, tende-se a ler o mundo social – e todo acontecimento – como ameaça difusa. Como o inimigo não tem mais o sentido que tinha na guerra fria, porque não se liga a um território ou a nacionalismos (como o ETA e o IRA, por exemplo), mas volta-se contra sociedades modernas (EUA e o 11-S, Espanha e o 11 de março de 2004, Inglaterra e o 7 de julho de 2005) pelo que elas são, estados de direito e mobilidade, de imediato o diferente passa a inimigo.

A leitura em termos de caos é problemática para a opinião pública. A metáfora da *desordem* tende a desacreditar aquele que fala e explica: o homem político, o especialista, o jornalista. Também *o caos deve ser orientado*, deve-se reencontrar uma ordem subjacente sob aparência de desordem (Bigo, 2004, p. 12 [grifos no original]).

Propõe-se, assim, um “velho” novo mapa do mundo, velho porque mais uma vez assenta-se sobre dualidades, como o Ocidente *versus* o velho-novo inimigo, o Oriente. Por estes processos o caos pode ser geopolitizado, geoculturalizado, etnicizado ou transnacionalizado. Conformam-se, desse modo, discursos evasivos porque explicados por termos semânticos como narcoterrorismo, crime organizado, máfia, zona cinzenta, segurança interna, que pouco informam sobre as transformações dos conflitos ou mesmo sobre o “mundo diante de si”, uma vez que não dão conta de descrever objetivamente tais fenômenos. Do mesmo modo, não se abrem em direção a perspectivas outras, capazes de relativizar fundamentos teóricos clássicos, como soberania, território, fronteira, Estado, etnia, nós X eles.

A história dos conflitos armados do século 20 não pode ser entendida sem seus aspectos informativos. Por um lado, porque os conflitos se realizam também por intermédio dos meios de comunicação. É por meio deles que muitos acessam conflitos em lugares próximos ou distantes, especialmente aqueles que ocupam as capas dos jornais. Por outro, pela relação entre conflito e comunicação. E mais: pelas inovações tecnológicas que os meios “experimentam” durante os conflitos (Pizarroso Quintero, 2004; Waack, 1991).

Os conflitos desfrutam, segundo Giró (2004), de ingredientes comunicativos essenciais, quer pelo modo como aparecem ou pelas mudanças que comportam, quer pelas expectativas ou pelos temores que geram. “La mayor o menor atención que se les dedica, las valoraciones y tomas de posición que los medios expresan respecto a estos conflictos generan una opinión pública con una actitud determinada frente a ellos” (Pizarroso Quintero, 2004, p. 20). O Jornalismo se constitui, muitas vezes, como a única maneira de determinada audiência acessar conflitos ou situações de crise.

Conflito e informação se afetam mutuamente.³¹ Tal afirmação encaminha pelo menos duas perspectivas de análise: o cerceamento da liberdade de expressão e os atos violentos realizados em virtude de sua repercussão. Com efeito, ao limitar o acesso à informação pretende-se eliminar ou distorcer aspectos da realidade e cercear a pluralidade de opiniões. Os controles exógenos sobre a produção jornalística interferem na administração e na condução da cobertura de conflitos e esta acaba condicionada por filtros em diferentes momentos de produção.

Nas sociedades democráticas afirma-se que o acesso à informação emana do próprio sistema (Sousa, 2009). O Jornalismo é “el espacio público donde la vida política y social – sus temas, conflictos, procesos – son objeto de prácticas de esclarecimiento y racionalización a la vista de todos” (Vidal Beneyto, 1986, p. 23). Por outro lado, “si se dificulta la labor de los medios de comunicación social, se desmorona uno de los pilares básicos de la democracia (Gómez Antón, 1999, p. 26). Assim, na ausência de democracia ou no cerceamento de liberdades fundamentais, diante de crises ou conflitos, o Jornalismo é um meio de torná-los públicos (Raboy e Dagenais, 1992). Resende (2006) vincula a censura à condição de proferir verdades, um dos referentes do Jornalismo. Um importante ponto de reflexão diz respeito à interpretação do mundo como um todo pelo viés das sociedades democráticas e ocidentais. Tal debate se faz urgente em razão da “leitura” ocidentalizada do Oriente e de seus conflitos (também uma “leitura” a partir dos dogmas cristãos das sociedades e dos conflitos no mundo muçulmano).

Entre os atos violentos realizados mais como estratégia comunicativo-persuasiva do que com finalidades militares, o terrorismo é exemplar. Espada (2007, p. 51) alega que os terroristas concebem suas ações de forma a torná-las públicas. Na mesma direção Veres (2004, p. 1) esclarece que “el terrorismo siempre tiene la necesidad de que el resultado de sus acciones aparezca en la primera página del periódico, en la primera línea de la información,

³¹ Por um longo período o trabalho de correspondentes e enviados especiais esteve condicionado aos centros de imprensa, que ofereciam tecnologias de transmissão. Todavia, tornavam os jornalistas reféns da censura, embora esta fosse negada em alguns momentos. Gomes (1967, p. 73), correspondente na Guerra dos Seis Dias, relembra que a censura era negada pelo centro de imprensa no Cairo, Egito, enquanto em Tel Aviv, Israel, “uma das primeiras instruções [...] foi de que telegramas e *broadcastings* deveriam ser clara e abertamente submetidos a exame”. Silveira (2005) se deparou, como correspondente dos *Diários Associados*, com dois momentos de controle de informação durante a cobertura das operações da Força Expedicionária Brasileira na Segunda Guerra Mundial. O primeiro, na Europa, sob responsabilidade do exército; o segundo, no Brasil, realizado pelo Departamento de Imprensa e Propaganda do governo Vargas, que atuava nas redações de inúmeros periódicos. Quatro décadas mais tarde, sem a dependência direta de tecnologias para envio – uma vez que o jornalista poderia portar os meios que necessitava para gerar e enviar em tempo real texto, som e imagem –, os postos organizados para atender jornalistas se constituíram em um novo desafio. Waak (1991), que atuou como correspondente na Guerra do Golfo, explica que estes postos organizam *briefers*, um sistema restritivo, que proibiam os jornalistas de se dirigirem ao *front* ou a unidades militares sem autorização por escrito ou sem a presença de um guia.

en el primer plano de la agenda de un telediario”. Segundo Eco (1978, apud Alsina, 1991, p. 27), isso ocorre porque “el terrorismo es un fenómeno de nuestra época, de la época de los medios de comunicación de masas. Si no hubiera medios masivos, no se producirían estos actos destinados a ser noticia”.

As tecnologias de informação mantêm também relação com os conflitos bélicos³²: desde o emprego do cinema documental e da fotografia informativa na Primeira Guerra Mundial; do rádio na Guerra Civil Espanhola e na Segunda Guerra Mundial; da televisão na Guerra do Vietnã; das transmissões por satélite na Guerra do Golfo até a internet em Chiapas e Kosovo e as câmeras fotográficas digitais no Afeganistão (Guerra Gómez, 2005; Pizarroso Quintero, 2004; Waak, 1991; Sant’Anna, 2002). Ao conjunto inscreve-se, recentemente, o uso das redes sociais nos movimentos da Primavera Árabe, tanto pelos manifestantes, quanto para a cobertura jornalística (Coelho, 2011). Segundo Ortiz (2005, p. 39), os satélites, os computadores, as fibras óticas e as infovias são “determinantes causais no alargamento dos limites geográficos”, por um lado, e “possibilidade de comunicação plena”, por outro.

Nem o Jornalismo, nem o geopolítico conformam-se, contemporaneamente, alheios ao conjunto de práticas, posicionamentos e enunciados de um e outro. O conjunto encontra-se delineado dia após dia nos noticiários. Steinberger (2005) vai denominar essa movimentação de “geopolítica da mídia” ou “lógica social da mídia”. A apropriação, pela mídia, de acontecimentos e discursos geopolíticos resulta em uma produção do espaço geopolítico subsumida pela produção midiática (Steinberger, 2005). Por outro lado, no âmbito do internacional, da diplomacia e das relações geopolíticas, a gestão das notícias e da informação tem importância singular (Heidrich, 2008). A própria ordem geopolítica passa a se estabelecer com base em espaços comunicativo-discursivos³³.

Os discursos geopolíticos da mídia definem e segmentam públicos a partir do modo como se apresentam. E esse modo é também interdiscursivo – uma forma de apropriação dos discursos geopolíticos pelas instituições midiáticas e dos discursos midiáticos pelas instituições geopolíticas. A relação que um discurso mantém com outro faz parte de suas condições de produção (Steinberger, 2005, p. 271).

³² As tecnologias empregadas na cobertura são descritas em alguns “livros de repórter”, conceito proposto por Marocco (2010a e 2010b) ao estudar os livros de jornalistas, que contribuem para uma análise do Jornalismo ao formularem uma experiência à sombra das práticas jornalísticas, localizada além dos relatos dos jornais e às margens das teorias jornalísticas. Ao reunir um conjunto de livros sobre a cobertura de conflitos dos séculos 20 e 21 é possível identificar, inclusive, a evolução das tecnologias e o grau de autonomia dos jornalistas em relação a elas. Ver: Gomes, 1967; Barcellos, 1982; Bial e Castelo Branco, 1990; Waak, 1991; Sant’Anna, 2002.

³³ “Há uma nova modalidade de interação entre os campos sociais, particularmente, caracterizada pela tomada, como por empréstimo, por parte de outros campos, de regras do trabalho jornalístico, e que são apropriadas, como condições de produção para a geração dos novos processos de noticiabilidade. Ou seja, os dispositivos que preparam os sentidos não habitam apenas o campo jornalístico, mas se estruturam como efeito de operações discursivas, mentais e culturais, conforme outros campos, colocando-se como ‘pontos de contatos’ para a construção de estratégias de reconhecimentos” (Fausto Neto, 2007a, p. 79-80).

1.2.1 Dos primórdios a uma nova ordem da informação

Descrever regiões “desconhecidas” ou “recém descobertas” moveu “exploradores, geógrafos, cartógrafos, colonizadores, viajeros, aventureros, guerreros y reporteros” por mais de cinco séculos (Smith, 1984, p. 17). De uma maneira ou outra, a exploração de novos territórios esteve associada à busca por informações, como forma de minimizar “una inquietante incertidumbre acerca de la naturaleza del mundo” (p. 19). Segundo Rey Morató (1988, p. 26), entre o século 15 e a metade do século 20 o homem europeu, especialmente, experimentou por meio das grandes navegações e nas colônias na América, África e Ásia uma ampliação do horizonte geográfico. “Se dilataba el escenario de la historia, a la que se incorporaban ‘los otros’ – los pueblos conquistados por la técnica, la cultura y los ejércitos europeos” (Rey Morató, 1988, p. 26).

Os primórdios de uma geopolítica da informação podem ser atribuídos aos mapas do período das grandes navegações, uma vez que estes precisavam conter as rotas e descrever povos e territórios inexplorados. Nas palavras de Smith (1984), mais que novas peças de território, os exploradores tinham de incorporar informações ao mapa do mundo à medida que confirmavam limites ou estabeleciam novas fronteiras. Para tanto, valiam-se do familiar, eurocêntrico, mesclando-o ao desconhecido.

Cada nova viagem exploratória consistia também em uma busca por informação e essas novas informações, necessariamente, eram anexadas ao mapa do mundo, que reunia percursos realizados ou a realizar e figuras “narrativas”, como animais e personagens de todo tipo. Dentre estas, elementos fantasmagóricos, como “continentes fantasmas y pueblos aparecidos como se habían reído de ellos” (Smith, 1984, p. 18). Segundo Certeau (1994, p. 205), durante o nascimento do discurso científico moderno, entre os séculos 15 e 17, o mapa assume a forma geográfica atual, separando-se paulatinamente dos itinerários, “que constituíam sua condição de possibilidade”.

Depois das descobertas, os conflitos político-militares tornaram-se, segundo Los Monteros (1998), os condutores temáticos do Jornalismo. O Jornalismo se fez presente desde a guerra da Crimeia (1853-1856); passando pelas coloniais e civis, como a de Cipayos (Índia, 1857-1858) e a da Secessão (EUA, 1861-1865); pelas duas grandes guerras; a Guerra Civil espanhola (1936-1939); os conflitos oriundos na bipolaridade da guerra fria, como a Revolução Cubana (1953-1959), Coreia (1950-1953) e Vietnã (1959-1975); os conflitos regionais, como a revolução sandinista (1979), as ditaduras militares sul-americanas e também

a do Camboja; as guerras de descolonização na África – Quênia, Congo, Uganda, etc –; as guerras de baixa intensidade, como a das Malvinas (Argentina-Reino Unido, 1982) e do Panamá (1989); as modernas guerras já em um mundo unipolar, como a do Golfo (1990-1991), a invasão do Iraque (2003-2011) e a do Afeganistão (2001-atual); os conflitos longos e não concluídos no Leste Europeu – Bósnia, Kosovo, Chechênia, Albânia, etc. – e na África – Angola, Serra Leoa, etc.

O viajante-explorador, cronista dos primeiros tempos, deu lugar ao viajante-militar para finalmente chegar, segundo Guerra Gómez (2005), ao jornalista que hoje se reconhece como tal. Quesada Pérez (1998) atribui aos complexos acontecimentos da Primeira Guerra Mundial a responsabilidade pelo colapso do Jornalismo ideológico³⁴ e o nascimento do informativo, da narração dos fatos, da reportagem como gênero jornalístico, da “notícia desnuda”, do “acontecimiento em sí mismo”. Da mesma forma, a especialização no Jornalismo surge, segundo Quesada Pérez (1998, p. 31), durante a Segunda Guerra Mundial:

Era necesario ahora tratar de profundizar en el tremendo caos informativo que generaron estos acontecimientos bélicos de manera que fuese posible facilitar la comprensión de los mismos a base de interrelacionar todas las noticias que se producían a diario. De alguna manera, pues, el periodismo especializado surgió para acercar a las audiencias el conocimiento real de los acontecimientos.

Foram as agências de notícias, porém, as grandes responsáveis por estabelecer certa divisão do mundo, primeiro pelo cartel conformado pelas alemãs *Reuters* e *Wolff* e pela francesa *Havas*, depois pela inserção das estadunidenses AP e UPI, mais tarde como herdeiras de um discurso bipolar e, ainda, por uma reorganização unipolar. Ao optarem por acessar determinados lugares do mundo e não outros acabaram, por trazer à visibilidade uma parcela do globo que, por sua vez, acabava fracionada novamente pela inclusão ou exclusão de discursos. Segundo Steinberger (2005), tal procedimento justifica-se por meio de modelos de acesso. Do ponto de vista geopolítico, segundo a autora, alguns países têm acesso preferencial, pela importância de que desfrutam ou pelo fluxo de notícia que geram. “Pode-se dizer, portanto, que a organização do acesso ao espaço público internacional é regulada, em princípio, por uma ordem geopolítica que hierarquiza países e regiões de acordo com sua posição na correlação internacional de forças e com sua proximidade *vis-à-vis* a potências hegemônicas” (Steinberger, 2005, p. 170 [grifo no original]).

³⁴ A expressão Jornalismo ideológico é empregada por Quesada Pérez (1998, p. 24) para se referir a um Jornalismo “moralizante, doutrinarío y moralista [...], donde la información que solía ofrecerse sobre acontecimientos de actualidad era escasa”.

Nesse sentido, para cobrir a geografia dos fatos noticiáveis, o Jornalismo constitui um mapa que articula a compreensão do mundo, nem sempre equilibrado, e acaba por estabelecer uma geopolítica simbólica.

O desequilíbrio em matéria de informação, porém, não é recente. Na década de 70 do século 20, de um direito à informação se passou a reivindicar um direito frente ou contra a informação. A mudança originou-se da percepção de que uma imprensa de propriedade estrangeira, com informações controladas desde o exterior, confirmava um estado de dependência e não de modernização, como se pensava duas décadas antes (Smith, 1984). Paralelamente a uma reivindicação por uma nova ordem econômica internacional, encabeçada por países do Movimento dos Países Não-Alinhados, em 1973 se iniciou uma luta por uma nova ordem mundial da informação e comunicação, a partir do debate sobre o etnocentrismo unidirecional, Norte-Sul ou dos países ricos aos subdesenvolvidos, para empregar a terminologia da época, no fluxo das informações.

A Nova Ordem Econômica Internacional tornou-se uma expressão ressonante e o Terceiro Mundo de então começou a pressionar contra o domínio cultural e o fluxo de notícias. “Se sostuvo que la desilusión de los intelectuales y los medios de información occidentales ante el Tercer Mundo era resultado de los acumulados errores de interpretación, en esos mismos medios, de los problemas de las economías subdesarrolladas” (Smith, 1984, p. 27-28).

O deslocamento do debate de uma “ordem econômica” para uma “ordem informativa” por si só era revelador de que os sistemas de informação conformados a partir das agências de notícias constituíam, a exemplo dos sistemas político-econômicos das sociedades mais ricas, fontes de dependência, logo, um legado do passado colonial; e que as imagens que os povos tinham uns dos outros eram parcialmente determinadas por estes fluxos internacionais de informação (Bailey, 1989; Smith, 1984).

Tal proposição surgiu em 1972, na Argélia, durante reunião de chefes de Estado dos países não alinhados, e foi retomada durante encontro dos ministros da Comunicação destes mesmos países, três anos tarde, em Nova Délhi. Nos dois momentos foi proposto o intercâmbio de informações entre os meios de comunicação destes países como forma de abandonar a dependência; fazer circular, por suas próprias interpretações, os problemas e os avanços de cada sociedade; e, ainda, restaurar a credibilidade política entre os setores do mundo, utilizando-se da informação como ferramenta para o desenvolvimento econômico. Em âmbito regional, significava imprimir ainda uma marca comum, uma mesma “língua”.

Los dos “órdenes” nuevos, informativo y económico, pueden considerarse como expresiones de esta búsqueda de *influencia* al crear nuevos términos para el orden social interno, que a su vez puede convertir el concepto de desarrollo en una realidad viable. También el uso del término "orden" ayuda a crear un simbolismo internacional, un lenguaje colectivo de privación racionalizada en metas, que sólo pueden alcanzarse dentro del marco de los intercambios y las instituciones internacionales (Smith, 1984, p. 29).

Segundo Smith (1984), o apelo foi ouvido pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco), que promoveu a Primeira Reunião Internacional de Especialistas em Políticas Nacionais de Comunicação, na Colômbia, em 1974, e a Primeira Conferência Intergovernamental sobre o tema, na Costa Rica, em 1976. Enquanto a primeira apontou para a necessidade de normatizações no setor, a segunda aprovou recomendações para a democratização da comunicação. Nos dois momentos as proposições foram contestadas pelas associações de proprietários de meios de comunicação, como a Sociedade Interamericana de Imprensa (SIP, conforme a sigla em espanhol).

Um ano mais tarde a Unesco criou a Comissão Internacional para Estudo dos Problemas da Comunicação, sob coordenação do irlandês Sean MacBride, e mais representantes de 15 outros países, entre ativistas e gestores de mídia, jornalistas e acadêmicos, entre eles dois latino-americanos, o colombiano Gabriel García Márquez e o chileno Juan Somavía. A partir do debate gerado na Comissão produziu-se o Relatório McBride, sob o título *Um mundo e muitas vozes: comunicação e informação na nossa época*, publicado em 1980 pela Unesco. O documento reconhece a existência de desequilíbrio no fluxo mundial de informação e propõe mudanças e estratégias para redistribuir e equilibrar os fluxos de informação entre países.

1.2.2 Geopolítica da informação latino-americana

Questões como dependência, hegemonia, resistência já apareciam na América Latina entre pesquisadores do campo da Comunicação nos anos 60 do século 20, em meio a um panorama político de governos ditatoriais apoiados pelos Estados Unidos. Estudo do Ciespal,³⁵ realizado em 1962 e publicado em 1967, com base no perfil morfológico e de conteúdo das notícias internacionais publicadas ao longo de duas semanas por 28 jornais de 19 países latino-americanos, visava a diagnosticar a partir do tratamento dos acontecimentos de maior importância quais eram as imagens dos diferentes países projetadas pela imprensa

³⁵ “O Ciespal foi fundado em 9 de outubro de 1959 na cidade de Quito, Equador. Tratou-se de uma iniciativa do governo equatoriano, da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura – Unesco – e da Organización de los Estados Americanos – OEA – para brigar as necessidades de criar centros destinados a desenvolver atividades de ensino, privilegiando a formação de profissionais para atuar nas indústrias culturais da região, principalmente na área de Jornalismo” (Gobbi, 2004, p. 19-20).

latino-americana, se era identificável uma hegemonia estadunidense e, ainda, o grau de dependência das agências noticiosas. Verificou-se a reduzida cobertura de temas e acontecimentos relacionados aos países vizinhos, o não aprofundamento das informações e a dependência dos despachos das agências de notícia.

Este estudo indicou que a UPI desfrutava de posição hegemônica na América Latina, com 49,5% do total das publicações de agências, medidas em centímetros quadrados. A ela se seguiam a AP (29,8%), a *France Presse* (13,4) e a Ansa (1,6). A *Reuters* não aparece no estudo. Em 1966, na medição realizada na Universidad de Venezuela, a AP apareceu em primeiro lugar (40,8%), seguida da UPI, *Reuters*, *France Presse* e Ansa, as três últimas com percentagens ínfimas. Em 1980 a Universidad Central de Caracas realiza estudo semelhante, no qual passa a aparecer a presença da espanhola EFE, que tardiamente ingressou na América Latina. Por este estudo, a AP segue em primeiro lugar, sucedida pela UPI, EFE, *France Presse*, Ansa, DPA e *Reuters*. Estes estudos são recuperados por Castro Savoie (1995).

Um segundo estudo, realizado em 1975 com 16 jornais latino-americanos, de 14 países, que visava a verificar quantitativamente a presença de agências de notícias e avaliar qualitativamente as informações, evidenciou que não houve mudanças significativas em relação a estudos como o do Ciespal, realizado na década anterior. Reyes Matta (1980b) indica pelo estudo *Encadeamento informativo da América Latina* uma maior diversidade de fontes a partir da incorporação de jornais de referência ou do investimento em uma rede própria de correspondentes. O estudo foi realizado em meio aos debates da Nomic no continente.

Outro estudo de Reyes Matta, de 1989, afirma que a AP mantém-se no primeiro posto, posição assumida pela EFE em estudo realizado no âmbito do Instituto Latinoamericano de Estudios Transnacionales (Ilet) três anos mais tarde. Mais uma pesquisa de Reyes Matta, em 1993, com 21 jornais latino-americanos, revela que a EFE permanece em primeiro lugar, seguida pela AP, *Reuters* (agora com valores mais expressivos), AFP, Ansa, UPI e DPA.

Importante destacar, ainda, as discussões propostas pelos pesquisadores do Ilet, que resultaram na publicação *A informação na nova ordem internacional*, dedicada à temática do fluxo informativo nos países não alinhados, especialmente latino-americanos, e reforça a dependência de agências transnacionais de notícias. A aposta era por “outra notícia” que resultaria de novos processos de produção de informação “liberada e libertadora” nos países que conformavam a periferia do mundo. “Liberada das dependências existentes. Libertadora dos vícios impostos pelo modelo dominante que, pela via da informação, transcendem a todo o âmbito sócio-cultural dos países periféricos” (in: Reyes Matta, 1980a, p. 28).

O debate acerca da dependência dos meios de comunicação dos países latino-americanos das agências de notícias europeias e estadunidenses e do conseqüente domínio destas na recolha e na interpretação dos acontecimentos do mundo não se encerra com as discussões produzidas nos anos 70. De algum modo tais proposições acabam por marcar estudos posteriores que relacionam a produção jornalística latino-americana à geopolítica da informação prisioneira das agências de notícias e de sua dispersão pelos territórios. Dentre estes estudos, optei por analisar seis textos acadêmicos brasileiros produzidos entre 1980 e 2005 que de alguma forma trabalham questões próximas a essa ambiência que conforma meu objeto de estudo, ou seja, jornais latino-americanos, acontecimentos internacionais e questões de ordem geopolítica.

O período temporal 1980-2005 é marcado pela publicação, em 1980, do *Relatório McBride*, da Comissão Internacional para Estudo dos Problemas da Comunicação, mencionado anteriormente; pelo fim da guerra fria (1945-1991), a partir da queda do muro de Berlim e do regime soviético; pela consolidação da doutrina neoliberal consolidada por meio do Consenso de Washington (Petry, 2008) e pelo “anúncio de uma nova ordem internacional pelo presidente George Bush” (Steinberger, 2005, p. 122), em 1991;³⁶ ainda, pela eleição de vários presidentes apoiados por movimentos sociais e populares na América Latina,³⁷ a partir de 2002 e finalmente pela não assinatura do acordo da Área de Livre Comércio das Américas (Alca), em 2005.

1.2.2.1 Os anos 80 e o Relatório McBride

O objetivo de verificar se o controle exercido pelas grandes agências internacionais de notícias se constituía numa forma de dominação, de favorecimento de alguns países em detrimento de outros, moveu Martha Alves D'Azevedo na dissertação *O controle externo da*

³⁶ “No plano histórico, a Queda do Muro [de Berlim] marcou uma vitória do capitalismo sobre o socialismo real e acabou teoricamente com a Guerra fria, inaugurando uma nova ordem internacional. Rompeu-se com a bipolaridade Estados Unidos-URSS, abrindo espaço para um modelo multipolar de Relações Internacionais (hegemonia de Estados Unidos, Japão e Europa Ocidental) ou para um modelo ‘unipolar’, liderado pela nação norte-americana” (Steinberger, 2005, p. 239).

³⁷ Segundo Petry (2008, p. 2), entre os anos de 2005 e 2007 as eleições presidenciais em países latino-americanos desenharam o seguinte cenário: “Uruguai – Tabaré Vázquez (socialista), afastando as oligarquias de colorados e blancos, que estavam há 174 anos no poder; Haiti – René Préval [...]; Colômbia – Álvaro Uribe se reelege em primeiro turno; Chile – Michelle Bachelet Jeria (socialista), da Concertación, o terceiro governo socialista após a ditadura de Pinochet; Costa Rica – Oscar Arias, ex-presidente (1986-1990) e Prêmio Nobel da Paz de 1987; Peru – Alan Garcia, ex-presidente (1985-1990); Bolívia – Juan Evo Morales (Movimento ao Socialismo - MAS), do povo indígena aymara; México – Felipe Calderón [...]; Nicarágua – Daniel Ortega, ex-presidente da revolução nicaraguense; Equador – Rafael Correa, do Partido Socialista; Venezuela – Hugo Chávez, reeleito em primeiro turno; Brasil – Luiz Inácio Lula da Silva, reeleito em segundo turno; Guatemala – Álvaro Cólón Caballeros, da Unidad Nacional de la Esperanza – eleito em segundo turno”.

informação como forma de dominação (UFRGS, 1980). A pesquisadora optou por desenvolver uma pesquisa quantitativa, por meio de análise morfológica (centímetro-coluna, procedência, etc.), para verificar o volume de notícias do exterior veiculadas em três jornais diários brasileiros, *Correio do Povo*, *Jornal do Brasil* e *O Estado de S. Paulo*. Também realizou uma análise de conteúdo, a partir da construção de uma escala de favorabilidade, para definir o teor destas notícias (positivo ou negativo). A metodologia seguiu a orientação dos trabalhos do Ciespal.

D'Azevedo (1980) elegeu o ano de 1976 como recorte temporal para a investigação devido a três acontecimentos: a Conferência da Costa Rica promovida pela Unesco para estudar o controle da informação no mundo; as eleições para a Presidência dos Estados Unidos e as eleições municipais no Brasil. A amostra considerou quatro semanas: a da Conferência da Unesco (de 13 a 18 de julho de 1976); a semana anterior às eleições presidenciais estadunidenses (de 26 a 31 de outubro); a semana anterior às eleições no Brasil (de 9 a 14 de novembro), além de uma semana aleatória, sem acontecimentos extraordinários, em dezembro do mesmo ano (de 14 a 19 de dezembro). Destes períodos, analisou apenas as edições que circularam as terças e quintas-feiras e aos domingos. Para a análise quantitativa, a autora identificou cada país referido pelas notícias internacionais, quantificou o espaço destinado a eles (em centímetro-coluna) e comparou os resultados. Na análise de conteúdo delimitou como variáveis a origem da informação (de agências, de órgãos ou veículos de comunicação do exterior ou de correspondentes) e a forma de leitura do exemplar do jornal; definiu as categorias economia, cultura, política, tecnologia e ordem social e física, desdobradas em subcategorias, e construiu uma escala de favorabilidade para a análise.

Também sob orientação dos estudos descritivos do Ciespal, Cleni Dombroski Leal desenvolveu o estudo *A notícia que não é nossa – uma análise do noticiário internacional da imprensa gaúcha* (UFRGS, 1984), no qual investigou a cobertura internacional na imprensa gaúcha realizada pelos jornais *Correio do Povo*, *Zero Hora* e *Folha da Tarde*. A pesquisadora justificou a escolha por três motivações editoriais, todas no ano de 1982: a Guerra das Malvinas, na Argentina, episódio de interesse da imprensa gaúcha pela localização geopolítica do Rio Grande do Sul, que resultou pela primeira vez por parte dos jornais gaúchos estudados no investimento em enviados especiais e correspondentes; a crise polonesa, desencadeada pela lei marcial de dezembro de 1981, e a invasão do Líbano por forças apoiadas pelos Estados Unidos e por Israel. Além da motivação em termos editoriais, havia outra, profissional: a pesquisadora exercia o cargo de redatora da editoria de Internacional da *Folha da Tarde*.

O trabalho é marcado por duas perspectivas vigentes à época, uma teórica, outra metodológica. A primeira considera a dominação das agências transnacionais e o enfoque ideológico que perpassa estas informações, como revelam os textos tomados aqui como preliminares ao mapeamento realizado: o Relatório McBride e o livro *A informação na nova ordem internacional*³⁸. Como no trabalho anterior, a metodologia orientou-se pelas proposições do Ciespal, compreendendo a análise morfológica e de conteúdo, ambas descritivas. Com estas escolhas, Leal (1984) desenvolveu uma análise comparativa do noticiário internacional nos três jornais investigados.

As pesquisas de D'Azevedo (1980) e Leal (1984), em suas construções e análises, trazem entendimentos sobre o Jornalismo internacional e a América Latina que aparecem em trabalhos anteriores e contemporâneos do Ciespal, da Nomic e da Comissão Internacional para Estudo dos Problemas da Comunicação. Esses entendimentos repetem-se nas décadas seguintes nos demais trabalhos aqui analisados, quais sejam: a origem das informações localiza-se nas agências transnacionais, logo, a fonte é a mesma para todos os veículos e é externa; são as agências que decidem o que é notícia, o que se deve ou não saber, e quando a América Latina é “noticiável”. Afinal, as notícias sobre os “vizinhos latino-americanos não nos chegam, diretamente, através de uma agência latino-americana, mas fluem através de um filtro estrangeiro que nos libera apenas aquilo que convém” (Leal, 1984, p. 66). Neste sentido, Steinberger (2005) identifica as agências como as principais fontes de configuração dos acontecimentos, responsáveis pela discursivização do internacional a partir de fora e sob orientações também externas.

Os trabalhos analisados, por outro lado, destacam o negativismo com que são tratados pelas agências os acontecimentos na América Latina. Na avaliação de Leal (1984) as notícias sobre os movimentos por autonomia e libertação nacional apresentavam enfoque negativo, assim como aquelas sobre guerrilhas, terrorismo e guerras civis. No entendimento desta autora, tal enquadramento “leva-nos a acreditar que os conflitos e as crises, principalmente nos países de Terceiro Mundo, sempre serão nomeados pelas agências transnacionais [...] como indicadores de risco e de desestabilização para o contexto das nações” (p. 144).

O esforço empreendido por Leal (p. 54) norteia-se por questões como: “Por que tal situação se sustenta de maneira tão sólida?” e “Por que [...] essa situação aparece como natural e aceitável?” A resposta ancora-se no conceito de ideologia, mais precisamente no controle ideológico que os países do centro exercem sobre os periféricos, via agências.

³⁸ O livro se dedica tangencialmente à temática do fluxo informativo nos países não alinhados e reforça a dependência de agências transnacionais de notícias.

Se considerarmos que as relações entre os países, sejam elas diplomáticas, comerciais ou políticas, são feitas, sobretudo, através de seus sistemas de comunicação, os quais estão intimamente ligados com o sistema transnacional de poder, veremos que tais relações não se processam em nível de igualdade; são antes relações de poder onde os mais fortes impõem aos mais fracos seus interesses, desde os econômicos até os ideológicos, de uma maneira sorrateira, porém competente (Leal, 1984, p. 56).

1.2.2.2 Os anos 90 e o fim da guerra fria

O exterior e o jornal – um estudo sobre o ritual da notícia internacional (PUC-SP, 1992), dissertação de Fátima de Azevedo Francisco, toma como perspectiva teórico-metodológica autores como Harry Pross, Iuri Lotman e Ivan Bystrina, da semiótica da cultura, ao lado de Mircea Eliade, para um trabalho que discute mito e ritual no Jornalismo internacional.

O estudo configurou-se a partir de uma motivação profissional, ou seja, a experiência na editoria de Internacional de um jornal impresso. A investigação, por sua vez, recaiu sobre outro periódico, a *Folha de S. Paulo* e suas páginas da editoria de Exterior. Francisco (1992) pré-selecionou 300 páginas desta editoria no período de 1988 a 1991, e destas 12 compõem a dissertação. Também realizou entrevistas com os jornalistas Carlos Eduardo Lins da Silva, relator do Projeto Folha, e José Arbex Júnior, à época editor de Exterior do jornal. O texto do *Projeto Folha* também serviu de referência para suas análises.

O poder ideológico, uma vez mais, baliza a análise do Jornalismo internacional. Também para Francisco (1992, p. 45) as agências agem “em favor de determinados preceitos ideológicos”. Steinberger (2005, p. 72) alerta que “todo o discurso é ideológico” e que, portanto, esta não é uma característica exclusiva dos despachos de agências transnacionais que servem à construção do Jornalismo internacional.

À discussão acerca do Jornalismo internacional Francisco (1992) agregou mais um elemento, a mitificação na imprensa, por uma abordagem teórica que entrelaça mito, ritual e Jornalismo. Com base na investigação da editoria de Exterior da *Folha de S. Paulo*, afirma que a tarefa de um redator de internacional resume-se à tradução e ao estabelecimento de uma narrativa permeada pela mitificação que o assunto envolve. Para esta autora (1992, p. 12), os mitos e ritos “garantem simbolicamente estabilidade na relação do homem com o mundo exterior”. O Jornalismo, por sua mediação entre fato e discurso, é mitificador. Ao tratar especificamente do Jornalismo internacional, a pesquisadora relaciona-o aos contos de fada, “que de tanto serem contados e recontados, acabaram perdendo seu caráter original” (p. 39). Por essa tentativa de aproximação faz alusão aos mecanismos de filtragem da informação,

primeiro nas agências transnacionais, depois pelos jornais e jornalistas que recebem os despachos. Segundo a autora,

[...] a notícia internacional chega aos leitores recoberta por uma camada espessa de significações, aderidas a cada etapa da divulgação factual. Contada, recontada, selecionada e publicada, torna-se assim como um conto de fadas, porque vai ficando cada vez mais distante, difícil de se ver e de se imaginar. Acaba virando um mito, uma narração, um conto de fadas (p. 41).

1.2.2.3 Os anos 2000 e os governos alinhados aos movimentos sociais

Francisco Sant'Anna analisou o processo de construção da notícia sobre a América Latina em jornais impressos em *Papel da mídia impressa brasileira no processo de integração latino-americana* (FAC-UNB, 2001). O estudo do comportamento da mídia em relação à América Latina é motivado, segundo Sant'Anna, pela exclusão nos jornais brasileiros do blecaute na província de Buenos Aires, Argentina, em 1999, por uma escolha editorial que privilegiou a crise do Kosovo e a candidatura de Hillary Clinton ao Senado dos Estados Unidos. O estudo parte dos questionamentos: “Que motivos levam a imprensa brasileira a adotar o tratamento editorial que dispensa os fatos latino-americanos?”; “Que fatores contribuem para o tratamento editorial concedido e de que forma ele se verifica?” e “O comportamento editorial da imprensa brasileira contribui para a criação de forma positiva de uma identidade latino-americana?” (Sant'Anna, 2001, p. 5).

A metodologia adotada pelo autor – análise documental, pesquisa de campo e questionário – permitiu movimentos complementares. Sant'Anna (2001) realizou a análise documental de três pesquisas. A primeira do Departamento de Ciência Política da Universidade de Brasília, que identifica o perfil de temas e a relação dos países latino-americanos mais comumente abordados pelas agências transnacionais. A segunda, em que busca identificar a viabilidade técnica do uso dos portais *online* dos principais jornais latino-americanos, enquanto elemento de aproximação, localização de fontes e obtenção de informações sobre os países latino-americanos. A terceira aborda a cobertura jornalística das eleições gerais na Venezuela e a votação de nova Constituição, em 2000, e busca identificar nos jornais impressos brasileiros os fornecedores das informações e as ideias centrais apresentadas. O autor desenvolveu também duas pesquisas de campo. Uma, por ocasião de um seminário de formação sindical para jornalistas na Venezuela, quando aplicou questionário a jornalistas latino-americanos de diversos países visando a identificar o grau de absorção por estes profissionais dos conceitos e valores massificados pelas agências de notícias. A segunda foi desenvolvida com a participação de alunos da Graduação da

Universidade de Brasília, com o objetivo de identificar o volume e o perfil do noticiário latino-americano enviado pelas agências aos dois principais jornais diários de Brasília, o *Correio Braziliense* e o *Jornal de Brasília*. Em vários momentos o estudo ancora-se na teoria do Efeito Circular Circulante, de Bourdieu (1997).

A dissertação *A solidão da América Latina na grande imprensa brasileira* (PUC-SP, 2005), de Alexandre Barbosa, investe em uma contextualização ampla acerca da América Latina a partir da divisão em duas Américas, a oficial, da grande imprensa, e a popular, dos movimentos sociais e da imprensa alternativa, conforme proposta do pesquisador. Barbosa apresenta dois eixos de análise: o ambiente histórico-social – América Latina oficial versus América Latina popular; grande imprensa versus imprensa alternativa – e o ambiente jornalístico – o mundo do Jornalismo, as relações de trabalho, o mito da imparcialidade, agências e formação acadêmica –, a partir dos quais investiga os fatores que contribuem para formar o quadro de solidão da América Latina no Jornalismo brasileiro.

A investigação assenta-se no que o autor (p. 22) define como negativo, porque “não há um objeto de pesquisa, mas a ausência dele”, uma vez que as palavras sobre a América Latina desaparecem, segundo o pesquisador, das páginas da grande imprensa. A partir daí desenha um movimento teórico denso de entrelaçamento de questões das Ciências Sociais e Políticas à Comunicação que circunscreve a América Latina. Tal feito não se repete sob a perspectiva empírica, “restrita à prova física”, na avaliação de Barbosa (2005, p. 37). Assim, veículos da América Latina oficial (*Veja*, *Revista Folha*, *Playboy* e *Cláudia*) e da América Latina popular (*Caros Amigos*, *Agência Carta Maior*, *Jornal Sem Terra* e *Brasil de Fato*) aparecem e desaparecem do texto, como exemplos às proposições teóricas construídas pelo pesquisador. Com base em pautas sobre a América Latina apresentadas pela *Agência Latino-Americana de Informação* (Alai), realiza um movimento teórico-metodológico profícuo à pesquisa ao entrevistar alguns jornalistas responsáveis pela cobertura internacional e editores de veículos de comunicação paulistas e solicitar-lhes que indiquem “se as publicariam, com maior ou menor destaque, se seriam subsídio para um programa, ou caderno especial, ou se não interessavam ao público” (Barbosa, 2005, p. 73).

Na tese *Discursos geopolíticos da mídia – Jornalismo e imaginário internacional na América Latina* (ECA-USP, 2003),³⁹ Margarethe Born Steinberger reúne ferramentas conceituais, teóricas e epistemológicas para investigar como os discursos jornalísticos intervêm na formação do imaginário internacional da América Latina. Opta por uma pesquisa

³⁹ Utilizo o livro de mesmo título, publicado com base na tese (2005).

teórica sobre o papel da mídia na formação de imaginários geopolíticos, em que toma a análise de discurso como instrumento epistemológico, em um movimento de recolocar os discursos como objeto de conhecimento, a partir de autores como Foucault, Pêcheux, Peirce e Verón. Desta maneira, embora analise as dez primeiras páginas da *Folha de S. Paulo* e de *O Estado de S. Paulo* no dia posterior ao 11 de setembro de 2001, não desenvolve uma investigação empírica no sentido de buscar “marcas do discurso jornalístico na expressão social latino-americana” (Steinberger, 2005, p. 237).

Sant'Anna (2001) retoma a ideia de negativismo presente em D'Azevedo (1980) e Leal (1984) ao analisar uma América Latina marginalizada pela grande imprensa mundial – e também pelos jornais brasileiros de referência – e chama a atenção para um discurso marcado pelo grotesco, em que se privilegia o negativo ou o exótico. Ao retomar a investigação de Rossi (1998)⁴⁰ acerca da cobertura internacional sobre a América Latina no *Correio Braziliense*, *Jornal do Brasil* e na *Folha de S. Paulo*, Sant'Anna (2001, p. 57) afirma:

[...] o imaginário do brasileiro leitor de um desses três jornais é fortemente abastecido por um volume de notícias negativas três vezes e meio maior (250 por cento a mais) do que as que trazem um conteúdo positivo. Essas informações associam os países vizinhos a narcotráfico, ditadura, terrorismo, corrupção, escândalos, violência, situação social, instabilidade política e econômica, dentre outros. O lado positivo é reforçado com notícias sobre arte, educação, ciência e tecnologia, organizações internacionais de Estado (OEA, Pacto Andino, Mercosul, Nafta, Cepal, etc.), [...] em dose significativamente menor.

A divisão em duas Américas, a oficial ligada à grande imprensa e a popular, dos movimentos sociais e da imprensa alternativa, é basilar para as construções teórico-analíticas desenvolvidas por Barbosa (2005). De antemão o pesquisador identifica uma disparidade entre o que figura no oficial e no popular, além do fato de que, para ele, a grande imprensa especializou-se em estigmatizar a imagem dos movimentos sociais e dos meios de comunicação alternativos, reforçando a existência de “outra” América.

A América Latina Oficial olha para a América Latina Popular com um olhar diferente [...]. A América Latina Popular é considerada a periferia, o sul, o subalterno, o campo, a serra, o mestiço, a preguiça, a “siesta” e a “fiesta”, a rusticidade gaúcha, o caudilhismo, a violência, a barbárie [...].

Essa divisão entre as Américas Latinas dentro da complexa América Latina é um dos principais fatores para explicar a ausência de notícias ou a generalização e banalização das informações. O que está ausente no noticiário é a América Latina Popular (proletária, camponesa, indígena, negra, mestiça) [...].

A América Latina Popular é a periferia e como tal só entra no noticiário quando reforça essa condição (p. 69-70).

⁴⁰ Trata-se de estudo da cobertura internacional sobre a América Latina nos jornais *Correio Braziliense*, *Jornal do Brasil* e *Folha de S. Paulo* em que foram selecionadas 300 edições de cada um deles e, posteriormente, identificadas quaisquer referências à América Latina. Ao todo foram identificadas 12.773 notícias nos três jornais, sendo 4.989 no *Correio Braziliense*, 3.228 na *Folha de S. Paulo* e 4.556 no *Jornal do Brasil*. Os países com maior destaque foram Argentina, México, Cuba, Colômbia e Peru.

Por esta perspectiva, Barbosa (2005) elabora na sua dissertação o entendimento sobre a solidão latino-americana, como denomina seu estudo, e busca identificar os fatores que resultam no pouco espaço, quantitativo e qualitativo, destinado à América Latina no noticiário da grande imprensa.

À ideologia Sant'Anna (2001) acrescenta a discussão dos conceitos de identidade e imaginário, o que denomina de três “Is”. Faz isso ao questionar-se: “A imprensa, enquanto canal de valores sócio, políticos e culturais, terá influência sobre a formatação desses três ‘Is’?” (p. 19). Nota-se que mais uma vez é discutida a presença de uma ideologia da classe dominante e da grande mídia na construção do Jornalismo internacional latino-americano, como nos trabalhos de Leal (1984), Francisco (1992) e Barbosa (2005); na abordagem de Sant'Anna (2001), entretanto, o peso maior é atribuído ao imaginário e a sua elaboração pela mídia. Essa abordagem considera que uma mídia alimenta-se de outra sucessiva e continuamente e, assim, todas falam da mesma coisa, um “jogo de espelhos”, pressuposto balizado pela teoria do Efeito Circular Circulante de Bourdieu (1997). Também do teórico francês Sant'Anna (2001) acolhe a afirmação de que os jornalistas operam construções a partir do que veem⁴¹ ou do que circula. De posse desta proposição tomada de Bourdieu (1997), Sant'Anna aplicou um questionário a jornalistas latino-americanos, na busca de avaliar até que ponto os conceitos transmitidos pela mídia eram incorporados ao seu imaginário e ao fazer jornalístico. De acordo com Sant'Anna (2001, p. 60), o resultado da enquete não difere muito do que se verifica nas páginas dos jornais:

Individualmente, os dois conceitos mais aplicados a cada um dos 21 países latino-americanos foram Subdesenvolvidos e Pobres. Corrupto aparece logo em seguida, à frente de Democrático. Guerrilha, Golpe, Ditadura são, na sequência, os outros conceitos mais citados. Valores como Ético, Bem-Estar, Pacifista, Independente, Desenvolvido, dentre outros, praticamente não aparecem ou possuem citação residual. Vale ressaltar que em relação ao Brasil, no imaginário destes profissionais aparecem, pela ordem: Poderoso, Globalizado, Riqueza, Bem-Estar, Amoral e Corrupto, sendo as duas últimas citações residuais.

Steinberger (2005), a exemplo de Sant'Anna (2001), privilegia o imaginário ao tratar dos discursos geopolíticos da mídia e os entrelaça na proposição de uma “geopolítica da mídia”. No âmbito do geopolítico, segundo Steinberger (2005, p. 124), a mídia articula significações sociais imaginárias a partir de “reconversões simplificadoras de outros discursos institucionais como o militar, o religioso, o diplomático, etc.” Da mesma forma ocorre o inverso, ou seja, o discurso e o imaginário geopolíticos se instituem a partir do jornalístico,

⁴¹ Trata-se da afirmação: “os jornalistas têm óculos especiais a partir dos quais vêem certas coisas e não outras; e vêem de certa maneira as coisas que vêem. Eles operam uma seleção e uma construção do que é selecionado” (Bourdieu, 1997, p. 25).

podendo, inclusive, serem subsumidos pelo midiático. Na avaliação de Steinberger (p. 124) “a originalidade da mídia está na maneira como se apropria desses imaginários e trabalha-os”.

Ao tratar do imaginário internacional na América Latina, Steinberger (2005) argumenta que este não se encontra desvinculado dos discursos fundadores, seja político, seja econômico, cultural ou religioso, entre outros. Destaca que pela existência de discursos fundadores não se pode simplesmente atrelar um imaginário social latino-americano às agências de notícias, como faz Sant'Anna (2001), uma vez que contemporaneamente “não se pode falar de um controle objetivo, sediado em uma região ou país”, mas de “um controle difuso” (Steinberger, 2005, p. 270). Assim, a autora acredita que “o papel do jornalismo como matriz histórica do imaginário internacional brasileiro e latino-americano ainda está para ser melhor revelado” (p. 270).

As mesmas proposições que Sant'Anna (2001) toma por empréstimo de Bourdieu (1997) reaparecem no trabalho de Barbosa (2005) e compõem muitas das discussões acerca da presença da América Latina no Jornalismo, especialmente o brasileiro. Para Barbosa (2005, p. 136), os “óculos” “são formados não só pelas lógicas da profissão, mas também [...] pela História da América Latina, pela visão do ‘outro’, como inferior e atrasado, pela herança colonial, pela americanização da cultura, pela ligação ‘orgânica’ dos jornalistas com a América Latina Oficial”. As análises que o pesquisador encaminha a partir daí assumem, quase que de forma simplificadora, os “óculos” como a resposta às escolhas da grande imprensa perante a América Latina.

O imbricamento entre Jornalismo internacional na América Latina e a história desse subcontinente é indissociável na construção teórica proposta por Steinberger (2005). É no campo da historiografia que a pesquisadora vai buscar a complementação teórica para uma análise interdiscursiva, uma vez que considera “importante nesse processo [...] recuperar as direções em que vão sendo lançados os fios de uma teia do interdiscurso, responsável pela produção e pela recepção cultural dos fatos jornalísticos” (p. 220). É também desde esta perspectiva que considera a análise de discurso mais do que uma metodologia, uma epistemologia. Para a investigadora, “analisar discursos é perscrutar suas genealogias, suas condições de produção, os percursos de configuração dos sentidos” (Steinberger, 2005, p. 88). Por este movimento Steinberger (p. 257) indaga se “há na história latino-americana uma concepção de produção jornalística independente da intervenção/interpelação internacional” e revela que o Jornalismo e, em esfera ampliada, o midiático, não se institui alheio ao contexto que lhe é exterior e anterior e vice-versa.

Estes estudos, em seu conjunto, ao indicarem uma “notícia que não é nossa” ou “a solidão latino-americana”, descortinam alguns processos de mapeamento do “mundo diante de si” que, por sua vez, acabam por conformar os quadros que dão a ver os acontecimentos, os lugares e os sujeitos. Evidenciam que, de fato, há coisas que ficam de fora do mapa, por uma parte; e que há distintas escalas para tratar o que cabe na cartografia de cada dia, por outra. As “faltas” indicadas por tais estudos, especialmente nos que se detêm sobre o Jornalismo latino-americano, são um indicativo das escolhas dos jornais quando da confecção dos mapas diários do mundo. Ainda que a proposição destes estudos não fosse olhar para a cartografia realizada pelos jornais, pelos estudos é possível identificar os mapas do mundo ali propostos, em diferentes períodos.

As processualidades da produção jornalística atuais são devedoras das que as precederam, porque frutos de uma evolução que acompanhou diretamente os movimentos dos poderes políticos, das sociedades e das tecnologias. São resultado também de mudanças estruturais no Jornalismo: dos modos de produção, dos interesses, dos investimentos, da rede informativa conformados em cada período histórico.

A forma como os jornais organizam suas rotinas produtivas, especialmente a cobertura de acontecimentos que tocam em questões de ordem internacional, de como esta está dividida e pensada, é reflexo de um processo histórico. Assim, o que cabe ou não no mapa do mundo, materializado pelo e no discurso, altera-se, em maior ou menor medida, no tempo.

PERSPECTIVA DE ESTUDO

2. Um típico acontecimento atípico

Acontecimento é um conceito fundamental para o Jornalismo. É forjado segundo sua própria condição epistêmica, enquanto campo teórico que se articula, em fluxo e em rede, a outros campos, para deles “tomar de empréstimo” conceitos os mais diversos, posteriormente trabalhados segundo suas próprias lógicas e processualidades. O conceito de acontecimento jornalístico é tramado por meio de aproximações e distinções a acepções de outras áreas: acontecimento na História, acontecimento na Filosofia, na Arte, na Sociologia, na Antropologia, etc. De um modo geral, assim como o Jornalismo, estas áreas trabalham na formulação de uma teoria do acontecimento e/ou na delimitação de sua natureza. Ainda que as perspectivas sejam complementares, resultam em análises diferentes. O Jornalismo faz isso ao ressemantizar o termo, envolvendo-o numa complexa teia de significados, configurando assim um novo estatuto para o acontecimento, conforme os interesses do campo. Tomá-lo como fenômeno e objeto de pesquisa do Jornalismo requer inscrevê-lo em tal complexidade.

Empregado muitas vezes como sinônimo de fato,⁴² o acontecimento⁴³ assume sentidos distintos no interior de cada área e de acordo com os movimentos destas. Por exemplo, “fato” para a Filosofia nem sempre corresponde a “acontecimento” para o Jornalismo. Também para a História fato e acontecimento são variáveis importantes. Ao tratar da operação historiográfica, Certeau (2010) detém-se na relação entre acontecimento e fato. O primeiro *recorta* para que haja inteligibilidade, condicionando a organização do discurso; enquanto o fato histórico *preenche*, fornece significantes para que se tenha enunciados de sentido. Conforme este autor, por meio do acontecimento se passa da desordem à ordem, se anda entre regularidades. A escrita da História transita “entre uma organização de sentido (“fatos”) e o seu limite (“o acontecimento”)” (2010, p. 104). Para Rancière (1995, p. 239), o acontecimento “é a conjunção de um conjunto de fatos e uma subjetivação. Não há acontecimento sem sentido de acontecimento, sem subjetivação de acontecimento”.

O Jornalismo distingue fatos de acontecimentos, ou seja, eventos ordinários daqueles que se situam no tempo e no espaço porque rompem a continuidade da experiência. É por este viés que Quéré (2005) distingue as ocorrências do dia a dia dos acontecimentos de especial

⁴² Fato deriva do latim *factum*, coisa ou ação feita; particípio do verbo *facere*, que significa fazer. Refere-se, segundo sua concepção ontológica, a eventos ou acontecimentos que aconteceram.

⁴³ Do latim *contingescere* ou *contingescere*, acontecimento, é aquilo que pode se dar, que acontece; fato memorável; eventualidade.

importância, que correspondem a experiências marcantes, à ruptura, ao fim ou ao começo (como sugere Arendt, apud Quéré, 2005). Um acontecimento não é apenas algo no mundo, como o fato em seu sentido ontológico (Sponholz, 2009).

Gomis (1991) emprega a palavra espanhola *hecho* (em equivalência à francesa *fait* e a inglesa *event*) para se referir às ocorrências cotidianas, aos fatos ordinários, e *acontecimiento*⁴⁴ para tratar de fatos dotados de relevância e solenidade. Do mesmo modo, para Sodré (2009), o acontecimento é maior que o fato. Mouillaud (2002, p. 51), por outro lado, emprega os termos fato e acontecimento como sinônimos ao sustentar a hipótese de que “o acontecimento é a sombra projetada de um conceito construído pelo sistema da informação, o conceito de ‘fato’”. Logo, quando o fato passa pela mídia torna-se acontecimento. Apoiada em Pierre Nora, Barbosa (2002) argumenta que a mídia transpõe determinados fatos à categoria de acontecimento, porque somente por intermédio dela o acontecimento marcaria presença. Ao escrever acerca de *O retorno do acontecimento*, Nora (1974) defende que os meios alteraram o sentido do acontecimento histórico; mais, que passaram a deter a avaliação sobre o que é ou não acontecimento, antes competência da História.

O acontecimento caracteriza-se pela irrupção, pela falha, pela desordem das coisas e rotinas do mundo. Se, por uma parte, ele “revela uma situação, desvenda possibilidades e eventualidades, produz efeitos e significações mediante as consequências que lhe advêm” (Babo Lança, 2005, p. 85); por outra, o acontecimento está sempre em um espaço vazio, como algo que não reconheço ou compreendo (Lyotard, apud Marcondes Filho, 2009, p. 15).

Na História o conceito de acontecimento é polissêmico. Na França, por exemplo, com o advento da *École de Annales*, recusa-se a singularidade do acontecimento e dos indivíduos e opta-se pelo contexto no qual se conforma a mentalidade de uma época. Braudel (2009), numa segunda fase dos *Annales*, escolhe aprisionar os eventos em uma história de curta duração, uma vez que considera o evento é explosivo. Adverte, porém, que “com sua fumaça excessiva, enche a consciência dos contemporâneos, mas não dura, vê-se apenas sua chama” (2009, p. 45). O Jornalismo, para Braudel (2009, p. 61), ocupa-se do tempo individual curto, da oscilação rápida e nervosa dos acontecimentos, que retoma a *histoire-événementielle*. Para o historiador:

[...] o tempo curto, à medida dos indivíduos, da vida cotidiana, de nossas ilusões, de nossas rápidas tomadas de consciência – o tempo, por excelência, do cronista, do jornalista. Ora, notemo-lo, crônica ou jornal fornecem, ao lado dos grandes

⁴⁴ Para Sodré (2009) acontecimento é o mesmo que news para os estadunidenses, événement para os franceses e suceso para os espanhóis.

acontecimentos ditos históricos, os medíocres acidentes da vida ordinária: um incêndio, uma catástrofe ferroviária, o preço do trigo, um crime, uma representação teatral, uma inundação. Assim, cada uma compreenderá que haja um tempo curto de todas as formas da vida econômica, social, literária, institucional, religiosa e mesmo geográfica (uma ventania, uma tempestade) assim como política (Braudel, 2009, p. 45-46).

Em sua crítica à Filosofia da História, Veyne (1971, p. 15) afirma que interessa à História os acontecimentos que não se repetirão, uma vez que se ocupa das variações ligadas à temporalidade, que faz dela “uma narrativa de acontecimentos”. Os acontecimentos são significados no interior de uma série porque interpretados não como coisas ou objetos, mas como um corte na realidade. Ao captar em Foucault o esforço pela determinação das condições históricas de possibilidade dos acontecimentos, Veyne destaca que o acontecimento só se torna inteligível quando situado dentro de sua espécie, no marco de sua generalidade.

Em Foucault, na ótica de Castro (2009), é possível localizar, pelo menos, quatro sentidos para o termo acontecimento: como novidade ou acontecimento arqueológico; como prática histórica, regularidade ou acontecimento discursivo; como relação de forças; e como “acontecimentalizar” (*évenementialiser*) ou método de trabalho histórico. O acontecimento arqueológico é objetivado como ruptura, que instaura regularidades discursivas, que, por sua vez, leva à passagem de uma episteme à outra. A alteração da episteme é pensada como acontecimento radical, capaz de estabelecer nova ordem de saber. O acontecimento discursivo é entendido como regularidade. Ao pensar a relação entre novidade e regularidade, Foucault assume a descontinuidade das regularidades, “enfim, se é verdade que essas séries discursivas e descontínuas têm, cada uma, entre certos limites, sua regularidade, sem dúvida não é menos possível estabelecer entre os elementos que as constituem nexos de causalidade mecânica ou de necessidade ideal” (Foucault, 2006, p. 59). A este terceiro é entrelaçado o conceito de atualidade e daí surge o quarto sentido, a “acontecimentalização”, proposto por Foucault (2010) como o procedimento kantiano que vem dar materialidade a uma significação filosófica da atualidade.

Com esse neologismo, Foucault faz referência a uma forma de proceder na análise histórica que se caracteriza por uma ruptura: fazer surgir ali onde se está tentando fazer referência a uma constante histórica, a um caráter antropológico ou a uma evidência que se impõe mais ou menos a todos [...]. Em segundo lugar, caracteriza-se também por encontrar as conexões, os encontros, os apoios, os bloqueios, os jogos de força, as estratégias que permitiram formar em um dado momento, o que depois se apresenta como evidente (Castro, 2009, p. 26).

Ainda entre os filósofos, Deleuze (1998) dedica-se a interrogar a “natureza do acontecimento”. Por sua perspectiva de análise, o acontecimento encontra abrigo na linguagem, “ele não fala mais do que dele se fala ou do que se o diz. E, no entanto, ele pertence de tal forma à linguagem, habita-a tanto que não existe fora das proposições que o

exprimem. Mas ele não se confunde com elas, o expresso não se confunde com a expressão. Não lhe preexiste, mas lhe pré-insiste” (1998, p. 187). Para o filósofo, o acontecimento está ao mesmo tempo na linguagem e no mundo; na primeira, como o que se distingue da proposição; no mundo como o que se diferencia dos estados de coisas. “De um lado, ele é o duplo diferenciante das significações; de outro, das coisas” (Zourabichvili, 2004, p. 7). O acontecimento é exposto sempre numa *lógica do sentido*.

Para Morey (1998, p. 21) a Filosofia ocupa-se da irrupção do acontecimento “como aquello que da que pensar y lo que está por pensar”. Ao inesperado, à catástrofe, à exceção, sobrepõe-se, segundo Morey (1998), um ordenamento, um acontecimento “domesticado” por uma sequência narrativa, porque é somente por meio da ordem que os acontecimentos “selvagens” podem ser reconhecidos e nomeados. “Confiamos entonces en su repetitividad, esperamos reconocer el próximo elemento de la secuencia, nos creemos capaces de predecirlo. Es este orden de expectativas [...] el que permite la aparición de lo inesperado: existe el acontecimiento salvaje porque existen y vivimos entre rebaños de acontecimientos domésticos” (Morey, 1998, p. 41). Tal compreensão, desde a Filosofia, aproxima-se em grande medida da maneira como o Jornalismo reconhece o acontecimento, tanto por seu grau de revelação (Quéré, 2005), quanto pela perturbação que provoca no “mundo diante de si” (Groth, 2011), ou por aquilo que ele é capaz de iluminar (Babo Lança, 2005; Quéré, 2005). Estas proposições serão mais bem analisadas a seguir.

O conceito de acontecimento jornalístico assume diferentes matizes no interior do seu próprio campo. Entendê-lo a partir das operações jornalísticas ou no interior das teorias do Jornalismo, situando-o em correntes teórico-analíticas as mais diversas, tem sido objeto de inúmeros estudos⁴⁵. No Brasil, destaca-se investigação conjunta de pesquisadores da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) por meio do Projeto Tecer: Jornalismo e acontecimento (Procad/Capes, 2009-2012), além de estudos individuais.

A presente investigação, nucleada por um acontecimento – o 1º de março de 2008 na fronteira colombo-equatoriana –, dedica-se ao estudo da produção do acontecimento a partir dos discursos que dão conta de sua materialidade jornalística. Ao examiná-lo, optou-se por situá-lo numa categoria teórico-analítica auxiliar neste processo, apreendendo-o como um “típico acontecimento atípico” (Fishman, 1978; Grossi, 1985; Young, 2002; Surette, 1992).

⁴⁵ Ver: Alsina (1991 e 2009), Augé (2001), Babo Lança (2005), Dayan e Katz (1995), Morey (1988), Mouillaud (2002), Ponte (2005), Quéré (2005), Rebelo (2005 e 2006) e Verón (2002).

Os típicos atípicos possuem elevado grau de conflitividade, que interfere no “acontecer” do acontecimento, além de no espaço da cotidianidade, bem como nos modos como o Jornalismo movimenta-se para acolhê-lo e interpretá-lo.

O presente capítulo trata do acontecimento e do acontecimento jornalístico, apesar da impossibilidade de separá-los rigorosamente, uma vez que este último tanto se abastece quanto intervém na percepção dos acontecimentos que têm ocorrência. A perturbação nos quadros da vida sintetiza, em parte, o que se entende por acontecimento do mundo vivido, do social. A ele é atribuído um poder de ruptura e de revelação, sendo que este último, apesar de irromper junto do acontecimento, só existe, de fato, quando acontece a alguém que o dota de sentido.

O Jornalismo, por sua parte, dedica-se a reconhecer, recolher e interpretar os acontecimentos vividos. Entre estes, os imprevisíveis são facilmente identificados devido ao potencial de atualidade, perturbação, pregnância e saliência que possuem e que se configuram em valores-notícia de seleção e produção para o Jornalismo. A cobertura jornalística, em direção oposta à ruptura gerada pelo acontecimento vivido, visa a restabelecer a ordem, a “normalidade” cotidiana, pelo modo como o elabora discursivamente.

Do acontecimento jornalístico vai-se ao típico acontecimento atípico em meio a assertivas teóricas que objetivam a explicar esta categoria de acontecimento. Ao tomar como objeto o estudo da produção do *Caso Angostura* busca-se identificar características a partir dos processos que se produzem na *realidade*, tanto dos acontecimentos no mundo, quanto do Jornalismo em direção a eles, para objetivá-las no âmbito das *ideias*. Por esta opção metodológica, que se produziu em idas e vindas entre o teórico e o empírico, identifiquei oito características no *acontecimento Angostura*, que podem ser transpostas a outros típicos acontecimentos atípicos, quais sejam: (1) relacionam-se a questões de natureza violenta; (2) geram impacto na coletividade e na legitimidade das instituições, especialmente no poder público; (3) ligam-se aos sistemas políticos (e suas fontes oficiais); (4) são gerados por campos problemáticos ao mesmo tempo que fazem emergir outros problemas públicos; (5) envolvem questões de territorialidade; (6) despertam a atenção do Jornalismo (especialmente pela conjunção das características anteriores); (7) perduram no tempo, exigindo do Jornalismo um alargamento tempo-espacial para a cobertura da dispersão de sentidos, e (8) envolvem o Jornalismo em sua conflitividade.

Os movimentos metodológicos serão expostos na sequência. Tomando como referência as especificidades do próprio objeto de estudo, busco, por meio da materialidade discursiva resultante da produção do *acontecimento Angostura*, decompô-lo e recompô-lo ao

refazer percursos e observar pontos de contato e de desencontro. Para tanto, o foco está no acontecimento produzido por três jornais de referência latino-americanos, o brasileiro *O Estado de S. Paulo*, o colombiano *El Tiempo* e o equatoriano *El Comercio*, apresentados ainda neste capítulo. Os procedimentos metodológicos de análise do acontecimento e de sua produção são construídos no tempo e no espaço da própria análise.

2.1 Do acontecimento

A experiência individual ou social é dominada por acontecimentos de natureza diversa, posto que o mundo está sujeito, segundo Groth (2011), à variação dos seus objetos. Alguns acontecimentos perturbam ou rompem com a ordem das coisas, modificando o estado do mundo, a seriação. Nas palavras de Mouillaud (2002), não existe nada no momento do acontecimento. O acontecimento social não é um objeto acabado que se encontra em alguma parte da realidade, cujas propriedades nos são dadas a conhecer de imediato.

Quando se produz, o acontecimento rompe com o correr das coisas “no nosso quadro experiencial”, segundo os termos de Goffman (1991), provocando descontinuidades. Logo, o sentido do acontecimento está na experiência (Babo Lança, 2005; Mouillaud, 2002; Quéré, 2005). O acontecimento não é apenas da ordem do que ocorre, mas de como ele se torna. Este “tornar-se”, que Quéré (2005) retira de Mead, implica que ao acontecer ele acontece a alguém. É porque ele afeta alguém, é suportado, suscita reações, que ele “se torna”. Ao acontecer o acontecimento rompe com o correr das coisas, “afecta a continuidade da experiência porque a domina” (Quéré, 2005, p. 61 [grafia original]).

O acontecimento não é o que acontece simplesmente; é aquilo que ao acontecer “produz alterações significativas na realidade presente das pessoas” (Chaparro, 2001, p. 41). Ao atribuir sentidos aos acontecimentos, o Jornalismo coloca-se como alguém a quem o que acontece, acontece. Logo, o sentido do acontecimento está na experiência: “aquele a quem o acontecimento aconteceu, aquele que o testemunhou, aquele que o observou a distância, aquele que dele teve informação e o recebeu nas narrativas, aquele que se surpreendeu e emocionou, aquele que reagiu (Babo Lança, 2005, p. 93).

Ao afirmar que o acontecimento traz em si a ruptura, Barbosa (2002) sugere que ela apenas não basta para sua produção; o acontecimento precisa ser reconhecido e manifesto. Enquanto a ruptura liga-se à excepcionalidade gerada, o acontecimento precisa que um conjunto de pessoas tome conhecimento de sua existência. Nesta mesma direção, Charaudeau (2006) sugere que o acontecimento torna-se acontecimento jornalístico quando alguém toma

conhecimento dele. Tal transformação, ao processo *evenemencial*, diz do reconhecimento e da reintegração do acontecimento em uma lógica de significação. Já Lana e França (2008, p. 1), sugerem que os acontecimentos, inicialmente sem sentido ou sem explicação e com forte poder de afetação, acabam “sendo sedimentados na experiência dos sujeitos”.

O deslocamento do “acontecer” ao “acontecer a” sugere que o acontecimento “tem de ser compreendido no âmbito da vida” (Santos, 2005, p. 79). Nesta direção, Rebelo (2005) fala que assumir as fraturas geradas pelo acontecimento como nossas, por meio dos quadros de sentidos que dispomos, é auxiliar para a sua compreensão. O cotidiano se dá entre problemas, “que são e não são os nossos”, ou seja, apesar de exteriores, por um processo de naturalização, são percebidos como “nossos problemas” (Rebelo, 2005, p. 57)⁴⁶. Para Heller (2008, p. 35), também neste sentido, “reagimos a situações singulares, respondemos a estímulos singulares e resolvemos problemas singulares. Para podermos reagir, temos de subsumir o singular, do modo mais rápido possível, sob alguma universalidade”.

Os acontecimentos que perturbam uma ordem das coisas são determinados *a posteriori*, quando submetidos à ordem do discurso. Em sua proposição Arquembourg-Moreau (2009) se aproxima de Deleuze (1998, p. 9), que toma o acontecimento como extensivo ao devir e este, por sua vez, como coextensivo à linguagem. Também Charaudeau (2006, p. 131[grifo no original]) compartilha deste entendimento, dado que reitera que ele não significa em si, “para que o acontecimento exista é preciso *nomeá-lo*”.

O acontecimento pede para ser compreendido ao mesmo tempo em que permite sê-lo; é parte da intriga para a qual também contribui; revela uma situação problemática quando também é parte dela; tem caráter inaugural, mas marca igualmente o fim de algo. A intriga refere-se a uma trama discursiva, que gera uma rede, uma narração. A narrativa acrescenta e ordena em termos de uma intriga. Enredo que precisa ser explicado. Mouillaud (2002) sugere que as canônicas questões do *lead* (o quê, quem, quando, onde, como e por que) indicam, de antemão, uma leitura da experiência para ser comunicada. O *lead* pode ser assumido como um modo de resolver a intriga, pela forma como os acontecimentos podem ser resolvidos a partir destas questões.

O Jornalismo dedica-se a transformar em acontecimento jornalístico (ou *noticioso*, segundo a terminologia de Dayan e Katz, 1995; ou *significado*, de acordo com Charaudeau, 2006) o acontecimento vivido (ou *social*, segundo Medina, 2008; ou *cotidiano*, para Deleuze, 1998; ou *bruto*, Charaudeau, 2006), percebido pelos sujeitos envolvidos, a quem nos termos

⁴⁶ Ponte (2005) sugere que os media conduzem processos de naturalização ao converterem fragmentos em uma “unidade indivisível”.

de Quére (2005) e Babo Lança (2005) o acontecer acontece. Os acontecimentos podem ser trabalhados a partir de sua imprevisibilidade ou previsibilidade (Arquembourg-Moreau, 2003; Charaudeau, 2006; Dayan e Katz, 1995; Rodrigues, 1999; Santos, 2005; Tuchman, 1983; etc), de sua atualidade, relevância e pregnância (Rebelo, 2006) ou de sociabilidade⁴⁷ e saliência (Charaudeau, 2006). Tais perspectivas serão expostas a seguir como forma de encaminhar a proposição teórico-analítica acerca do “atípico acontecimento atípico”.

2.2 Do acontecimento jornalístico

O Jornalismo integra e reflete num todo fragmentos dispersos com que é tecida a trama do presente (Rodrigues, 1999). Nutre-se de acontecimentos que adquirem materialidade por sua apreensão e inscrição em um conjunto de noções. No interior de processualidades que são próprias do Jornalismo, o acontecimento torna-se acontecimento jornalístico. Nas palavras de Rebelo (2002, p. 114), o acontecimento é o “o motor e a justificação da atividade jornalística”.

O acontecimento jornalístico se abastece no acontecimento vivido⁴⁸ e nele intervém. O adjetivo “vivido” é aqui empregado com referência ao factual, ao mundo vivenciado, ao real histórico. Vivido tem o sentido de acontecimento constituído pela condensação da experiência, porque “há o acontecimento em si, uma ação que interrompe um estado qualquer, mas que só existe quando há sujeitos afetados e que lhe dão sentidos” (Berger e Tavares, 2010, p. 123).

O acontecimento torna-se acontecimento jornalístico por uma construção discursiva que busca estabelecer o contexto da sua emergência, explicar-lhe o sentido. A esta ideia de emergência liga-se a compreensão do acontecimento como o que “irrompe na superfície lisa da história” (Rodrigues, 1999, p. 27), associada à apreensão do Jornalismo como “lugar todavía reservado al azar y a lo imprevisible” (Tuñon, 1994 p. 57). Arquembourg-Moreau (2009, p. 112) concorda com tal perspectiva ao afirmar que “a surpresa manifesta-se quando alguma coisa interrompe um curso de existência, abrindo abismos de incerteza”. Ao ocupar-se

⁴⁷ Muitas experiências sociais construídas coletivamente resultam de interações que são pessoais, sem serem privadas, e são públicas, sem serem objetivas. A esta dimensão denomina-se sociabilidade. Na sociabilidade faz-se de conta (Simmel, 1983). Para sua compreensão contribuem as abordagens de Magnani (1998) acerca do “pedaço”. Este espaço é definido a partir de uma ordem espacial, um dado território, e de uma rede de relações, resultante da combinação entre parentesco, vizinhança e procedência. O termo pedaço “designa aquele espaço intermediário entre o privado (a casa) e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla que a fundada nos laços familiares, porém mais densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas, impostas pela sociedade” (Magnani, 1998, p. 117).

⁴⁸ Contrera (2004, p. 18) emprega a expressão acontecimento vivido. Sem detalhar seu significado, afirma que a ambiência contemporânea “desloca sua atenção do acontecimento vivido para o ‘fazer parte’ desse acontecimento”.

do inesperado que altera a “superfície lisa” do mundo vivido, o Jornalismo faz com que os acontecimentos explodam “na superfície da mídia sobre a qual se inscrevem como sobre uma membrana sensível” (Mouillaud, 2002, p. 50).

Em direção oposta à de ruptura, há o entendimento de que o Jornalismo ocupa-se em integrar o novo ao já existente ao operar na busca e na partilha de sentidos a partir de seu discurso. Acontecimentos não programados só estão fora do controle institucional em um primeiro momento, visto que cabe ao Jornalismo inseri-los no tempo e no espaço das consequências por seus mecanismos de produção (Chaparro, 2001). O próprio acontecimento revela-se como discurso – dos atores, das fontes e testemunhas, dos correspondentes e enviados especiais, das agências de notícia –, “algo que se mostra e se vê” (Antunes, 2007, p. 32). A apropriação ou construção de sentidos se estabelece pelo e no discurso. Conforme Quéré (2005), o caráter revelador do acontecimento está em consonância com a necessidade de atribuição de sentidos.

O acontecimento carece de relato e este é parte dele. Os meios informativos são o lugar no qual os acontecimentos “ganham” existência, emergem, recebem materialidade discursiva. É por meio da linguagem, que busca fechar o sentido, que o acontecimento se materializa. Segundo Verón (2002), os acontecimentos só existem na medida em que são constituídos como tal pela mídia, enquanto uma espécie de invariável que ganha existência à proporção que são elaborados pelos meios. Os acontecimentos não estão prontos em alguma parte da realidade de onde os meios os recortam simplesmente. Todo acontecimento jornalístico se constitui numa espécie de formação substitutiva, como algo que tenta se colocar no lugar de outra coisa que lhe é exterior.

Para Tuñon (1994, p. 58), “el acontecimiento es una realidad construida por los medios de acuerdo con las leyes de selección de actualidad del discurso periodístico”. Quéré (2005), de certo modo, relativiza esta ideia de “realidade construída” assumida por Tuñon. Em seu entendimento, os meios de comunicação são suportes da identificação e da exploração dos acontecimentos, por um lado, e “do debate público através do qual as soluções são elaboradas ou experimentadas”, por outro (2005, p. 22).

Outro elemento importante ao acontecimento é o percurso que este cumpre: emergência, ápice, esgotamento (Chaparro, 2001). O tempo do acontecimento diz respeito a características que o tornam atrativos para os meios, como proximidade, impacto, excepcionalidade. Tuñon (1994, p. 58) acrescenta “conflicto, consecuencias y estereotipo”. Rebelo (2006, p. 114) atribui a passagem a acontecimento jornalístico ao potencial de atualidade, de relevância e de pregnância do acontecimento vivido. O primeiro, atualidade, se

refere às ocorrências “no nosso espaço e no nosso tempo”; o segundo, às rupturas que provoca “no nosso quadro de vida”; o terceiro, pregnância, à reconstrução do quadro perturbado momentaneamente. Ao potencial de atualidade do acontecimento, Charaudeau (2006) associa a saliência e a sociabilidade. A saliência reside ora no inesperado, ora na desordem, geradores de expectativa, enquanto a sociabilidade diz respeito aos assuntos do espaço público, do mundo diante de si.

Sobreposta à atualidade do acontecimento, identificada tanto por Rebelo (2006) como por Charaudeau (2006), encontra-se a atualidade jornalística, que varia segundo a periodicidade de cada meio; há, portanto, atualidades, e elas coexistem. Ela define-se, também, pela presença dos fatos no tempo. Aos acontecimentos de curta duração é reservada a atualidade de cada edição, enquanto aos que compreendem uma atualidade longa (Fontcuberta, 1993) o Jornalismo dedica a publicação sucessiva e periódica da sequência dos fatos.⁴⁹ Importante considerar, porém, que, ao ordenar a atualidade, o Jornalismo delimita o “tiempo periodístico que le hace cualitativamente diferente del tiempo social y del tiempo histórico” (Borrat, 1989, p. 39).

Babo Lança (2005, p. 89 [grafia original]) sustenta a hipótese de que a duração de dado acontecimento corresponde ao “tempo que dura o seu campo de possíveis, a modificação de situações, a provocação e a acção daqueles a quem acontece”. Já para Gomis (1987; 1991), determinados acontecimentos são mais notícia que outros justamente pela capacidade de se prolongarem no tempo e, assim, figurarem por um período maior nos meios que os recolhem. Segundo o autor, algumas ocorrências ajudam a interpretar um conjunto de fatos sucessivos e posteriores e, por vezes, modificam o seu curso. De um modo geral, denomina tais características como a capacidade de suscitar comentários e a de provocar novos fatos, nomeadas por Borrat (1989) de interesse jornalístico e importância histórica, respectivamente.

Por esta perspectiva, uma ocorrência no “mundo diante de si” será atualidade por mais tempo quanto mais modificar o curso dos acontecimentos, provocar consequências e repercussões, modificar-se ou prolongar-se, “revelar” os conflitos que existiam para os atores neles implicados, ao atualizar algo que havia antes, como problema. “A sua observação e interpretação ocorrem sempre numa dada situação ou campo problemático e são orientadas pela procura de respostas” (Ponte, 2005, p. 101).

De acordo com Quéré (2005), há sempre um campo no qual é produzida a observação do acontecimento. “A observação e a interpretação de um acontecimento singular efectuam-se

⁴⁹ De um modo geral, tal divisão engloba o eixo sincrónico e o diacrónico da periodicidade jornalística (Borrat, 1989), com o último reclamando a memória histórica.

pois numa situação ou num campo” porque, por esta perspectiva, o acontecimento tem um poder de esclarecimento, “a sua observação permite descobrir o campo do qual ele faz parte, identificar a situação na qual ele se insere” (p. 71 [grafia original]). De certa forma, qualquer coisa que se enrede na experiência individual ou coletiva, em virtude de um acontecimento, para encaminhar um desenlace, por distinções, oposições ou contrastes, por esclarecimentos ou revelações, é permeada, segundo o autor, por uma estrutura de intriga.

Uma intriga equivale, para Quéré (2005, p. 72), a “uma situação problemática, isto é, uma situação caracterizada por tensões, conflitos ou contradições, ou pela discordância entre os seus elementos [...]. Está-lhe subjacente um problema a resolver”. A intriga liga-se a um problema que, por sua vez, tanto pode ser facilmente circunscrito quanto ser conformado por uma série de elementos que se justapõem, se ramificam e se ligam a outros problemas correlatos, designados de campos problemáticos por Quéré (2005).

A expressão “campo problemático” é trazida por Deleuze (1998, p. 57), para quem o acontecimento “por si mesmo é problemático e problematizante. Um problema, com efeito, não é determinado então pelos pontos singulares que exprimem suas condições”. Deleuze apropria-se do “problemático” em Kant, “objeto próprio da Ideia”. Os acontecimentos, segundo a perspectiva deleuziana, são singularidades que se comunicam, se ramificam, se deslocam e se redistribuem; onde cada combinação é um acontecimento e onde todos estes se comunicam é o Acontecimento, assim, com inicial maiúscula.

Não se pode falar dos acontecimentos se não como singularidades que se desenrolam em um campo problemático e na vizinhança das quais se organizam soluções [...]. Mas, se as repartições de singularidades que correspondem a cada série formam campos de problemas, como caracterizaremos o elemento paradoxal que percorre as séries, faz com que elas ressoem, se comuniquem e se ramifiquem e que comanda a todas as retomadas e transformações, a rodas as redistribuições? Este elemento deve ele próprio ser definido como o lugar de uma pergunta. O *problema* é determinado pelos *pontos singulares* que correspondem às séries, mas a *pergunta* por um *ponto aleatório* que corresponde à casa vazia ou ao elemento móvel. As metamorfoses ou redistribuições de singularidades formam uma história; cada combinação, cada repartição é um acontecimento; mas a instância paradoxal é o Acontecimento no qual todos os acontecimentos se comunicam e se distribuem (Deleuze, 1998, p. 59 [grifos no original]).

Os campos problemáticos, na concepção de Quéré (2005), constituem a trama da vida de um indivíduo ou coletividade num dado momento. “Tal como se integram nas intrigas, contribuindo para o seu desenvolvimento, os acontecimentos ganham um lugar em campos problemáticos e servem, pelo seu poder de esclarecimento e de discriminação, de pivôs dos inquiridos que procuram e elaboram soluções” (p. 72).

A constituição de um campo problemático público é complexa. Seu *enjeu* leva a tomá-lo como produto midiático, porém, conforme adverte Quéré (2005), há diversas arenas e

suportes para o debate público que visa a solucionar problemas. “O papel dos media é, sem dúvida, decisivo enquanto suportes, por um lado, da identificação e da exploração dos acontecimentos, por outro, do debate público através do qual as soluções são elaboradas ou experimentadas” (p. 72-73).

Na apreensão do acontecimento, o Jornalismo estabiliza o acontecimento dentro e por meio de suas processualidades. “Estabilizados, os acontecimentos podem ser (e são) infinitamente reconfigurados em novas sequencias de sentido” (Vogel, 2010, p. 66). Observar um acontecimento, num dado momento e em determinado meio de comunicação ou em um conjunto deles, requer observar os modos de apreensão, tratamento e interpretação do acontecimento no interior do Jornalismo, atravessado por diferentes ordens, a institucional, a de produção e a discursiva, trabalhadas no capítulo anterior.

2.3 Do típico acontecimento atípico

Comumente os acontecimentos jornalísticos são divididos em previstos e imprevistos. Entre os primeiros estão os programados, que respondem à organização jornalística, com suas horas de fechamento e sua serialidade. Eles ocupam grande parte das páginas dos jornais, porque ocorrem em maior número nos espaços da vida social, porque são produzidos e controlados por pessoas e instituições, por uma parte; e porque permitem ao Jornalismo agendar-se, por outra. Os acontecimentos imprevistos, por outro lado, alteram os fluxos do mundo vivido ao desestabilizá-lo e, por conseguinte, se impõem a um Jornalismo que se dedica às discontinuidades do mundo (Santos, 2005) com o propósito de reordená-las.

Os acontecimentos imprevistos norteiam a produção jornalística que se utiliza de uma complexa rede informativa para que o acaso ingresse nos seus fluxos e, assim, no mapa do mundo. A imprevisibilidade está no maior ou menor potencial de desorganizar a ordem das coisas ou de algumas delas, de modificar parcelas maiores ou menores do social. Percebe-se que à desorganização impõe-se um efeito de organização, de reordenamento, tanto no “mundo diante de si”, em que as ocorrências têm existência, como no Jornalismo. Este, por sua vez, possui mecanismos eficazes de captação, além de uma relação de outros eventos semelhantes da qual se utiliza ao reassentar os quadros da vida e dotá-los de sentido. Entre os imprevistos estão o descarrilamento de um trem, a queda de um avião, a morte inesperada de alguém com notoriedade, a tempestade que interrompe os fluxos de uma metrópole.

Na maioria das vezes, porém, a imprevisão está mais relacionada ao momento de sua ocorrência do que a algo nunca previsto ou enfrentado pelo Jornalismo. Nestes casos, o atual

tem uma relação com o presente e não com a novidade (Groth, 2011). As catástrofes naturais, de terremotos e tsunamis a inundações e tornados, por exemplo, são enquadradas como imprevistas, mas a imprevisão está na irrupção de tais acontecimentos, no horário e lugar da ocorrência (que contemporaneamente pode ser diagnosticada pelos institutos de controle de catástrofes e de previsão climática) e em sua dimensão, e não porque seja um fato novo para o Jornalismo, embora possa ser para quem as sofre. Provocam mais ou menos estragos, geram um número maior ou menor de desabrigados, vitimam um conjunto grande ou pequeno de pessoas, mas são mais facilmente demarcáveis porque acontecimentos semelhantes os precederam. “Do ponto de vista científico, essa catástrofe faz parte, é certo, dos fenómenos perfeitamente explicáveis e, portanto, previsíveis” (Quéré, 2005, p. 63 [grafia original]).

Entre os imprevistos há acontecimentos que justapõem atualidade e novidade, esta enquanto “algo qualitativo, uma relação mental direta entre o sujeito e o objeto, o que era até o momento desconhecido” (Groth, 2011, p. 224). É o novo atual, ou seja, é uma novidade que está em relação com o presente do mundo. É novo tanto para quem sofre, quanto para quem o acessa, como o 11 de setembro (11-S).⁵⁰ Para Dayan (2009), o 11-S é o “acontecimento performance”;⁵¹ segundo Charaudeau (2009), um acontecimento que só pode ser nomeado pela data.⁵² Ainda, ao tomar de empréstimo conceitos outros, poder-se-ia enquadrá-lo como o grande acontecimento⁵³ de Kant (2008); ou como aquele que não se repetirá,⁵⁴ de Veyne (1971); ou o mega-acontecimento de que trata Santos (2005). Obviamente que o 11-S não é o único acontecimento que sobrepôs o novo e o atual; diariamente pululam acontecimentos que

⁵⁰ Os ataques terroristas de 11 de setembro de 2001 às Torres Gêmeas do World Trade Center, em Nova York, e ao Pentágono, em Arlington, Virgínia, nos arredores de Washington, D.C. foram coordenados pela Al-Qaeda. Na manhã do dia 11 de Setembro, 19 terroristas da Al-Qaeda sequestraram quatro aviões comerciais de passageiros. Os sequestradores intencionalmente jogaram dois dos aviões contra as Torres Gêmeas, que desmoronaram em duas horas. O terceiro avião de passageiros caiu sobre o Pentágono. Um quarto avião caiu em um campo próximo de Shanksville, na Pensilvânia, depois que alguns de seus passageiros e tripulantes tentaram retomar o controle da aeronave.

⁵¹ A “performance 11 de Setembro”, como designa Dayan (2009), congrega uma série de etapas que permitem que o acontecimento irrompa em diferentes níveis, como: a) a identificação do acontecimento; b) a organização de um domínio narrativo; c) a clivagem de “testemunhas” e de sentidos; d) os posicionamentos frente a narrativa.

⁵² “Há momentos, como este, em que o acontecimento – no próprio instante em que surge sob os nossos olhos, em que vemos a sua manifestação material inscrever-se num tempo que acreditamos ser o nosso, em que explode na sua verdade factual – é ininteligível. Ininteligível a ponto de já não se saber o que acontece no acontecimento” (Charaudeau, 2009, p. 71).

⁵³ “Por seu valor de signo de uma causa permanente, pela amplitude que ocupa no espaço e no tempo e por sua interferência no “real”, no mundo das coisas vividas, os “grandes acontecimentos” demonstram a inevitabilidade da ruptura com o que já não se suporta mais e do progresso, em seu sentido kantiano, como uma disposição moral da humanidade para a mudança. São acontecimentos que ecoam o passado, provocam ruptura com ele, interferem no presente e se projetam no futuro em sua potência de devir” (Zamin e Marocco, 2010, p. 114).

⁵⁴ O que interessa à história, segundo Veyne (1971, p. 47), são os acontecimentos que não se repetirão, “jamás se repetirá la historia, aunque llegara a decir dos veces la misma cosa”.

em maior ou menor escala perturbam o mundo por sua atualidade e novidade justapostas. É inegável, porém, o grau de ruptura provocado por ele.

Imprevistos, novos ou não (no sentido de novidade e não de atualidade, esta atributo indispensável ao Jornalismo), podem ser abarcados pela designação “típico acontecimento atípico” (Fishman, 1978; Young, 2002; Surette, 1992; Grossi, 1985) se ao acontecimento se justapor mais uma característica: um elevado grau de conflitividade.⁵⁵ Aparentemente paradoxal porque parece indicar a anulação de um pelo outro, o típico diz do interesse jornalístico por “aquilo que surpreende”, que é da ordem do inesperado; enquanto o que surpreende, por sua imprevisibilidade, é atípico em meio à aparente “normalidade” cotidiana (Young, 2002). É característico do Jornalismo ocupar-se das anomalias do “mundo diante de si”, das descontinuidades, dos perigos, das tragédias, dos desvios, dos crimes, da violência, etc. O atípico constitui-se como o típico acontecimento que interessa ao Jornalismo, que o faz trabalhar, que o move em direção à ordem, à “estabilidade”, à constância.

Típico e atípico, desmembrados, referem-se à ordem e à ruptura; justapostos, contêm, a um só tempo, o que é próprio aos acontecimentos vividos e ao Jornalismo. Os acontecimentos trazem à tona questões fraturantes, rupturas, ensejando, porém, um reordenamento na ordem das coisas. É essa qualidade dos acontecimentos, a continuidade e a descontinuidade aparentemente contraditórias, a condição para a experiência social. O acontecimento “é um fenômeno de ordem hermenêutica: por um lado, ele pede para ser compreendido, e não apenas explicado, por causas; por outro, ele faz compreender as coisas – tem, portanto, um poder de revelação” (Quéré, 2005, p. 60). Deste modo, o acontecimento abarca a desordem e a ordem já na sua aparição. O Jornalismo, por sua vez, em direção à ordem, discursiva, ocupa-se do que está em suspensão, das descontinuidades e desordens provocadas pelo acontecimento.

“Típicos atípicos” são os acontecimentos conflituosos que se impõem como centrais num dado momento à sociedade ou a um coletivo ou a um indivíduo e, por conseguinte, ao Jornalismo, porque relevantes para a dinâmica de determinado lugar, pela instabilidade que geram, pelos “problemas cujas condições determinam” (Deleuze, 1998, p. 59); porque justapõem conflito, violência, o inesperado e, por isso, atendem a uma ampla gama de critérios de noticiabilidade (Wolf, 2003); porque geram uma dispersão de sentidos por microrrelatos sem começo ou fim, os típicos acontecimentos atípicos captam a atenção do Jornalismo de maneira preferencial: levam-no a se movimentar para dar conta da

⁵⁵ Aí uma vez mais o 11-S é um excelente exemplo.

conflitividade, a dilatar espacial e temporalmente a cobertura jornalística e a utilizar outras “escalas” para compor o mapa do mundo de cada dia dos noticiários. Por este quadro abrangente toma-se aqui o *Caso Angostura* como um “típico acontecimento atípico”, com o objetivo de compreender pela análise da materialidade discursiva como o Jornalismo ocupa-se de acontecimentos conflitivos e em que medida esta característica interfere nas processualidades de produção do acontecimento.

2.3.1 *Caso Angostura*, um típico acontecimento atípico

Em uma ação militar colombiana no Equador, na região de Angostura, em março de 2008, a Colômbia desmantelou um acampamento das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc), provocando a morte de 25 pessoas, entre guerrilheiros e simpatizantes. Entre as mortes, a do número 2 do Secretariado da organização, Raúl Reyes,⁵⁶ interessava ao governo colombiano. O ataque, a 1,8 quilômetro da linha de fronteira, foi rápido. Na madrugada do dia 1º de março a Força Especial *Fénix*, formada por homens do 2º Batalhão de Deslocamento Rápido e do grupo tático da Polícia Nacional colombiana, bombardeou por via aérea a Frente 48 das Farc; em seguida, ingressou no território equatoriano para continuar o ataque e, por fim, recolheu documentos, computadores portáteis e os cadáveres – dois apenas – de Reyes e de outro guerrilheiro identificado num primeiro momento como Guillermo Enrique Torres, conhecido como Julián Conrado, animador e ideólogo das Farc.

A morte de Raúl Reyes por si só seria um acontecimento ímpar. A morte durante ação do Exército colombiano, um acontecimento inesperado. A ação do Exército no território do vizinho Equador, um acontecimento abrupto. Ímpar porque, independentemente de sua causa, a morte de Reyes não seria apenas mais uma na galeria de mortes ordinárias de que o Jornalismo diariamente se ocupa, ao menos para o Jornalismo colombiano. Inesperado porque

⁵⁶ Raúl Reyes (30.9.1948 – 1.3.2008), cujo nome era Luís Edgar Devia Silva, ingressou nas Farc nos anos 70, depois de atuar como sindicalista ao trabalhar em uma unidade da Nestlé em Caquetá, Colômbia. Em parte sua formação política deve-se a estudos sobre o movimento operário internacional, o socialismo e a teoria marxista, realizados em Berlim e em Moscou, como enviado das Farc. Ao regressar à Colômbia no início dos anos 80, instituiu novas ideias, como a criação do Secretariado das Farc e de uma Comissão Internacional, visando a estabelecer laços com partidos de esquerda, sindicatos e organizações internacionais capazes de apoiar a guerrilha. Em outro extremo, criou estratégias para extorsão de empresários e narcotraficantes, como sequestro ou ameaça. Tais atividades ajudaram a incrementar as finanças das Farc. Assumiu o posto de porta-voz internacional da organização e, por isso, viajou para países da América Latina e Europa e dialogou com jornalistas e políticos. No final dos anos 90, no governo de Andrés Pastrana (1998-2002), participou dos diálogos em meio à efetivação do Plano Colômbia. Por sua relevância internacional e como ideólogo, Reyes era considerado o segundo no comando da organização. O Secretariado das Farc, quando de sua morte em 1º de março de 2008, era formado por Pedro Antonio Marín, conhecido como Manuel Marulanda ou Tirofijo (tiro certo em espanhol), líder máximo das Farc, Mono Jojoy, Alfonso Cano, Iván Márquez, Timochenko e Efraín Guzmán. Reyes era companheiro de Olga Marín, filha de Tirofijo. Contra Reyes havia mais de cem processos por crimes de terrorismo, sedição, sequestro e assassinato, entre outros.

Reyes foi o primeiro membro da alta cúpula das Farc, composto por sete guerrilheiros, a ser morto por militares em quase meio século de conflito interno colombiano. Abrupto porque a violação do território de outro país e o desrespeito a sua soberania são faltas reconhecidas como graves pelo Direito e pelas Relações Internacionais, assim como pelo senso comum. Ímpar e relevante porque à morte vincula-se a notoriedade do morto (apesar de serem 25 os mortos naquela ação). Inesperado e relevante para quem sofre ou acessa, embora planejada pelo Exército como parte da estratégia do governo colombiano para encerrar o conflito de décadas com as Farc. Abrupto e relevante porque, pela infração, instituiu um novo conflito, externo, da ordem da diplomacia internacional.

Apesar de a ação militar inscrever-se no conflito interno colombiano, uma vez que o alvo era o guerrilheiro Raúl Reyes, ela acabou instituindo um novo conflito porque tornou a segurança do Equador vulnerável, mesmo sem a pretensão de se apoderar do seu território, ou atacar sua população, ou danificar sua infraestrutura. Assim, da inesperada morte de Reyes, que por suas circunstâncias violentas configuraram um acontecimento atípico nas primeiras horas após o ocorrido, instituiu-se uma crise diplomática entre vizinhos latino-americanos e, por meio dela, manifestou-se um conjunto de questões fraturantes, reveladoras de uma atipicidade ainda maior.

O *Caso Angostura* possui um conjunto de características que possibilita lê-lo como um típico acontecimento atípico. Estes pontos referem-se às características do acontecimento, que podem ser percebidas também como modos de ingresso no Jornalismo, conforme segue.

Primeiro: questões de natureza violenta (Fishman, 1978; 1983; Young, 2002; Surette, 1992; Grossi, 1985). Conflitos, terrorismo, crimes e massacres (como os de *Columbine*, EUA 1999, e *Realengo*, RJ, 2011) estão entre os tipos de acontecimento apontados por estes autores como típicos atípicos. Segundo Young (2002, p. 189), as ondas de crime, as “curas milagrosas” da criminalidade e as histórias trágicas são de interesse da imprensa. Fishman (1978), ao se dedicar a estudar uma onda de crimes contra idosos em Nova York, afirma que estes acontecimentos resultam de uma dinâmica própria ao Jornalismo, mas que não se encerra apenas nisso e, portanto, indaga-se “¿cómo se originan estas olas de crímenes noticiables? ¿Por qué son sólo unos pocos temas criminales los que cobran magnitud hasta convertirse en esas olas de crímenes?” (Fishman, 1983, p. 15). Surette (1992) emprega a designação *typical ‘atypical’ event* ao examinar *hard news* e constatar que ondas de crimes violentos acabam constituindo-se em típicos acontecimentos atípicos num determinado período. Grossi (1985) adota a designação *caso eccezionale* ao tratar da violência originada

em ações terroristas na Itália. Por sua abrangência, o conceito de *eccezionalità*, de Grossi (1985), é o que mais se aproxima da proposição analítica aqui desenvolvida, assentada, porém, sobre a designação de “típico atípico”.

O conflito interno colombiano, com mais de 40 anos, é permeado por violência: sequestros, extorsões, assassinatos, violência sexual, ataques a comunidades inteiras, violações dos direitos humanos. Os atores armados do conflito não são claramente identificáveis porque o mesmo é conformado por guerrilhas, majoritariamente as Farc; paramilitares;⁵⁷ e a própria força pública. “La dinámica del conflicto se ha definido en torno a los intereses que estos actores armados tienen frente a la dominación territorial, poblacional, búsqueda de apoyos y control de recursos” (Sisma Mujer, 2009, p. 17). Por sua longa duração, as motivações originais foram alterando-se, da luta campesina com ideais de esquerda ao narcotráfico, por exemplo.

Assim como a violência está na origem do *acontecimento Angostura*, ou seja, enquanto um dos campos problemáticos que o levam a acontecer, também está na ocorrência em si. As circunstâncias das mortes no Equador foram marcadas pela violência, uma vez que o acampamento da Frente 48 das Farc foi bombardeado durante a noite, enquanto os guerrilheiros dormiam. Na operação o Exército colombiano utilizou armas inteligentes, guiadas por sinais a laser e lançadas por um Super Tucano, avião de fabricação brasileira. O equipamento poderia estar equipado tanto com bombas brasileiras do tipo *cluster*, que se abrem no ar e fazem chover 2.200 flechas metálicas, como com bombas de fabricação americana e francesa, com até 60 pequenas granadas de fragmentação, cujo índice de letalidade é superior a 90%. O tipo de munição empregado não foi confirmado pelos jornais, mas a dimensão do ocorrido sim. Ela deu-se por meio de imagens do lugar do ataque, da destruição que abriu uma clareira na densa vegetação da floresta amazônica equatoriana, como pela descrição dos ferimentos de guerrilheiras internadas em hospitais de Quito – “Os ferimentos das guerrilheiras não eram de tiros e provavelmente foram provocados pelos estilhaços das bombas”,⁵⁸ ou “As autoridades suspeitam que o guerrilheiro tenha sido atingido por estilhaços das bombas pesadas lançadas pelos helicópteros durante a Operação Fênix. ‘Os fragmentos dessas

⁵⁷ Diante da impossibilidade de derrotar os grupos guerrilheiros, os sucessivos governos permitiriam aos militares criar grupos de paramilitares por meio de parcerias com empresários, pecuaristas e fazendeiros. O termo paramilitar é empregado na Colômbia para identificar diferentes grupos: de autodefesa, esquadrões da morte, justiça privada e pequenos exércitos privados. Os grupos aparecem e desaparecem e são responsáveis por incontáveis assassinatos, especialmente de campesinos que acusam de ajudar a guerrilha ou de serem guerrilheiros, e pelos deslocamentos forçados da população civil. O mais importante na atualidade é o Autodefensas Unidas de Colombia (AUC). Ver mais em: Estudios, 2003; Sisma Mujer 2007 e 2009.

⁵⁸ FILHO, Expedito. Equador pede ajuda da Cruz Vermelha para identificar corpos. **Estado**, Caderno A, Internacional, São Paulo, ano 129, n. 41777, p. A12, 5 mar. 2008.

bombas atingem pessoas que estão a 700 metros de distância’, disse uma fonte militar”.⁵⁹ As fotografias de Angostura também revelam a ação sobre o território equatoriano, que pode ser interpretada como uma forma de violência.

Segundo: o impacto no coletivo, na opinião pública e na legitimidade das instituições por ser politicamente relevante para a dinâmica social de um determinado país. O impacto no coletivo pode ser interpretado como a individualização do acontecimento, ou seja, pelo deslocamento do que “acontece” ao que “acontece a alguém” (Quéré, 2005, p. 68). Babo Lança (2005, p. 89 [grafia original]) sugere ser mais pertinente deter-se nas consequências dos acontecimentos que em suas causas, porque são os efeitos do acontecimento que determinam o significado que lhe é atribuído e é “em função das suas consequências que o acontecimento afecta indivíduos ou grupos que agem em resposta ao que lhe aconteceu”. Na visão de Grossi (1985, p. 49 [tradução minha]), no interior da produção informativa, o *caso eccezionale* é “aquele tipo particular de evento que é também politicamente relevante para a dinâmica social de um determinado país, quanto a sua gravidade e/ou centralidade, envolve o problema do controle social”.⁶⁰

Quéré (2005, p. 68 [grafia original]) propõe que “a individualidade do acontecimento não é determinada, apenas, pelas características de sua ocorrência como facto, mas também pelas reacções e pelas respostas que suscita”. Estudos da Sociologia da Comunicação, como o de Verón (2002) acerca do acidente na central nuclear de *Three Mile Island*, veem que os meios de comunicação participam em alguma medida da “configuração e discussão dos acontecimentos e dos campos problemáticos a que eles se ligam” (Babo Lança, 2005, p. 92).

Dentre as ações de combate à guerrilha, em meio ao conflito interno, intensificadas no governo de Álvaro Uribe Vélez (2001-2010), a morte de Raúl Reyes teve importância fundamental, contribuindo para a legitimidade do governo colombiano e de suas Forças Armadas, em especial para o presidente Uribe, que buscava um terceiro mandato (o que resultou impossível pela legislação do país), e para o ministro da Defesa Juan Manuel Santos Calderón (que acabou eleito presidente em 2010). A morte de Reyes teve impacto também sobre a opinião pública internacional, porque o porta-voz da guerrilha era, segundo os

⁵⁹ FILHO, Expedito. Mexicanos podem estar entre os mortos. **Estado**, Caderno A, Internacional, São Paulo, ano 129, n. 41779, p. A15, 7 mar. 2008.

⁶⁰ “Si definisce ‘caso eccezionale’ all’interno della produzione informativa [...] quel tipo particolare di evento che è anche politicamente rilevante per la dinamica sociale di un determinato paese, in quanto per la sua gravità e/o centralità, coinvolge il problema del controllo sociale” (Grossi, 1985, p. 49).

governos da França, da Venezuela e do Equador, o principal negociador nos processos de libertação dos reféns políticos, civis e militares em mãos da organização.

No contexto da crise diplomática instaurada a partir do *Angostura*, da mesma forma, o acontecimento constituiu-se como política e socialmente relevante não apenas para os países diretamente implicados, mas também para os vizinhos latino-americanos diante da instabilidade gerada na região e porque muitos foram chamados a se manifestar em meio às denúncias feitas pelo governo colombiano, especialmente relacionadas à presença das Farc em outros países e o seu não reconhecimento como grupo terrorista.⁶¹ Se a morte de Reyes assegurou ao *Caso Angostura* o ingresso nas páginas de inúmeros jornais, foi a escalada do conflito e sua dimensão regional que o levaram a permanecer por longo período no interior desses mesmos jornais.

As universidades *de las Américas*, equatoriana, e *Javeriana*, colombiana, por meio de investigação conjunta, dedicaram-se ao tratamento jornalístico do conflito Colômbia-Ecuador a partir de jornais de referência nacionais e regionais de seus países. No Jornalismo equatoriano, segundo o jornalista Darío Buitrón (2008, p. 86), “el ataque al campamento de las Farc en Ecuador nos sorprendió a todos y es inocultable la polémica acerca de qué tipo de información y cobertura debimos y debemos dar a la crisis”. Da mesma forma, segundo o jornalista Mario Morales (2008, p. 149), o *Caso Angostura* colocou-se como desafio para a imprensa colombiana, “ante una de las noticias más importantes del nuevo milenio”.

Terceiro: vinculam-se aos sistemas políticos. Os típicos acontecimentos atípicos ligam-se à política institucionalizada e, por conseguinte, às fontes produzidas no interior deste sistema. Ao abordar a relação entre os sistemas político e jornalístico no interior da produção dos acontecimentos, Grossi (1985) identifica que o primeiro pode orientar em seu favor os esquemas de ordenamento dos sentidos, independentemente do grau de autonomia do sistema informativo ou da capacidade de desvendar e compreender os interesses privados e coletivos que atravessam os conflitos. A proximidade entre os sistemas político e jornalístico deve-se, ainda, à utilização prioritária de fontes e boatos oficiais. Segundo Morales (2008, p. 151), estas fontes modulam os tempos e o tom das informações conforme seus interesses, determinando “no sólo ‘quién’ habla sino ‘qué’ se debe decir y hasta qué límite. Es decir,

⁶¹ Em meio à guerra ao terror de George W. Bush, pós 11-S, as Farc passaram a ser classificadas como grupo terrorista pelos EUA e Colômbia, passando-lhes a ser negado qualquer tipo de apoio político ou institucional. As Farc defendem o reconhecimento como força beligerante, proposição não aceita por muitos países, entre eles o Brasil, porque o termo beligerante, exército regular que toma parte na guerra, vai de encontro a um governo democraticamente eleito. A imprensa emprega o termo guerrilha historicamente associada aos grupos armados ilegais colombianos.

tematizan la agenda y sus alcances”. Para observar esta característica é preciso ingressar na cobertura jornalística do acontecimento.

Em sua análise da cobertura dos jornais colombianos *El Tiempo*, diário nacional, *El Heraldo*, de Barranquilla, *El Colombiano*, de Medellín, *El País*, de Cali, e *Vanguardia Liberal*, de Bucaramanga, no período correspondente a março de 2008, o colunista Mario Morales (2008), do jornal colombiano *El Espectador*, identificou a prática de um Jornalismo de declarações, a partir de fontes governamentais e militares prioritariamente. Segundo o jornalista, devido à impossibilidade de acessar os militares que participaram da Operação Fênix ou os documentos supostamente recolhidos no acampamento das Farc, a alternativa foi entrevistar autoridades, as fontes oficiais, obtendo informações nem sempre confiáveis ou verdadeiras. Por isso, as informações publicadas nos jornais colombianos oscilaram “entre las declaraciones de las fuentes interesadas y las especulaciones con base em rumores, versiones o suposiciones, a veces originados en esas mismas fuentes o provenientes de otros medios” (Morales, 2008, p. 151).

As revelações das fontes oficiais, oriundas de informações dos computadores de Raúl Reyes, supostamente recolhidos no dia 1º de março, são tomados como microrrelatos que, por sua vez, originam uma série de microacontecimentos, desdobrados em relatos jornalísticos que os colocam em relação ao *Angostura*. *El Tiempo* trazia já no dia 3 de março de 2008 “Computadores de ‘Raúl Reyes’ revelan acuerdos con Ecuador”.⁶² Entre as suposições da própria imprensa, *El Tiempo* foi responsável por pelo menos duas: o anúncio de que o cadáver trasladado a Bogotá junto do de Raúl Reyes era de guerrilheiro Julián Conrado (quando na verdade era do equatoriano Franklin Aisalla) e a publicação de uma foto em que identificava o homem que estava junto de Reyes como sendo Gustavo Larrea, ministro da Segurança Interna e Externa do Equador (quando de fato era do dirigente comunista argentino Patricio Echegaray).

A investigação do *Laboratorio de Medios* da *Universidad de las Américas* (Labmedios-UDLA) e da *Universidad Javeriana* com os diários equatorianos *El Comercio*, *Hoy*, *Universo*, *Expreso*, *El Telegráfico*, devido à ocorrência em 1º de março de 2008, identificou o emprego de fontes oficiais, a maioria delas do próprio país e, portanto, favoráveis a ele. Apesar de a crise ser binacional e os governos dos dois países os protagonistas, Checa Montúfar (2008b) chama a atenção para o fato de que as pessoas a quem

⁶² COMPUTADORES de ‘Raúl Reyes’ revelan acuerdos con Ecuador. **El Tiempo**, Primer Plano, 3 mar. 2008. Disponível em: <http://www.eltiempo.com/tiempoimpreso/edicionimpresa/primerplano/2008-03-03/ARTICULO-WEB-NOTA_INTERIOR-3983156.html>.

o acontecimento ocorreu, como os fronteirizos, não aparecerem nos jornais analisados. Ao ocupar-se dos vínculos Equador-Venezuela-Farc aponta para o uso de fontes problemáticas, uma vez que os “supostos” computadores de Raúl Reyes, recolhidos durante a Operação Fênix, “revelaram” tais nexos. O conteúdo dos computadores (arquivos de imagem e áudio, e-mails, cartas, etc.) ascendeu à fonte, embora esta não tivesse voz, porque as informações eram apresentadas por declarações de fontes oficiais colombianas, especialmente em entrevistas coletivas.

Mesmo distante dos sistemas político colombiano e equatoriano, diretamente envolvidos na resolução do *Caso Angostura*, *O Estado de S. Paulo* reproduz o uso de aspas e de declarações de fontes oficiais em suas reportagens, muitas vezes assinalando no interior do texto outro meio de comunicação, preferencialmente os colombianos, como origem da informação (ver próximo capítulo). Em outros momentos da cobertura aproxima-se do sistema político brasileiro porque este é chamado a intervir no *acontecimento Angostura* ou porque necessita reagir ou, ainda, desmentir uma ou outra declaração que o envolve na trama do acontecimento. Dentre estes, destaca-se a reação do governo diante da ação colombiana no Equador (“Brasil quer desculpas aceitáveis da Colômbia”⁶³), e da reportagem da revista colombiana *Cambio* que denuncia laços entre o Partido dos Trabalhadores e as Farc (“Brasília desmente vínculo de Celso Amorim com guerrilha”⁶⁴); as preocupações do Exército⁶⁵ e da Polícia Federal⁶⁶ brasileiros com as fronteiras nacionais; e a interferência da diplomacia brasileira na resolução do conflito colombo-equatoriano (“Brasil, Chile e Argentina agiram juntos nos bastidores”,⁶⁷ “Lula dribla retórica de Correa”,⁶⁸ “Jobim articula conselho regional”⁶⁹).

Dois momentos importantes da cobertura sugerem posturas a serem adotadas pelo Brasil diante do *Angostura*. A primeira é proposta pelo *O Estado de S. Paulo* em editorial, no dia 5 de março; a segunda traz a posição do governo e da diplomacia brasileiros, no dia 8. Nesta afirma-se: “O governo Lula admitiu ontem, pela primeira vez, que a atuação das Forças

⁶³ DOMINGOS, João. Brasil quer desculpas aceitáveis da Colômbia. **Estado**, Caderno A, Internacional, São Paulo, ano 129, n. 41776, p. A13, 4 mar. 2008.

⁶⁴ MONTEIRO, Tânia; ROSA, Vera. Brasília desmente vínculo de Celso Amorim com guerrilha. **Estado**, Caderno A, Internacional, São Paulo, ano 129, n. 41926, p. A14, 01 ago. 2008.

⁶⁵ GODOY, Roberto. Militares não têm indícios de bases rebeldes no País. **Estado**, Caderno A, Internacional, São Paulo, ano 129, n. 41778, p. A18, 6 mar. 2008.

⁶⁶ GODOY, Roberto; RECONDO, Felipe. PF terá base na fronteira com Colômbia. **Estado**, Caderno A, Internacional, São Paulo, ano 129, n. 41783, p. A14, 11 mar. 2008.

⁶⁷ DOMINGOS, João. Brasil, Chile e Argentina agiram juntos nos bastidores. **Estado**, Caderno A, Internacional, São Paulo, ano 129, n. 41778, p. A16, 6 mar. 2008.

⁶⁸ MONTEIRO, Tânia; DOMINGOS, João. Lula dribla retórica de Correa. **Estado**, Caderno A, Internacional, São Paulo, ano 129, n. 41778, p. A18, 6 mar. 2008.

⁶⁹ MONTEIRO, Tânia. Jobim articula conselho regional. **Estado**, Caderno A, Internacional, São Paulo, ano 129, n. 41787, p. A29, 15 mar. 2008.

Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc) transformou-se em um ‘problema regional’, deixando de ser uma questão interna e exclusiva da Colômbia, fato que exige uma solução que envolva todo o continente”⁷⁰. No editorial “O que se espera do Brasil”,⁷¹ o *Estado* salienta:

Todos os governos sul-americanos condenaram, com maior ou menor ênfase, a invasão do território equatoriano por forças militares colombianas. Não podia ser diferente, diante de uma clara violação do direito internacional [...].

Mas o problema não é simples como pode parecer à primeira vista. A incursão colombiana não pode ser caracterizada como um ato gratuito e imotivado de agressão. Os governos do Equador e da Venezuela têm dado, abertamente, proteção a uma quadrilha de traficantes de cocaína e sequestradores de vítimas inocentes, que pretende ser reconhecida como uma guerrilha ideológica que luta contra um regime político, por acaso democrático [...].

O chanceler Celso Amorim, em nome do governo brasileiro, considerou insuficiente o pedido de desculpas encaminhado pelo presidente Álvaro Uribe ao governo equatoriano e sugeriu que seja feito outro, acompanhado do compromisso formal de que não se repetirá a invasão do território do Equador. Hoje, o presidente brasileiro terá a oportunidade de fazer ao presidente Rafael Correa uma exigência igualmente enérgica e justa: a de que o governo equatoriano assuma o compromisso solene de não permitir a instalação de acampamentos e o trânsito de narcoguerrilheiros das Farc em seu território [...].

Quarto: são gerados por campos problemáticos ao mesmo tempo em que fazem emergir outros problemas públicos. Se uma série de elementos se justapõe a outros problemas conexos levando a campos problemáticos que resultam no acontecimento, por outro lado este acontecimento, por sua força de revelação, faz emergir outros problemas públicos. Assim, determinados acontecimentos se inscrevem em campos problemáticos já constituídos, como estes se constituem com a emergência dos mesmos (Quéré, 2005). Alguns acontecimentos estão conectados a campos problemáticos, a tensões histórico-sociais que determinam o “mundo diante de si”, que perduram enquanto os problemas se mantêm. A erupção destes acontecimentos ilumina questões conflituosas já existentes. Outros acontecimentos, por sua forma, instauram campos problemáticos, iluminando, por sua vez, questões que estão em causa, “no âmbito da regulação política das condições do viver em conjunto numa colectividade” (Quéré, 2005, p. 72 [grafia original]). Tais acontecimentos são o começo de algo novo, têm a dimensão “inaugural” de que trata Quéré (p. 60), um “poder de abertura e de fecho, de iniciação e de esclarecimento, de revelação e de interpelação”.

Nos típicos atípicos os campos problemáticos estão presentes no antes e no depois, ou seja, conformam um acontecimento ao mesmo tempo que são conformados por ele. No sentido estrito de uma ideia de causalidade, porém, o acontecimento não é causado nem causa

⁷⁰ DOMINGOS, João Domingos. Para Brasil, atuação das Farc é 'problema regional'. *Estado*, Caderno A, Internacional, São Paulo, ano 129, n. 41780, p. A26, 8 mar. 2008.

⁷¹ O QUE se espera do Brasil. *Estado*, Notas & Informações, São Paulo, ano 129, n. 41777, p. A3, 5 mar. 2008.

nada; não é localizável no início ou no final de uma cadeia linear e unilateral. O “acontecimento e aquele a quem ele acontece são, ambos, coisas que se tornam no quadro de uma transação” (Quéré, 2005, p. 68). Ele carrega sentidos e altera o campo de percepções daqueles a quem acontece. O poder de revelação está aí contido: o acontecimento possibilita uma alteração dos quadros de compreensão do “eu e o mundo”, como observa Groth (2011).

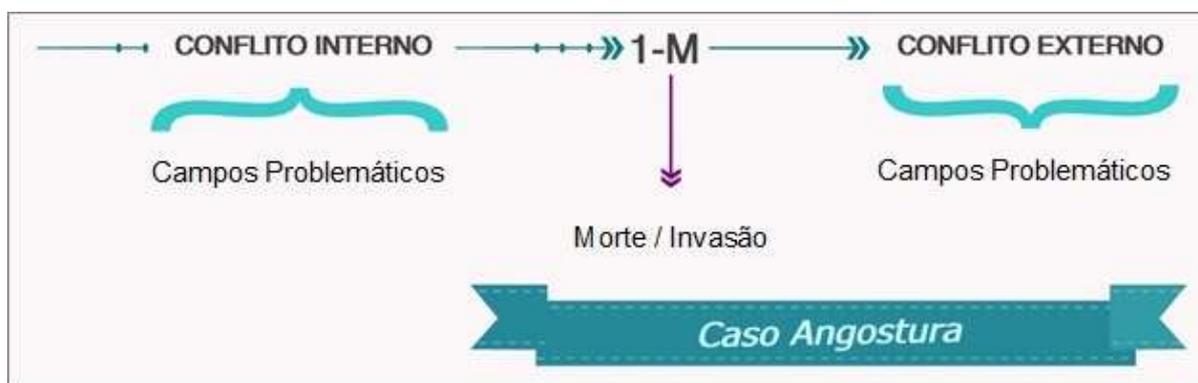
Configura-se assim um acontecimento que desperta o interesse coletivo, pelos sentidos que aciona e pelos que faz emergir, no sentido mesmo da visibilidade e da afetação na dinâmica social que tal ocorrência promove. O interesse coletivo liga-se ao controle, no que se refere a um reordenamento dos sentidos devido à alteração nos quadros do mundo vivido, enquanto a procura por sentidos se materializa pelas narrativas sobre o acontecimento, engendradas, especialmente, pelo Jornalismo. Instaurando uma nova ordem, na qual o acontecimento será inscrito, o Jornalismo se propõe a “mediação prática entre a irracionalidade do acontecimento e a racionalidade do sentido” (Ricoeur, 1989, p. 116).

É possível perceber ao observar o sistema de ingresso do *acontecimento Angostura* na pauta dos jornais, que seu poder de revelação (Quéré, 2005) é justamente essa sobreposição: vai-se dos campos problemáticos que constituem o acontecimento ao acontecimento que revela campos problemáticos, sendo que o acontecimento é apenas um. Se de um lado torna evidente que questões conflituosas fazem emergir o acontecimento, explicado pela trama que o provocou, por um contexto predefinido ou encadeamento serial, como um ponto de chegada, de outro mostra que campos problemáticos são postos a descoberto pelo *Caso Angostura*. Ele passa a esclarecer seu contexto, torna-se começo, volta-se para o que lhe poderá seguir porque continua “a ocorrer e a singularizar-se enquanto produzir efeitos sobre aqueles que afecta. Não efeitos causais, mas efeitos na ordem do sentido” (Quéré, 2005, p. 67 [grafia original]).

Importante destacar que o conflito interno colombiano é aqui assumido como um conjunto de campos problemáticos, porque conformado por uma série de problemas que se interpõem, se bifurcam e se alteram no tempo (inicia-se como movimento por reforma agrária e ao longo de quase meio século assume propósitos diversos e divergentes). Ao tomá-lo como esta conjunção de problemas, outra ressalva se faz necessária: estes campos são problemáticos para a Colômbia e para o Jornalismo colombiano, que diretamente sofre com os acontecimentos que ali se inscrevem. A cotidianidade de tais problemas não afeta diretamente os brasileiros, logo, o Jornalismo aqui produzido, como em outros países que não a Colômbia, deles se ocupa quando algo novo irrompe ou quando alguma questão fraturante coloca-se pela emergência de algum acontecimento.

As guerrilhas, os paramilitares, o narcotráfico, a corrupção e a violência, conectados entre si, condicionam a complexa realidade política e social da Colômbia. Seu conflito interno, endêmico, expõe inúmeros campos problemáticos e um deles, especialmente, resultou no *Caso Angostura*: o combate às Farc, pela eliminação de suas frentes e de seus líderes. É a ação orquestrada e executada pelo Exército colombiano com o objetivo de eliminar Raúl Reyes (e o maior número de guerrilheiros possível), ou seja, tentar reverter os problemas derivados da existência do grupo guerrilheiro por meio de sua eliminação, que levou à invasão e ao bombardeio do território equatoriano. Pelas condições em que se produziu a morte de Reyes, instaura-se o rompimento das relações diplomáticas entre Colômbia e Equador e se expõe uma série de outros problemas públicos, como, por exemplo, a fragilidade das fronteiras de ambos os países, a presença de acampamentos das Farc fora dos limites territoriais da Colômbia; o deslocamento do conflito para o exterior; os laços entre guerrilheiros e governos latino-americanos (com base nos “supostos” computadores de Reyes apreendidos quando da operação militar em 1º de março); os sequestrados em poder das Farc (porque à época de sua morte Raúl Reyes negociava a libertação da franco-colombiana Ingrid Betancourt, ex-candidata à Presidência do Equador, em poder da guerrilha desde 2002).

Ilustração 3: Poder de revelação do *Caso Angostura*



Fonte: elaborado pela autora

Nota-se que diversos problemas públicos, histórica e socialmente instituídos, constituem o conflito interno colombiano que intervém na trama da vida da coletividade do país. Num dado momento, o conflito leva à morte de Raúl Reyes, um acontecimento em si mesmo,⁷² que descortina outros problemas, não mais circunscritos apenas à Colômbia. O poder deste acontecimento está no deslocamento que ele provoca, qual seja: o *Caso*

⁷² Neste caso, apenas a notoriedade do morto já asseguraria o status de acontecimento, como dito anteriormente. À morte se somaram as condições de sua produção.

Angostura que se origina pela contingência dos campos problemáticos internos à Colômbia acaba descortinando conflitos da ordem da exterioridade. Em outras palavras, o poder de revelação do *acontecimento Angostura* consiste em sua capacidade de alterar o estatuto do conflito, de interno para externo, como demonstrado na ilustração anterior. Porque a morte de Reyes foi um acontecimento inédito da questão do conflito interno colombiano, e não por suas condições de produção, é que ela ingressa no regime jornalístico da Colômbia e de outros países. Sua permanência, porém, deve-se aos problemas públicos que aí se inscrevem, como a fragilidade das fronteiras, a presença das Farc em outros espaços e a invasão do Equador.

Quinto: questões de território. A conflitividade pode orientar-se ou originar-se de disputas por território ou pelo uso que dele se faz. Ao tratar do espaço, Certeau (1994) sugere tomá-lo com o efeito produzido por um conjunto de movimentos que aí se realizam, um lugar praticado a exemplo do espaço humano ou espaço habitado de Santos (1998). É a ação produzida sobre os espaços que acaba por orientá-lo, circunscrevê-lo ou marcá-lo, entre outras operações. Para Certeau (1994, p. 205), “a cadeia das operações espacializantes parece toda pontilhada de referências ao que produz (uma representação dos lugares) ou ao que implica (uma ordem local)”. Assim o é com uma parcela dos típicos acontecimentos atípicos, como os conflitos agrários ou de fronteira, as guerras e as ações terroristas; sugerem ações que podem ser deduzidas de uma “lei do lugar” como, por exemplo, a porosidade das fronteiras, ou de movimentos que se produzem nestes espaços ou sobre eles, como a passagem ou a invasão. Ao apresentar ou quadros ou movimentos, o território pode constituir-se como campo problemático.

O *acontecimento Angostura* é exemplar neste sentido. As Farc originaram-se da luta por território a partir da resistência de um pequeno grupo de camponeses no contexto dos conflitos agrários colombianos (Estudios, 2003); evoluíram para uma organização composta por cerca de 20 mil combatentes, dispersa pelas periferias do território colombiano nos anos 80 e 90, e acabaram por ter seus quadros reduzidos significativamente na primeira década do século 21 quando consolidaram sua presença nas zonas fronteiriças da Venezuela e do Equador (Pécaut, 2008), especialmente pelas ações por meio do *Plan Colombia*⁷³ (Plano

⁷³ O Plano Colômbia foi proposto em agosto de 1998 pelo ex-presidente Andrés Pastrana como estratégia para recuperar a confiança dos colombianos, promover a democracia, a integridade territorial e a geração de condições de trabalho, promovendo a paz. A ideia era substituir a produção de cocaína e papoula por atividades econômicas alternativas, bem como buscar soluções negociadas com os atores do conflito interno, especialmente os grupos guerrilheiros. Durante as negociações, em 1999, criou-se uma área desmilitarizada e as Farc acabaram por assumir o controle dessa área do território colombiano. Pastrana pediu auxílio financeiro ao governo estadunidense, que havia proposto a Iniciativa Andina, plano com a finalidade de incrementar o comércio

Colômbia, em português). Ainda, contudo, que o acontecimento se ligue às Farc e às pendências territoriais aí contidas, o território colombiano é permeado por questões fraturantes: disputas por grupos guerrilheiros e paramilitares, expulsão de dezenas de milhares de pessoas das suas terras, uso da terra para a produção e processamento de cultivos ilícitos. A presença das Farc no Equador, por sua vez, recoloca em outros termos o uso da fronteira, o interno e o externo, o eu e o outro.

Do lado equatoriano também aparecem questões de território. Os confrontos recentes na fronteira entre o Equador e o Peru⁷⁴ (1981-1995) já estavam resolvidos quando o Exército equatoriano viu-se desafiado, a partir de 2000, a se deslocar do sul para o norte como forma de enfrentar os efeitos do Plano Colômbia sobre o conflito interno colombiano em seu território (Moreano Uriguen, 2005). Por meio de uma política de defesa do Equador identificou-se a presença de grupos armados ilegais nas zonas fronteiriças,⁷⁵ que passaram a usá-las como refúgio e como base de operações, bem como o deslocamento de refugiados colombianos. Segundo Darío Buitrón (2008), a imprensa equatoriana ocupou-se em registrar o deslocamento de milhares de pessoas que cruzaram a fronteira para viver no Equador, porém não analisou o contexto no qual o fenômeno se produziu.

O elemento novo para o Equador, por assim dizer, foi a violação de seu território durante a ação do Exército colombiano, em 1º de março. A ação sobre o espaço da fronteira constituiu-se como ruptura naquilo que a fronteira comumente suporta. De um modo geral, as fronteiras são o lugar da passagem, do contrabando, da fuga, da ocultação, porque porosas. Tais infrações, mesmo negativas, são características destes espaços, são suportadas comumente por eles. A fratura provocada pelo *Caso Angostura* não está na “infração do espaço”, mas na “infração sobre o espaço”, ou seja, na invasão do território por outro Estado nacional que rompe com a tradição de que a soberania deve ser preservada. Por esta violação, a fronteira emerge como limite.

exterior e fomentar o desenvolvimento dos países da região. Assim, o Plano Colômbia acabou sendo reformulado nos anos 2000 abarcando uma clara estratégia de combate ao narcotráfico. Intensificaram-se a partir daí o conflito e a violência, bem como aumentou o número de refugiados e de denúncias de desrespeito aos direitos humanos. Em meio a isso o Exército colombiano passou a ser acusado de ser conivente com as atividades dos grupos paramilitares, como a AUC, responsabilizados por massacres contra a população rural.

⁷⁴ A fronteira peruano-equatoriana foi alvo de vários conflitos armados entre os dois países (1941-1942; 1981-1995), relacionados à demarcação dos limites territoriais, que se encerraram com um acordo de paz firmado em 26 de outubro de 1998.

⁷⁵ Segundo Moreano Uriguen (2005), dados do Comando Conjunto das Forças Armadas do Equador haviam identificado já no início dos anos 2000 a presença, no Departamento de Nariño, de inúmeras frentes do conflito interno colombiano: Comuneros de Sur do Ejército de Libertación Nacional (ELN), um grupo guerrilheiro; Libertadores del Sur, da AUC, paramilitar; e as frentes 2, 32 e 48 das Farc. Esta havia sido identificada na zona limítrofe da província de Sucumbíos, onde ocorreu a ação militar em 1º de março de 2008.

Antes do acontecimento em Angostura, o episódio mais controvertido envolvendo a zona fronteiriça entre os dois países foram as *fumigaciones*, aspersões aéreas de glifosato,⁷⁶ realizadas pela Colômbia para erradicar os cultivos de coca em seu território. Como foram realizadas em áreas próximas à fronteira, a ação com o herbicida produziu danos nos cultivos lícitos equatorianos e na população da região. Em 2007 o Equador denunciou a Colômbia por tal ação no Conselho de Direitos Humanos da Organização das Nações Unidas (CDH-ONU) e em 2008, após o 1º de março, na Corte Internacional de Justiça de Haia.

Sexto: despertam a atenção dos meios de comunicação. Os típicos acontecimentos atípicos captam a atenção do Jornalismo de maneira preferencial pelo conjunto de elementos de interesse jornalístico que aportam, como inúmeros valores-notícia de seleção e construção (Wolf, 2003). Antes de o acontecimento ter existência, porém, já se encontra organizada a rede informativa que permitirá que ele ingresse nos seus fluxos. Os meios estabelecem as condições da experiência “eu e o mundo” ao dimensionar o próprio mundo por meio das ordens institucional, de produção e discursiva. “Ellos se encuentran legitimados para definir qué debe tener actualidad, y qué debe carecer de ese atributo” (Rey Morató, 1988, p. 58).

Apesar da irrupção de uma nova ordem a partir do acontecimento, esta não pressupõe o caos, porque pelo ordenamento das coisas do mundo, realizado pelo Jornalismo, somente existe aparência de caos. Nas palavras de Rey Morató (1988, p. 87), “los espacios informativos crean, en su propia emisión, un ‘organismo íntimamente coherente’: allí no hay nada desprendido y aislado, y hasta la apariencia de desorden justifica y reproduce el orden”. O Jornalismo persiste como um sistema que trabalha a redução de complexidades criadas por outros sistemas ao produzir inteligibilidades para o que aparenta ser descontínuo ou desordenado; valendo-se, sempre, de seus processos de produção trata de naturalizar ou reduzir o caos daquilo que passa da realidade por seu discurso. “Tais operações são aquelas que permitem definir ora as condições de produção, ora os resultados (numa outra produção discursiva) de uma determinada leitura. Uma gramática é sempre, em outras palavras, o modelo de um processo de produção discursiva” (Verón, 2004, p. 51).

Importante ter em mente que as processualidades do Jornalismo objetivam ordenar o caos na realidade, no social, provocado pelos acontecimentos, ao mesmo tempo que ensinam tornar opacos tais modos de organização do mundo. Na transposição do acontecimento vivido para o acontecimento jornalístico não cabe revelar o desordenamento que o primeiro

⁷⁶ Glifosato é um herbicida sistêmico não seletivo, ou seja, mata qualquer tipo de planta perene. Na Colômbia tem sido usado para o combate às plantações de cocaína, por meio de dispersão aérea.

provocou no segundo, apesar de contemporaneamente o Jornalismo dedicar-se a narrar alguns destes processos.⁷⁷ Os acontecimentos imprevisíveis, todavia, impõem ordenamentos outros ao Jornalismo, especialmente sobre as esferas da produção e discursiva. Para Grossi (1985), os típicos acontecimentos atípicos são como anomalias informativas, porque assumem o caráter de eventos inquietantes.

Sétimo: o tratamento jornalístico. Os típicos acontecimentos atípicos, no interior do Jornalismo, acabam trabalhados de forma retrospectiva e fragmentada, por uma dispersão interpretativa, em meio a uma atualidade longa⁷⁸ (Fontcuberta, 1993), própria ao acontecimento. Na esfera do Jornalismo identifica-se certa incapacidade em acessar e articular os nexos de sentido num primeiro momento; enquanto no mundo vivido verifica-se que os típicos atípicos se dilatam no tempo, porque estão a acontecer, o que provoca uma ampliação dos seus campos de possíveis (Babo Lança, 2005), como se bifurcam ou se conectam outros acontecimentos, posteriores.

Às narrativas pontuais somam-se outras, seriadas, desde analogias que remetem ao passado até antecipações que projetam o futuro. Ora, se o acontecimento continua a acontecer enquanto dura o seu campo de possíveis, é pelo acompanhamento da longa duração no tempo, todavia, que se pode identificar que pela atualidade e recorrência todos estes acontecimentos se comunicam, organizando um abrangente quadro de sentidos.

Segundo Fontcuberta (1993, p. 25):

Un hecho será actualidad más tiempo cuantas más expectativas despierte o consecuencias produzca [...]. A pesar de que la actualidad inmediata sigue siendo una de las razones de ser básicas del periodismo, cada vez aumenta la coexistencia en los medios de hechos que más, que explicar la ruptura o las incidencias de una normalidad, muestran el desarrollo de la cotidianidad. En ese sentido, los medios, y en particular la prensa escrita, se dedican a analizar procesos y tendencias sociales cuya actualidad se amplía a períodos largos que ocupan meses, años o décadas.

Em consonância com a abordagem de Fontcuberta (1993), Tuchman (1983) explicita que o tipo de acontecimento condiciona a notícia. Os jornalistas distinguem acontecimentos em função do fator tempo em: inesperados; predeterminados (ou anunciados); em desenvolvimento e subsequentes a outros, já noticiados, que exigem continuidade. Grossi

⁷⁷ Fausto Neto (2007b, p. 79) afirma que o Jornalismo tem se dedicado a narrar suas operações, os processos de produção do acontecimento, assinalando uma “emergência de operações de auto-referência”. As operações de auto-referência “visam descrever operações voltadas para a realidade da construção que é convertida na própria ‘realidade do acontecimento’” (2007c, p. 17). Ao estudar casos em que o Jornalismo faz referência ao próprio Jornalismo, Braga (2005, p. 13), afirma que essa é “uma tendência autodefensiva da mídia no que se refere a sua própria exposição”.

⁷⁸ Os tipos de atualidade jornalística dividem-se em curta, média, longa e de constante duração, segundo a tipologia proposta por Fontcuberta (1993, p. 24).

(1985) utiliza-se da classificação de Tuchman (1983) e propõe que os típicos atípicos geram notícias em continuação (ou *continuing news*). Acontecimentos fortes em valor noticioso são a base de notícias em continuação, também agrupadas entre as *hard news*.

À necessidade de interpretar rapidamente os acontecimentos, em razão da periodicidade de cada meio, se impõem tanto novas possibilidades de apreensão do acontecimento quanto novas ocorrências, que mantêm ou alteram os sentidos já produzidos pelo acontecimento jornalístico. Desta forma, os típicos atípicos desafiam as processualidades de produção jornalística, pela “excessiva dilatação do espaço e da atenção dada ao evento, com consequências para a redundância e repetição de mensagens” (Grossi, 1985, p. 68 [tradução minha])⁷⁹.

A análise do *Caso Angostura* em sua temporalidade alongada permite identificar uma série de outros acontecimentos que o sucedem, ora como se dele emergissem, ora como se a ele retornassem, logo, como atualidade e como recorrência.

Oitavo: envolvem o Jornalismo em sua conflitividade. Devido à dependência das fontes oficiais para esclarecer e ordenar os acontecimentos atípicos, uma vez que estes se ligam aos sistemas políticos e as instituições públicas, o Jornalismo acaba enredando-se na conflituosidade do próprio acontecimento. Ao ingressar nos fluxos do acontecimento, o Jornalismo é penetrado por “explicações” que se originam nestes sistemas e organizações, dependentes “del comportamiento de personas” (Rey Morató, 1988).

As cinco primeiras assertivas aqui apresentadas referem-se ao acontecimento vivido, enquanto as assertivas seis e sete dizem respeito ao seu ingresso e sua permanência nas instâncias do Jornalismo e a última aos modos como o acontecimento produzido impacta no próprio Jornalismo. É pela análise do acontecimento produzido pelos jornais *O Estado de S. Paulo*, *El Tiempo* e *El Comercio*, contudo, que serão observados e analisados estes elementos. Pela observação sistemática destes jornais de referência, a investigação dedica-se a decompor e recompor o acontecimento jornalístico, sua dispersão interpretativa no tempo e os fluxos de sua produção pelo que pode ser depreendido dos textos. Em virtude dessa opção metodológica, os capítulos posteriores reúnem as análises realizadas. Antes, porém, apresento os jornais escolhidos para o estudo da produção do *acontecimento Angostura* e os procedimentos metodológicos que possibilitaram realizá-lo.

⁷⁹ “Una dilatazione eccessiva dello spazio e dell'attenzione assegnati all'evento, con conseguenze sulla ridondanza e reiterazione dei messaggi” (Grossi, 1985, p. 68).

2.3.2 Os jornais

A entrada no acontecimento jornalístico deu-se pela leitura da edição de 2 de março de 2008 de *O Estado de S. Paulo*. À medida que o *Caso Angostura* se impunha espacial e temporalmente no jornal, pelos contornos que assumia, pelas questões que trazia ou por novos acontecimentos que sobre ele convergiam, optei por analisar sua produção em outros jornais latino-americanos. Diante da posterior necessidade de restringir o *locus* de observação, resolvi manter o jornal brasileiro, enquanto espaço de ingresso no *Caso Angostura*, e elegei jornais da Colômbia e do Equador, que se ligavam diretamente ao acontecimento em curso. Entre o conjunto de jornais de referência destes países, optei pelo colombiano *El Tiempo* e pelo equatoriano *El Comercio*, ambos membros do Grupo Diários América⁸⁰ (GDA), uma cooperação corporativa criada em 1991, que congrega 11 jornais privados conservadores, cabeças de conglomerados midiáticos latino-americanos.⁸¹ O GDA visa ao intercâmbio de material jornalístico e de anúncios entre os participantes, ao operar como um sistema de colaboração permanente.

Apesar de não pertencer ao GDA, posto que o representante brasileiro na entidade é *O Globo*, *O Estado de S. Paulo* também integra um conglomerado midiático, o *Grupo Estado*. Além desta característica, os três são jornais diários de referência nacional e internacional, de capital privado, constituídos como empresas familiares (apenas *El Tiempo* passou a dividir o controle familiar com o controle acionário estrangeiro do *Grupo Planeta* em 2007).

São publicações em formato *standard*, coloridas, com diagramação cosmopolita, que possuem versão *online*, parte dela aberta ao público e parte fechada para assinantes, na qual apresentam uma réplica da versão impressa (os jornais colombiano e equatoriano instituíram recentemente esta opção). Enquanto o *Estado* (<http://www.estadao.com.br/>) permite o acesso ao acervo digitalizado, com versões para impressão e para guardar, *El Comercio* (<http://www.elcomercio.com/>) e *El Tiempo* (<http://www.eltiempo.com/>) mantêm apenas por 24 horas a edição do dia.

Esta especificidade dos produtos é um dado importante porque marca de certa maneira a forma como analisei um e outro. *El Tiempo* e *El Comercio* exigiram leitura e seleção diárias,

⁸⁰ “O perfil dos ‘sócios’ do GDA é bem definido. Não se trata simplesmente de veículos de alta tiragem e ampla circulação, mas especificamente de órgãos representantes de conglomerados multimídia, na maioria dos casos identificados com posições conservadoras. Desta forma, os veículos associados no GDA têm um irrefutável papel político: o de conferir organicidade ao discurso conservador de certas camadas das burguesias latino-americanas” (Aguiar, 2008, p. 2).

⁸¹ Integram o *Grupo de Diários América* os jornais *La Nación*, da Argentina; *O Globo*, Brasil; *El Mercurio*, Chile; *El Tiempo*, Colômbia; *La Nación*, Costa Rica; *El Comercio*, Equador; *El Universal*, México; *El Comercio*, Perú; *El Nuevo Día*, Puerto Rico; *El País*, Uruguai; *El Nacional*, Venezuela.

porque esta era a forma de acessar entre as inúmeras versões *online* (ao longo do dia as notícias são retrabalhadas no Jornalismo *online*) a que correspondia à versão impressa. Como a escolha destes jornais não foi imediata à aparição do acontecimento, alguns textos não puderam ser recuperados. No *Estado*, ao contrário, além de acompanhar o *Caso Angostura* desde seu surgimento (na edição de 2 de março), pude revisar o arquivo que vinha formando quando das mudanças introduzidas em março de 2010, que tornaram acessível todo o arquivo do jornal.

Outra ressalva é necessária: como *O Estado de S. Paulo* passou a disponibilizar arquivos em formato PDF foi possível visualizar a imagem da página impressa, enquanto nos jornais *El Tiempo* e *El Comercio* podia-se identificar apenas a editoria onde se encontram os textos. Tal especificidade, a meu ver, não invalida as análises, porque interessa, ao estudar a produção do acontecimento, os espaços que o acontecimento jornalístico ocupa nos termos da organização do mundo realizada pelo Jornalismo, assentada em editoriais, e não o espaço ocupado por cada matéria, em centímetro-coluna, ou sua disposição na página, se principal ou secundária, se à direita ou à esquerda.

a) *O Estado de S. Paulo*

O Estado de S. Paulo, fundado em 1875, é o mais antigo dos jornais da cidade de São Paulo ainda em circulação. Surgiu vinculado à luta política, aproximando-se de um jornal de causa. Segundo Taschner (1992, p. 31), “a organização empresarial era arcabouço material para se realizar o objetivo político”, o que o converteu em ator político. A mediação na esfera política mantém-se como uma das marcas de *O Estado de S. Paulo*, que se define como o jornal que lutou pela democracia no Brasil. Em abril de 2010, após receber o Prêmio da Associação Brasileira de Agências de Publicidade (Abap), *Ícones da Comunicação*, na categoria Liberdade, Ruy Mesquita, diretor de Opinião do jornal, disse: “*O Estado de S. Paulo* nunca pôs interesses empresariais antes de interesses políticos, antes da defesa dos interesses nacionais”.⁸² Em seu discurso Mesquita destacou que o jornal “tem sido identificado por todos os governos por que o País passou, aí incluídos especialmente os que ajudou a constituir, como o seu mais incômodo opositor. Colecionou intervenções, atentados e atos de censura de representantes de todos os quadrantes do espectro ideológico. Arrancou de

⁸² MAYRINK, José Maria. Uma história de lutas por liberdade e democracia. *Estado*, Caderno A, Nacional, São Paulo, ano 129, n. 41812, p. A10, 9 abr. 2008.

prisões e acolheu em sua redação fugitivos de todos os regimes”.⁸³ Ruy Mesquita atribui ao jornal uma coerência ao longo de sua história, “à custa de sacrifícios materiais sofridos pela empresa e de sacrifícios pessoais sofridos pelos seus diretores”.

Propriedade exclusiva da família Mesquita a partir de 1902 – Julio Mesquita (até 1927), Julio Mesquita Filho (1927-1969); Julio Mesquita Neto, (1969-1996); Ruy Mesquita (desde 1996) –, integra o *Grupo Estado*, conglomerado formado pelas emissoras de rádio *Eldorado* AM e FM (1958), *Jornal da Tarde* (1966), *Agência Estado* (1970) e *OESP Mídia* (1984), empresa no ramo de publicidade. O *Grupo Estado* inicia no final dos anos 1980 uma série de reformas administrativas que culminam em uma gestão mais profissional e menos familiar. No jornal, a partir de 2003, os membros acionistas da família Mesquita deixam suas funções executivas e passam a ocupar postos de representação institucional e orientação editorial e empresariais, como o Conselho de Administração e os comitês Editorial e de Supervisão de Estratégias. Ruy Mesquita aparece como diretor do jornal, porém é o diretor de Opinião e mantém sob sua responsabilidade os editoriais e a tradicional coluna *Notas & Informações*, a mais antiga do *Estado*.

De circulação diária desde 1991, visto que anteriormente não havia edições às segundas e após feriados, o jornal atingiu média diária de 250.089 exemplares em dezembro de 2010, “com crescimento em sua circulação de 13% sobre o mesmo período do ano anterior, comparado ao crescimento de 2% na circulação 2010 dos jornais brasileiros auditados pelo IVC – Instituto Verificador de Circulação”.⁸⁴ Quando surgiu possuía apenas quatro páginas e uma tiragem de 2 mil exemplares, que passou a 4,8 mil em 1889 e chegou a 8 mil três anos depois. Em *O Estado de S. Paulo* já era possível observar o jornal-empresa em seus primórdios. Pioneiro na venda unitária no Brasil, o jornal, segundo Taschner (1992, p. 31), “não era um jornal dominado por sua organização empresarial, apesar de que esta já existia”.

De forma contínua, a família Mesquita realizou investimentos em tecnologia e pessoal. Nos anos 40 e 50, por exemplo, enviou seus jornalistas aos Estados Unidos e assim mudou a linguagem do jornal por meio do emprego do *lead* e de um texto claro e conciso. Nos anos 80 modernizou e adotou novos padrões gráficos em meio à disputa por mercado, enfrentando o modelo representado pela *Folha de S. Paulo*. Mudanças significativas foram realizadas em 1991, com a adoção de cores e a publicação diária. Novas atualizações no projeto gráfico foram introduzidas em 2004 e em 2010.

⁸³ TRAJETÓRIA de Ruy Mesquita é premiada. **Estado**, Caderno A, Nacional, São Paulo, ano 129, n. 41812, p. A10, 9 abr. 2008.

⁸⁴ RELATÓRIO da Administração. **Estado**, Caderno B, São Paulo, p. B6-B9, 23 abr. 2010.

Ilustração 4: Capas de *O Estado de S. Paulo*

Fonte: *O Estado de S. Paulo*

Legenda: Capa do Estado em 2009 (E) e em 2012

A última reforma atualizou as imagens do jornal impresso e digital e seu conteúdo. A reformulação do projeto gráfico foi assessorada pela empresa espanhola *Cases i Associates*, de Barcelona, que havia participado da atualização anterior. As mudanças tinham como objetivo diferenciar os gêneros jornalísticos – entrevistas, reportagens e notícias – para melhorar a experiência do leitor com o jornal e sublinhar a identidade de *O Estado de S. Paulo*. A empresa optou por uma aproximação entre o jornal *online* e em papel. Com o redesenho de *O Estado de S. Paulo*, apresentado em 14 de março de 2010, o jornal passou a comportar uma ampliação das análises e das colunas de opinião por meio de 91 colunistas e articulistas. Nesse sentido, o *online* seria mais apropriado ao noticiário e o papel à interpretação. “Esses ajustes incluem a coragem de mudar um dos princípios mais antigos do Jornalismo impresso: o de apenas dar notícias do dia anterior.”⁸⁵

A orientação do jornal ao contexto internacional é outra característica importante de *O Estado de S. Paulo* e do *Grupo Estado*. Ainda no final do século 19, sob a presidência de Julio Mesquita, o jornal passou por uma série de inovações, tais como a contratação da agência *Havas*, para dar mais agilidade às notícias internacionais. Utiliza atualmente os serviços da AP, AFP, *Reuters* e *France Presse*, prioritariamente. O jornal conta com a seção *Visa Global*, no qual publica artigos dos principais jornais internacionais, e *Websfera*, com notas sobre os

⁸⁵ MOMENTO de apostar. *Estado*, Caderno H, Especial, p. H2, 14 mar. 2010.

portais da imprensa internacional. O *Estado* mantém uma equipe de correspondentes, formada em 2012 por: Ariel Palácios, correspondente em Buenos Aires para a América Latina; Denise Crispim Marin, correspondente em Washington (antes o posto era ocupado por Patrícia Campos Mello); Gustavo Chacra, em Nova York; Jamil Chade, em Genebra; Claudia Trevisan, em Pequim, e Andrei Netto, em Paris (como “enviado pelo *Estado*”). Além destes, quando necessário, desloca os jornalistas da editoria da Internacional, principalmente das redações de São Paulo e Brasília, como Lourival Sant'Anna, João Charleaux, Roberto Godoy, Ruth Costas, Patrícia Campos Mello e Roberto Lameirinhas. Na Web, criou o blog Radar Global, ligado à seção Internacional do impresso.

O *Estado de S. Paulo* traz entre 6 e 13 cadernos diariamente – 5 fixos (A, B, C, D e E) e os outros móveis. O caderno “A” traz o editorial e artigos de opinião (nas páginas seguintes à capa), e as seções Nacional, Internacional e Vida (esta para temas de educação e ciência, especialmente). O caderno “B” destina-se à economia, o “C”, Cidade ou Metrópole, refere-se à cidade de São Paulo, sede do jornal, o “D” ou Caderno 2, de cultura (chamado C2 + Música aos sábados e Caderno 2 aos domingos) e o “E” de esportes.

Os cadernos móveis mudam de acordo com o dia da semana: sábado, *Sabático*, caderno de literatura, e *Estadinho*, para crianças; domingo, *Aliás*, para o debate dos eventos da semana por colunistas, *TV*, com a programação de televisão, *Feminina*, de moda, beleza e saúde, e *Casa*, de arquitetura e decoração; segunda-feira, *Link*, de informática, *Negócios*, de economia, mercado e investimentos financeiros; terça-feira, *Viagem*; quarta-feira, *Agrícola*; quinta-feira, *Paladar*, de gastronomia, e sexta-feira, *Construção*, com informações e serviços na área da construção civil, e *Divirta-se*, um guia com a programação cultural de São Paulo. Além destes, há cadernos de classificados. Em março de 2010 o *Estado* introduziu o caderno *Planeta*, sobre meio ambiente, de circulação esporádica.

b) *El Tiempo*

Fundado em 1911 por Alfonso Villegas Restrepo, *El Tiempo* passou dois anos mais tarde para Eduardo Santos Montejó, que viria a ser presidente da Colômbia entre 1938 e 1942. Santos Montejó alterou a linha política do jornal, de republicano passou a um moderno liberalismo. O jornal mantém-se como propriedade da família Santos, de jornalistas e políticos. Dentre eles destacam-se: Juan Manuel Santos, atual presidente do país, ministro da Defesa do governo Uribe, responsável direto pelas operações Fênix e Jaque (de libertação de Ingrid Betancourt); Francisco Santos Calderón, o *Pacho* Santos, vice-presidente no governo

Uribe (2002-2010), ex-chefe de redação de *El Tiempo*, sequestrado pelo cartel de Pablo Escobar Gaviria, em 1990, e um dos personagens do livro *Notícia de um sequestro*, de Gabriel García Márquez; Enrique Santos Castillo (pai do atual presidente), diretor de *El Tiempo* por cerca de 50 anos; e Enrique Santos Calderón (irmão do atual presidente), ex-diretor de *El Tiempo* e presidente da Sociedade Interamericana de Prensa (SIP, em sua sigla em espanhol).

O jornal é a cabeça do conglomerado Casa Editorial *El Tiempo*,⁸⁶ que publica o jornal *Hoy*, além de semanários, das revistas *Cambio*, *ABC del Bebé*, *Aló*, *Carrusel*, *Don Juan*, *Elenco*, *Motor*, *Portafolio*, etc; dos classificados *El Empleo.com*, *MetroCuadrado.com*, *Motor.com.co* e *Vive.in*; e do canal *CityTV*. Em 2007 *El Tiempo* passou a ter controle estrangeiro, uma vez que a *holding* foi dividida com o grupo editorial espanhol *Planeta*, formado pelo diário *Razón*, pela cadeia de emissoras de rádio *Onda Cero*; por emissoras RKOR, concessão de Rádio Digital Terrestre; e o diário *ADN*, de distribuição gratuita, editado por um conjunto de jornais espanhóis. *El Tiempo* integra o GDA e entre seus membros é “o que alega ter a maior circulação” (Aguiar, 2008, p. 7), 475.046 exemplares na edição de domingo e 240.964 de segunda a sábado.⁸⁷

No contexto colombiano, *El Tiempo* e *El Espectador*⁸⁸ são os jornais de circulação nacional. Entre os regionais destacam-se *El Colombiano*; *El Heraldo*, *El País*, *El Mundo* e *La Vanguardia Liberal*, respectivamente de Medellín, Barranquilla, Cali e de Bucaramanga os dois últimos. Há também as revistas *Semana* e *Cambio*, esta da *Casa Editorial El Tiempo*.

O jornal colombiano emprega uma pequena rede de correspondentes, situados em países estratégicos segundo os interesses nacionais: Valentina Lares Martínez, na Venezuela; Sergio Gómez Masseri, nos Estados Unidos, e Juanita Samper Ospina, na Espanha. A presença nos Estados Unidos se deve à execução do Plano Colômbia, de combate ao tráfico de drogas e às guerrilhas, financiado por este país; na Venezuela pelo fato de o vizinho latino-americano ser o maior parceiro comercial e pela importância estratégica em acessar informações que não pela versão chavista;⁸⁹ enquanto na Espanha pelos laços históricos e pela importância de tratar dos colombianos, principalmente os “sem papéis” que vivem ilegalmente na Europa. A correspondente Juanita Samper Ospina é filha de Daniel Samper,

⁸⁶ Disponível em: <<http://www.planeta.es/esp/asp/home.html>>.

⁸⁷ Disponível em: <<http://publicidad.eltiempo.com/offline/index.php?pag=home&idp=10>>.

⁸⁸ O jornal *El Espectador* era um importante jornal diário colombiano, porém, devido a uma crise financeira passou a semanal por um longo período. Em março de 2008 o jornal mantinha apenas a publicação aos sábados, voltando a ter edições diárias somente em 2010.

⁸⁹ Chavista é o termo utilizado para descrever apoiadores e militantes do chavismo, nome dado à ideologia de esquerda do presidente da Venezuela, Hugo Chávez, assentada em ideais de Simón Bolívar, Ernesto Che Guevara, Fidel Castro, entre outros, e em um socialismo revisado, definido como socialismo do século 21.

considerado o pai do Jornalismo investigativo colombiano e que esteve vinculado ao *El Tiempo* por cerca de quatro décadas.

Além dos correspondentes fixos, *El Tiempo* utiliza-se de correspondentes *free-lance*, pagos por nota publicada conforme a demanda do jornal, que assinam suas matérias como “Especial para *El Tiempo*”. Entre estes se destacam: Maggy Ayala Samaniego (que assumiu a função de correspondente em 2009), no Equador; Óscar Martínez, na Cidade do México; José Vales, em Buenos Aires, Idefe Martín Pérez, em Bruxelas; Patricia Salazar, em Berlim, e Milagros López, em Havana.

Cerca de 80% das notícias internacionais, porém, originam-se dos despachos de agências de notícias. O jornal prioriza uma redação própria sobre o conteúdo das agências, indicando-as como origem da informação. Segundo o subdirector de informação de *El Tiempo*, Andrés Momportes, a prática consiste em retirar de cada despacho o mais relevante e integrá-los num único texto. “Las visiones de diferentes agencias tienen matices. Uno puede aprovechar la experiencia de AFP en el cubrimiento de grandes temas, también a EFE que tiene un cuidado especial en las noticias para los ciudadanos de lengua hispana”, afirma.

Como é membro do GDA parte da informação internacional tem origem no convênio. Quanto à estrutura operacional, juntos os jornais do GDA possuem cerca de 3 mil jornalistas, com correspondentes em 25 países. Algumas pautas são coordenadas conjuntamente e, depois de recolhido o material, cada veículo pode editá-lo. Além do trabalho conjunto, “o estatuto do GDA também permite que cada jornal-membro republique matérias individuais, produzidas por um jornal único em coberturas isoladas. Assim, o consórcio atua como fonte “colaborativa” de texto e fotos” (Aguiar, 2008, p. 5).

El Tiempo, em formato *standard* e diagramação modular (Collaro, 2000), que mescla o horizontal e o vertical para a agilização das formas, traz em média cinco chamadas de capa, acrescidas de um resumo da notícia, ilustradas ou não. Quatro anos depois da última reforma no projeto gráfico, no final de 2010, *El Tiempo* volta a alterá-lo.

A alteração do projeto gráfico⁹⁰ atende, especialmente, ao critério editorial da redação multimídia. Por isso, o conteúdo do jornal está organizado em três grandes seções, possíveis de serem identificadas acima do nome do jornal: *Debes saber*, que se refere à atualidade, ao factual, à informação dura (*hard news*); *Debes hacer*, um caderno de comportamento, serviços e espetáculos, e *Debes leer*, onde estão agrupadas todas as análises e os conteúdos de opinião e profundidade. Os nomes das seções foram amplamente debatidos, se *debes* (deves, em

⁹⁰ POMBO, Roberto. Carta del director de EL TIEMPO sobre el nuevo diseño. *El Tiempo*, Nação, 2 out. 2010. Disponível em: <<http://www.eltiempo.com/archivo/documento/CMS-8054780>>.

português) era ou não um imperativo e se não era muito informal. Em *Debes saber* estão as editoriais Colômbia, Bogotá, Política, Justiça, Mundo, Esportes, Economia e Tecnologia e em *Debes leer* os editoriais, colunistas, artigos de opinião e o Fórum dos Leitores.

Ilustração 5: Capas de *El Tiempo*



Legenda: *El Tiempo* em 2009 (E) e 2012 (centro) e apresentação do novo layout (D)
Fonte: *El Tiempo*

O novo agrupamento temático apresenta uma sinalização de cores, que visa a dar personalidade e identidade a cada macrosessão: azul para *Debes leer*, laranja para *Debes hacer* e verde para *Debes saber*. Estas cores se converteram em “corporativos” de cada seção e somente são aplicadas nelas. Em vermelho é sinalizado um quarto caderno, o de classificados. A tipografia também foi alterada, otimizando a navegabilidade e funcionalidade nos dispositivos móveis (celulares e tablets).

El Tiempo desempenha um importante papel enquanto mediador simbólico. Investigação acerca da credibilidade dos meios de comunicação colombianos, realizada pelo *Observatorio de Medios*, da Faculdade de Comunicação da *Universidad de La Sabana*, em 2009, identificou que 43% dos entrevistados optam por *El Tiempo* e apenas 7% por *El Espectador*. Os demais jornais regionais dividem entre si o restante do percentual.⁹¹ Da mesma forma, pesquisa da empresa Cifras & Conceptos, realizada em 2011, evidenciou que

⁹¹ Disponível em: <<http://sabanet.unisabana.edu.co/comunicacion/observatorio2006/inicio.htm>>.

30% dos entrevistados preferem *El Tiempo* e este supera em 11 pontos os principais concorrentes, o jornal *El Espectador* e a revista *Semana*.⁹²

Apesar de em alguns momentos dar a conhecer dados que direta ou indiretamente prejudicam o governo do país (como no caso dos paramilitares), a mediação simbólica exercida com o propósito de socializar o conflito interno colombiano aproxima-se do sistema político (ver terceiro ponto da descrição de um “típico acontecimento atípico”). As estreitas ligações com o governo, por meio da família Santos e/ou por sua alta concentração de capital, possibilitam ao poder político insinuar-se sobre o Jornalismo. Assim, a resolução simbólica da anomalia social condiciona e é condicionada pela proximidade com o governo, tanto o anterior, de Álvaro Uribe (presidente quando da morte de Raúl Reyes e da libertação de Ingrid Betancourt), como no atual, de Juan Manuel Santos.

c) *El Comercio*

O jornal *El Comercio* foi fundado em 1906 pelos irmãos César e Carlos Mantilla Jácome. *El Comercio* mantém-se como uma empresa de caráter familiar, segue como propriedade da família Mantilla (atualmente sob a direção de Guadalupe Mantilla de Acquaviva) e considera a si mesmo como um meio independente. A agenda do jornal é conduzida pelos jornalistas e editores em defesa dos interesses da sociedade, considerando os referenciais impostos por seu Código de Ética.

O *Grupo El Comercio* (GEC) é formado pelos jornais *Últimas Noticias*, popular, e *Correo del Valle*, regional; pelas revistas *Carburando*, *Educación*, *Família*, *Líderes*, *SuperPandilla* e *SuTienda*; pelas rádios *Quito 760 AM* e *Platinum*, e pelo *Xona.ec*. O jornal tem circulação de 98.000 exemplares⁹³ de segunda à sexta, segundo dados do GDA, do qual é um dos integrantes.

O jornal *El Comercio* mantém correspondentes em Buenos Aires, Bogotá, Madri e Nova York, respectivamente, os jornalistas Santiago Estrella Garcés, Dennis Rodríguez P (em março de 2008 o correspondente em Bogotá era o jornalista Carlos Rojas), Roxana Cazco e Olga Imbaquingo. Por intermédio do GDA utiliza-se dos despachos do correspondente de *El Tiempo* em Washington, Sergio Gómez Masseri.

O jornal passou por nova reformulação de seu projeto gráfico após o centenário, quando a tipografia e os filetes foram suavizados. A capa traz em média três chamadas

⁹² Disponível em: <<http://m.eltiempo.com/tecnologia/actualidad/el-tiempo-y-eltiempocom-los-preferidos-de-los-lderes-de-opinin/10736129>>.

⁹³ Disponível em: <<http://www.gda.com/Publicidad/Perfiles/index.php>>.

acrescidas de textos mais extensos, que direcionam para o interior, além de uma série de chamadas secundárias. Na página 2 comumente o jornal mantém duas seções: ou *Periodismo Positivo*, na parte superior, e uma entrevista, na inferior; ou *Periodismo al servicio de la gente* (ou *Nunca hemos callado* ou *La prensa incomoda*) na parte superior e a coluna *El testimonio de aquellos días*, na inferior. Nas páginas seguintes estão dispostas as editoriais de Política, Justiça, Negócios (e nestas, como em *El Tiempo*, uma página é usada pelo *The Wall Street Journal Americas*), Mundo e Informação Geral.

Ilustração 6: Capas de *El Comercio*



Fonte: *El Comercio*

Legenda: *El Comercio* em janeiro de 2006 (E) e em janeiro de 2012

Ao contrário da maioria dos jornais brasileiros, que trazem a Opinião nas páginas 2 e 3, o jornal equatoriano reserva a antepenúltima e a penúltima páginas do Primeiro Caderno para editoriais, charges e artigos de opinião (o mesmo acontecia em *El Tiempo* antes da reforma gráfica). O editorial vem na parte superior da página par (a antepenúltima), ocupando as seis colunas; abaixo dele há uma charge e quatro textos assinados pelos articulistas fixos do jornal: Fabián Corral, Enrique Echeverría, Jorge Salvador Lara, Benjamín Rosales Valenzuela. Na parte inferior está o expediente. Na página ímpar, a penúltima do primeiro caderno, traz na parte superior mais um colunista de *El Comercio*, Miguel Rivadeneira Vallejo, e ao lado desse um colunista convidado. Abaixo está disposta a seção *Cartas a la*

dirección, mais uma charge e a coluna *La história en imágenes*, que traz uma fotografia antiga e uma explicação sobre ela.

De maneira variável, *El Comercio* traz um segundo ou terceiro caderno. Neles encontram-se seções como: Quito, Equador, Sociedade e Cultura, Esportes, Cultura Espetáculo. No domingo, o Caderno 2 traz duas seções, Tecnologia e Jovens.

No Equador, além de *El Comercio*, há outros jornais de referência, como *Hoy*, *El Universo* e *Expreso*, cujas sedes estão em uma das duas cidades mais importantes do país, Quito ou Quayaquil. O principal concorrente de *El Comercio* é o diário *Expreso*. Há ainda o jornal diário estatal, *El Telégrafo*, além da revista *Viztazo*. Enquanto mediador simbólico posiciona-se como um fiscalizador do governo, apoiando e/ou rechaçando suas ações.

Pesquisa do *Centro de Investigaciones de Comunicación y Opinión Pública* (Cicop), da *Universidad de Los Hemisferios*, sobre a credibilidade dos meios de comunicação equatorianos, publicada em 2010, revela que *El Comercio* ocupa a primeira posição tanto nas categorias jornal local como jornal nacional. Segundo Vásconez Dávalos (2010), os entrevistados indicavam livremente os meios aos quais atribuíam maior credibilidade e, por isso, apesar de ser um jornal de referência nacional, *El Comercio* e outros dois diários nacionais aparecem como locais. De acordo com a investigação, *El Comercio* possuía 11,8% da preferência como jornal de consumo local de maior credibilidade, seguido de *La Hora*, de Loja, com 4,5%, e *El Universo*, com 4,4%. Na categoria nacional mantém-se na primeira posição com 26,5% (maior índice em Quito), seguido de *El Universo* (maior índice em Guayaquil), com 15,8%. A enquete identificou também o jornalista de imprensa escrita de maior credibilidade. Neste caso, Arturo Torres, diretor de informação de *El Comercio* e autor do livro *El juego del camaleón, los secretos de Angostura* (Eskeletra Editorial, 2009), sobre o *acontecimento Angostura*, ocupa a terceira posição.

2.3.3 Analisar o acontecimento

Os movimentos metodológicos visam a responder a um objeto de estudo que encerra em si questões de natureza ontológica e metodológica. Ao indagar acerca de como se materializam no acontecimento jornalístico os múltiplos processos que constituem o *Caso Angostura* e o que o ingresso de um típico acontecimento atípico no Jornalismo diz sobre o próprio Jornalismo e seus fazeres, proponho estudar o acontecimento a partir de sua produção discursiva. Para tanto, é necessário que o método possibilite, a partir da materialidade discursiva, entender os processos de produção jornalística e o acontecimento produzido.

A proposição se inscreve naquilo que Zamin e Marocco (2010) delimitaram como uma segunda vertente dos estudos do acontecimento, qual seja: nucleadas por um acontecimento ou por um conjunto deles algumas investigações dedicaram-se aos processos de produção e ao discurso que lhe confere materialidade jornalística. Nos estudos de Berger (2003) e Verón (2002), por exemplo, a instância metodológica é experienciada nos fazeres e nas processualidades de construção do percurso da investigação, em análises de acontecimentos que respondem a questões mais amplas, do âmbito do Jornalismo.

Verón (2002) desvia-se de indagações acerca da gravidade do acidente nuclear de *Three Mile Island* para fixar a construção do acontecimento em uma rede informativa. O estudo apresentado no livro *Construir el acontecimiento* está marcado por um triplo movimento metodológico: (1) a “aparição” do acontecimento a partir dos despachos da agência francesa *France Presse*, que chegaram a Paris procedentes de Washington (EUA) na tarde do dia 28 de março de 1979, e de Harrisburg (EUA), durante a noite, e o seu ingresso na mídia francesa entre os dias 28 e 29; (2) a presença do acontecimento em cada meio observado a partir do material informativo do dia 31 de março, e (3) os textos informativos das revistas *L'Express*, *Le Nouvel Observateur*, *Le Point* e *Paris-Match* no período de 1º a 3 de abril daquele ano.

Verón observou sete jornais, *Le Matin*, *Le Figaro*, *L'Humanité*, *Libération*, *L'Aurore*, *France Soir* e *Le Monde*; os noticiários das 13h e 20h dos canais *Télévision Française 1* e *Antenne 2*, e noticiários das emissoras de rádio *RTL*, *France Inter* e *Radio Monte Carlo*. O estudo dedica-se a uma cronologia da construção do acontecimento e, simultaneamente, à análise dos discursos jornalísticos. Na primeira etapa analisa despachos da *France Presse* e a construção do acontecimento dentro da rede francesa, identificando a existência de dois discursos, um técnico e outro não técnico. Na segunda fase, nos jornais, Verón observa a disposição do acontecimento em suas páginas e editorias, o uso de cartolas de cobertura, os títulos e os discursos construídos. Já na terceira etapa observa as revistas e nelas um discurso que “fala do que já foi falado” (Verón, 2002, p. 179). Ao analisar as capas, manchetes, títulos e textos, distingue três discursos diferentes: informativo, didático e situacional, este último pelo fato de as revistas tomarem a França como referência.

No livro *Campos em confronto: a terra e o texto*, Berger (2003) estendeu o estudo de acontecimento a uma sucessão de acontecimentos envolvendo o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), publicados no jornal *Zero Hora* entre 1990 e 1993. A partir das 1.227 matérias publicadas no período, selecionou três recortes analíticos: (1) os títulos das 18 ocupações; (2) 23 matérias da cobertura da desocupação da Fazenda Bom

Retiro, entre 9 e 23 de março de 1993 e (3) a cobertura da morte do soldado Valdeci de Abreu Lopes, no dia 8 de agosto de 1990.

O primeiro recorte possibilitou examinar os enunciados de um número significativo de ocupações do MST, constatando “os modos de dizê-las no processo de repetição” (Berger, 2003, p. 127) realizado pelo jornal. Esses materiais permitiram identificar situações que se repetem e são representadas por *Zero Hora* em três atos: invasão, negociação e desocupação. Observa que o tipo de letra, o lugar na edição da página, a foto que respalda o título constroem a “imagem da invasão”, estruturando a leitura e estabelecendo “as normas para o tipo específico de contrato com os sujeitos destinatários” (p. 156).

O segundo recorte, por meio do qual se analisa uma ocupação, deve-se, segundo Berger (p. 129), por que “esta contém, na essência, as demais, pois as ocupações e as suas coberturas repetem-se adequadas apenas aos contextos políticos”. Já o último deve-se à escolha de um “caso excepcional”, fora das ocupações, em que outra circunstância delimita a notícia.

Tomados como um indicativo, uma vez que os métodos construídos nesses estudos respondem ao que era específico a eles, portanto, não podendo ser aplicados indistintamente a outros, os trabalhos de Verón (2002) e Berger (2003) fornecem pistas de como estudar o acontecimento jornalístico. A análise da produção do *Caso Angostura* visando a compreender em que medida os típicos atípicos, por suas características e por seus fluxos, alteram as processualidades do Jornalismo, foi permeada pela elaboração de mecanismos que possibilitassem depreender da materialidade discursiva respostas para as questões colocadas em cada etapa do processo.

As escolhas metodológicas foram orientadas a partir da delimitação do objeto de estudo, uma vez que o modo de trabalhar a produção do acontecimento jornalístico difere de uma análise do jornal ou do programa “x” ou tema “y” no jornal “z”, por exemplo. A opção foi por um exercício de natureza metodológica no âmbito do discurso, uma vez que a partir dele é possível identificar não apenas os sentidos construídos, mas também os processos de sua produção que acabam por conformar o acontecimento jornalístico. Do mesmo modo, por meio da materialidade jornalística é possível identificar tanto os movimentos do acontecimento como os do Jornalismo e as afetações de um sobre o outro. As opções metodológicas descritas a seguir foram pensadas como forma de cercar os textos jornalísticos em seus esforços de interpretar o acontecimento.

A investigação sobre a construção discursiva do *acontecimento Angostura* considerou tanto as especificidades dos meios nos quais ele ingressa, os jornais latino-americanos de

referência, apresentados anteriormente, quanto às injunções que decorrem do que é próprio a esse suporte (Berger, 2003; Fausto Neto, 1991; Verón, 2002). O *corpus* discursivo organizado reúne o conjunto de textos informativos publicados no período de março de 2008 a agosto de 2009 pelos jornais *O Estado de S. Paulo*, *El Tiempo* e *El Comercio*, respectivamente brasileiro, colombiano e equatoriano. Ao todo foram analisados 307 textos de *O Estado de S. Paulo*, 406 de *El Tiempo* e 503 de *El Comercio*.

A análise compreende três recortes neste *corpus*:

- a primeira semana de cobertura, de 2 a 8 de março de 2008;
- o mês de março de 2008;
- 18 meses de cobertura, de março de 2008 a agosto de 2009.

O primeiro recorte compreende o ingresso do acontecimento nos jornais e possibilita identificar e analisar os modos como ele é interpretado à medida que, por seus fluxos, passa a ser “outro” acontecimento a cada dia (item 3.1.1, *A morte, a invasão e os nexos com as Farc*). É nesse período que emerge o elemento-chave para a definição de como “dizer” o acontecimento, ou seja, os computadores de Raúl Reyes. A primeira semana de cobertura, de um modo geral, abarca os sentidos que, por recorrência e atualidade, irão compor o discurso sobre o acontecimento em sua longa duração.

Esse recorte permite observar, ainda, como o acontecimento movimentava-se pelos espaços dos jornais, ou seja, em que limites, editoriais e rubricas ele é assentado a cada dia (item 3.2, *O acontecimento nos mapas diários*).

O segundo recorte possibilita ingressar nos fluxos do Jornalismo a partir de uma análise acerca dos modos como cada um dos jornais aciona sua rede informativa na cobertura do *Caso Angostura*. Para tanto, utiliza-se de um *corpus* ampliado com vistas a identificar os movimentos no espaço físico, a partir da rede informativa, o que possibilita compor mapas de fluxos a partir deles (item 4.1, *Ir pelo mundo em busca das coisas do mundo*).

O terceiro recorte recolhe a dispersão interpretativa do *Angostura* em uma atualidade larga, conformada em função dos seus fluxos e dos movimentos do Jornalismo. O *Caso Angostura* é trabalhado pelos jornais de forma retrospectiva e prospectiva, por recorrências e atualizações, a partir de uma miríade de microacontecimentos e microrrelatos, especialmente, que surgem como consequência do primeiro ou a ele se ligam. Ele é empregado para apreender os inúmeros momentos em que os computadores de Raúl Reyes retornam ao Jornalismo em 18 meses de cobertura (item 3.1.2, *Os computadores*).

Por esse recorte é observado o ingresso de outro componente das redes informativas, os *media*, no trabalho da cobertura do acontecimento nos três jornais observados (item 4.2, *Ir ao Jornalismo em busca do mundo*). O *corpus* macro favorece identificar meandros dos processos de produção do acontecimento jornalístico em cada um dos jornais.

Também por esse recorte macro identificam-se os conflitos reconhecidos pelo Jornalismo, os provocados e os enfrentados por ele. Nesse viés, a ampliação do período temporal do *corpus* é auxiliar no sentido de perceber cruzamentos e afetações entre os fluxos do acontecimento e os do Jornalismo. No trabalho esses recortes não aparecem de maneira sequencial, uma vez que esse relatório de pesquisa é organizado em função dos fluxos do acontecimento (capítulo 3, *Dos Fluxos*), dos fluxos do Jornalismo (capítulo 4, *Do espaço*) e das afetações entre um e outro devido à conflitividade do acontecimento (capítulo 5, *Do conflito*).

Considera-se que, neste conjunto, há uma representativa que possibilita estudar a produção do *acontecimento Angostura* por um *corpus* discursivo que contém a unidade jornalística de cada jornal acerca do acontecimento. Isso porque o discurso “está constituído por um número limitado de enunciados para os quais se podem definir um conjunto de condições de existência” (Foucault, 2005, p. 153). Em sentido complementar, o Jornalismo pode ser pensado a partir de sua construção discursiva. O jornalista enuncia fenômenos sociais por meio da linguagem: “[ela] constitui e não descreve aquilo que é por ela representado” (Berger, 2002, p.19 [acréscimo meu]).

As interpretações ofertadas pelos jornais, muitas vezes em meio à urgência e à dramaticidade dos acontecimentos, necessitam ser analisadas a partir de dispositivos próximos ao foco de interesse de cada investigação, de forma a possibilitar que se ingresse na superfície de emergência (Foucault, 2005) e se observe o funcionamento do discurso. As análises propostas resultam da fragmentação e recomposição dos textos jornalísticos, porque é “num ir-e-vir, do plano do analista com sua teoria para o texto e vice-versa, que as pistas são localizadas e trabalhadas” (Voese, 1997, p. 11). Em alguns momentos são trazidos os títulos de um conjunto de textos, uma vez que estes se constituem como lugar da nomeação inicial do acontecimento (Fausto, 1991), “uma região-chave que é o articulado e articulador do jornal” (Mouillaud, 2002, p. 99). Os títulos, entretanto, comparecem como síntese dos textos que apresentam e, deste modo, não sendo utilizados para análises de sintaxe.

Outra abordagem teórico-metodológica importante para este estudo é o conceito de “trajeto temático” proposto por Guilhaumou (2002, 2010) a partir da noção de arquivo (Foucault, 2005). No interior de um trajeto temático, em distintos momentos do *corpus*, a

materialidade dos textos impõe um trajeto de leitura não pela mera progressão temática, mas como forma de acessar os movimentos discursivos, produtores de julgamentos e argumentos. Segundo Charaudeau e Maingueneau (2004, p. 480-482), tal movimento possibilita apreender feixes de sentido de enunciados que se agrupam em torno do itinerário de uma posição de sujeito, da formação de um conceito e da organização de um objeto. Essa abordagem é acionada como modo de intervenção para compreender os conflitos que se ligam ao *acontecimento Angostura* e os conflitos, da ordem do discurso, que se sobrepõem aos primeiros.⁹⁴

Cabe aqui o entendimento de que o *Caso Angostura* é constituído por microacontecimentos e por microrrelatos, que se sucedem no tempo, conectando-se a ele e atualizando-o a partir do futuro. Isso porque o campo de possíveis do *Angostura* não cessa de se atualizar, fazendo dele um acontecimento de longa duração (Fontcuberta, 1993). Os microacontecimentos, a que faço referência, fazem parte da estrutura temporal e de sentido do acontecimento *Angostura*. “São acontecimentos que fazem parte de uma série e são relativamente previsíveis no âmbito dos respectivos sistemas” (Santos, 2005, p. 81). Tomando por base a definição de Morey (1988, p. 88) de que os microrrelatos “reproducen monádicamente la misma cantilena”, ou seja, são da ordem da repetição, designo microrrelato aquilo que chega por meio de declarações ou manifestações de fontes, geralmente oficiais, e que se apresenta como explicação de algo já ocorrido ou como novidade. Segundo Morey (p. 44), “un relato es una sucesión seguible de acontecimientos y que un acontecimiento es tal por su capacidad de integrarse en un relato”.

O *Caso Angostura* contém uma singularidade que obedece a sua essencial conflituosidade. É um acontecimento de declarações, de versões oficiais, de coletivas de imprensa, de respostas a denúncias, por que antes de tudo é um acontecimento dos sistemas políticos nele implicados. Como um Jornalismo entre aspas é sempre dependente de um ou outro lado, o acontecimento construído é marcado por esses dizeres que tanto explicam o que lhe precedeu como geram novos “aconteceres”.

⁹⁴ Em alguma medida o conceito de trajetos temáticos aproxima-se do da noção de núcleos de sentido, a primeira da análise dos discursivos e a segunda da análise de conteúdo. Nas palavras de Minayo (2004, p. 209), “consiste em descobrir os núcleos de sentido que compõem uma comunicação cuja presença ou frequência signifiquem alguma coisa para o objetivo analítico visado”. Para Bardin (1995), os núcleos de sentido indicam operações de desmembramento do texto em unidades, com o objetivo de identificar os diferentes núcleos de sentido, e posteriormente, agrupá-los em classes ou categorias.

A produção do acontecimento

3. Dos fluxos

Os acontecimentos do “mundo diante de si” se constituem como tal à medida que são reconhecidos pelo Jornalismo e ingressam nos seus fluxos. Da miríade de acontecimentos “disponíveis”, são facilmente identificados e eleitos aqueles que despertam a atenção do Jornalismo pela desordem que provocam no social ao impactar indivíduos ou coletividades. Em torno desta questão central examino os textos produzidos pelos jornais de referência *O Estado de S. Paulo*, *El Tiempo* e *El Comercio*, respectivamente brasileiro, colombiano e equatoriano, durante a cobertura do *Caso Angostura*, um acontecimento que se revelou como um “típico acontecimento atípico” já no momento de sua emergência.

Conflituoso pelos elementos que abarca e pelas questões que expõe o *Caso Angostura* se impôs como central ao sistema político e ao Jornalismo latino-americano a um só tempo. Interferindo na dinâmica do social e na legitimidade de instituições públicas, o acontecimento alargou-se no tempo – vivido e jornalístico – impondo problemas, gerando instabilidades, apontando soluções, enfim, revelando a si e ao contexto de sua emergência. Para dar conta da conflitividade presente no acontecimento, como nos microrrelatos e microacontecimentos que se ligam a ele, o Jornalismo teve de se movimentar para fazê-lo ingressar em suas ordens institucional, de produção e discursiva que, juntas, permitem conformar o mapa do mundo de cada dia.

Ao tomar um acontecimento produzido pelo Jornalismo como objeto de estudo para, por sua materialidade discursiva, depreender os fluxos da produção jornalística e os fluxos do acontecimento, os modos de cotejá-lo alteraram-se por aquilo que os textos foram capazes de revelar a cada etapa do processo analítico. Para tanto, foi fundamental identificar as características do acontecimento, apresentadas no capítulo anterior, que me levaram a reconhecê-lo como um típico atípico. São estas características, descortinadas uma a uma, que possibilitam, nesta etapa, identificar os fluxos do acontecimento.

Um primeiro movimento desvela, a partir do acontecimento produzido pelos jornais, os movimentos do acontecimento no mundo vivido. Porque em desenvolvimento (Tuchman, 1983), o *Caso Angostura* desperta a atenção do Jornalismo e o desafia a nomeá-lo e interpretá-lo a cada um dos fluxos que se impõem como centrais à compreensão das rupturas que instaura. Nesta etapa, de identificação dos fluxos do acontecimento, a primeira semana de cobertura, em março de 2008, revela-se fundamental, porque nela podem ser localizados os

modos como o acontecimento será discursivizado no tempo. O emprego do plural “modos” deve-se ao fato de que o acontecimento em estudo não apenas dá a ver campos problemáticos, como é resultado deles; igualmente, porque seu poder de revelação está no deslocamento que provoca, levando para o exterior o que antes era compreendido apenas como problemática interna (de um país). Também é na primeira semana de cobertura que surge a “caixa preta” do acontecimento, os computadores do guerrilheiro assassinado em 1º de março de 2008, Raúl Reyes, de onde o governo colombiano irá “recortar” dizeres e “provas” que não permitirão ao acontecimento que cesse de se atualizar. A observação dos discursos sobre os computadores, porém, é realizada com base no terceiro recorte do *corpus*, ou seja, os 18 meses de cobertura.

Num segundo momento a análise volta-se para a cartografia conformada pelos jornais no dia a dia da cobertura, visando a verificar em que medida os fluxos do acontecimento nela intervêm. Ruptura no social, o *Caso Angostura*, em alguma medida, impõe-se como tal ao Jornalismo. Primeiro porque provoca um corte na serialidade jornalística; depois porque, por sua recorrência e fragmentação, requer ser trabalhado de forma retrospectiva e prospectiva. Uma vez mais a análise se assenta na primeira semana de cobertura, período que abarca os sinais da dispersão interpretativa que virá a se conformar e que é necessária à compreensão do *acontecimento Angostura*.

3.1 Fluxos do acontecimento

Comumente o Jornalismo estabelece um corte arbitrário no fluxo das atividades em curso no mundo cotidiano para dele ocupar-se, organizando-o e interpretando-o. Os típicos acontecimentos atípicos, por sua vez, impõem seus fluxos ao Jornalismo, no sentido de um continuar a acontecer enquanto seu campo de possíveis não se esgota. São acontecimentos que têm a capacidade de se prolongarem no tempo porque, por um lado, continuam a acontecer na medida em que afetam e são reconhecidos pelos indivíduos ou coletivos a quem acontecem; por outro, provocam repercussão, impactam no social e nas instituições públicas; e, ainda, ajudam a interpretar um conjunto de fatos posteriores, a “revelar” conflitos que existiam antes como problema para os atores neles implicados.

Por estas características, Santos (2005, p. 82 [grafia original]) afirma tratar-se de macroacontecimentos, aos quais se sucede uma miríade de microacontecimentos “que lhe fazem eco, o reflectem a partir do futuro, o envolvem *a posteori* numa teia de sentidos e significações”. Marcondes Filho (2004, p. 82), em sentido semelhante, observa que os acontecimentos são singularidades, fragmentos, enquanto o Acontecimento, com grafia em

caixa alta, é a instância “onde todos os acontecimentos se comunicam”. É por estas perspectivas complementares que tomo o *Angostura*, apesar de não nomeá-lo de macro ou Acontecimento, maiúsculo.

O Jornalismo se interessa pela efemeridade dos acontecimentos, uma atualidade imediata (Fontcuberta, 1998). Quando eles irrompem, contudo, não é possível definir com certeza quantos dias de cobertura serão necessários para ordenar as desordens que provocam no desenvolvimento da cotidianidade. Tampouco é possível saber se irão repercutir ou não em outros. Alguns acontecimentos, todavia, geram mais repercussões, abrindo um filão de microrrelatos, e acontecimentos, que acabam por prolongá-los por mais tempo no mesmo meio. São os acontecimentos que repercutem em outros “aconteceres” (Gomis, 1991), quer porque dele derivam, quer porque a ele se ligam. Desse modo se estabelecem os fluxos do acontecimento de que o Jornalismo se ocupa.

Ao Jornalismo cabe, inicialmente, reconhecer o acontecimento no mundo vivido e, por uma atividade semântica, interpretativa, ordená-lo. Para dar conta das afetações que um “típico atípico” provoca no mundo vivido, o Jornalismo observa seus fluxos e identifica quais microacontecimentos fazem parte de uma série. O Jornalismo o reconhece como um acontecimento de atualidade longa (Fontcuberta, 1993) à medida que se dedica a trabalhá-lo sucessiva e periodicamente, por uma dispersão interpretativa, fragmentada como o fluxo do próprio acontecimento. A narrativa jornalística engendra o tempo do acontecimento ao produzir sentidos. Ela comporta uma tripla projeção no tempo, uma vez que o presente constrói-se em conjunção com o passado e o futuro: “Do passado, pelas analogias que sugere. Do futuro, pelas antecipações que permite” (Rebello, 2006).

3.1.1 A morte, a invasão, os nexos com as Farc

A morte de Raúl Reyes ingressa nos jornais como “o” acontecimento, aquele que irrompe como desestabilizador e tem sentido histórico. Para tal compreensão o acontecimento precisa ser inscrito no conflito interno colombiano. Também por esta inscrição é possível ilustrar o poder hermenêutico deste acontecimento ao revelar os campos problemáticos que antes existiam como problemas para quem os enfrentava cotidianamente (a Colômbia).

O ataque do Exército colombiano ao acampamento das Farc poderia ter sido apenas mais um na série de enfrentamentos entre as Forças Armadas da Colômbia (FFAA) e as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc), logo, um microacontecimento; mas não foi. Isso porque entre os mortos estava Reyes, importante articulador do grupo guerrilheiro, e

porque pela primeira vez um membro do Secretariado da organização havia sido abatido pelo Exército. O acontecimento que ingressa nos jornais do dia seguinte, 2 de março, é marcado por estas questões e não por um terceiro elemento, a invasão do território equatoriano durante a ação militar que resultou na morte de Reyes.

O jornal colombiano *El Tiempo* destaca na capa que o resultado da ação militar instituiu um “golpe al corazón de las Farc”, também desta forma reconhecido pelo equatoriano *El Comercio*, que vê a “Colombia movilizada por la muerte de Raúl Reyes”. Estes jornais centram a narrativa do acontecimento na provável desestabilização das Farc a partir desta morte, insinuando ser social e politicamente relevante para a Colômbia em razão disso. O diário brasileiro *O Estado de S. Paulo* acentua mais um aspecto do acontecimento neste momento inaugural, o de contribuir, em meio à ambiência do conflito colombiano, para a legitimação de instituições como o Exército e o governo, como na manchete “Número 2 das Farc é morto pelo Exército da Colômbia”.

No dia seguinte, porém, a morte de Reyes cede espaço para a invasão do território equatoriano, por uma parte, e para as denúncias de nexos entre as Farc e o governo do Equador, por outra. Os jornais, por seus interesses informativos ou pelas horas de fechamento (pela diferença de fuso horário do Brasil em relação aos andinos), abordam em momentos distintos e de maneira diferenciada estes dois aspectos. O brasileiro *O Estado de S. Paulo* trata no segundo dia de cobertura, 3 de março, das declarações e reações do Equador diante do reconhecimento da violação de sua soberania e apenas no dia 4 das denúncias vindas da Colômbia. Já o colombiano *El Tiempo* dedica-se a abordar os nexos das Farc com os governos do Equador, da Venezuela e da Nicarágua, além de outras questões contidas nos “supostos” arquivos dos “supostos” computadores portáteis do guerrilheiro morto, ao invés de se ocupar dos movimentos no social e no Jornalismo que passam a interpretar o acontecido como violência ao território de outra nação. Já o equatoriano *El Comercio* trata tanto das reações do governo de seu país à invasão do território, quanto das denúncias que surgem no país vizinho.

No segundo dia da cobertura, em alguma medida, o acontecimento passa a se mostrar como politicamente relevante não apenas para a Colômbia, mas também para os países afetados diretamente e para os que se ocupam da resolução da crise diplomática instaurada, logo, ao Jornalismo em geral pela latente conflitividade. Assim, pelos relatos do acontecimento, tanto na esfera geopolítica, quanto na jornalística, começa a se insinuar o deslocamento do conflito do âmbito interno, colombiano, para o externo, regional, e a se desvelar os campos problemáticos que irrompem com o *Caso Angostura*. A morte, a invasão e

os nexos das Farc, sobrepostos ou não, são vistos como ocorrências a serem reconhecidas e interpretadas pelo Jornalismo, especialmente nos primeiros dias da cobertura.

A analítica apresentada a seguir considera o ingresso de cada uma destas “leituras” do acontecimento no Jornalismo de *O Estado de S. Paulo*, *El Tiempo* e *El Comercio*, orientadas pelos fluxos do próprio acontecimento, com o propósito de identificar e analisar os movimentos da produção do acontecimento. A primeira analítica versa sobre as primeiras narrativas trazidas pelos três jornais e por isso considera apenas os textos da primeira semana de cobertura, em março de 2008, uma vez que nela conformam-se as três possibilidades de nele ingressar: a morte, a transgressão à soberania e as relações com a guerrilha. Como esta última impõe-se a partir dos “supostos” computadores de Raúl Reyes, que são a chave para a compreensão de novos relatos e fatos que se colocam ao Jornalismo, a segunda analítica dedica-se a esquadriñar a referência a eles no período de 18 meses, de março de 2008 a agosto de 2009. Ao inserir esses microrrelatos e acontecimentos que se originam da ou se vinculam à existência dos computadores de Reyes, pretendo uma vez mais analisar os fluxos do *Caso Angostura* e seus modos de ingresso no Jornalismo latino-americano.

a) *O Estado de S. Paulo*

No primeiro dia de cobertura, 2 de março, o acontecimento para o brasileiro *O Estado de S. Paulo* é a morte de Raúl Reyes.⁹⁵ O texto, produzido com base em despachos da AP, AFP e *Reuters*, descreve o morto – “Reyes, considerado o número 2 das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia”, “considerado seu porta-voz internacional”, “visto como provável sucessor do líder máximo das Farc, Pedro Antonio Marín”, “foi o principal negociador da guerrilha durante os frustrados diálogos de paz com o governo do presidente Andrés Pastrana” –; a morte – “morto ontem em território equatoriano perto da fronteira com o Estado colombiano de Putumayo, no sul do país” – e as condições de sua ocorrência – “um ataque aéreo lançado desde a Colômbia”.

Neste primeiro texto fala-se em ataque aéreo a partir da Colômbia e da necessidade de ingressar no território do vizinho Equador para responder ao contra-ataque das Farc. As declarações da única fonte, o ministro colombiano da Defesa, Juan Manuel Santos (atual presidente do país), apresentadas entre aspas, corroboram para esta versão do acontecimento: “A Força Aérea Colombiana teve sempre em conta a ordem de não violar o espaço aéreo equatoriano”, disse Santos”, “O ministro também informou que, após o bombardeio, forças

⁹⁵ COLÔMBIA mata número 2 das Farc. *Estado*, Caderno A, Internacional, São Paulo, ano 129, n. 41774, p. A21, 2 mar. 2008.

colombianas entraram em território equatoriano para ‘neutralizar o inimigo e assegurar a área’ até a chegada das autoridades do Equador”.

O *Estado* traz ainda a declaração do ministro colombiano de que a operação foi “o golpe mais contundente contra esse grupo terrorista até o momento”. O jornal afirma depois, sem aspas ou atribuição a alguma fonte, que o ocorrido “marca o pior revés contra a guerrilha em quatro décadas de conflito” e que “é o maior êxito de uma série recente de operações bem-sucedidas das Forças Armadas Colombianas contra a guerrilha”. A compreensão de o porquê este ter sido um “golpe” para a guerrilha chega ao final do texto, quando o jornal brasileiro diz que “ele [Raúl Reyes] foi o primeiro membro do secretariado das Farc a ser morto pelas Forças Armadas da Colômbia”. Nesta afirmação está contida a força do *acontecimento Angostura* desde a perspectiva do conflito interno colombiano e de seus inúmeros campos problemáticos.

No dia seguinte, 3 de março, a atenção desloca-se da morte de Reyes para a invasão do território equatoriano⁹⁶ devido às reações do governo deste país e da Venezuela⁹⁷. O *Estado* publica – porque não traz nenhuma indicação de fonte ao fazê-lo – que “em resposta ao ataque que a Colômbia lançou em território equatoriano”, o presidente do Equador havia anunciado a expulsão imediata do embaixador colombiano em Quito, exigido o retorno do embaixador do seu país em Bogotá e solicitado reuniões da Organização dos Estados Americanos (OEA) e da Comunidade Andina de Nações (CAN).

O jornal traz ainda neste texto, entre aspas, declarações do presidente equatoriano Rafael Correa no qual este assegura que aquela fora “a pior agressão que o Equador sofreu da Colômbia”. A afirmação justapõe-se àquela realizada pelo ministro colombiano, Juan Manuel Santos, apresentada pelo *Estado* no dia anterior. Se para a Colômbia *Angostura* é o grande acontecimento no contexto de seu conflito interno, o “golpe mais contundente contra esse grupo terrorista”, para o Equador também o é, porém pela violência sofrida em razão do ataque do Exército em função do conflito no país vizinho.

No terceiro dia, 4 de março, o diário brasileiro dedica-se às repercussões provocadas na Colômbia pelas reações dos presidentes do Equador e da Venezuela. Como reação, a partir dessa data, o jornal passa a dar destaque a dados apresentados pelo governo colombiano, que afirma terem sido retirados dos computadores de Raúl Reyes, recolhidos após o ataque em Angostura. De certa forma, a partir deste dia o conflito interno, exclusivo da Colômbia, passa a ser apresentado como externo, quer por suas consequências, quer pelo envolvimento de

⁹⁶ MIRANDA, Renata. Correa e Chávez enviam soldados à fronteira após ofensiva da Colômbia. *Estado*, Caderno A, Internacional, São Paulo, ano 129, n. 41775, p. A7, 3 mar. 2008.

⁹⁷ O Estado de S. Paulo diz que as reações de Correa foram influenciadas pelo presidente da Venezuela que havia ordenado o envio de tropas à fronteira com a Colômbia e o fechamento de sua embaixada em Bogotá.

terceiros enquanto o acontecimento passa a ser “ordenado” tanto na esfera geopolítica, como no Jornalismo, a partir das reações dos governos envolvidos.

O *Estado* trata de maneira individualizada cada uma dessas reações. No texto de abertura da editoria de Internacional, “Colômbia acusa Chávez de ter dado US\$ 300 milhões às Farc”,⁹⁸ traz as denúncias do general colombiano Óscar Naranjo, com base em arquivos dos computadores de Reyes, acerca das relações dos governantes da Venezuela, do Equador e da Nicarágua com as Farc. Em outro texto, “Quito rompe relações com a Colômbia”,⁹⁹ trata das reações do governo equatoriano diante das declarações de Naranjo. Segundo o jornal brasileiro, o presidente equatoriano anunciou o rompimento das relações diplomáticas com a Colômbia pouco depois de o mandatário colombiano tê-lo acusado de manter ligações com as Farc. “Correa refutou a acusação de Bogotá e qualificou o governo colombiano de ‘mentiroso’, anunciando que tomará ‘medidas mais duras nas próximas horas’ para responder à incursão ordenada por Uribe. ‘Estamos diante de uma situação extremamente grave, frente a um governo viciado e mentiroso que não quer a paz’”, afirma o diário brasileiro.

Pelas declarações do presidente equatoriano percebe-se como o conflito interno colombiano passa a insinuar-se externamente. Se por um lado “Correa indicou [...] que Bogotá está tentando ‘envolver o Equador no conflito colombiano’ para ‘desestabilizar o governo’”; por outro, “afirmou que a incursão colombiana afeta toda a região”, ampliando o conflito, antes restrito à Colômbia e ao seu território. Também nesta direção, o presidente Rafael Correa anuncia uma rodada de visitas a outros países para discutir a crise colombo-equatoriana instaurada, antes da realização do encontro do Grupo do Rio, que havia sido agendado antes do confronto.

Em *O Estado de S. Paulo* percebe-se claramente por onde se inscrevem as primeiras interpretações que corroboram para a produção do acontecimento. Num dia trata-se da morte de Reyes; no outro, da invasão ao Equador; e, num terceiro, dos nexos entre o grupo guerrilheiro e governos de países vizinhos.

b) *El Tiempo*

El Tiempo, como o jornal brasileiro, ocupa-se inicialmente da morte de Raúl Reyes¹⁰⁰ e após defini-la como o “golpe más importante que han recibido las Farc en toda su historia”,

⁹⁸ COLÔMBIA acusa Chávez de ter dado US\$ 300 milhões às FARC. *Estado*, Caderno A, Internacional, São Paulo, ano 129, n. 41776, p. A11, 4 mar. 2008.

⁹⁹ QUITO rompe relações com Colômbia. *Estado*, Caderno A, Internacional, São Paulo, ano 129, n. 41776, p. A12, 4 mar. 2008.

¹⁰⁰ EN FRONTERA con Ecuador se cerró cerco sobre ‘R. Reyes’. *El Tiempo*, Primer Plano, Bogotá, 2 mar. 2008. Disponível em: <<http://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-2847666>>.

dedica-se a decompor as circunstâncias de sua ocorrência. Primeiramente, trata de fatos que a antecederam, ocorridos durante a semana, como a interceptação de comunicações de Reyes e a detenção de pessoas que integravam a rede responsável por sua segurança e que transportavam o dinheiro que semanalmente lhe era enviado pelo Secretariado; eram pessoas-chave por confirmarem a presença do chefe guerrilheiro em acampamentos dos dois lados da fronteira e por forçá-lo a se deslocar, o que, segundo o Exército, ocorreu na noite de 28 de fevereiro. Depois, a partir de declarações do ministro da Defesa, Juan Manuel Santos, descreve a ação militar na madrugada de 1º de março, designando-a como “operación quirúrgica”, citando uma “alta fonte” como origem de tais informações.

O ataque, segundo a versão trazida por *El Tiempo*, deu-se em resposta a “un fuego nutrido que venía desde el otro lado de la frontera”, de um acampamento situado a 1.800 metros no território equatoriano, quando o Exército se aproximava em aviões Supertucanos, carregados com bombas tipo *cluster*, e helicópteros, que haviam partido de bases localizadas no sul do país. Segundo Santos, o ataque dos aviões se dirigiu ao acampamento para “poder responder el fuego y neutralizar al enemigo”, sem jamais cruzar a fronteira por via aérea. Depois sim, um comando cruzou a fronteira “para mantener el control del lugar hasta que llegaron representantes de las autoridades de Ecuador, que inmediatamente fueron informadas de los hechos”. Esta também foi a versão dada pelo presidente Uribe ao seu colega equatoriano, Rafael Correa, por telefone, na manhã de 1º de março.¹⁰¹

Em outro texto, ainda na edição do dia 2, *El Tiempo* afirma que “el operativo contra 'Raúl Reyes' deja nuevamente en evidencia la importancia que tiene para las Farc el corredor geográfico que han habilitado entre Colombia y Ecuador”.¹⁰² Evoca outros episódios na fronteira entre os dois países, bem como denúncias feitas ao governo equatoriano e outras recebidas deste, que “se quejan de la presencia de la guerrilla en la zona y de la supuesta falta de control de las autoridades colombianas”. O diário colombiano, porém, argumenta que neste momento os dois governos estão coordenados e que a operação do Exército se produziu em um momento tranquilo das relações entre Rafael Correa e Álvaro Uribe.

No segundo dia da cobertura, 3 de março, a morte de Reyes cede espaço para revelações de nexos entre as Farc e o governo equatoriano,¹⁰³ anulando o discurso do dia anterior, de um bom momento entre os mandatários dos dois países. Conforme *El Tiempo*,

¹⁰¹ SAMANIEGO, Maggy Ayala. Así se enteró el presidente Correa. **El Tiempo**, Primer Plano, Bogotá, 2 mar. 08. Disponível em: <<http://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-2847463>>.

¹⁰² EN FRONTERA con Ecuador se cerró cerco sobre 'R. Reyes'. **El Tiempo**, Primer Plano, Bogotá, 2 mar. 08. Disponível em: <<http://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-2847666>>.

¹⁰³ COMPUTADORES de 'Raúl Reyes' revelan acuerdos con Ecuador. **El Tiempo**, Primer Plano, Bogotá, 3 mar. 08. Disponível em: <<http://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-2848761>>.

enquanto os governos do Equador e da Venezuela “subiam o tom” ao condenar a invasão no território equatoriano, no Palácio de Nariño, sede do poder colombiano, eram analisadas as primeiras informações extraídas dos três computadores recolhidos no acampamento bombardeado. Por isso, “de ofrecer excusas por haber entrado a su territorio durante el operativo que terminó con la vida de ‘Raúl Reyes’, el Gobierno colombiano pasó anoche a exigirle explicaciones a Ecuador por los aparentes contactos entre el ministro de Seguridad de ese país, Gustavo Larrea, y el desaparecido jefe guerrillero”, conforme a publicação de *El Tiempo*.

Nota-se que os computadores ingressam no Jornalismo colombiano já no segundo dia de cobertura, enquanto no brasileiro apenas no terceiro. Com a entrada destes computadores, o ministro da Segurança equatoriano passa a ser o personagem que será observado pelo Jornalismo nos dias seguintes da cobertura. As primeiras revelações referentes ao conteúdo dos computadores chegam ao jornal colombiano a partir de pronunciamento do diretor da Polícia Nacional, general Óscar Naranjo, na televisão, na noite de domingo, dia 2, quando este afirma com base nos e-mails de Reyes que “el gobierno de Correa quería jugar un papel más protagónico en el tema del intercambio humanitario”.

Para o jornal *El Tiempo* importa a morte de Raúl Reyes e as ligações das Farc e não as reações do Equador diante disso. Antes, o jornal dedica-se a repercutir as reações do presidente venezuelano Hugo Chávez, que nesta tese não serão trabalhadas.

c) *El Comercio*

A morte de Reyes ingressa no jornal equatoriano *El Comercio* com os mesmos elementos presentes na descrição de *El Tiempo* – a interceptação de comunicações, as ações militares ao longo da semana, a operação realizada na madrugada de 1º de março –, como se o ataque do Exército colombiano que a provocou não envolvesse a agressão ao território de seu próprio país. O texto é assinado pelo correspondente em Bogotá, Carlos Rojas, e pela Redação de Justiça, o que poderia explicar, em parte, as semelhanças entre as narrativas. A fonte mais uma vez (como no *Estado* e em *El Tiempo*), é o ministro colombiano Juan Manuel Santos.

Nesta primeira versão¹⁰⁴ do ocorrido constata-se que o Exército saiu da Base de Três Esquinas, ao norte de Putumayo, para ação num lugar chamado Granada, na Colômbia, e que quando ali chegou foi atacado a partir de um acampamento localizado próximo ao povoado Santa Rosa, em Sucumbíos, no Equador. A morte de Reyes, “impactado por unas esquirlas de bomba en una de sus piernas y luego disparado en el pecho y rostro”, se produziu no lado

¹⁰⁴ ROJAS ARAÚJO, Carlos. El vocero de las FARC murió en acción. *El Comercio*, Justicia, Quito, 2 mar. 2008. Disponível em: <http://www.elcomercio.com/noticias/vocero-FARC-murio-accion_0_164384157.html>.

equatoriano, onde “se enfrentaron los miembros del frente 48 de las Farc con los militares colombianos, según informó el ministro de Defensa de Colombia”. Assim como em *El Tiempo*, o jornal equatoriano traz o ministro Juan Manuel Santos afirmando que durante a batalha o espaço aéreo do Equador não foi violado e que “los militares cruzaron al Ecuador para ‘asegurar el área y poder neutralizar al enemigo’”

Durante o próprio domingo a cronologia do começo ganha novos contornos a partir dos relatos que chegam da região do combate, em Angostura, na Amazônia equatoriana. Além de militares equatorianos, os ministros da Defesa, Wellington Sandoval, e da Segurança, Gustavo Larrea, foram inspecionar a área e suas declarações, como as do presidente Rafael Correa, que na noite de 2 de março, falou em cadeia de televisão, compõem os textos da edição de segunda-feira, 3 de março, segundo dia da cobertura. Na declaração em rede nacional, recuperada pelo jornal, Correa acusou Uribe de mentir ao Equador e ao mundo, ao rechaçar a versão colombiana e sustentar que a ação militar foi deliberada porque não houve reação ou resposta militar dos atacados, uma vez que “los cadáveres estaban en paños menores, en pijamas, es decir no hubo ninguna persecución caliente; fueron bombardeados y masacrados mientras dormían”. Larrea qualifica o acontecimento como “el atentado más grave contra la soberanía ecuatoriana cometido por Colombia al menos en lo que va del siglo”,¹⁰⁵ enquanto o jornal afirma tratar-se do “peor atentado contra Ecuador en años al incursionar en su territorio”, insinuando, desta forma, que não era a primeira vez que militares colombianos ingressavam furtivamente no Equador.

El Comercio ocupa-se em apresentar no segundo dia da cobertura uma nova versão para o *acontecimento Angostura*, não mais amparada em fontes oficiais colombianas, mas gestada do lado equatoriano. Ainda que a morte de Raúl Reyes voltasse a ser tratada, o Jornalismo passa a se dedicar à invasão do território equatoriano, porque “se comprobó que el país sufrió un ‘planificado ataque aéreo y posterior incursión de las tropas con plena conciencia de que estaban violando nuestra soberanía’”,¹⁰⁶ segundo declarações do presidente Correa apresentadas em mais um texto no qual o jornal trata das reações do governo diante dessa comprovação. O mandatário anunciou a expulsão do embaixador da Colômbia em Quito, ordenou a volta de seu representante de Bogotá e enviou tropas à fronteira.

¹⁰⁵ COLOMBIA cometió el mayor atentado contra Ecuador: Gustavo Larrea. **El Comercio**, Justicia, Quito, 3 mar. 2008. Disponível em: <http://elcomercio.com/politica/Colombia-atentado-Ecuador-Gustavo-Larrea_0_164383843.html>.

¹⁰⁶ R. CORREA moviliza tropas a la frontera. **El Comercio**, Política, Quito, 3 mar. 2008. Disponível em: <http://www.elcomercio.com/noticias/Correa-moviliza-tropas-frontera_0_164387838.html>.

As reações da Colômbia ante as decisões de Quito foram tratadas pelo correspondente em Bogotá, com base em nota emitida pelo presidente colombiano em que declara que Reyes causou danos tanto à Colômbia quanto ao Equador, pede desculpas pela ação que se viu obrigado a praticar na fronteira e que “nunca ha tenido la pretensión o la disposición de irrespetar o vulnerar la soberanía o la integridad de la hermana República del Ecuador”.¹⁰⁷ Segundo o correspondente Carlos Rojas, apesar da nota, a Colômbia também opta por uma resposta menos diplomática ao denunciar na noite de domingo, dia 2, supostos nexos entre o governo de Correa e os computadores de Raúl Reyes.

Nota-se que o Jornalismo de *El Comercio* teve de se ocupar, ao mesmo tempo, das denúncias de invasão do território, oriundas do governo equatoriano, e das supostas relações com a guerrilha,¹⁰⁸ vindas do governo colombiano. Nessa, a fonte foi a mesma apresentada pelos jornais brasileiro e colombiano, o chefe da Polícia Nacional daquele país.

3.1.2 Os computadores

Aos “supostos” computadores apreendidos pelo Exército colombiano no acampamento da Frente 48 das Farc, no Equador, durante a Operação Fênix, tanto o governo colombiano (referendado por outros governos, como os Estados Unidos), como a imprensa daquele país (e de outros, como *El País*, por exemplo), atribuíram a origem de uma variada gama de informações: vínculos das Farc com outros países, negociações de armas, estratégias da organização, informações sobre sequestrados, etc. O emprego da palavra suposto entre aspas é para indicar dúvida quanto à autenticidade das informações que tiveram sua origem atribuída aos computadores portáteis. Isso porque tais informações começam a ser divulgadas pelo governo colombiano quando o interesse jornalístico desloca-se da morte de Raúl Reyes para a invasão do Equador em virtude da postura e discurso adotados pela Venezuela (o envio de tropas à fronteira), seguidos pelo Equador. Acionado pelo governo colombiano, o conteúdo dos computadores passa a exercer papel fundamental no conflito, corroborando, desta forma, para seu deslocamento do interior para o exterior.

¹⁰⁷ ROJAS ARAÚJO, Carlos. Colombia se disculpa y acusa a Ecuador. *El Comercio*, Política, Quito, 3 mar. 2008. Disponível em: <http://www.elcomercio.com/noticias/Colombia-disculpa-acusaEcuador_0_164383864.html>.

¹⁰⁸ COLOMBIA acusa a presidente Rafael Correa de compromisos con las FARC. *El Comercio*, Justicia, Quito, 3 mar. 2008. Disponível em: <http://www.elcomercio.com/noticias/Colombia-Rafael-Correa-compromisos-FARC_0_164383839.html>.

Os computadores do número 2 das Farc, observadas as devidas proporções, são as sepulturas de Timisoara,¹⁰⁹ trazidas pelo Jornalismo internacional como o resultado da insurreição contra Nicolae Ceauscescu, na Romênia, em dezembro de 1989. Diante da afirmativa do governo colombiano de que os três computadores em seu poder pertenciam a Reyes e que as informações ali contidas davam conta das relações da guerrilha com governos de outros países, o que justificava a agressão ao território equatoriano, o Jornalismo raras vezes esboçou alguma reação quanto à autenticidade e à veracidade das informações, tampouco se dedicou a checá-las ou contestá-las. Tal postura foi semelhante à dos seus pares no final dos anos 80, na Romênia, ao se depararem com as sepulturas num bosque de Timisoara. Declarações como as da repórter belga do *Le Soir*, Colette Braeckman (in Shepard, 2002, p. 295-296), “encontrei muitos jornalistas vindos de Timisoara e ninguém me disse nada sobre questionar a matéria [das sepulturas]”, e “perguntei às pessoas sobre as sepulturas e elas disseram-me, nas ruas, nada saber”, são exemplos das reações dos jornalistas que cobriram o conflito no Leste Europeu frente a real dimensão das sepulturas. Soube-se mais tarde tratar-se de covas de indigentes mortos antes da revolução, uma vez que os mortos nos conflitos foram incinerados (Shepard, 2002).

Outras informações serão atribuídas ao computador de Ivan Ríos, membro da cúpula das Farc – assim como Raúl Reyes – cuja morte foi anunciada no dia 7 de março de 2008 pelo governo colombiano. Ríos foi assassinado por um membro da sua própria força de segurança conhecido como “Rojas”, que entregou ao Exército as mãos e o computador pessoal do líder guerrilheiro. *O Estado de S. Paulo* afirmava em 14 de março que Ivan Ríos “mandou executar mais de 200 rebeldes entre 2005 e 2007, segundo informações que estavam em seu computador”.¹¹⁰ O jornal brasileiro cita *El Tiempo* como origem da informação¹¹¹ – “publicou ontem o jornal colombiano” – e este, por sua vez, diz tê-la obtido de fontes militares.

Outros três computadores portáteis aparecem em julho de 2009, a partir da captura, em Bogotá, em maio, de uma guerrilheira das Farc chamada “Sandra” (*El Comercio* a identifica como “Camilla”). Segundo *El Tiempo*, estes computadores continham vários vídeos nos quais

¹⁰⁹ Em Timisoara, na fronteira com a Hungria e a Iugoslávia, houve enfrentamentos entre a população e a Securitate, a polícia secreta romena. Em seguida começaram a sair na imprensa mundial matérias com descrições exageradas, como 80 mil mortos e a existência de sepulturas coletivas clandestinas, sem confirmação por fonte independente. Mesmo com a entrada de jornalistas estrangeiros no país, vetada por 15 anos pelo governo, manteve-se a informação referente às sepulturas. Mais tarde, em junho de 1990, um relatório divulgou o número de mortos nos confrontos, pouco mais de mil (Shepard, 2002). Uma versão dos acontecimentos e da cobertura é apresentada por Bial e Castello Branco (1990) em Leste Europeu.

¹¹⁰ LÍDER das Farc morto por rebelde teria executado 200 guerrilheiros. **Estado**, Caderno A, Internacional, São Paulo, ano 129, n. 41786, p. A14, 14 mar. 2008.

¹¹¹ Apesar de atribuir a informação ao *El Tiempo*, a matéria chega ao Estado pelas agências EFE, AFP e AP, conforme indicado na própria reportagem.

“Mono Jojoy”, chefe militar das Farc, fala à tropa. Em um deles reconhece que “los secretos de las Farc se han perdido totalmente en la incautación de los computadores del camarada ‘Raúl’”¹¹². Justificando a relação entre os computadores de “Sandra” e “Reyes”, *El Tiempo* destaca que “esas palabras, en boca del hombre fuerte de las Farc, representan un fuerte espaldarazo a la autenticidad de los archivos de esos computadores, que fue certificada por Interpol, pero que ha sido cuestionada por autoridades de Quito y Venezuela”.

Esses computadores serão a origem de microrrelatos e microacontecimentos que irão atualizar o *Caso Angostura*, uma vez que a eles será atribuída a origem de muitas das informações apresentadas pelo governo colombiano por meio de declarações oficiais ou boatos. As afirmações dos presidentes da Colômbia e Equador, além da Venezuela e, em menor medida, de outros países latino-americanos (o Brasil também aparece nos “supostos” arquivos destes computadores), passaram a compor o cenário no qual o Jornalismo se vê imerso.

a) *O Estado de S. Paulo*

Os computadores ingressam em *O Estado de S. Paulo* no dia 4 de março de 2008 em matéria escrita com base em despachos de agências de notícia. Nela aborda-se a ligação das Farc com o governo venezuelano, que lhe havia enviado dinheiro e armas, tomando por base uma mensagem extraída do computador de Reyes. A origem da informação é atribuída a uma fonte oficial colombiana, o chefe de polícia, general Óscar Naranjo, que havia concedido entrevista coletiva. A falta de aspas, porém, dificulta compreender até onde vai a informação repassada por ele e se a suposição ali contida – “indicam que a Venezuela pagou recentemente US\$ 300 milhões ao grupo guerrilheiro colombiano, talvez em troca da libertação de seis reféns”¹¹³ – é dele, das agências ou do próprio *Estado*.

Interessante perceber que o jornal brasileiro relaciona o aparecimento dos computadores à mudança de postura do Equador em relação às ocorrências de 1º de março: “As declarações foram feitas um dia após o Equador acusar a Colômbia de violar sua soberania, bombardeando e invadindo seu território” (conforme os outros dois jornais, a invasão e os nexos surgem no mesmo dia). Outro ponto importante da cobertura foi a opção feita pelo *Estado* em tratar primeiro das denúncias relacionadas à Venezuela e somente no interior do texto as

¹¹² VIDEO de ‘Jojoy’ reavivó el tema sobre la supuesta ayuda de las Farc a la campaña de Rafael Correa. **El Tiempo**, Justicia, Bogotá, 17 jul. 2009. Disponível em: <<http://www.eltiempo.com/archivo/documento/CMS-564480>>.

¹¹³ COLÔMBIA acusa Chávez de ter dado US\$ 300 milhões às FARC. **Estado**, Caderno A, Internacional, São Paulo, ano 129, n. 41776, p. A11, 4 mar. 2008.

referentes ao Equador e à Nicarágua: “outros documentos também sugerem que o presidente equatoriano, Rafael Correa, tem profundas ligações com as Farc – uma acusação que o Equador nega”. Atribuindo ao oficial da polícia colombiana essa informação, mas ainda sem aspas, o *Estado* não possibilita uma vez mais identificar quem “sugere”, se o próprio jornal ou a fonte oficial. A declaração, neste caso, foi contrastada pelo jornal em outra página da mesma edição em matéria sobre o anúncio do rompimento das relações diplomáticas com a Colômbia¹¹⁴.

Primeiro utilizando-se de sua rede informativa fixa e, posteriormente, da provisória (enviados especiais), *O Estado de S. Paulo* trabalha novamente os computadores de Reyes. Andrei Netto, enviado para o *Estado* em Paris, ocupa-se dos e-mails que tratam de Ingrid Betancourt – “Nas mensagens, ele se queixa da ‘pressão sobre Ingrid Betancourt’ e tenta justificar a debilidade da saúde da ex-candidata: ‘Ela tem um temperamento vulcânico, é grosseira e provocativa com os guerrilheiros encarregados de sua vigilância’, diz o e-mail, segundo Bogotá”;¹¹⁵ enquanto o correspondente em Genebra, Jamil Chade, aproveitando-se da presença do vice-presidente da Colômbia, Francisco Santos Calderón, em reunião na ONU, trata de outras denúncias ligadas às Farc – “Em entrevista ao *Estado*, Santos afirmou que Bogotá pedirá a ajuda dos EUA para fazer avançar as investigações sobre a informação de que as Farc tentaram comprar 50 quilos de urânio. ‘Vamos contar com a colaboração do FBI para saber mais detalhes do plano’, disse”.¹¹⁶

A enviada especial Ruth Costas ocupa-se no dia 9 de março, desde Bogotá, das denúncias referentes aos laços da guerrilha com a Venezuela e o Equador: “Um dos elementos centrais da crise que na semana passada levou a América Latina à beira da guerra, o computador do “número 2” das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc), Raúl Reyes, é uma espécie de caixa-preta das atividades da guerrilha”.¹¹⁷ Afirma, ainda, que “embora Chávez e Correa lancem dúvidas sobre a autenticidade de alguns desses registros, o fato é que a maior parte dos especialistas não vê indícios de que eles sejam falsos”. Ruth Costas relata que “foi com base nos documentos desse laptop que Uribe acusou os presidentes venezuelano, Hugo Chávez, e equatoriano, Rafael Correa, de ligações com os rebeldes”. A enviada cita o *New York Times*, atribuindo ao jornal estadunidense à informação de que os computadores ajudaram a polícia tailandesa a capturar em Bangcoc o maior traficante mundial de armas, o russo Victor Bout, que havia feito negócios com as Farc.

¹¹⁴ QUITO rompe relações com Colômbia. **Estado**, Caderno A, Internacional, São Paulo, ano 129, n. 41776, p. A12, 4 mar. 2008.

¹¹⁵ NETTO, Andrei. Em e-mail, Reyes teria criticado gênio de Ingrid. **Estado**, Caderno A, Internacional, São Paulo, ano 129, n. 41777, p. A13, 5 mar. 2008.

¹¹⁶ CHADE, Jamil. Farc pagariam milhões por urânio, diz vice colombiano. **Estado**, Caderno A, Internacional, São Paulo, ano 129, n. 41777, p. A13, 5 mar. 2008.

¹¹⁷ COSTAS, Ruth. Computador de Reyes detalha contatos com Chávez e Correa. **Estado**, Caderno A, Internacional, São Paulo, ano 129, n. 41781, p. A17, 9 mar. 2008.

Das revelações, comentários e boatos surgidos de fontes oficiais com base nos computadores de Reyes, a cobertura de *O Estado de S. Paulo* ocupa-se nos dias 18 e 19 de março das suposições trazidas pela própria imprensa a partir de tais computadores. Isso porque, no dia 17, o colombiano *El Tiempo* identificou erroneamente o homem que estava junto de Reyes em uma fotografia como Gustavo Larrea, ministro da Segurança Interna e Externa do Equador. O acontecimento provocado pelo Jornalismo a partir dos computadores será tratado no item 5.2 (*Conflitos provocados pelo Jornalismo*).

Os computadores de Reyes reaparecem inúmeras vezes ao longo da cobertura jornalística porque afetam a legitimidade de instituições e do sistema político, especialmente o equatoriano, quer por rumores quer por acontecimentos que provocam. A revelação do conteúdo dos computadores parte sempre da Colômbia. Logo, o afetado é sempre o outro, o país vizinho, o “acusado”. Como os computadores reincidem, o Jornalismo de *O Estado de S. Paulo* ocupa-se do efetivamente ocorrido após cada nova revelação, como quando trata do afastamento do ministro da Defesa equatoriano, Wellington Sandoval, e da renúncia de militares do país porque “informações encontradas no computador que pertencia a Reyes[...], indicam que o líder guerrilheiro já havia alertado para a existência de vínculos entre ministros equatorianos, a CIA e a agência antidrogas dos Estados Unidos”.¹¹⁸ Os outros dois jornais, por sua vez, trabalham cada denúncia independentemente do que esta venha a provocar, como será abordado a seguir.

Em outros momentos, a revelação constitui-se no acontecimento porque provoca uma série de microrrelatos que se sucedem no tempo, entre eles o anúncio feito pela Interpol sobre a autenticidade dos arquivos.¹¹⁹ A declaração oficial, feita pelo secretário-geral da Interpol, Ronald Noble, numa entrevista em Bogotá, ao lado do diretor da Polícia Nacional colombiana, general Óscar Naranjo, é o acontecimento. Para dar conta dos microrrelatos que surgem, o jornal brasileiro contrapõe as declarações de Noble – “A nossa equipe de especialistas não encontrou evidências de modificação, alteração ou eliminação dos arquivos’, disse”, e “‘Esses computadores de fato pertenciam ao senhor ‘Reyes’ e o seu conteúdo é responsabilidade dele” – às manifestações dos governos venezuelano – “Hugo Chávez qualificou a apresentação do relatório da Interpol de ‘uma palhaçada’ e anunciou uma ‘profunda revisão’ das relações políticas, econômicas e diplomáticas com a Colômbia” – e equatoriano – “A chanceler equatoriana, María Isabel Salvador, também havia afirmado que seu país ‘desconhecia a validade jurídica do relatório”.

¹¹⁸ CORREA afasta ministro e militares renunciam. **Estado**, Caderno A, Internacional, São Paulo, ano 129, n. 41813, p. A15, 10 abr. 2008.

¹¹⁹ INTERPOL diz que Colômbia não alterou arquivos de guerrilheiro. **Estado**, Caderno A, Internacional, São Paulo, ano 129, n. 41849, p. A14, 16 maio 2008.

A apresentação do relatório da Interpol traz uma informação nova, até então não trabalhada pelo Jornalismo de *O Estado de S. Paulo*, de que os computadores continham “37.872 documentos de texto, 452 planilhas de cálculo, 210.888 imagens, 10.537 arquivos multimídia e 7.989 e-mails”. Na maior parte das vezes, todavia, a denúncia ou declaração originada do conteúdo dos computadores de Raúl Reyes não conforma novo acontecimento, mas relatos que, em alguma medida, (re)direcionam ou (re)atualizam a interpretação do acontecimento: “Colômbia denuncia laços entre políticos e guerrilheiros”¹²⁰ (abr. 2008), “Chávez ajuda as Farc há 2 anos”¹²¹ (maio 2008), “Farc tentam comprar mísseis no mercado negro”¹²² (jun. 2008).

O Brasil também aparece nos arquivos de Reyes em virtude de relações entre as Farc e o Partido dos Trabalhadores (PT). A denúncia é feita pela revista colombiana *Cambio*, em 31 de julho de 2008, a partir de documento que havia sido entregue dias antes pelo presidente colombiano ao brasileiro. Produzido a partir da transcrição de 85 e-mails trocados por Reyes, entre 1999 e 2008, com o líder da guerrilha, Manuel Marulanda, o chefe militar, Mono Jojoy, com o representante das Farc no Brasil, Oliverio Medina, e dois homens identificados como Hermes e José Luís, o documento é usado como fonte pela revista. A reportagem de *O Estado de S. Paulo* em 1º de agosto – “Revista relata contatos das Farc com membros do governo brasileiro”¹²³ – reproduz informações apresentadas pela *Cambio*, contestando algumas delas – “José Dirceu, por exemplo, é identificado como ministro e não ex-ministro da Casa Civil” –, valorando o teor da informação – “a reportagem usa tons duros em sua denúncia (como ‘vínculos que chegaram a níveis escandalosos’)” – e assegurando que nenhum funcionário do governo brasileiro citado nos arquivos de Reyes passou e-mails diretamente para membros das Farc.

b) *El Tiempo*

Uribe assumiu a incursão em território equatoriano e alegou não ter informado ao governo do Equador sobre o acampamento e acerca da operação que seria realizada pelo fato de este “mantener contacto y relaciones con las Farc” (Montúfar, 2008, p. 29). A acusação de Uribe tinha por fonte os três computadores portáteis recolhidos pelo Exército colombiano no

¹²⁰ COLÔMBIA denuncia laços entre políticos e guerrilheiros. **Estado**, Caderno A, Internacional, São Paulo, ano 129, n. 41828, p. A17, 25 abr. 2008.

¹²¹ 'CHÁVEZ ajuda as Farc há 2 anos'. **Estado**, Caderno A, Internacional, São Paulo, ano 129, n. 41852, p. A16, 19 maio 2008.

¹²² GODOY, Roberto. Farc tentam comprar mísseis no mercado negro. **Estado**, Caderno A, Internacional, São Paulo, ano 129, n. 41872, p. A21, 8 jun. 2008.

¹²³ REVISTA relata contatos das Farc com membros do governo brasileiro. **Estado**, Caderno A, Internacional, São Paulo, ano 129, n. 41926, p. A14, 01 ago. 2008.

acampamento de Reyes e surgem no Jornalismo de *El Tiempo* no segundo dia de cobertura, dia 3, quando o governo equatoriano reclama da violação do seu território.

Puntualmente, se analizó el contenido de dos correos electrónicos enviados por 'Raúl Reyes' al secretariado en los que informaba sobre el resultado de una reunión con el ministro Larrea [ministro de Seguridad Interna e Externa equatoriano, no governo de Rafael Correa], quien fue uno de los 'garantes internacionales' propuestos por el presidente Chávez para la frustrada liberación de secuestrados a finales del año pasado.¹²⁴

Os computadores “de Uribe”, como denomina Checa Montúfar (2008a), por seu conteúdo, constituem-se em fonte de inúmeras denúncias realizadas pelo governo colombiano, trazidas pelo Jornalismo de *El Tiempo*. Entre estas, algumas permanecem como acusações (A), porque não é possível encontrar no jornal textos posteriores que as confirmem ou as refutem, como “Rastros do ETA no PC de ‘Reyes’”¹²⁵ (mar. 2008); “Por lo menos 800 correos del PC de ‘Raúl Reyes’ enredan a ‘embajadora’ de Farc”¹²⁶ (agosto 2008) e “Farc intentan promover grupos subversivos en Latinoamérica, revela computador de ‘Raúl Reyes’”¹²⁷ (mar. 2009); enquanto outras são confirmadas (B), geralmente muito tempo depois, porque dependem que o implicado na denúncia as confirme.

Outras denúncias chegam ao Jornalismo como explicação para ocorrências anteriores (C), como no texto “PC confirma que Farc atentaron contra Uribe”¹²⁸ (abr. 2008). Identifica-se, ainda, um terceiro modo de ingresso das denúncias realizadas pelo governo da Colômbia com base nos computadores de Reyes, qual seja, por aquilo que efetivamente elas produzem, seja como novo acontecimento (D1) ou como reação (D2), relato ou declaração contestatória do implicado. No primeiro grupo estão denúncias que provocaram novas ocorrências, como “Captura de ‘Irene’ en España es la primera que se produce por información del PC de Raúl Reyes”¹²⁹ (jul. 2008). No segundo estão as manifestações de pessoas ou governos contestando ou questionando a legitimidade de tais arquivos ou a veracidade de tais informações, como

¹²⁴ COMPUTADORES de ‘Raúl Reyes’ revelan acuerdos con Ecuador. **El Tiempo**, Primer Plano, Bogotá, 3 mar. 2008. Disponível em: <<http://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-2848802>>.

¹²⁵ RASTRO de ETA en PC de ‘Reyes’. **El Tiempo**, Justicia, Bogotá, 7 mar. 2008. Disponível em: <<http://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-2853624>>.

¹²⁶ POR lo menos 800 correos del PC de ‘Raúl Reyes’ enredan a ‘embajadora’ de Farc. **El Tiempo**, Justicia, Bogotá, 29 ago. 2008. Disponível em: <<http://www.eltiempo.com/archivo/documento/CMS-4491656>>.

¹²⁷ FARC intentan promover grupos subversivos en Latinoamérica, revela computador de ‘Raúl Reyes’. **El Tiempo**, Justicia, Bogotá, 9 mar. 2009. Disponível em: <<http://www.eltiempo.com/archivo/documento/CMS-4866382>>.

¹²⁸ PC confirma que Farc atentaron contra Uribe. **El Tiempo**, Justicia, Bogotá, 21 abr. 2008. Disponível em: <<http://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-290599>>.

¹²⁹ CAPTURA de ‘Irene’ en España es la primera que se produce por información del PC de Raúl Reyes. **El Tiempo**, Justicia, Bogotá, 26 jul. 2008. Disponível em: <<http://www.eltiempo.com/archivo/documento/CMS-4399290>>.

“Ecuador asegura que Colombia ‘no ha usado éticamente’ información de los computadores de ‘Reyes’”¹³⁰ (ago. 2008).

Ao identificar as denúncias como um acontecimento do mundo vivido que se repete (do mundo do sistema político colombiano que interfere no mundo do sistema político equatoriano, especialmente), cabe ao jornal *El Tiempo* reconhecer a problemática ali presente para compor a interpretação. Os títulos apresentados a seguir, no Quadro 1, não correspondem sequencialmente à denúncia e ao desfecho, porque este nem sempre se produziu. Assim, alguns deles, mesmo separados na tabela, porque em ordem cronológica, possuem seu correspondente. A cena inicial é facilmente identificável nos textos, muitas no próprio título, enquanto o desfecho, quando ocorre, nem sempre traz relação com as denúncias do governo colombiano, como se configurasse acontecimentos à parte.

Denúncias realizadas pelo governo colombiano envolvendo o ministro da Defesa equatoriano em março de 2008, e na ocasião negadas por ele, retornam como acusação que se confirma (B) dez meses mais tarde – “Ex ministro ecuatoriano de Gobierno Gustavo Larrea desvirtúa su supuesta vinculación con las Farc”,¹³¹ sem vinculação direta aos computadores de Reyes. Larrea volta aos jornais em fevereiro de 2009 em denúncia contra ele e o ex-funcionário do governo equatoriano José Ignacio Chauvín, que acaba se entregando às autoridades de seu país para responder por supostas ligações com narcotraficantes e com as Farc.¹³² Gustavo Larrea, ex-ministro da Segurança Interna e Externa equatoriano, reaparece nas páginas de *El Tiempo* em julho, quando é uma vez mais acusado de manter relações com o grupo guerrilheiro.¹³³ Neste caso específico, outras denúncias e acontecimentos se interpõem e são acionadas pelo Jornalismo porque afetam a legitimidade e a credibilidade do governo do Equador.

¹³⁰ ECUADOR asegura que Colombia ‘no ha usado éticamente’ información de los computadores de ‘Reyes’. *El Tiempo*, Política, Bogotá, 7 ago. 2008. Disponível em: <<http://www.eltiempo.com/archivo/documento/CMS-4433434>>.

¹³¹ SAMANIEGO, Maggy Ayala. Ex ministro ecuatoriano de Gobierno Gustavo Larrea desvirtúa su supuesta vinculación con las Farc. *El Tiempo*, Mundo, Bogotá, 23 fev. 2009. Disponível em: <<http://www.eltiempo.com/archivo/documento/CMS-4833470>>.

¹³² SAMANIEGO, Maggy Ayala. Alto ex funcionario ecuatoriano admite que buscó acuerdo con ‘Raúl Reyes’. *El Tiempo*, Mundo, Bogotá, 4 fev. 2009. Disponível em: <<http://www.eltiempo.com/archivo/documento/CMS-4795303>>.

¹³³ SUPUESTO diario de Reyes nombra a Larrea y Chauvín como emisarios de gobierno ecuatoriano ante Farc. *El Tiempo*, Internacional, Bogotá, 29 jul. 2009. Disponível em: <<http://www.eltiempo.com/archivo/documento/CMS-5728313>>.

Quadro 1: Os computadores de Raúl Reyes em *El Tiempo* (março 2008-agosto2009)

N.	Título	Data
1	Computadores de 'Raúl Reyes' revelan acuerdos con Ecuador	03/03/08
2	Rastro de ETA en PC de 'Reyes'	07/03/08
3	PC de 'Ríos' destapa purgas internas en Farc	13/03/08
4	El ministro Larrea no era el de la foto	18/03/08
5	Chávez pide a Colombia frenar la información de PC de 'Raúl Reyes'	26/03/08
6	Hallan 30 kilos de uranio de las Farc	27/03/08
7	Libro sobre la Mafia confirma información de PC de 'Reyes'	30/03/08
8	PC confirma que Farc atentaron contra Uribe	21/04/08
9	Chávez volvió a descalificar ayer los PC de 'Raúl Reyes'	12/05/08
10	Gobierno, tranquilo por veredicto sobre PC de 'Reyes'	15/05/08
11	Chávez va enojado a Lima por informe de Interpol	16/05/08
12	Ecuador pidió que la OEA investigue los PC de 'Reyes'	02/06/08
13	Corte regaña a Fiscalía por PC de 'Raúl Reyes'	05/06/08
14	Juan Manuel Santos sugiere "especie de complicidad" entre grupo terrorista español ETA y las Farc	05/07/08
15	El rastro de los correos que enredan al facilitador suizo Jean-Pierre Gontard con las Farc	08/07/08
16	Captura de 'Irene' en España es la primera que se produce por información del PC de Raúl Reyes	27/07/08
17	Colombia entregó a Brasil datos reservados sobre contactos de las Farc en ese país	28/07/08
18	Cuatro españoles, un danés, dos italianos y un australiano, fichas de las Farc en el exterior	03/08/08
19	Ecuador asegura que Colombia "no ha usado éticamente" información de los computadores de 'Reyes'	06/08/08
20	Por lo menos 800 correos del PC de 'Raúl Reyes' enredan a 'embajadora' de Farc	30/08/08
21	Mensajes entre 'Reyes' y representante de Farc en Italia preocupan a las autoridades de ese país	01/09/08
22	José Ignacio Chauvín, y no Larrea, sería el 'Nacho' del PC de 'Raúl Reyes'	02/03/09
23	Cómo se está descriptando el tesoro de 'Raúl Reyes'	02/03/09
24	Farc intentan promover grupos subversivos en Latinoamérica, revela computador de 'Raúl Reyes'	10/03/09
25	Captura de 'Cienfuegos' es fruto de ofensiva contra frente internacional de las Farc, dijo el Fiscal	24/05/09
26	'Cienfuegos' y 'Raúl Reyes' diseñaban estrategias para reclutar estudiantes, según la Fiscalía	
27	Memoria USB sería otra prueba de relación de 'Cienfuegos' con las Farc	24/05/09
28	Más correos del computador de 'Raúl Reyes' mencionan a 'Jaime Cienfuegos'	28/05/09
29	Los crímenes pasionales en las Farc; correos revelan muertes de guerrilleros a manos de sus parejas	30/05/09
30	Video de 'Jojoy' reavivó el tema sobre la supuesta ayuda de las Farc a la campaña de Rafael Correa	30/05/09
31	USB que le decomisaron compromete a profesor señalado de ser el 'Jaime Cienfuegos' de las Farc	21/07/09

Fonte: elaborado pela autora

Em outro exemplo o início e o desfecho aparecem vinculados aos computadores. Trata-se do texto 19, “Cuatro españoles, un danés, dos italianos y un australiano, fichas de las Farc

en el exterior”,¹³⁴ que ingresa como denúncia não verificada pelo Jornalismo (A) e acaba se confirmando, como demonstra o texto 21, “Mensajes entre ‘Reyes’ y representante de Farc en Italia preocupan a las autoridades de ese país”.¹³⁵ Em outros momentos, porém, as denúncias permanecem sem confirmação ou confrontação, como nos textos 14 e 15, respectivamente, “Juan Manuel Santos sugiere ‘especie de complicidad’ entre grupo terrorista español ETA y las Farc”¹³⁶ e “El rastro de los correos que enredan al facilitador suizo Jean-Pierre Gontard con las Farc”.¹³⁷

Alguns acontecimentos ingressam por terem sido gerados pelas denúncias realizadas pelo governo colombiano com base no conteúdo dos computadores de Raúl Reyes (D1). Um exemplo disso é a captura de Miguel Ángel Beltrán Villegas, sociólogo e professor da *Universidad Nacional*, conhecido como “Cienfuegos” ou “Jaime Ernesto Larrota”, capturado e extraditado pelo governo mexicano a partir de informações repassadas pela Colômbia. “Cienfuegos” aparece nos textos 25, 26, 27, 28 e 31. Outro exemplo é o texto 6 sobre o urânio apreendido pela polícia colombiana, que estava sendo negociado pelas Farc, segundo os e-mails de Reyes

O texto 1, “Computadores de ‘Raúl Reyes’ revelan acuerdos con Ecuador”, exerce dupla função. Por uma parte, ingresa sem apuração no Jornalismo de *El Tiempo* (A); por outra passa a ser usada como explicação de algo (C), como se a invasão do território do Equador tenha ocorrido porque existiam vínculos entre o governo do país e as Farc. Há aí uma nítida relação com o discurso produzido no sistema política colombiano. Outros entram diretamente como confirmação de algo anterior (C), como os textos 7 e 30 “Libro sobre la mafia confirma información de PC de ‘Reyes’”¹³⁸ e “Video de ‘Jojoy’ reavivó el tema sobre la supuesta ayuda de las Farc a la campaña de Rafael Correa”.¹³⁹

A fonte deste último, o vídeo de “Mono Jojoy”, não são os computadores de Reyes, mas do laptop da guerrilheira “Sandra”, capturada pelo Exército colombiano em maio de

¹³⁴ CUATRO españoles, un danés, dos italianos y un australiano, fichas de las Farc en el exterior. **El Tiempo**, Justicia, Bogotá, 3 ago. 2008. Disponível em: <<http://www.eltiempo.com/archivo/documento/CMS-4424460>>.

¹³⁵ MENSAJES entre ‘Reyes’ y representante de Farc en Italia preocupan a las autoridades de ese país. **El Tiempo**, Política, Bogotá, 1 set. 2008. Disponível em: <<http://www.eltiempo.com/archivo/documento/CMS-4493283>>.

¹³⁶ JUAN Manuel Santos sugiere "especie de complicidad" entre grupo terrorista español ETA y las FARC. **El Tiempo**, Mundo, Bogotá, 6 jul. 2008. Disponível em: <<http://www.eltiempo.com/archivo/documento/CMS-4363166>>.

¹³⁷ EL RASTRO de los correos que enredan al facilitador suizo Jean-Pierre Gontard con las Farc. **El Tiempo**, Política, Bogotá, 8 jul. 2008. Disponível em: <<http://www.eltiempo.com/archivo/documento/CMS-4366148>>.

¹³⁸ LIBRO sobre la mafia confirma información de PC de ‘Reyes’. **El Tiempo**, Justicia, Bogotá, 30 mar. 2008. Disponível em: <<http://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-2878934>>.

¹³⁹ VIDEO de ‘Jojoy’ reavivó el tema sobre la supuesta ayuda de las Farc a la campaña de Rafael Correa. **El Tiempo**, Justicia, Bogotá, 18 jul 2009. Disponível em: <<http://www.eltiempo.com/archivo/documento/CMS-5644808>>.

2009. Os computadores de “Sandra” ingressam neste complexo conjunto de “acontecimentos” que, por recorrência ou atualizações, participam do *Caso Angostura*. O texto de *El Tiempo* aborda o conteúdo de dois vídeos destes computadores. O primeiro, que havia sido “relevado” pela revista colombiana *Cambio* semanas antes (*El Comercio* afirma que havia sido na revista *Semana* no dia anterior), mostra “Mono Jojoy”, o número 2 do Secretariado das Farc (substituiu Raúl Reyes na função), lendo carta de Manuel Marulanda, líder máximo da guerrilha morto em 2008, em que este declara que os segredos da organização foram perdidos com a apreensão dos computadores de Reyes. Desta forma, o vídeo surge como confirmação da autenticidade dos computadores, logo, das denúncias que neles se originaram.

Outro vídeo dos computadores de ‘Sandra’, divulgado pela agência estadunidense AP, reproduzido em sites de jornais e postado no YouTube, mostra a leitura de uma carta que compromete países vizinhos pelo apoio às Farc, logo reitera sentidos já propostos, especialmente por denúncias como as indicadas nos títulos 1, 11 e 24:

“Ofrecimiento de materiales del amigo Ortega [presidente da Nicarágua] en solidaridad con Farc [...]. Ayuda en dólares a la campaña de Correa [presidente do Equador] y posteriores conversaciones con sus emisarios, incluidos algunos acuerdos, según documentos en poder de todos nosotros, los cuales resultan muy comprometedores en nuestros nexos con los amigos”, dice.

Alguns títulos recolhem as reações de implicados direta ou indiretamente nas denúncias que partem da Colômbia com base nos computadores apreendidos (Reyes, Ríos e Sandra ou Camilla). É o caso dos textos 5, 9, 11, 12 e 13.

c) *El Comercio*

Os computadores de Raúl Reyes e os nexos com as Farc que seus arquivos contêm, revelados basicamente por declarações oficiais e comunicados do governo colombiano, ingressam no jornal *El Comercio* no segundo dia de cobertura, 3 de março. Nessa data o diário dedica-se a fazer trabalhar o deslocamento do acontecimento da morte do guerrilheiro para a agressão ao território do seu país. Os títulos 1 e 2, “Colombia se disculpa y acusa a Ecuador”¹⁴⁰ e “Bogotá irá ante la OEA y la ONU”¹⁴¹ surgem em meio a um conjunto maior de textos sobre as reações do governo do Equador diante do que reconheceu ser uma violação de sua soberania, a partir dos relatos de militares e ministros que incursionaram por Angostura, lugar onde ocorreram os confrontos de 1º de março. O texto 1 é assinado pelo correspondente

¹⁴⁰ ROJAS ARAUJO, Carlos. Colombia se disculpa y acusa a Ecuador. *El Comercio*, Política, Quito, 3 mar. 2008. Disponível em: <http://www.elcomercio.com/noticias/Colombia-disculpa-acusa-Ecuador_0_164383864.html>.

¹⁴¹ BOGOTÁ irá ante la OEA y la ONU. *El Comercio*, Política, Quito, 4 mar. 2008. Disponível em: <http://www.elcomercio.com/politica/Bogota-ira-OEA-ONU_0_164383727.html>.

de *El Comercio* em Bogotá, Carlos Rojas, que escreve que “desde los medios de comunicación de este país, personalidades rechazaron la posición adoptada por Ecuador, y demandaron al presidente Uribe una posición firme frente a sus vecinos”. É nesta direção, segundo o jornalista, que se optou por “romper el silencio y aquella política de no confrontación verbal” e por “una respuesta menos diplomática: denunciar la supuesta existencia de nexos entre el gobierno de Correa y las Farc”.

Já o texto 2 revela um gesto que se produzirá outras vezes por meios de declarações de lideranças dos governos envolvidos no conflito, qual seja, o de fazer com que denúncias ingressem no Jornalismo como explicação de algo anterior. Neste caso, revela-se a tentativa de relatar o acontecimento pelo ponto de vista do governo colombiano, indicando a agressão como resposta aos “supostos” nexos entre o país vizinho e as Farc. Com base em texto retirado do site da Casa de Nariño, sede do governo colombiano, o jornal informa que “las revelaciones sobre acuerdos de las Farc y los Gobiernos de Ecuador y Venezuela serán puestas en conocimiento de la OEA y de la ONU”. Os textos 1 e 2, como trabalhado no item 3.1 (*Fluxos do acontecimento*), são fundamentais para compreender o deslocamento do acontecimento da morte de Reyes, restrito à Colômbia, para os nexos das Farc, externos a ela. Segundo *El Comercio*, no texto 2 o governo da Colômbia “expresó su preocupación por los ‘acuerdos que puedan existir’ entre las Farc, Ecuador y Venezuela, ‘que violan la normatividad internacional en su prohibición a los países de albergar terroristas’”.

Da mesma forma como o jornal *El Tiempo*, o equatoriano *El Comercio* dedica-se frequentemente às denúncias do governo da Colômbia, realizadas a partir de arquivos e correspondências de Raúl Reyes encontradas nos “supostos” computadores (depois ingressam os PCs de “Sandra” – “Camilla”). Em *El Comercio* são identificados os mesmos usos de tais denúncias: (A) acusações apresentadas em declarações oficiais, não verificadas, comprovadas ou rechaçadas pelo Jornalismo; (B) revelações confirmadas, geralmente, pelos implicados e não por uma verificação que parta do Jornalismo; (C) denúncias que explicam ocorrências anteriores; e (D) insinuações que acabam por gerar acontecimentos (D1) ou reações/declarações (D2). Aquilo que é causado pela denúncia com base nos computadores é que ingressa no Jornalismo.

No primeiro grupo, das denúncias que entram no Jornalismo sem verificação, mesmo que *a posteriori*, encontram-se textos sobre as “supostas” relações internacionais das Farc, mostrando, uma vez, o deslocamento que o *Caso Angostura* provoca no *status* do conflito, de interno a externo. Entre estes textos, por exemplo, estão o 17 e 24, “Las ‘laptops’ de Reyes

interesan a 9 países”¹⁴² e “Los tentáculos de las Farc alcanzaron las altas esferas del Gobierno de Brasil”.¹⁴³ Alguns textos, por sua vez, informam sobre acusações que ingressam no Jornalismo porque confirmadas pelo envolvido na denúncia, como no título 3, “Larrea dice que sí se reunió con ‘Reyes’, para liberar a Betancourt”.¹⁴⁴

Algumas das denúncias feitas pelo governo da Colômbia a partir dos PCs de Reyes ingressam porque originam acontecimentos (D1) ou reações (D2). Entre os primeiros indico dois exemplos. O texto 15, “Las PC sí eran de las Farc: Interpol”,¹⁴⁵ trata da entrevista coletiva da Interpol, em Bogotá, ocasião em que esta confirma a autenticidade dos arquivos de Raúl Reyes. O anúncio constitui-se em acontecimento pelas repercussões que ganha, especialmente, por reações contrárias. Outro exemplo, que também aparece em *El Tiempo*, foi a captura, na Espanha, de uma colaboradora das Farc, denunciada a partir das informações dos computadores. Trata-se do texto 23, “El disco de Reyes tras el arresto de un enlace española”.¹⁴⁶

Um conjunto significativo de títulos refere-se às reações de pessoas e instituições diante dos nexos com as Farc apontados com base nos computadores da guerrilha. Como a crise diplomática entre Colômbia e Equador se conformou como um conflito verbal, com réplica a cada declaração dada, o jornal equatoriano dedica-se a tratar delas, especialmente das que se referem às instituições públicas do país. Exemplos disso são os textos 6, “El Ecuador condiciona a Colombia”;¹⁴⁷ 8, “Ecuador espera que Colombia deje de vincularlo con las Farc”;¹⁴⁸ 18, “Quito, otra vez, resta valor a las PC”,¹⁴⁹ e 11, “Larrea y Vargas niegan nexos con las Farc; la Interpol indaga”.¹⁵⁰ Também os textos 13, 16 e 19 entram na serialidade jornalística porque contêm respostas a acusações.

¹⁴² LAS ‘LAPTOPS’ de Reyes interesan a 9 países. **El Comercio**, Mundo, Quito, 4 jun. 2008. Disponível em: <http://elcomercio.com/noticias/laptops-Reyes-interesan-paises_0_166186263.html>.

¹⁴³ LOS TENTÁCULOS de las FARC alcanzaron las altas esferas del Gobierno de Brasil. **El Comercio**, Mundo, Quito, 1 ago. 2008. Disponível em: <http://elcomercio.com/noticias/tentaculos-FARC-alcanzaron-Gobierno-Brasil_0_167386614.html>.

¹⁴⁴ ROJAS ARAUJO, Carlos. Larrea dice que sí se reunió con ‘Reyes’, para liberar a Betancourt. **El Comercio**, Política, Quito, 4 mar. 2008. Disponível em: <http://www.elcomercio.com/noticias/Larrea-reunio-Reyes-liberar-Betancourt_0_164386843.html>.

¹⁴⁵ ROJAS ARAUJO, Carlos. Las PC sí eran de las FARC: Interpol. **El Comercio**, Justicia, Quito, 16 maio 2008. Disponível em: <http://elcomercio.com/noticias/PC-FARC-Interpol_0_165587273.html>.

¹⁴⁶ EL DISCO de Reyes tras el arresto de un enlace española. **El Comercio**, Mundo, Quito, 27 jul. 2008. Disponível em: <http://elcomercio.com/noticias/disco-Reyes-arresto-enlace-espanola_0_166784775.html>.

¹⁴⁷ EL ECUADOR condiciona a Colombia. **El Comercio**, Política, Quito, 18 mar. 2008. Disponível em: <http://www.elcomercio.com/politica/Ecuador-condiciona-Colombia_0_164385506.html?print=1>.

¹⁴⁸ ECUADOR espera que Colombia deje de vincularlo con las FARC. **El Comercio**, Política, Quito, 20 mar. 2008. Disponível em: <http://www2.elcomercio.com/noticiaEC.asp?id_noticia=178553&id_seccion=3>.

¹⁴⁹ QUITO, otra vez, resta valor a las PC. **El Comercio**, Política, Quito, 11 jun. 2008. Disponível em: <http://elcomercio.com/noticias/Quito-vez-resta-valor-PC_0_166186537.html>.

¹⁵⁰ LARREA y Vargas niegan nexos con las FARC; la Interpol indaga. **El Comercio**, Política, Quito, 4 abr. 2008. Disponível em: <http://elcomercio.com/noticias/crisis-diplomatica-aumenta-popularidad-Correa_0_164985948.html>.

Quadro 2: Os computadores de Raúl Reyes em *El Comercio* (mar. 2008 – ago. 2009)

N.	Título	Data
1	Colombia se disculpa y acusa a Ecuador	03/03/08
2	Bogotá irá ante la OEA y la ONU	04/03/08
3	Larrea dice que sí se reunió con 'Reyes', para liberar a Betancourt	04/03/08
4	Uribe plantea que se verifiquen los computadores de 'Reyes'	04/03/08
5	Colombia pide apoyo a la Interpol para descifrar computadores de 'Raúl Reyes'	06/03/08
6	El Ecuador condiciona a Colombia	18/03/08
7	<i>El Tiempo</i> se disculpa con Larrea	18/03/08
8	Ecuador espera que Colombia deje de vincularlo con las Farc	20/03/08
9	Aisalia y Calderón, ejes de los contactos	02/04/08
10	Ecuador desestima la carpeta de Uribe	03/04/08
11	Larrea y Vargas niegan nexos con las Farc; la Interpol indaga	04/04/08
12	La Fiscalía tendrá acceso a las computadoras de Reyes	26/04/08
13	Colombia se juega la credibilidad por las computadoras de R. Reyes	01/05/08
14	Interpol revelará el resultado de su investigación el jueves	10/05/08
15	Las PC sí eran de las Farc: Interpol	16/05/08
16	Los PC de las Farc no son una evidencia judicial contundente	20/05/08
17	Las 'laptops' de Reyes interesan a 9 países	04/06/08
18	Quito, otra vez, resta valor a las PC	11/06/08
19	Interpol critica a Ecuador por el manejo del caso 'laptops'	14/06/08
20	La Fiscalía analiza el respaldo magnético de las 'laptops'	21/06/08
21	La pesquisa en el caso de las PC de las Farc, pendiente	23/06/08
22	La Interpol ratifica la validez del informe de las 'laptops'	26/06/08
23	El disco de Reyes tras el arresto de un enlace española	27/07/08
24	Los tentáculos de las Farc alcanzaron las altas esferas del Gobierno de Brasil	01/08/08
25	'Joy' habla de supuesto aporte a Correa [computador de 'Camilla']	18/07/09
26	El aporte a la campaña [de Correa], en las 'laptops' de Raúl Reyes	03/08/09

Fonte: elaborado pela autora

O texto 10, “Ecuador desestima la carpeta de Uribe”,¹⁵¹ trata da manifestação da chanceler equatoriana María Isabel Salvador diante da denúncia do governo colombiano de que as Farc haviam dado um aporte em dinheiro para a campanha do presidente Rafael Correa. Álvaro Uribe havia encaminhado ao Equador cópia de 24 cartas dirigidas por Reyes a seus colegas de Secretariado ou deles recebidas, extraídas dos seus PCs. A “revelação” ingressa no Jornalismo de *El Comercio* em abril de 2008, enquanto reação da chancelaria equatoriana à denúncia colombiana (D2) e acaba voltando em uma série de textos posteriores, originados em declarações e acusações de ambos os governos.

¹⁵¹ ECUADOR desestima la carpeta de Uribe. **El Comercio**, Política, Quito, 3 abr. 2008. Disponível em: <http://elcomercio.com/noticias/Ecuador-desestima-carpeta-Uribe_0_164984474.html>.

Passado mais de 12 meses, o ingresso de outro acontecimento no Jornalismo, os vídeos encontrados com a guerrilheira “Camilla” (“Sandra” em *El Tiempo* e *O Estado de S. Paulo*), capturada em maio de 2009 junto com seus três computadores, insinua-se como prova desta denúncia (C). O texto 25, “‘Jojoy’ habla de supuesto aporte a Correa”,¹⁵² descreve um vídeo encontrado com “Camilla”, divulgado pela AP, onde o guerrilheiro “Mono Jojoy” fala à tropa. Neste texto, *El Comercio* preocupa-se em manifestar suas desconfianças em relação ao conteúdo do vídeo, editado, segundo afirma no texto. Deste modo, na impossibilidade de checar a autenticidade, opta por tratar a informação por suas suspeitas, ao invés de simplesmente trazê-la para o jornal como algo dado. No texto 25 assinala:

Ayer, varios medios de comunicación e incluso el portal YouTube difundieron un video obtenido por la agencia Associated Press (AP), que muestra al número dos de las Farc, Jorge Briceño, alias ‘Mono Jojoy’, hablando frente a un grupo de guerrilleros, mientras descansan en la selva.

Se observa que lee un texto en una computadora portátil color plata. La imagen se corta abruptamente y Briceño vuelve a aparecer.

Bebe líquido de una botella y dice: ‘(...) Ayuda en dólares a la campaña de Correa y posteriores conversaciones con sus emisarios, incluidos algunos acuerdos, según documentos en poder de todos nosotros, los cuales resultan muy comprometedores en nuestros nexos con los amigos’.

El video, que está editado, no precisa el contexto en el cual se hizo la declaración. Por ejemplo, no está de corrido el mensaje previo que diera ‘Mono Jojoy’ antes de beber de la botella.

Ainda neste texto, *El Comercio* contextualiza o momento de ingresso deste vídeo e, sem afirmar diretamente, estabelece sua vinculação ao fato de o Equador ter ordenado a prisão de Juan Manuel Santos, nesse momento ex-ministro de Uribe, responsável pelas operações em 1º de março de 2008.

El video se hizo público en el peor momento de la relación diplomática entre Quito y Bogotá. La tensión estalló el pasado 29 de junio, cuando el juez primero de lo Penal de Sucumbíos, Daniel Méndez, ordenara la prisión preventiva del ex ministro de Defensa de Colombia, Juan Manuel Santos, por las 25 muertes, tras el bombardeo a Angostura. Anteayer, esa orden de prisión fue ratificada por la Primera Sala Penal de la Corte de Sucumbíos

3.2 O acontecimento nos mapas diários

É próprio ao típico acontecimento atípico desordenar não apenas o mundo vivido, mas também os campos que dele se ocupam na tentativa de interpretá-lo e ordená-lo, visto que se vinculam aos sistemas políticos e neles interferem positiva ou negativamente. Também porque impactam no coletivo, os típicos atípicos carecem que seus fluxos sejam

¹⁵² ‘JOJOY’ habla de supuesto aporte a Correa. **El Comercio**, Justicia, Quito, 18 jul. 2009. Disponível em: <http://elcomercio.com/noticias/Jojoy-habla-supuesto-aporte-Correa_0_81592048.html>.

discursivamente organizados. Ao mesmo tempo em que despertam a atenção do Jornalismo, os acontecimentos necessitam ingressar nos modos de produção jornalística para ganhar existência. No interior do Jornalismo, a desordem dos acontecimentos choca-se com os ordenamentos préconfigurados pelas empresas jornalísticas, que possibilitam ao Jornalismo configurar-se em instância para o reconhecimento e a dispersão interpretativa das ocorrências do mundo. Os típicos atípicos conseguem, em alguma medida, se impor sobre essa organização, alterando os fluxos do próprio Jornalismo.

É fato sabido que para dar conta do que vai pelo mundo as instituições jornalísticas valem-se de pelo menos três formas de ordenamento do espaço: territorialidade geográfica, “sentinelas” e seções (Tuchman, 1983). A primeira aponta para a delimitação da abrangência e do interesse editorial da empresa por determinada área geográfica, na qual se cruzam as ordens institucional e de produção. As “sentinelas”, responsáveis pela cobertura dos acontecimentos de determinados lugares, como os setoristas e os correspondentes, formam parte das redes informativas, instituídas também por escolhas das organizações jornalísticas em consonância com seus modos de produção. Já as seções referem-se à estruturação dos canais jornalísticos a partir de determinados temas ou editorias. A definição das seções, e do que nelas cabe, assume contornos específicos de acordo com cada meio, tanto pelo seu formato, quanto pelo lugar que ele ocupa na sociedade; se local ou nacional; se pequeno ou parte de um conglomerado midiático; se de economia ou de esportes; se diário ou semanal.

As editorias são uma espécie de categorização dos saberes e estão vinculadas à classificação de mundo de cada meio de comunicação. Assim, a disposição dos acontecimentos nas editorias atende a propósitos dos jornais, por um lado, e diz da qualificação dos acontecimentos, por outro. É por um conjunto de valores atribuído aos acontecimentos – os valores-notícia de seleção e narração e os critérios de noticiabilidade – que eles ingressam nos jornais e são distribuídos nas páginas. De modo geral, as processualidades jornalísticas são continuamente recriadas porque, a um só tempo, o Jornalismo reconhece alguns acontecimentos como relevantes para ingressar em seus fluxos, enquanto os acontecimentos impõem seus fluxos sobre essa organização.

Política, Justiça, Internacional, Nacional, etc., são, antes de tudo, enunciados de lugar, estruturas reconhecidas pelo leitor que remetem a um saber pressuposto. É sobre esta distribuição que os jornais assentam a cartografia diária do mundo, de modo a encaminhar a percepção do social em determinado período histórico. Distribuição esta que liga o jornal ao mundo vivido, pela realidade de que participa, enquanto espaço transicional que permite passar do interior ao exterior; distribuição que considera os deslocamentos que os

acontecimentos provocam, porque ora são assuntos políticos, ora deslocam-se para a esfera judiciária, por exemplo. Distribuição que, de algum modo, considera distintas espacialidades, como o local, o nacional e o internacional.

Assim, cada apropriação do espaço implica uma nova atribuição de coerência, de uma lógica que adquire conteúdo com um devir social específico, no qual se tecem o individual e o coletivo. Transforma-se o espaço ao se transformar a sociedade, e em cada uma dessas transformações está envolvida uma atribuição de uma temporalidade particular que é a que vive a sociedade particular num dado momento (Nicolás, 1998, p. 85).

Produto das relações sociais, os espaços do Jornalismo podem ser examinados a partir dos sentidos dados às coisas do mundo e à experiência humana, articulando uns e outros. Ao tratar dos jornais impressos, Verón (2002, p. 94) pontua que “los diarios se diferencian en primer lugar por la forma que estructuran el espacio discursivo que les es propio, y esto en dos planos: dentro de cada página y en la organización del conjunto”. O Jornalismo pode ser compreendido em sua relação com esta distribuição – organização, porque ali são dispostas narrativas que abarcam o espaço e o tempo que, por sua vez, contêm o espaço e o tempo dos acontecimentos.

Ao ingressar no *Caso Angostura* percebe-se que em *El Tiempo* e em *El Comercio* ele não se encontra cingido numa editoria, mas está disperso pelos espaços-saberes destes jornais. Isso se deve à proximidade do acontecimento, territorial, mas não apenas por isso. É nos usos do território comum, a fronteira, que o acontecimento interfere. É por sua natureza violenta também sobre este espaço que ele se impõe. É porque se liga aos sistemas políticos da Colômbia e do Equador, interferindo na legitimidade de suas instituições, que ele perdura. Nota-se que o acontecimento, por sua atipicidade, pelo seu grau de conflitividade e por sua proximidade, solicita ingressar em todos os espaços de *El Tiempo* e de *El Comercio* para que seja possível a transição entre o que está ali contido e o exterior destes jornais.

No jornal brasileiro *O Estado de S. Paulo*, por sua vez, o acontecimento se dá a ver sempre na editoria de Internacional, respeitando a lógica pré-estabelecida de que este é o espaço-saber para o que está distante geograficamente da sede do jornal. Essa editoria pode ser lida como aquela que reúne “a notícia que não é nossa” (Leal, 1984), quer seja de política, economia, justiça ou turismo, independentemente de ela ter ou não repercussão no que é nosso. O *Caso Angostura* não ingressa simplesmente nas páginas de Internacional do *Estado*, posto que ao fazê-lo modifica processualidades da produção jornalística, a seguir trabalhadas.

Na sequência a análise volta-se para o mapa de cada dia organizado pelos jornais *O Estado de S. Paulo*, *El Tiempo* e *El Comercio* para verificar se os fluxos do acontecimento interferem, e em que medida, nos fluxos do Jornalismo. Mais do que o assentamento e

reassentamento do acontecimento em novos limites, das editoriais e páginas, interessa observar como o ele movimenta-se pelos espaços do Jornalismo. A análise considera novamente a primeira semana de cobertura do acontecimento nos três jornais, período em que estes se organizam para dar conta da sua necessária compreensão.

a) *O Estado de S. Paulo*

O acontecimento Angostura ocupa 67 páginas do jornal *O Estado de S. Paulo* em março de 2008, sendo 14 capas, 6 editoriais e 47 páginas de Internacional. Nos primeiros dias de cobertura, de 2 a 9 de março, o jornal publica 59 textos, de diferentes tamanhos, como reportagens e notas, além de infográficos. Nos dois primeiros dias ele aparece no jornal sob a cartola *América Latina*, empregada ao tratar, nas páginas de Internacional, de qualquer assunto relacionado ao subcontinente. Apesar de capa do jornal nestes dois primeiros dias, como nos subsequentes, entre os dias 4 e 9 de março o *Estado* passa a adotar a cartola de cobertura *Tensão na fronteira* para tratar do acontecimento. O selo aparece sempre acompanhado de uma frase que sintetiza o agrupamento dos textos apresentados em cada página.

Quadro 3: O Caso Angostura no jornal *O Estado de S. Paulo* no período de 2 a 9 de março de 2008

Data	Cartola / Complemento	Pág	Títulos
02/03/08	América Latina	A21	Colômbia mata número 2 das Farc (P)
03/03/08	América Latina	A7	Correa e Chávez enviam soldados à fronteira após ofensiva da Colômbia (P) "É o começo do fim das Farc" (S) Reyes era principal articulador da guerrilha (S) Avião feito pela Embraer participou da operação (S)
04/03/08	Tensão na Fronteira - Bogotá denuncia Caracas	A11	Colômbia acusa Chávez de ter dado US\$ 300 milhões às Farc (P) EUA ajudaram a localizar Reyes (S) Quito tem base legal para responder a Bogotá (S)
	Tensão na Fronteira - Crise diplomática	A12	Quito rompe relações com Colômbia (P) Reféns libertados voltam para casa (S) No Brasil, tensão leva preocupação a Exército (S) Em conflito, Bogotá teria vantagem (S)
	Tensão na Fronteira - Mediação brasileira	A13	Brasil quer desculpas aceitáveis da Colômbia (P) Bogotá quer mediação da UE (S) Reyes era o interlocutor da França, revela chanceler (S)
05/03/08	Tensão na Fronteira - Bogotá se justifica	A12	Colômbia usa resolução antiterror da ONU em sua defesa na OEA (P) Equador pede ajuda da Cruz Vermelha para identificar corpos (S) Correa diz que está disposto a ir à guerra (S)

(Continuação)

Data	Cartola / Complemento	Pág	Títulos
Cont. 05/03/08	Tensão na Fronteira - Negociações frustradas	A13	França e Equador suspeitam de Uribe (P) Farc pagariam milhões por urânio, diz vice colombiano (S) Guerrilha anuncia sucessor de Reyes (S)
	Tensão na Fronteira - Impacto econômico	A14	Chávez fecha fronteira e paralisa comércio (P) Privilégio de Bogotá a laços com EUA dificulta relação com países vizinhos (S)
06/03/08	Tensão na Fronteira - Vitória da diplomacia	A16	Colômbia e Equador fecham acordo (P) Brasil, Chile e Argentina agiram juntos nos bastidores (S)
	Tensão na Fronteira - Xadrez diplomático	A18	Lula dribla retórica de Correa (P) Na fronteira, turbulência diplomática causa prejuízo (S) Militares não têm indícios de bases rebeldes no País (S) Legistas investigam se há equatorianos entre vítimas (S) ETA definiu ao perder 'santuário' na França (S)
	Tensão na Fronteira - Pista eletrônica	A19	'Telefonema de Chávez levou a Reyes' (P) Com Correa, líder pede que ataque seja condenado (S)
07/03/08	Tensão na Fronteira - Crise persiste	A14	Correa exige resolução mais dura (P) Cúpula do Grupo do Rio é oportunidade de diálogo (S) Acordo na OEA evita isolar países (S)
	Tensão na Fronteira - Repressão econômica	A15	Chávez ameaça empresas colombianas (P) Rice visitará Brasil para tratar de 'temas regionais' (S) Exército do Equador captura 5 supostos rebeldes das Farc (S) Mexicanos podem estar entre mortos (S)
	Tensão na Fronteira - 'Senhor das armas'	A16	Preso supertraficante ligado às Farc (P) Guerrilha explode parte de oleoduto na selva (S)
08/03/08	Tensão na Fronteira - Vitória da diplomacia	A25	Uribe, Correa e Chávez encerram crise (P)
	Tensão na Fronteira - Participação brasileira	A26	Lula perde chance diplomática (P) Para Brasil, atuação das Farc é 'problema regional' (S) Chávez apresenta provas de vida de 10 reféns das Farc (S) No Equador, resultado de cúpula é recebido com alívio (S) Colombianos festejam retomada de comércio com a Venezuela (S)
	Tensão na Fronteira - Ofensiva contra a guerrilha	A28	Outro dirigente das Farc é morto (P) Guerrilheiro era da ala moderada do grupo esquerdista (S) Quito anuncia prisão de supostos rebeldes (S) Polícia da Venezuela entra na Colômbia (S)
09/03/08	Tensão na Fronteira - Operação Fênix	A16	Ataque arrasador estendeu-se por várias horas (P) Rebelde pode ser processado por matar Ivan Ríos (S) Base guerrilheira tinha centro de treinamento (S)
	Tensão na Fronteira - Rotina guerrilheira	A17	Em sua base na selva, Reyes tinha até TV de plasma (P)
	Tensão na Fronteira - Ligações perigosas	A18	Computador de Reyes detalha contatos com Chávez e Correa (P) Farc tinham 'estratégia por etapas' para libertar reféns (S) Dados revelam laços com grupos mafiosos (S)

Legenda: P – matéria principal S – matéria secundária ou nota

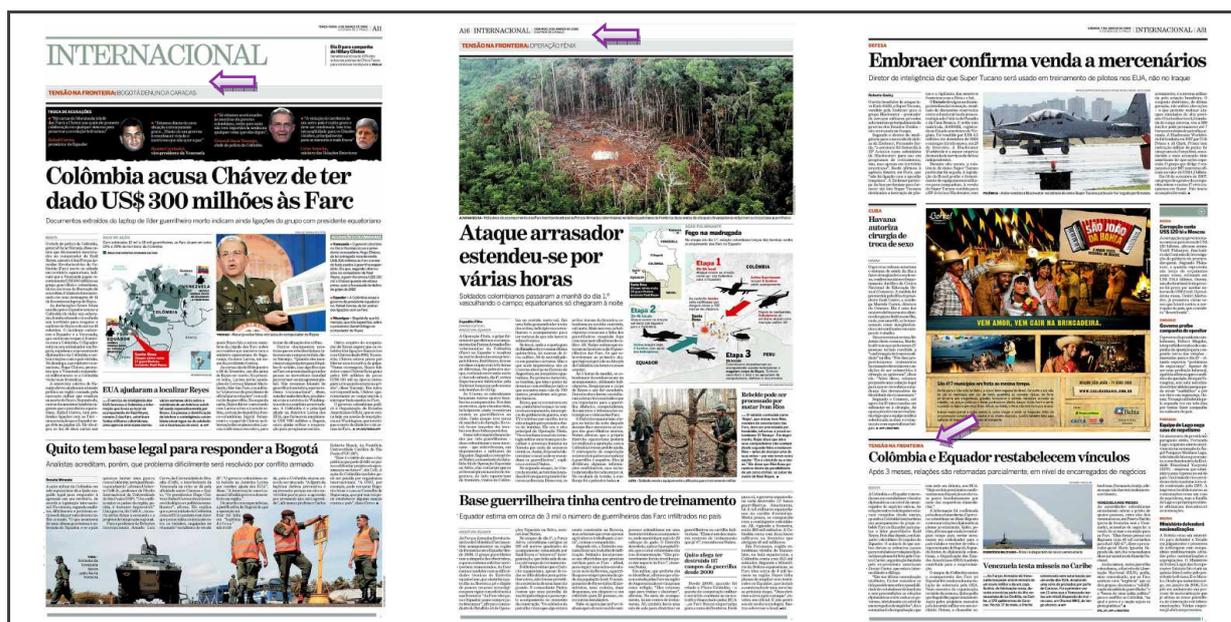
Fonte: elaborado pela autora

A troca da cartola fixa por uma que sinaliza uma cobertura específica é interpretada como indicativo de que o acontecimento, por romper com a ordem das coisas – inclusive as

jornalísticas –, precisa ser reassentado em outros termos no jornal. A mudança denota, especialmente, certa expansão de sentido na compreensão do conflito. A troca do selo aponta para a necessidade de um tempo estendido para acessar a dispersão interpretativa do acontecimento. O emprego de rubricas fixas que correspondem à divisão política do mundo – Ásia, Europa, América, etc. –, também fixa, satisfaz a um ordenamento anterior, estabelecido *a priori*. Assim, *América Latina* não comportava as especificidades do acontecimento, porque sua desordem o impunha como tal. À ordem cabe o ordenado, enquanto à desordem alguma referência a tal especificidade, uma vez que “los espacios informativos crean, en su propia emisión, un ‘organismo íntimamente coherente’: allí no hay nada desprendido y aislado, y hasta la apariencia de desorden justifica y reproduce el orden” (Rey Morató, 1988, p. 87).

Esta proposição analítica deve-se ao estudo da editoria de Internacional de *O Estado de S. Paulo* ao longo de 2008. Em outros três momentos a cartola é alterada: *Resgate na selva* é usado nos dias 3 e 4 de julho para tratar da libertação de Ingrid Betancourt, ex-candidata à Presidência da Colômbia, refém das Farc por seis anos; *Guerra no Cáucaso*, em agosto de 2008, ao tratar da invasão da Geórgia; *Gaza sob fogo* em substituição a *Oriente Médio*, entre 29 de dezembro e 19 de janeiro de 2009, com referência a nova onda de violência na Faixa de Gaza. Além destas trocas, o jornal emprega as cartolas *Guerra sem fim* ao se referir aos conflitos entre EUA e Israel e *Guerra ao terror* entre EUA e Afeganistão.

Ilustração 7: Cartola *Tensão da fronteira* nos dias 4 e 9 de março e 7 de julho de 2008



Fonte: *O Estado de S. Paulo*

A cartola *Tensão na fronteira* retorna na edição de 7 de junho de 2008, em notícia sobre o restabelecimento de vínculos diplomáticos entre Colômbia e Equador “em nível de encarregados de negócios”.¹⁵³ O retorno do selo é também uma volta ao acontecimento, porque este se perde – da memória de alguns leitores, não do Jornalismo – pelo tempo transcorrido entre o momento inicial e seu desfecho.

Ao mesmo tempo em que sinaliza a desordem do mundo exterior, e porque desordenado não cabe na ordem pré-estabelecida pelo jornal, a cartola *Tensão na fronteira* é indicativa do ordenamento que o *Caso Angostura* impõe às processualidades do jornal. Organizado a partir de zonas de interesse, em alguns momentos, entretanto, determinados temas ou ocorrências exigem do Jornalismo um novo ordenamento do e no espaço. O típico acontecimento atípico, pela agitação que provoca, “pela amplitude que ocupa no espaço e no tempo e por sua interferência no ‘real’, no mundo das coisas vividas” (Zamin e Marocco, 2010, p. 115), constitui-se como um bom exemplo de como os jornais se reorganizam com o objetivo de acessá-lo.

De certa forma, a cartola *Tensão na fronteira* revela, também, a sobreposição de uma rede informativa provisória à rede estabelecida com anterioridade. Segundo Marocco (2007, p. 98), trocas como esta materializam “o complexo campo discursivo em que se desenvolvia a” a cobertura, qual seja a *tensão na fronteira*. Aos correspondentes e setoristas somam-se repórteres na função de enviados especiais, destinados exclusivamente à cobertura do acontecimento por seu valor jornalístico (4.1, *Ir pelo mundo em busca das coisas do mundo*).

b) *El Tiempo*

Em *El Tiempo* e em *El Comercio* o acontecimento ocupa todos os espaços do jornal, ao passar pelas editorias de Política, Justiça, Economia, Mundo, etc. Percebe-se que apesar de as editorias constituírem-se em espaços-saberes – estruturas reconhecidas tanto por jornalistas, porque orientam a produção discursiva, no sentido do que “cabe” em cada lugar, quanto pelos leitores, porque sabem o que irão ali “encontrar” –, o *Caso Angostura* transita por entre esses lugares, impondo sua força também no interior do Jornalismo. Por sua condição de típico acontecimento atípico, o Jornalismo vale-se de uma fragmentação discursiva dos sentidos, que vão sendo propostos, por sua interpretação, durante a cobertura. Fragmentação que se revela, também, na distribuição do acontecimento nas editorias.

¹⁵³ COLÔMBIA e Equador restabelecem vínculos. **Estado**, Caderno A, Internacional, São Paulo, ano 129, n. 41871, p. A31, 07 jun. 2008.

Por que o acontecimento em si não está contido num único lugar do mundo vivido, mas, igualmente, por sua afetação no cotidiano, por seu envolvimento com os sistemas políticos, pelos dizeres de toda ordem que convoca, o acontecimento transita por entre a porosidade das fronteiras das rubricas dos jornais colombiano e equatoriano. O *acontecimento Angostura* é excesso e, por essa razão, vai além das bordas. A entropia do acontecimento é trazida por um discurso de atualidade e recorrência, porque é preciso transitar entre passado, presente e futuro para dar conta das questões que ele coloca.

Na primeira semana de cobertura *El Tiempo* traz 23 textos, de grande extensão, divididos por intertítulos. Como a leitura deu-se a partir da versão digital do jornal, sem diagramação, não foi possível precisar o número de páginas que ocupa, bem como a localização de cada texto. Não interessa, porém, à análise tal disposição gráfica, mas onde o *acontecimento Angostura* ganha materialidade discursiva. Desta forma, as editorias são tomadas como o indicativo deste “onde” está o acontecimento.

No Jornalismo de *El Tiempo*, a cobertura do acontecimento apresenta-se, inicialmente, nas páginas da editoria *Primer Plano* (Primeiro Plano), na qual são tratados acontecimentos e temas de maior atualidade e relevância editorial. Essa editoria destina-se a matérias especiais. No impresso, ela corresponde à página 2, preferencialmente. Nota-se, pelo quadro a seguir, que enquanto o acontecimento é a morte de Raúl Reyes (“En frontera con Ecuador se cerró cerco sobre ‘R. Reyes’”¹⁵⁴) e as denúncias de nexos entre ele e o governo do equatoriano Rafael Correa (“Computadores de ‘Raúl Reyes’ revelan acuerdos con Ecuador”¹⁵⁵), respectivamente, nos dias 2 e 3 de março, apenas a editoria de *Primer Plano* consegue abarcá-lo.

A partir do terceiro dia, quando a crise instaurada entre Equador e Colômbia passa a constituir o acontecimento, isso porque na noite do dia 3 o presidente equatoriano anunciou o rompimento das relações diplomáticas, enquanto o governo colombiano revelou ter descoberto nos computadores do guerrilheiro assassinado provas de sua relação com o país vizinho, o *Angostura* começa a ocupar outros espaços do jornal. Ao deslocar o conflito, que deixa de ser apenas interno e colombiano para se tornar um conflito regional, o acontecimento precisa ser disposto nos espaços-saberes que permitam dar conta de suas especificidades.

Nos dias 4, 5 e 6, os textos da editoria *Primer Plano* referem-se à crise desde a perspectiva colombiana, os modos de reagir a ela, as conquistas e derrotas no âmbito da

¹⁵⁴ EN FRONTERA con Ecuador se cerró cerco sobre 'R. Reyes'. **El Tiempo**, Primer Plano, Bogotá, 2 mar. 2008. Disponível em: <<http://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-2847666>>.

¹⁵⁵ COMPUTADORES de 'Raúl Reyes' revelan acuerdos con Ecuador. **El Tiempo**, Primer Plano, Bogotá, 3 mar. 2008. Disponível em: <<http://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-2848761>>.

diplomacia internacional. – “Así se defenderá Colombia ante OEA”,¹⁵⁶ “Colombia, a la ofensiva internacional”¹⁵⁷ e “Triunfo agridulce de Colombia en OEA”¹⁵⁸. Apesar de se mover para o exterior, o conflito não deixa de ser colombiano, porque o governo está diretamente implicado em sua origem e na sua resolução. Ao tratar do que está mais próximo do jornal, ou seja, os movimentos do governo da Colômbia diante da crise, o jornal *El Tiempo* utiliza a editoria de *Primer Plano*. Importante salientar que no diário colombiano há a editoria *Nación* (Nacional), mas esta não é empregada na cobertura do acontecimento.

Quadro 4: O Caso Angostura no jornal *El Tiempo* no período de 2 a 8 de março de 2008

Data	Editoria	Títulos
02/03/08	Primeiro Plano	En frontera con Ecuador se cerró cerco sobre 'R. Reyes'
	Primeiro Plano	Partidas clave en el conflicto se juegan en Ecuador
	Primeiro Plano	Cayó otro duro. También murió 'Julián Conrado', el cantante de las Farc
	Primeiro Plano	Así se enteró el presidente Correa
03/03/08	Primeiro Plano	Computadores de 'Raúl Reyes' revelan acuerdos con Ecuador
	Primeiro Plano	Chávez cierra embajada y moviliza 10 batallones
04/03/08	Primeiro Plano	Así se defenderá Colombia ante OEA
	Política	El mundo, preocupado por la crisis
	Política	Frenan paso de carga a Venezuela
05/03/08	Primeiro Plano	Colombia, a la ofensiva internacional
	Política	Polémica por idea de Uribe de denunciar a Chávez en la Corte
	Política	Farc y Chávez tenían libreto en canje
	Política	Crisis golpea al turismo
06/03/08	Primeiro Plano	Triunfo agridulce de Colombia en OEA
	Justiça	Jefes de Farc sufren paranoia por CIA, DEA y bombardeos
07/03/08	Política	Nicaragua calienta la Cumbre de Río
	Política	Le recuerdan a Ortega incursión en Honduras
	Política	Nadie sabe el alcance del anuncio sobre nacionalización de empresas
	Justiça	Rastro de ETA en PC de 'Reyes'
08/03/08	Primeiro Plano	Seis horas en las que pasaron de los insultos a los abrazos
	Primeiro Plano	Cumbre de Río paralizó al país
	Primeiro Plano	Las claves de la distensión
	Política	Segundo golpe a Secretariado das Farc en una semana

Fonte: elaborado pela autora

¹⁵⁶ GÓMEZ, Sergio. Así se defenderá Colombia ante OEA. *El Tiempo*, Primer Plano, Bogotá, 4 mar. 2008. Disponível em: <<http://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-2850005>>.

¹⁵⁷ COLOMBIA, a la ofensiva internacional. *El Tiempo*, Primer Plano, Bogotá, 5 mar. 2008. Disponível em: <<http://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-2851056>>.

¹⁵⁸ GÓMEZ, Sergio. Triunfo agridulce de Colombia en OEA. *El Tiempo*, Primer Plano, Bogotá, 6 mar. 2008. Disponível em: <<http://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-2852515a>>.

As informações que se referem às Farc aparecem em Política ou Justiça. No primeiro caso estão os textos que tratam das vitórias do governo colombiano sobre a guerrilha – “Segundo golpe a Secretariado das Farc en una semana”¹⁵⁹ – ou que envolvem outros países – “Farc y Chávez tenían libreto en canje”.¹⁶⁰ Em Justiça estão os fatos que envolvem a organização e suas ações – “Jefes de Farc sufren paranoia por CIA, DEA y bombardeos”¹⁶¹ e “Rastro de ETA en PC de ‘Reyes’”.¹⁶² Da mesma forma, aquilo que envolve ou diz respeito a reações de terceiros são tratados em outras seções do jornal, por exemplo, “El mundo, preocupado por la crisis”,¹⁶³ e “Polémica por idea de Uribe de denunciar a Chávez en la Corte”,¹⁶⁴ trazidas na seção de Política.

O acontecimento volta às páginas da editoria *Primer Plano* no dia 8 de março, quando da cobertura do acordo que colocava fim à crise regional¹⁶⁵, firmado durante a Reunião do Grupo do Rio, na República Dominicana. Como se acreditava ter chegado a uma resolução para o conflito, na esfera geopolítica, o jornal *El Tiempo* desloca novamente o *Caso Angostura* fazendo-o retornar ao lugar, no espaço do jornal, de seu aparecimento. Quando o acontecimento podia ser explicado pela morte de Raúl Reyes ou pelos nexos das Farc ele “cabia” na editoria de *Primer Plano*, do mesmo modo quando o *Caso Angostura* reingressa pela resolução do conflito que havia causado.

Em outros momentos da cobertura, não trabalhados nesta análise, o acontecimento também ingressa na editoria de Internacional. Isso ocorre quando trata de questões externas à Colômbia, mas relacionadas ao *Angostura*, que direta ou indiretamente envolvem o país ou lhe interessam. Por exemplo, o texto que trata das relações entre o governo do presidente Rafael Correa e as forças militares do próprio Equador em virtude dos acontecimentos de 1º de março em Angostura. No texto, a jornalista Maggy Ayala Samaniego, especial para *El Tiempo*, argumenta que a destituição de Wellington Sandoval do cargo de ministro da Defesa e a renúncia de generais das Forças Armadas ocorreram em razão de acordos de cooperação destes com a CIA, que acabavam beneficiando a Colômbia, destinatária de tais informações.

¹⁵⁹ SEGUNDO golpe a Secretariado das Farc en una semana. **El Tiempo**, Política, Bogotá, 8 mar. 2008. Disponível em: <<http://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-2855165>>.

¹⁶⁰ FARC y Chávez tenían libreto en canje. **El Tiempo**, Política, Bogotá, 5 mar. 2008. Disponível em: <<http://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-2851033>>.

¹⁶¹ JEFES de Farc sufren paranoia por CIA, DEA y bombardeos. **El Tiempo**, Justiça, Bogotá, 5 mar. 2008. Disponível em: <<http://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-2852387>>.

¹⁶² RASTRO de Eta en PC de 'Reyes'. **El Tiempo**, Justiça, Bogotá, 7 mar. 2008. Disponível em: <<http://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-2853624>>.

¹⁶³ EL MUNDO, preocupado por la crisis. **El Tiempo**, Política, Bogotá, 4 mar. 2008. Disponível em: <<http://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-2849975>>.

¹⁶⁴ POLÉMICA por idea de Uribe de denunciar a Chávez en la Corte. **El Tiempo**, Política, Bogotá 5 mar. 2008. Disponível em: <<http://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-2851034>>.

¹⁶⁵ Apesar deste primeiro acordo entre os mandatários dos países envolvidos na crise (Colômbia, Equador, Venezuela e Nicarágua), o Equador não retornou as relações diplomáticas com a Colômbia, que permaneceram suspensas até novembro de 2009.

“Incluso, según un informe del diario *El Comercio*, de Quito, la CIA entregaba anualmente a la inteligencia del Ejército entre 16 y 18 millones de dólares por “intercambio de información”, datos que, según Correa, luego eran pasados a Colombia”.¹⁶⁶

c) *El Comercio*

No jornal equatoriano *El Comercio* durante a primeira semana de cobertura, de 2 a 8 de março de 2008, são identificados 40 textos, de curta e longa extensão. Como em *El Tiempo*, a leitura do jornal equatoriano foi realizada na sua versão digital e ainda que os textos correspondam à versão impressa, a diagramação não é a mesma, o que não permite identificar a distribuição dos textos nas páginas. A análise, por sua vez, centra-se nos espaços da materialidade discursiva do *Caso Angostura*, identificados pelas editorias onde são trabalhados os fluxos do acontecimento.

Sem uma editoria específica para tratar de temas de maior relevância, a exemplo de *El Tiempo* e sua *Primer Plano*, o jornal equatoriano *El Comercio* aborda o acontecimento em suas páginas de Política e Justiça, especialmente. No primeiro dia de cobertura, 2 de março, quando a morte de Raúl Reyes é o acontecimento que irrompe e precisa ser interpretado discursivamente pelo Jornalismo, é na editoria de Justiça que ele será tratado. Os textos “El Putumayo se convirtió en el hogar y en la tumba de Reyes”¹⁶⁷ e “Una conversación con Raúl Reyes en el 2003”¹⁶⁸ são assinados pelo editor de Justiça (atualmente editor de Informação), Arturo Torres, jornalista que conhecia o guerrilheiro Reyes e o havia entrevistado. Nesse momento da cobertura do jornal equatoriano, a morte ingressa como questão judicial, ainda que do país vizinho, mas que por suas condições de produção, porque ocorrera dentro do território do seu próprio país, não poderia ser tratada sob a rubrica de Mundo.

Quando o acontecimento passa da morte (que interessa à Colômbia) à violação do território equatoriano, no segundo dia, e à crise entre os dois países, no terceiro, o diário *El Comercio* o apresenta prioritariamente na editoria de Política. Em algumas ocasiões, durante a cobertura do conflito colombo-equatoriano o Jornalismo parece operar em termos de causa-efeito ou ação-reação, optando por tratar do “efeito” no espaço em que a “causa” ingressou no dia anterior, como nos textos “Colombia acusa a presidente Rafael Correa de compromisos con las

¹⁶⁶ SAMANIEGO, Maggy Ayala. Purga en las FF.AA. de Ecuador. *El Tiempo*, Internacional, Bogotá, 10 abr. 2008. Disponível em: <<http://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-2893176>>.

¹⁶⁷ TORRES, Arturo. El Putumayo se convirtió en el hogar y en la tumba de Reyes. *El Comercio*, Justicia, Quito. 2 mar. 2008. Disponível em: <http://elcomercio.com/noticias/Putumayo-convirtio-hogar-tumba-Reyes_0_164384609.html>.

¹⁶⁸ TORRES, Arturo. Una conversación con Raúl Reyes en el 2003. *El Comercio*, Justicia, Quito, 3 mar. 2008. Disponível em: <http://www.elcomercio.com/politica/conversacion-Raul-Reyes_0_164387684.html>.

Farc”¹⁶⁹ (03/03) e “Correa rompe relaciones con Colombia”¹⁷⁰ (04/03) ou “Ecuador insta a la OEA a verificar agresión” (05/03)¹⁷¹ e “Colombia evitó la condena en la OEA”¹⁷² (06/03).

O aparente encerramento da crise, após a reunião do Grupo do Rio, na República Dominicana, aparece também na editoria de Política, porque diretamente relacionada aos interesses nacionais. Os textos são produzidos a partir dos despachos de agências de notícia, com exceção do “La reconciliación llegó a los siete días”,¹⁷³ assinado pelo editor de Justiça, Arturo Torres, na condição de enviado especial. Nota-se que aqui o deslocamento é de outra ordem, do repórter de uma editoria que acaba inserindo-se em outra, porque aos fluxos do acontecimento se sobrepõem os fluxos do Jornalismo em meio à processualidades que possibilitam acessá-los e interpretá-los.

Em alguns momentos a crise ingressa na editoria de Justiça, na qual são tratados temas de conotação judicial, como “Peritos analizan las secuelas del ataque”,¹⁷⁴ “Los vecinos del campamento son investigados”¹⁷⁵ ou “H. Chávez llamó a Raúl Reyes”,¹⁷⁶ que traz a informação de que uma ligação do presidente venezuelano para o guerrilheiro Raúl Reyes fez com a Inteligência colombiana identificasse sua localização, referindo-se à investigação realizada na Colômbia que auxiliou na deflagração do ataque em Angostura.

Quadro 5: O Caso Angostura no jornal *El Comercio* no período de 2 a 8 de março de 2008

Data	Editoria	Títulos
02/03/08	Justiça	El vocero de las Farc murió en acción
	Justiça	El Putumayo se convirtió en el hogar y en la tumba de Reyes
	Justiça	Una conversación con Raúl Reyes en el 2003
	Política	Rafael Correa advierte a las Farc

¹⁶⁹ COLOMBIA acusa a presidente Rafael Correa de compromisos con las FARC. **El Comercio**, Política, Quito, 3 mar. 2008. Disponível em: <http://www.elcomercio.com/noticias/Colombia-Rafael-Correa-compromisos-FARC_0_164383839.html>.

¹⁷⁰ CORREA rompe relaciones con Colombia. **El Comercio**, Política, Quito, 4 mar. 2008. Disponível em: <http://www.elcomercio.com/noticias/Correa-rompe-relaciones-Colombia_0_164384429.html>.

¹⁷¹ ECUADOR insta a la OEA a verificar agresión. **El Comercio**, Política, Quito, 5 mar. 2008. Disponível em: <http://www.elcomercio.com/noticias/Ecuador-insta-OEA-verificar-agresion_0_164384051.html>.

¹⁷² COLOMBIA evitó la condena en la OEA. **El Comercio**, Política, Quito, 6 mar. 2008. Disponível em: <http://www2.elcomercio.com/solo_texto_search.asp?id_noticia=113577&anio=2008&mes=3&dia=6>.

¹⁷³ TORRES, Arturo. La reconciliación llegó a los siete días. **El Comercio**, Política, Quito, 8 mar. 2008. Disponível em: <http://www.elcomercio.com/noticias/reconciliacion-llego-dias_0_164386784.html>.

¹⁷⁴ JARAMILLO, Andrés. Peritos analizan las secuelas del ataque. **El Comercio**, Justicia, Quito, 6 mar. 2008. Disponível em: <http://www.elcomercio.com/noticias/Peritos-analizan-secuelas-ataque_0_164387556.html>.

¹⁷⁵ JARAMILLO, Andrés. Los vecinos del campamento son investigado. **El Comercio**, Justicia, Quito, 7 mar. 2008. Disponível em: <http://www.elcomercio.com/politica/vecinos-campamento-investigados_0_164386205.html>.

¹⁷⁶ ‘H. CHÁVEZ llamó a Raúl Reyes’. **El Comercio**, Justicia, Quito, 6 mar. 2008. Disponível em: <http://www.elcomercio.com/noticias/Chavez-llamo-Raul-Reyes_0_164385241.html>.

(Continuação)

Data	Editoria	Títulos
03/03/08	Política	R. Correa moviliza tropas a la frontera
	Política	H. Chávez movilizó sus tropas a la frontera
	Política	Colombia acusa a presidente Rafael Correa de compromisos con las Farc
	Política	Colombia se disculpa y acusa a Ecuador
	Justiça	Farc habría comprado 50 kilos de uranio
	Justiça	La incursión colombiana dejó 21 muertos
	Justiça	Reacciones internacionales a la crisis en la frontera
04/03/08	Política	Correa rompe relaciones con Colombia
	Política	Las consecuencias
	Política	Larrea dice que sí se reunió con 'Reyes', para liberar a Betancourt
	Política	Uribe plantea que se verifiquen los computadores de 'Reyes'
	Política	Bogotá irá ante la OEA y la ONU
	Política	3.200 soldados se suman al control fronterizo
05/03/08	Política	Guerrilleras heridas continúan en recuperación
	Política	Ecuador insta a la OEA a verificar agresión
	Política	La Asamblea rechazó ayer la agresión colombiana
	Política	Bush apoya todas las tesis de Bogotá
	Política	García condena a Colombia y a las Farc
06/03/08	Política	La región, con Lula da Silva a la cabeza, llama a la paz
	Política	Ecuador dio un golpe diplomático
	Política	Colombia evitó la condena en la OEA
	Política	Colombia no conocía nada'
	Política	Expectativa por posible diálogo en la Cumbre del Grupo de Río
	Justiça	Peritos analizan las secuelas del ataque
	Justiça	'H. Chávez llamó a Raúl Reyes'
	Justiça	Colombia pide apoyo a la Interpol para descifrar computadores de 'Raúl Reyes'
07/03/08	Negócios	Los negocios entre Ecuador y Colombia no se verán afectados'
	Mundo	Brasil niega que haya bases de las Farc en su territorio
	Justiça	Misión de OEA constatará ataque colombiano en suelo ecuatoriano
	Justiça	Los vecinos del campamento son investigados
08/03/08	Justiça	Sucumbíos: malestar por la acción militar
	Política	Ministro de Defensa reitera en El Clarín que Ecuador limita con las Farc
	Política	Correa se centró en el descrédito a Uribe
	Política	Hugo Chávez abrió la puerta al fin de la crisis con un llamado a la paz
08/03/08	Política	Los discursos antes y durante la cumbre del Grupo de Río
	Política	La reconciliación llegó a los siete días

Fonte: elaborado pela autora

Quando um terceiro país se envolve na crise colombo-equatoriana, por suas reações ou declarações, o texto ingressa na rubrica de Política, como nos exemplos: “H. Chávez movilizó sus tropas a la frontera”,¹⁷⁷ que trata da reação do presidente venezuelano à ação colombiana na fronteira com o Equador; “Bush apoya todas las tesis de Bogotá”,¹⁷⁸ que faz referência ao apoio do presidente dos Estados Unidos, George W. Bush, à versão da Colômbia sobre o ataque, em oposição ao Equador; e “García condena a Colombia y a las Farc”,¹⁷⁹ que sintetiza as declarações do presidente peruano Alan García durante visita de seu par Rafael Correa para apresentar sua versão dos fatos diante da colombiana.

O único texto desta primeira semana de cobertura do *Caso Angostura* que aparece na editoria de Mundo traz a resposta à tentativa equatoriana, e não colombiana, de envolver outros países no conflito. O texto refere-se ao Brasil e nele se lê: “El ministro de Defensa brasileño, Nelson Jobim, negó que haya bases de las Fuerzas Armadas Revolucionarias de Colombia (Farc) en Brasil, luego de que el presidente ecuatoriano Rafael Correa declaró que los guerrilleros pueden estar en este país”¹⁸⁰.

* * *

Pelas análises realizadas constatou-se que um característico acontecimento interno, o combate à guerrilha na Colômbia, antes do *Angostura* já trazia elementos externos, como a migração forçada de colombianos, expulsos de suas terras pelas guerrilhas, paramilitares ou narcotraficantes, como também pela presença das Farc nos territórios de países vizinhos. O 1º de março fez com que este conjunto de problemáticas públicas ingressasse, a um só tempo, também nos jornais situados além das fronteiras colombianas, enquanto acontecimento que ao mundo interessava ocupar-se.

Entendê-los como assunto doméstico, colombiano, simplesmente, faz com que o Jornalismo se arrisque a interpretá-lo por fontes e versões oficiais daquele país, comumente empregadas para explicar ou elucidar qualquer ocorrência que não envolva terceiros. O *Caso Angostura*, porém, se impôs como desordem que abarca o(s) outro(s) lado(s) da fronteira, solicitando ao Jornalismo, mesmo que este não o faça, olhar para o cenário dos outros e

¹⁷⁷ CHÁVEZ movilizó sus tropas a la frontera. **El Comercio**, Política, Quito, 3 mar. 2008. Disponível em: <http://www.elcomercio.com/noticias/Chavez-movilizo-tropas-frontera_0_164386392.html>.

¹⁷⁸ BUSH apoya todas las tesis de Bogotá. **El Comercio**, Política, Quito, 5 mar. 2008. Disponível em: <http://www.elcomercio.com/politica/Bush-apoya-todas-tesis-Bogota_0_164383756.html>.

¹⁷⁹ TORRES, Arturo. García condena a Colombia y a las FARC. **El Comercio**, Política, Quito, 5 mar. 2008. Disponível em: <http://www.elcomercio.com/noticias/Garcia-condena-Colombia-FARC_0_164385834.html>.

¹⁸⁰ BRASIL niega que haya bases de las FARC en su territorio. **El Comercio**, Mundo, Quito, 6 mar. 2008. Disponível em: <http://www2.elcomercio.com/solo_texto_search.asp?id_noticia=113645&anio=2008&mes=3&dia=6>.

buscar outras fontes e versões. Associado a isso, o *Angostura* constituiu-se de modo fragmentado – num dia era a morte; no outro, a invasão; no terceiro, a crise –, por que sua atipicidade estava também no modo de se apresentar. Quando de sua irrupção, estes elementos estavam lá contidos, mas só foram desvelados à medida que eram reconhecidos como tal por aqueles que eram afetados pelo seu campo de possíveis. Talvez isso explique, em parte, a dificuldade dos jornais dos países nele implicados de definir, inicialmente, como o *Caso Angostura* deveria ser classificado, se local ou nacional, porque transnacional; se pela violência da morte ou pela conflitividade da invasão territorial, porque justapostas.

Tanto a divisão dos espaços geográficos que interessam cobrir, como o reassentamento das coisas do mundo em editorias, depende dos acontecimentos nos espaços da vida e do modo como seus fluxos impactam no social, nas instituições, nos governos. Em sentido complementar, decorre da dualidade nós *versus* eles, ou interno *versus* externo, não como vetores antagônicos, mas enquanto espaços de conjunção e disjunção. Logo, o que para o brasileiro *O Estado de S. Paulo* é internacional corresponde ao que para o colombiano *El Tiempo* e o equatoriano *El Comercio* aparece nas editorias que dão conta das territorialidades do local e do nacional, ou seja, o internacional conjuga forças nominadas como local e nacional pelo outro. Nacional e internacional funcionam como um conhecimento de outra natureza, um contínuo, auxiliar na estruturação e na ordenação das informações de atualidade que todos os dias são produzidos nos espaços do vivido, no social, nas instituições, etc.

Ao compor e recompor o mapa do mundo, os jornais instituem um centro, geralmente nacionalizado, construído *a priori*, como parte das ordens institucional e produtiva, no qual encaixam a imprevisibilidade. Por estas processualidades os acontecimentos atípicos encontram um lugar, entre os já existentes, mesmo que não imediatamente. É pela cobertura do acontecimento, atenta a seus fluxos no “mundo diante de si”, como a seu ingresso em outros meios de comunicação, que o Jornalismo vai fixando-o em uma ou outra rubrica, enquanto espaço-saber auxiliar na compreensão do que ocorre no mundo.

Todavia a mudança do lugar do acontecimento no espaço dos jornais *El Tiempo* e *El Comercio* não indica necessariamente uma mudança na espacialização do conflito. O fato de o *Caso Angostura* aparecer em diferentes editorias, bem como o deslocamento de jornalistas ou a busca de meios-fonte (a seguir trabalhado) não constitui uma mudança na espacialização do conflito. Mais importante que o conflito é a tessitura que o Jornalismo faz a partir dele e os significantes que lhe propõe, logo, os efeitos de sentido que produz.

Também nesta direção é possível inscrever a troca da cartola fixa na editoria de Internacional, que representa um recorte geopolítico reconhecido – América Latina, Oriente

Médio, África etc. –, por um selo de cobertura, como identificado em *O Estado de S. Paulo*. Se por uma parte indica que o acontecimento não “cabe” em ordenamentos anteriormente estabelecidos, denotando, inclusive, certa expansão de sentidos; por outra, não significa uma ampliação que efetivamente venha a auxiliar na apreensão do conflito.

A abordagem desenvolvida neste capítulo antecipa a necessidade de se dedicar a outro aspecto do processo de produção do acontecimento jornalístico. Os movimentos analíticos produzidos aqui visavam a abordar o ingresso do *acontecimento Angostura* nos jornais latino-americanos *O Estado de S. Paulo*, *El Comercio* e *El Tiempo* a partir dos seus fluxos, enquanto no próximo capítulo voltam-se aos fluxos do Jornalismo. Para acessar o *caso Angostura* os jornais deslocam-se tanto nos espaços do mundo vivido, pelo acionamento de suas redes discursivas, quanto pelo produzido por outros meios de comunicação. É sobre estes movimentos que versa a análise a seguir desenvolvida.

A produção do acontecimento

4. Do espaço

A produção jornalística *a priori* enseja movimentos em direção aos acontecimentos nos espaços do mundo vivido. O Jornalismo, porém, não se move simplesmente, por que os deslocamentos organizam-se a partir dos interesses institucionais e das condições de produção disponíveis. Às empresas jornalísticas interessam determinados temas, territórios e organizações, por si sós ou sobrepostos, uma vez que certos espaços interessam quando se vinculam a certos temas e estes quando se relacionam a determinados lugares, numa relação de contiguidade. De algum modo aí estão contidos alguns dos princípios organizadores do Jornalismo, quais sejam, a divisão do mundo em zonas de interesse e a dispersão de repórteres por estas áreas como parte de uma rede informativa que opera em consonância com as ordens institucional, de produção e discursiva de cada meio.

A produção do acontecimento envolve, também, um modo de organização do espaço. O Jornalismo ocupa-se, sobretudo, do que está próximo, compondo o mapa de cada dia prioritariamente a partir dele. Em menor medida, porém, volta-se para o distante, como forma de compor um planisfério, com sua escala reduzida. Estas espacialidades social e culturalmente construídas alteram-se conforme onde se encontra o centro a partir do qual se observa o mundo. Em alguns momentos, quando certos temas e territórios se sobrepõem, como nos eventos conflitivos, o Jornalismo trabalha de maneira a aproximar o distante. Para tanto, além de se valer dos jornalistas dispersos pelos espaços que interessa cobrir, deslocando-os, o Jornalismo utiliza-se de outros meios de comunicação, especialmente os “de referência”, enquanto parte da rede informativa que possibilita aproximar-se dos acontecimentos, de seus fluxos e dos modos de dizê-los.

Ao observar, no capítulo anterior, a produção do *acontecimento Angostura* a partir dos seus fluxos verificou-se o encontro entre dois ordenamentos: do acontecimento e do Jornalismo. O primeiro busca uma ordem a partir da ausência de ordem; o segundo é o estável que recolhe a instabilidade dos acontecimentos. Estes ordenamentos confluem na produção do que se chama acontecimento jornalístico. O *Angostura* impôs-se sob a aparência de uma série de “aconteceres”, desordenados, fragmentados, que solicitaram um lugar preciso nos jornais para que pudessem ser compreendidos. Enquanto no mundo vivido o acontecimento retornava a cada dia como desordem, porque parecia ser outro – a morte, a invasão, os nexos com a guerrilha –, o Jornalismo procurava fazê-lo ingressar em uma ou outra seção como forma de

introduzir previsão à imprevisibilidade. Para tanto, contribuíram as editorias, que se estruturam, a um só tempo, enquanto espaços estáticos capazes de organizar a dinamicidade do acontecimento e como espaços-saberes que reúnem determinados conhecimentos, distinguindo o que cabe em um ou outro lugar.

As seções ou rubricas respondem também ao ordenamento dado ao mundo pelos meios de comunicação quando o dividem em local, nacional e internacional. O inverso, da mesma forma, é verdadeiro, uma vez que o mundo dividido solicita espaços compartimentados como forma de descrever uma ordem social e organizar o que ingressa nos fluxos do Jornalismo. Entre estes estão os fluxos do Jornalismo no espaço, operações que permitem ir e vir do mundo, em movimentos de reconhecimento dos acontecimentos, por uma parte, e de sua aproximação, por outra.

Os fluxos do Jornalismo no espaço dependem das estruturas e interesses de cada empresa jornalística, ao mesmo tempo em que visam a responder aos acontecimentos no mundo vivido. Pelo estudo da produção do acontecimento identificam-se dois movimentos complementares em direção ao *acontecimento Angostura*: o primeiro, do Jornalismo de *O Estado de S. Paulo*, *El Tiempo* e *El Comercio* em direção aos espaços físicos, em que o acontecimento e seus “aconteceres” têm existência, enquanto modo de aproximação dos seus fluxos; o segundo, do Jornalismo aos espaços do Jornalismo, como operação no interior dos sistemas informativos, que permite acessar os modos como o acontecimento ingressa em outros meios e como estes se ocupam deles e os dotam de sentido.

A analítica do presente capítulo identifica os fluxos do Jornalismo no espaço pelos modos como cada um dos jornais aciona sua rede informativa na cobertura do *Caso Angostura*. Primeiro, ao considerar o *corpus* formado por todos os textos do mês de março de 2008 de *O Estado de S. Paulo*, *El Tiempo* e *El Comercio* busca-se compreender a ativação da rede discursiva de cada um para dar conta da cobertura do acontecimento. O recorte permite identificar movimentos no espaço físico e compor mapas de fluxos a partir deles.

Na segunda etapa, ao contrário, parte-se dos mapas construídos pelos próprios jornais ao organizarem a geografia dos fatos noticiáveis para ali identificar a presença de outro componente das redes informativas, os *media*. De um modo geral, os meios utilizam-se uns dos outros como forma de acessar os acontecimentos e deles tomam de empréstimo (Novais, 2010) informações e modos de dizer. Para tanto, o *corpus* amplia-se e corresponde aos 18 meses de cobertura nos três jornais, de março de 2008 a agosto 2009. Este exercício possibilita mais uma vez aproximar-se dos territórios de cada jornal que, por suas especificidades, não lhes permitem deixar de diferenciar o próximo e o distante por meio da

ordem na qual situam o acontecimento e onde o situam, a seguir trabalhado. Por estes movimentos, parto da materialidade discursiva do acontecimento para compreender os meandros de seu processo de produção pelo Jornalismo.

4.1. Ir para o mundo em busca das coisas do mundo

Os movimentos realizados pelo Jornalismo de *O Estado de S. Paulo*, *El Tiempo* e *El Comercio* para acessar os acontecimentos encontram-se inscritos nos textos produzidos, uma vez que as processualidades da produção jornalística deixam marcas na superfície discursiva. Assim, ao deter-se em cada texto é possível perceber a situação que os gerou e as condições de sua produção ali inscritas. Os fluxos do Jornalismo nos espaços do mundo vivido ora são indicados pelos jornais em lugares pré-estabelecidos para isso, ora encontram-se inscritos no texto por traços ali deixados, como parte da gramática da produção que pretende descortinar não apenas os acontecimentos, mas os procedimentos que permitem acessá-los.

Estas marcas permitem identificar a estrutura da rede informativa de cada meio, bem como compreender os movimentos realizados no espaço para dar conta dos acontecimentos. Ambos, como referido no primeiro capítulo, são atravessados pelas ordens institucional e de produção com vistas a encaminhar o ordenamento discursivo do mundo e das coisas do mundo. A cartografia diária apresentada pelos jornais contém, a um só tempo, tanto os fluxos do acontecimento, trabalhados anteriormente, quanto os do Jornalismo. Estes, por sua vez, desdobram-se entre os movimentos no espaço, que permitem ao Jornalismo confrontar-se com os acontecimentos, e os deslocamentos do acontecimento na materialidade do jornal, porque, por seus fluxos, ora requerem ser tratados em uma editoria, ora solicitam outro lugar de visibilidade.

Os jornais mantêm certa uniformidade na forma como apresentam os fluxos no espaço (físico, dos lugares), especialmente na editoria de Internacional, no qual revelam a origem da informação, se de repórter ou de agência, e o lugar onde esta foi produzida. O diário brasileiro *O Estado de S. Paulo* mantêm a mesma forma de identificação para todas as editorias. Quando a origem da informação são as agências, informa ao final do texto em *bold*, independentemente de sua extensão, se reportagem ou nota. Quando é um repórter do jornal, traz abaixo da linha de apoio, antes do texto, o nome, a função (no caso de correspondente ou enviado especial) e o lugar, com exceção de São Paulo, sede do jornal. Nos casos em que há mais de um texto do mesmo jornalista na mesma página ou editoria, identifica o segundo pela cidade, abaixo do título, ou pelas iniciais do repórter, em *bold*, ao final do texto.

Expedito Filho ENVIADO ESPECIAL QUITO	Jamil Chade CORRESPONDENTE GENEBRA	João Domingos BRASÍLIA	J. D.
--	---	----------------------------------	--------------

El Tiempo e *El Comercio* não mantêm a mesma unidade em todo o jornal. O colombiano sinaliza na editoria de Internacional, abaixo do título, o nome do jornalista, a função e o lugar de procedência das informações. Quando há mais de um texto de mesma autoria na página, no segundo deles usa apenas o lugar e o nome do jornal. As agências são indicadas abaixo do título quando o texto tem grande extensão e ao final nas notas.

Valentina Lares Martiz CORRESPONSAL DE <i>EL TIEMPO</i> CARACAS	CARACAS (<i>EL TIEMPO</i>)	Quito (AFP-Reuters)
--	-----------------------------------	----------------------------

El Comercio traz estas informações abaixo da linha de apoio nos textos longos e nas notas ao final. Segue a orientação lugar-fonte e para correspondentes usa nome, função e lugar. Outros jornais também são indicados como origem da informação (isso será examinado no item 4.2, *Ir ao Jornalismo em busca do mundo*).

Santiago Estrella Garcés Corresponsal en Buenos Aires	Roma, Reuters, La Nación, GDA
---	-------------------------------

Nas demais editorias, porém, a identificação ocorre de maneira diferenciada. O equatoriano *El Comercio* opta por indicar a redação responsável pelo texto e o respectivo e-mail (Redacción Política – politica@elcomercio.com), enquanto *El Tiempo*, quando o faz, indica redação (Redacción Salud) ou sucursal (nestes casos, adota o termo “corresponsal” para identificar o jornalista responsável e onde está sediado) ou cidade, simplesmente. Como nestes jornais o acontecimento *Angostura* transita entre as editorias foi necessário adentrar nos textos para identificar os fluxos do Jornalismo no espaço.

a) *O Estado de S. Paulo*

No primeiro dia de cobertura, o domingo 2 de março, o *Estado* elabora o texto “Colômbia mata número 2 das Farc” a partir dos despachos da AP, AFP e *Reuters*. No dia seguinte, segunda-feira, 3 de março, as matérias são assinadas pelos repórteres Renata Miranda, Roberto Lameirinhas e Roberto Godoy, sediados no Brasil. Como forma de encaminhar, e singularizar, a cobertura do acontecimento, o *Estado* revisita seu próprio

arquivo. Roberto Lameirinhas, ao descrever Raúl Reyes, o faz a partir de contato anterior do jornal com o guerrilheiro. O “novo” texto, porém, não faz alusão ao responsável pela entrevista anterior, o próprio Lameirinhas; tampouco as condições de sua produção, quando pequenos grupos de repórteres dos principais jornais e agências de notícias entrevistaram Reyes a convite das Farc; e indica erroneamente a data como o ano de 2004, quando na verdade foi em 24 de agosto de 2003.

O *Estado* entrevistou Raúl Reyes na clandestinidade de um acampamento das Farc em 2004, após uma maratona entre trilhas e igarapés da selva colombiana. Na época, a guerrilha promovia uma ofensiva de mídia, liderada pelo próprio Reyes, para forçar o governo do presidente Álvaro Uribe a retomar negociações de paz interrompidas em 2002 – logo após o sequestro da então candidata à presidência Ingrid Betancourt [...].

Durante a entrevista, Reyes pediu a retirada das Farc da lista de organizações terroristas e assegurou que os reféns políticos estavam em boas condições de saúde [grifo no original].¹⁸¹

Nota-se que processualidades da produção da reportagem anterior são retomadas na composição do “novo” texto, especialmente o deslocamento do repórter pela Amazônia colombiana. No texto original destaca-se, também, a importância deste “deslocar-se” para a construção da narrativa: “No coração da selva colombiana, após várias horas de viagem de barco por um quase inavergável labirinto de igarapés”, ou “Depois de uma curta caminhada mato adentro”. Outro elemento importante identificado no texto de 2003, quando a possibilidade de entrevistar Raúl Reyes na selva, na clandestinidade, era o acontecimento jornalístico, refere-se ao modo como a narrativa singulariza-se pela enunciação do repórter a partir do lugar da ocorrência, ganhando uma conotação impressionista: “Em pouco tempo, a mesa improvisada recebe pratos, copos, talheres, travessas, etc. Tudo muito limpo”; “A comida é deliciosa, uma sensação que pode ter sido acentuada pela fome decorrente de horas de viagem de barco”, e “Os guerrilheiros se encantam com a câmera do fotógrafo brasileiro que integra o grupo de visitantes. Enchem-no de perguntas”. Esta conotação aparece também nos textos que dão a ver o *Caso Angostura* por meio da narrativa dos enviados especiais, marcadamente diferente daquelas produzidas a partir de despachos de agências ou de repórteres fixos em outros lugares.¹⁸² Tal abordagem será retomada a seguir.

Ainda com referência aos movimentos anteriores do *Estado* mais uma informação é recuperada na edição de 3 de março:

¹⁸¹ LAMEIRINHAS, Roberto. Reyes era principal articulador da guerrilha. *Estado*, Caderno A, Internacional, São Paulo, ano 129, n. 41775, p. A7, 3 mar. 2008.

¹⁸² Importante considerar que a presença do repórter em uma região de conflito não significa necessariamente a produção de sentidos outros. Os relatos podem mudar na sua superfície – as impressões do jornalista auxiliam a “evidenciar” o ocorrido –, mas, de fato, a narrativa é marcada pela reiteração de determinado discurso. Tal perspectiva de análise se inscreve como possibilidade futura de pesquisa.

O *Estado* falou com Reyes várias vezes, sempre por meio de um aparelho telefônico de longo alcance. O chamado era interrompido por ele a intervalos entre 30 e 90 segundos para impedir a definição das coordenadas.¹⁸³

No terceiro dia de cobertura, 4 de março, a cartola *Tensão na fronteira* passa a ser empregada e aos jornalistas Renata Miranda e Roberto Godoy (sem indicação de procedência), juntam-se João Domingos e Tânia Monteiro, da sucursal de Brasília, além daqueles sediados no exterior (Jamil Chade e Andrei Netto, especialmente). A produção do *Estado*, todavia, encontra-se assentada sobre a rede informativa anteriormente mencionada, fixada em determinados territórios – escritórios no Brasil e correspondentes em Buenos Aires, Washington, Nova York, Genebra, Pequim, além do “Enviado para o *Estado*” em Paris –, ainda que esta contenha movimentos de competência destes repórteres. Interessante perceber neste momento os mecanismos de produção que permitem ligar a fronteira colombo-equatoriana a Paris ou Genebra, por exemplo.

Jamil Chade, correspondente em Genebra, Suíça, traz as repercussões sobre o *Caso Angostura* durante reunião do Conselho de Direitos Humanos da ONU, da qual participa o vice-presidente colombiano Francisco Santos Calderón:

“Estamos em uma fase muito delicada da história do conflito e não podemos falar demais nesse momento”, afirmou Santos. Ele confirmou, porém, que o seu encontro com os europeus tinha como objetivo convencê-los de que a ação no território equatoriano era necessária para combater as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc), que na Europa integram a lista dos grupos terroristas. A Comissão Européia, em Bruxelas, também manteve silêncio. “Nesse momento, não temos nada a dizer sobre o tema”, afirmou a porta-voz da CE, Christiane Hohmann.¹⁸⁴

Já Andrei Netto, de Paris, na função de “Enviado para o *Estado*”, uma espécie de *free-lance*, sem um evento pontual para cobrir como Chade, estabelece uma ligação “indireta” da França com o *acontecimento Angostura* ao tratar da relação do país com o guerrilheiro Raúl Reyes e da preocupação com a libertação da franco-colombiana Ingrid Betancourt, em poder das Farc.

Raúl Reyes [...] era também o maior interlocutor dos guerrilheiros com o governo da França nas conversações para a libertação dos reféns políticos mantidos pelas Farc. A informação é do ministro das Relações Exteriores, Bernard Kouchner.¹⁸⁵

E mais,

“Uribe e o Exército colombiano sabiam que Reyes era o interlocutor das Farc com o governo da França. Uribe esteve em Paris há poucas semanas e este foi um dos

¹⁸³ GODOY, Roberto. Avião feito pela Embraer participou da operação. *Estado*, Caderno A, Internacional, São Paulo, ano 129, n. 41775, p. A7, 3 mar. 2008.

¹⁸⁴ CHADE, Jamil. Bogotá quer mediação da UE. *Estado*, Caderno A, Internacional, São Paulo, ano 129, n. 41776, p. A13, 4 mar. 2008.

¹⁸⁵ NETTO, Andrei. Reyes era o interlocutor da França, revela chanceler. *Estado*, Caderno A, Internacional, São Paulo, ano 129, n. 41776, p. A13, 4 mar. 2008.

assuntos tratados”, disse Delloye [ex-diplomata francês Fabrice Delloye, ex-marido de Ingrid Betancourt].

A ligação “indireta” mantém-se no dia seguinte, 5 de março, quando mais uma vez a matéria produzida por Netto trata das relações França-Farc: “A porta-voz da chancelaria francesa, Pascale Andréani, confirmou ontem que Bogotá tinha conhecimento de que Paris mantinha contato para a libertação de reféns com Reyes”.¹⁸⁶ Em movimento complementar, traz informações recolhidas por Jamil Chade (de Genebra, que, de certa forma, compõem uma perspectiva contrária à visão colombiana apresentada por esse correspondente em matéria anterior (ver excerto anterior sobre declaração do vice-presidente colombiano). Trata-se da declaração do ministro da Justiça do Equador, Gustavo Jalkh:

Em Genebra, relata o correspondente Jamil Chade, o ministro da Justiça do Equador, Gustavo Jalkh, também confirmou que Quito estava envolvido em um diálogo com o grupo armado para a liberação de alguns reféns, entre eles Betancourt. "Havíamos dito isso ao governo colombiano, que sabia até mesmo dos detalhes da operação", disse Jalkh, praticamente repetindo a declaração da porta-voz francesa.

Andrei Netto dedica-se, ainda, a retomar informação trazida por ele mesmo em edição anterior: “A denúncia de que Uribe sabia do papel central de Reyes nas negociações com a França para a libertação dos reféns das Farc havia sido feita na segunda-feira ao *Estado*”.

O jornalista Lourival Sant’Anna, enviado especial, que acompanha em Madri, Espanha, as eleições para primeiro-ministro daquele país, opta por movimento semelhante ao realizado por Andrei Netto. Para aproximar a Espanha do acontecimento, Sant’Anna discute, no dia 6, o enfraquecimento do ETA quando impedido de se utilizar do território francês, sugerindo que a presença das Farc em países vizinhos deve ser combatida para favorecer o enfraquecimento da organização.¹⁸⁷

No quarto dia da cobertura do acontecimento, 5 de março, à rede informativa permanente – a dos correspondentes – se justapõe a provisória. Dela participam os repórteres Ruth Costas e Expedito Filho, enviados à Colômbia e ao Equador, respectivamente. São esses novos deslocamentos que passam a ganhar destaque na editoria de Internacional. A permanência da cartola *Tensão na fronteira* corresponde à presença destes enviados no exterior, Expedito Filho assinará textos de Quito até 9 de março e Ruth Costas em Bogotá até o dia 10. Mais uma vez *O Estado de S. Paulo* utiliza-se do correspondente Jamil Chade e do enviado para o *Estado* Andrei Netto, que se dedicam, especialmente, a repercutir o ocorrido

¹⁸⁶ NETTO, Andrei. França e Equador suspeitam de Uribe. **Estado**, Caderno A, Internacional, São Paulo, ano 129, n. 41777, p. A13, 5 mar. 2008.

¹⁸⁷ SANT’ANNA, Lourival. ETA definiu ao perder 'santuário' na França. **Estado**, Caderno A, Internacional, São Paulo, ano 129, n. 41778, p. A18, 6 mar. 2008.

desde a Europa (excertos anteriores). Aparecem, ainda, os jornalistas João Domingos e Vanildo Mendes, ambos de Brasília, e as agências *France Presse*, AFP e EFE.

No dia 6 de março, além de Ruth Costas e Expedito Filho, o jornal traz matérias de Renata Miranda, Gabriella Dorlhiac e Roberto Godoy, sem indicação de origem, e de Tânia Monteiro e João Domingos, ambos de Brasília, e das agências AP, *Reuters*, AFP, EFE. Na matéria produzida em Brasília sobre o encontro entre os presidentes do Brasil e Equador, os jornalistas afirmam que “o governo brasileiro jogou ontem uma verdadeira partida de xadrez diplomático”.¹⁸⁸ O texto reserva, igualmente, espaço para tratar das particularidades do encontro, transpondo a aparente informalidade dos diálogos à narrativa: “Quando Correa cobrou ‘alguém do governo’ a seu lado, ao deixar o gabinete presidencial, Lula ordenou a Amorim: ‘Desce lá’”.

No dia 7, além dos enviados, há matérias assinadas por João Domingos e Renata Miranda e um grande volume tendo agências como origem (AP, *Reuters*, AFP, EFE). Apesar da presença de um enviado especial no Equador, é a partir dos despachos da AP, *Reuters* e AFP que o *Estado* traz as reações do governo deste país ao texto da resolução aprovada pela OEA, no dia anterior, sobre o ataque de 1º de março. Em complemento a esta informação, Renata Miranda, em outro texto, detalha os próximos procedimentos da OEA, como visita de comissão verificadora à Colômbia e ao Equador, produção de um relatório e reunião de chanceleres, no dia 17, em Washington. Por esta matéria, são antecipados futuros acontecimentos que visam a reordenar o mundo vivido, alterado pela irrupção do *Caso Angostura*. Por outro lado, antecipam ao Jornalismo movimentos que terá de realizar para transpor aos jornais tais acontecimentos.

Para o registro no dia 8 de março da Reunião da Cúpula do Rio, realizada no dia anterior, em Santo Domingo, República Dominicana, o *Estado* utiliza-se das agências AP, *Reuters* e AFP. O relato, de tom impessoal – “Os presidentes da Colômbia, Equador e Venezuela concordaram ontem em encerrar a crise provocada pela incursão militar colombiana em território equatoriano, depois de um intenso debate na cúpula do Grupo do Rio”,¹⁸⁹ – oriundo das agências, é contraposto pelas matérias dos jornalistas Leonencio Nossa e Expedito Filho. O primeiro reflete desde Brasília sobre os resultados da negociação, avaliando a “chance diplomática” desperdiçada pelo presidente do Brasil por sua ausência na reunião. O evento que já estava agendado acabou configurando-se como lugar de embate e discussão do ocorrido pelos presidentes latino-americanos e, segundo a reportagem de Nossa, “assessores disseram que [...]

¹⁸⁸ MONTEIRO, Tânia; DOMINGOS, João. Lula dribla retórica de Correa. *Estado*, Caderno A, Internacional, São Paulo, ano 129, n. 41778, p. A18, 6 mar. 2008.

¹⁸⁹ URIBE, Correa e Chávez encerram crise. *Estado*, Caderno A, Internacional, São Paulo, ano 129, n. 41780, p. A25, 8 mar. 2008.

ele [Lula] estaria no encontro de Santo Domingo se soubesse, com antecedência, que o assunto principal seria a crise”.¹⁹⁰ A exemplo de Nossa, Expedito Filho traz o resultado do encontro pela perspectiva equatoriana, segundo a qual o “resultado de cúpula é recebido com alívio”.¹⁹¹

No dia 9, que encerra o uso sequencial da cartola *Tensão na Fronteira*, todas as matérias são assinadas pelos enviados especiais. Expedito Filho assina duas páginas de Internacional (A16 e A17) produzidas desde Angostura, região do conflito; Ruth Costas assina uma terceira página (A18), escrita em Bogotá. Filho encerra nesta data sua participação como enviado especial, enquanto Ruth Costas o faz no dia seguinte, ao assinar entrevista com o ex-senador colombiano Luis Eladio Pérez, libertado pelas Farc às vésperas da ação militar de 1º de março.

Nos dias posteriores, já sob a cartola *América Latina*, ainda é significativo o volume de informações produzidas que tratam do *acontecimento Angostura*, em sua maioria assinadas por agências de notícia. Dentre elas a já programada visita da comissão verificadora da OEA à Colômbia e ao Equador para produção de um relatório. Apesar de previsto e da proximidade temporal com os acontecimentos que o antecederam, o *Estado* não manteve enviados especiais em nenhum dos dois países, utilizando-se dos comunicados das agências para reportar a visita.

Em outro acontecimento programado, a reunião de chanceleres da OEA em Washington, *O Estado de S. Paulo* pôde usufruir de sua própria rede informativa, uma vez que mantém correspondente naquela cidade. Assim, a cobertura do encontro foi de responsabilidade da jornalista Patrícia Campos Mello. No dia 18, a correspondente dedica-se a um acontecimento provocado pelo Jornalismo colombiano que, diretamente, interferiu nas negociações em andamento na OEA, nos Estados Unidos, no dia anterior. Trata-se da associação realizada pelo jornal *El Tiempo* entre Raúl Reyes e Gustavo Larrea, ministro da Segurança equatoriano, a partir da publicação de uma fotografia: “*El Tiempo* assegurava em sua página na internet que a foto era de uma reunião entre Larrea e Reyes. De acordo com o jornal, a foto havia sido encontrada no computador pessoal de Reyes”¹⁹² (ver item 5.2, *Conflitos provocados pelo Jornalismo*).

Devido ao horário adiantado de encerramento da reunião da OEA, dado relatado na reportagem da correspondente, a matéria foi publicada no dia 19 de março (a reunião foi no

¹⁹⁰ NOSSA, Leonencio. Lula perde chance diplomática. **Estado**, Caderno A, Internacional, São Paulo, ano 129, n. 41780, p. A26, 8 mar. 2008.

¹⁹¹ FILHO, Expedito. No Equador, resultado de cúpula é recebido com alívio. **Estado**, Caderno A, Internacional, São Paulo, ano 129, n. 41780, p. A26, 8 mar. 2008.

¹⁹² MELLO, Patrícia Campos. Quito endurece posição em relação a Bogotá. **Estado**, Caderno A, Internacional, São Paulo, ano 129, n. 41790, p. A10, 18 mar. 2008.

dia 17). Nela, Patrícia Campos Mello sintetiza o teor dos debates: “A insistência do Equador em incluir uma condenação à Colômbia [...] e a tentativa de americanos e colombianos de incluir a tese da legítima defesa fizeram com que as negociações se arrastassem por 15 horas na segunda-feira. Depois de muito bate-boca, só conseguiram um consenso à 1h30 de ontem”.¹⁹³

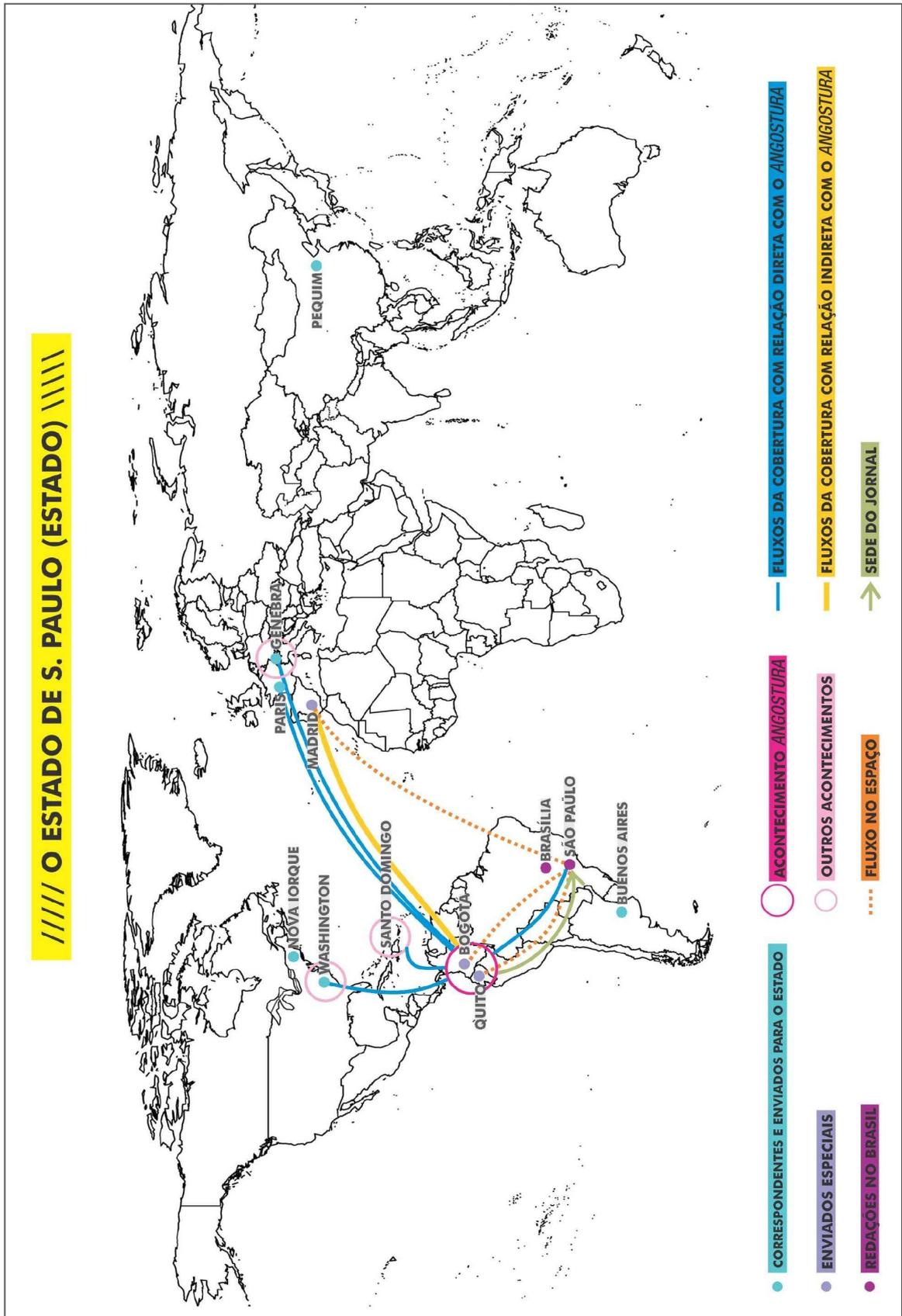
O enviado para o *Estado*, Andrei Netto, assina matéria no dia 28 de março sobre a saúde de Ingrid Betancourt, cuja libertação tornou-se a preocupação prioritária dos governos latino-americanos e francês após a ocorrência em 1º de março e que acabou por ocorrer em 2 de julho do mesmo ano. Neste sentido, Ruth Costas traz matéria no dia 29 de março sobre decreto do presidente Álvaro Uribe para anistiar rebeldes em troca de reféns.

Durante o mês de março os movimentos realizados para acessar o *acontecimento Angostura* permitem compor um mapa (próxima página). Nesta cartografia dos fluxos busca-se informar a rede informativa acionada pelo jornal brasileiro durante a cobertura do acontecimento, em março de 2008, ao indicar onde se situavam os correspondentes e enviados para *Estado* e para onde foram deslocados os enviados especiais. Esses deslocamentos foram chamados de *fluxos no espaço* (linha tracejada laranja). O mapa traz também os *fluxos da cobertura*, direta (linha contínua azul) ou indiretamente (linha contínua amarela) relacionados ao *acontecimento Angostura*. Entre os primeiros estão as reuniões da ONU, em Genebra, Suíça; do Grupo do Rio, em Santo Domingo, República Dominicana; e da OEA, em Washington, Estados Unidos. No indireto está assinalada uma única ocorrência referente ao texto produzido por Lourival Sant’Anna, enviado especial à Espanha, para tratar de outro tema que não o *Caso Angostura*, mas que repercute o acontecimento mesmo assim ao relacionar as Farc e o ETA. Estes acontecimentos encontram-se identificados por pequenos círculos sobre o lugar de suas ocorrências (círculos vazados rosa claro), enquanto o *acontecimento Angostura* é identificado por um círculo maior (de cor magenta) abarcando os territórios da Colômbia e do Equador.

Para além deste mapa, é possível esquadrihar outro, com os trajetos percorridos pelos enviados especiais ao se movimentarem pela Colômbia e Equador. Os locais que originam as informações são indicados na abertura dos textos. Ruth Costas assina as matérias de Bogotá e em 6 de março de Cúcuta, cidade na fronteira com a Venezuela. Expedito Filho desloca-se mais, até porque o lugar da ação do Exército colombiano, em 1º de março, localiza-se em território equatoriano, assinando de Quito (dias 5 e 6), Angostura (7, 8 e 9) e Lago Agrio (dia 8). As duas últimas ficam na Província de Sucumbíos, fronteira com a Colômbia.

¹⁹³ MELLO, Patrícia Campos. Repúdio à Colômbia satisfaz Equador. *Estado*, Caderno A, Internacional, São Paulo, ano 129, n. 41791, p. A13, 19 mar. 2008.

Mapa 1: Fluxos de O Estado de S. Paulo na cobertura do acontecimento Angostura (mar. 2008)



Fonte: elaborado pela autora
Arte: Camila Cornutti

A presença de enviados especiais no lugar dos acontecimentos faz emergir uma narrativa diferente das demais. Enquanto os textos produzidos com base nos despachos de agências ou por repórteres distantes do cenário da ação seguem a organização da pirâmide invertida e ocupam-se das clássicas questões do *lead*, a narrativa dos enviados abarca detalhes e sensações que se dão a ver somente nos espaços do acontecimento vivido:

Na gelada e mórbida sala do IML, alguns corpos estavam carbonizados, dentro de cubas e no chão frio. O mau cheiro impregnava o ambiente. A imagem era de arrepiar. A maioria dos mortos vestia o uniforme de guerrilheiro.¹⁹⁴

Tal uso torna evidente um recurso narrativo que possibilita a subjetivação do texto, como no excerto da reportagem de Expedito Filho:

As colombianas Doris Bohorquez e Marta Pérez estavam lado a lado em leitos da enfermaria do Hospital-Geral das Forças Armadas e sob visível estado de choque [...].
Elas olhavam fixamente os repórteres e apenas respondiam perguntas sobre o seu estado de saúde.

Tais narrativas também revelam as processualidades da cobertura:

As três só receberam os jornalistas após acertar que não falaria sobre o ataque colombiano. Em grupos de cinco, os jornalistas foram autorizados a entrar na enfermaria, onde as guerrilheiras estão internadas.
As autoridades militares equatorianas permitiram o registro de imagem, mas perguntas sobre o ataque e o tipo de papel que as três desempenhavam na guerrilha foram proibidas.

Os deslocamentos pelo território, no processo de cobertura, constituem-se como elementos importantes à narrativa:

Cúcuta, cidade colombiana a apenas uma ponte de distância de San Cristóbal, já na Venezuela, tentava ontem voltar à rotina apesar da tensão dos últimos dias. “O movimento caiu pelo menos 50% desde que Hugo Chávez anunciou que enviaria tropas para cá”, conta María de Rodríguez, de 65 anos, dona de um pequeno armazém cujos principais clientes são venezuelanos [...].
Do lado de lá da ponte, porém, nem sinal das tropas. “Parece que os soldados estão a uma hora daqui”, explica outro comerciante, já na Venezuela.¹⁹⁵

Outro aspecto interessante de ser observado são as referências construídas para, de alguma forma, aproximar aquilo que se registra no *longe* de algo que faça sentido ao *perto*:

A base das Farc atacada ocupava três hectares de Angostura, no lado equatoriano – um acampamento do tamanho que os sem-terra fazem no Brasil.¹⁹⁶

¹⁹⁴ FILHO, Expedito. Equador pede ajuda da Cruz Vermelha para identificar corpos. **Estado**, Caderno A, Internacional, São Paulo, ano 129, n. 41777, p. A12, 5 mar. 2008.

¹⁹⁵ COSTAS, Ruth. Na fronteira, turbulência diplomática causa prejuízo. **Estado**, Caderno A, Internacional, São Paulo, ano 129, n. 41778, p. A18, 6 mar. 2008.

¹⁹⁶ FILHO, Expedito. Equador pede ajuda da Cruz Vermelha para identificar corpos. **Estado**, Caderno A, Internacional, São Paulo, ano 129, n. 41777, p. A12, 5 mar. 2008.

b) *El Tiempo*

Ao tratar dos fluxos do colombiano *El Tiempo* no espaço ao acessar e interpretar o *acontecimento Angostura* uma primeira ressalva se faz necessária: como o acontecimento é provocado pela Colômbia, as fontes estão próximas e têm interesses na construção discursiva do acontecimento. Esta ressalva, porém, leva a outra: enquanto a pequena rede de correspondentes de *El Tiempo* é suficiente para dar conta das ocorrências externas, internamente é necessário deslocar jornalistas e utilizar-se das sucursais. Em março de 2008 o jornal mantinha correspondentes apenas em Washington e Madrid e utilizava-se de correspondentes *free-lance*, indicados como Especial para *El Tiempo*, em outros sete países.

O primeiro movimento externo é da correspondente *free-lancer* em Quito, Maggy Ayala Samaniego, que explica como o presidente do Equador, Rafael Correa, soube do acontecimento na fronteira colombo-equatoriana em 1º de março. No texto¹⁹⁷ publicado no primeiro dia da cobertura, 2 de março, a jornalista descreve em detalhes como Correa soube do ocorrido: o presidente Uribe telefonou às 8h45min para seu par para informá-lo da morte de Raúl Reyes e das circunstâncias em que ela ocorrera. De acordo com o relato, Correa gravava seu programa de rádio no momento do contato de Uribe, aproveitando então dele para transmitir a informação ao povo equatoriano e para expressar condolências pela perda de vidas. Ao tratar das processualidades da produção da narrativa, a correspondente *free-lancer* afirma que o programa foi transmitido no final da manhã de sábado e que poucos minutos antes do anúncio oficial de Correa “*El Tiempo* se comunicó en Quito con el ministro coordinador de Seguridad Interna y Externa, Gustavo Larrea, quien dio a entender que no sabía nada al respecto”.

Maggy Ayala Samaniego ocupa-se em contextualizar a confirmação da presença das Farc em território equatoriano, descortinada pelo *acontecimento Angostura*. Observa que a informação não é nova e que havia provocado problemas diplomáticos entre os dois países em outros momentos e durante outros governos. Além deste, descreve outros problemas entre os dois países, como as denúncias de incursões do Exército colombiano no Equador (a exemplo do próprio *Angostura*), a questão dos refugiados e as aspersões de herbicida sobre os cultivos de coca na Colômbia que atingem a população e as plantações lícitas no Equador e a população. Coube à jornalista tratar das reações do presidente da Venezuela, Hugo Chávez, a partir de um intertítulo que traz, entre aspas, a afirmação do mandatário “Que no se le ocurra hacer esto por acá”.

¹⁹⁷ AYALA SAMANIEGO, Maggy. Así se enteró el presidente Correa. **El Tiempo**, Primer Plano, Bogotá, 2 mar. 2008. Disponível em: <<http://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-2847463>>.

No segundo dia de cobertura, dia 3, *El Tiempo* aciona outro correspondente *free-lancer*, Pedro Pablo Peñaloza, de Caracas, que se ocupa das reações de Chávez, que “ayer calificó la muerte del número dos de las Farc como un ‘cobarde asesinato’ y amenazó a Colombia”.¹⁹⁸ Como expreso anteriormente, *El Tiempo* preocupa-se mais em tratar das reações venezuelanas que das equatorianas neste momento inicial da cobertura. Entre as ações adotadas pelo presidente da Venezuela, estava o envio de dez batalhões à fronteira e o fechamento da sua embaixada em Bogotá. Entre as declarações de Chávez, Peñaloza destaca: “No queremos guerra, pero no le vamos a permitir al imperio norteamericano que nos venga a dividir, a debilitar’, sentenció Chávez desde Caracas, donde condujo la edición número 306 de su programa ‘Aló, Presidente’”.

Com o intertítulo “Colombia se excusó con Ecuador por incursión militar”, o correspondente *free-lancer* em Caracas tratou também do pedido de desculpas apresentado na noite de domingo, 2, pelo governo colombiano “por la acción que se vio obligado a adelantar en la zona de frontera, consistente en el ingreso de helicópteros colombianos, con personal de las fuerzas armadas, a territorio ecuatoriano, para registrar el sitio”.

No terceiro dia de cobertura, 4 de março, outro integrante da rede discursiva de *El Tiempo* é acionado, o correspondente em Washington, Sérgio Gómez, que também produz matérias para o GDA, foi o responsável por apresentar os argumentos com os quais a Colômbia iria se defender perante a OEA. Segundo Gómez, o embaixador colombiano no organismo, Camilo Ospina, apresentará duas resoluções do Conselho de Segurança da ONU, a 1.368 e a 1.373, de 13 de setembro de 2001, que asseguraram a intervenção militar dos Estados Unidos no Afeganistão.¹⁹⁹ Do Equador a OEA receberá, de acordo com Gómez, uma condenação endereçada à Colômbia por violação da soberania do país.

Coube ao correspondente em Washington tratar, ainda, das repercussões do *Angostura* em Genebra, onde ocorria sessão do Conselho de Direitos Humanos da ONU, na presença do vice-presidente colombiano Francisco Santos. O jornalista estabelece relações entre a manifestação do vice-presidente, na Europa, e os argumentos que serão apresentados à OEA, ao afirmar que “no fue casual que ayer el vicepresidente Francisco Santos invocara en Ginebra [...] la resolución 1.373, que exige a los Estados compromisos vinculantes contra el terrorismo”; “tampoco fue gratuita la mención del canciller Fernando Araújo de la ‘legítima defensa’ cuando explicó los acontecimientos del sábado. Colombia parece invocar el artículo 51 de la ONU”.

¹⁹⁸ PEÑALOZA, Pedro Pablo. Chávez cierra embajada y moviliza 10 batallones. **El Tiempo**, Primer Plano, Bogotá, 3 mar. 2008. Disponível em: <<http://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-2848753>>.

¹⁹⁹ GÓMEZ, Sérgio. Así se defenderá Colombia ante OEA. **El Tiempo**, Primer Plano, Bogotá, 4 mar. 2008. Disponível em: <<http://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-2850005>>.

Também é assinado pelo correspondente Sérgio Gómez o texto do dia 6 de março em que repercute os resultados da reunião na OEA nos dias anteriores, 4 e 5. No título o jornalista a define como “Triunfo agridulce de Colombia en OEA”,²⁰⁰ por que a condenação deu-se sobre o princípio de inviolabilidade do território e por que foi estabelecida uma comissão verificadora, de carácter exploratório, que seria enviada à Colômbia e ao Equador e receberia instruções de ambos os países. Segundo o texto, “el gobierno colombiano, por ejemplo, pretende dirigir la mirada de la comisión a los 120 campamentos de las Farc que dice hay en territorio ecuatoriano” e dará permissão para que a comissão explore o conteúdo dos computadores de Reyes.

Para a cobertura da reunião do Grupo do Rio, em Santo Domingo, na República Dominicana, *El Tiempo* desloca o editor político Eulfo Peña. O relato²⁰¹ do enviado especial sobre o desfecho da crise diplomática, publicado no dia 8, contém um tom informal: “Una sutil broma de la presidenta argentina, Cristina Kirchner, fue el punto de partida para desactivar una de las crisis diplomáticas más tensas en América Latina”; “para darle paso a una cadena de abrazos y disculpas, que dejaron atrás los insultos”; “una explosión de risa colectiva que cambió el ambiente”.

O enviado especial destaca, entre aspas, algumas declarações dos mandatários que, em certa medida, antecipam a conotação espirituosa do texto:

“Queridos dominicanos, tengan mucho cuidado. Si el presidente Uribe cree que hay otro 'Raúl Reyes' en Santo Domingo, viene y los bombardea”, le había dicho Correa a Uribe.
 “Llegaremos a capturarlo con la coordinación del gobierno dominicano y a través de su policía”, le respondió Uribe.

Peña também subjetiva alguns trechos do texto, por exemplo, “será difícil olvidar esta histórica Cumbre de Río, pues es la primera vez que los mandatarios pasan de la retórica a hechos concretos, como desactivar la más reciente crisis en América Latina”, e “Uribe fue a saludar de mano a sus adversarios. Y la que comenzó como la reunión más difícil en la historia del Grupo de Río, se convirtió en la más histórica”.

A correspondente *free-lancer* em Quito, Maggy Ayala Samaniego, retorna no dia 11 de março ao assinar texto²⁰² sobre o alerta feito pelo presidente colombiano a seu par mexicano, Felipe Calderón, durante a reunião do Grupo do Rio, sobre os avanços das Farc naquele país. Observa-se que este é o primeiro texto de correspondente e/ou enviado que

²⁰⁰ GÓMEZ, Sérgio. Triunfo agridulce de Colombia en OEA. *El Tiempo*, Primer Plano, Bogotá, 6 mar. 2008. Disponível em: <<http://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-2852515>>.

²⁰¹ PEÑA, Eulfo. Seis horas en las que pasaron de los insultos a los abrazos. *El Tiempo*, Primer Plano, Bogotá, 8 mar. 2008. Disponível em: <<http://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-2855166>>.

²⁰² AYALA SAMANIEGO, Maggy. Uribe alerta a México sobre avanzada de las Farc. *El Tiempo*, Política, Bogotá, 11 mar. 2008. Disponível em: <<http://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-2858496>>.

ingressa na editoria de Política; os demais, até aqui, haviam sido apresentados nas páginas de *Primer Plano* (páginas imediatamente posteriores à capa do jornal).

No dia 12 o repórter Andrés Gómez,²⁰³ enviado especial de *El Tiempo* à região de Putumayo, departamento no sul da Colômbia, na fronteira com o Equador, local onde se deu o ataque de *Angostura*, acompanha a visita da comissão de verificação da OEA da operação contra Raúl Reyes, formada pelo secretário geral da Organização, José Miguel Insulza, pelos embaixadores da Argentina, Bahamas, Brasil, Panamá e Peru na OEA e pelo embaixador da Colômbia na entidade, Camilo Ospina. Gómez descreve a visita da equipe a uma plantação de coca que estava sendo erradicada manualmente por camponeses, atendendo ao pedido do Equador de que o governo colombiano deixasse de utilizar aspersão de herbicida. “El objetivo es mostrar el contexto en el que suceden los hechos: el de la lucha contra la droga y la necesidad de atacar a uno de los grandes comerciantes de coca: Raúl Reyes’, dijo Ospina”.

O enviado especial descreve todas as etapas da visita, acompanhada por cerca de 30 jornalistas e de repórteres cinematográficos de inúmeros meios. Andrés Gómez afirma, porque não indica nenhuma fonte, que “el objetivo era mostrarles sobre la misma línea fronteriza la vulnerabilidad del territorio colombiano a los ataques de la guerrilla”.

O correspondente de *El Tiempo* em Washington é responsável pela cobertura da reunião na sede da OEA sobre a crise colombo-equatoriana. No dia 17, data do encontro, publica as reivindicações de Colômbia e do Equador.²⁰⁴ O governo colombiano exige que o país vizinho coopere na luta contra todas as formas de crime na fronteira comum, especialmente o narcotráfico e o terrorismo. Esta última palavra aparece entre aspas e com a seguinte explicação entre parênteses: “es decir, contra las Farc”. Esse é um dos poucos momentos da cobertura em que se emprega o termo terrorismo para se referir à guerrilha. Já o Equador, segundo o texto, insiste numa condenação explícita da Colômbia por violação de seu território. Gómez não cita nenhuma fonte ao apresentar as reclamações de ambos os países, assim como faz ao afirmar que “Ecuador corre el riesgo de que ni siquiera Venezuela lo respalde de manera integral en su propuesta”.

As fontes surgem mais adiante no texto: são os chanceleres da Colômbia e da Venezuela, respectivamente Fernando Araújo e Nicolás Maduro. A eles o correspondente atribui as seguintes informações: “El venezolano [chanceler Nicolás Maduro] dijo que el propósito

²⁰³ GÓMEZ, Andrés. 'La coca está en el corazón del problema', dice Insulza. **El Tiempo**, Política, Bogotá, 12 mar. 2008. Disponível em: <http://www.eltiempo.com/tiempoimpreso/edicionimpresa/politica/2008-03-12/ARTICULO-WEB-NOTA_INTERIOR-4001484.html>.

²⁰⁴ GÓMEZ, Sérgio. Colombia gana espacio en OEA. **El Tiempo**, Política, Bogotá, 16 mar. 2008. Disponível em: <http://www.eltiempo.com/tiempoimpreso/edicionimpresa/politica/2008-03-17/ARTICULO-WEB-NOTA_INTERIOR-4015391.html>.

del encuentro era ‘ratificar el camino señalado hace una semana en la Cumbre de Río (República Dominicana), en el sentido de que América Latina y el Caribe tienen la capacidad de trabajar juntos, fortaleciendo la paz y el diálogo político intrarregional’”, e “Araújo [chanceler colombiano] coincidió en que ‘la condena contra Colombia propuesta por Ecuador es un tema superado después de la Cumbre de Río’”. O correspondente Sérgio Gómez apresenta, ainda, as recomendações que serão levadas à reunião e detalha processualidades da produção jornalística ao informar que elas “fueron conocidas por *El Tiempo*”.

Na cobertura da reunião da OEA, publicada nos dias 18 e 19, uma vez que o encontro estendeu-se para além do horário de fechamento de *El Tiempo*, o correspondente trata primeiro da negociação do acordo, depois de seus termos. No texto “OEA, sin consenso en 6 puntos”,²⁰⁵ do dia 18, primeiro explica por que as informações são parciais: “al cierre de esta edición, y de acuerdo con el secretario general [OEA] José Miguel Insulza, ya existía un borrador de resolución pero quedaban aún media docena de temas por resolver”. Apesar de não ter o resultado final, antecipa a condenação da Colômbia pela incursão no Equador, decisão que havia sido adotada em 4 de março em sessão extraordinária do Conselho Permanente da OEA, respaldada pelo Grupo do Rio, no dia 7.

O correspondente em Washington afirma que seu país havia assumido uma posição mais agressiva que a do dia 4. Utilizando-se de artigos da Carta da ONU sobre a luta contra o terrorismo, “pasaba de la defensiva al contraataque”. Trata, ainda, do protagonismo do jornal *El Tiempo* na reunião de chanceleres da OEA, devido à publicação, no dia da reunião, em seu *site*, de uma fotografia na qual afirma tratar-se do ministro da Segurança equatoriano, Gustavo Larrea, em companhia de Raúl Reyes. Gómez assegura que “la foto [...] se regó como pólvora entre los miembros de las delegaciones y casi 60 periodistas que cubrían el evento”. Este “episódio” que forma parte do *acontecimiento Angostura* será trabalhado no próximo capítulo.

No dia 19 assina o texto “Así fueron las 17 horas de negociación en la OEA”²⁰⁶ indicando, de antemão, o tempo de duração da reunião de chanceleres. Sérgio Gómez atribui valor à informação ao afirmar “fueron 17 horas de alta tensión y muchas frustraciones que al final culminaron en una tibia resolución de pocos dientes que dejó, hay que decirlo, más satisfecho a Ecuador que a Colombia” ou “las posiciones extremas, por supuesto, eran más una estrategia de negociación. Como cuando el vendedor y comprador de una casa se sientan a debatir el precio. Y en eso se fueron las 17 horas, sin contar el domingo que también estuvo lleno de reuniones bilaterales”.

²⁰⁵ GÓMEZ, Sérgio. OEA, sin consenso en 6 puntos. *El Tiempo*, Nação, Bogotá, 18 mar. 2008. Disponível em: <<http://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-2866927>>.

²⁰⁶ GÓMEZ, Sérgio. Así fueron las 17 horas de negociación en la OEA. *El Tiempo*, Nação, Bogotá, 19 mar. 2008. Disponível em: <<http://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-2867862>>.

No dia 25 de março a jornalista Maggy Ayala Samaniego, Especial para *El Tiempo* desde Quito, trata do novo episódio na crise entre Colômbia e Equador,²⁰⁷ ocasionada pela confirmação da identidade do cadáver trasladado a Bogotá junto com o corpo de Raúl Reyes, em 1º de março. Naquela ocasião, havia sido anunciado que o morto era Julián Conrado, cantor e ideólogo da guerrilha. Somente no final do mês surge a confirmação de que se trata do equatoriano Franklin Aizalia.²⁰⁸ A jornalista foca seu trabalho nas reações do governo do Equador – “La Presidencia de Ecuador precisó en un comunicado que Colombia debe probar que Aizalia era guerrillero” e “El Gobierno de Ecuador señaló anoche que recibió ‘con suma preocupación’, la confirmación de la identidad de Aizalia, pero anunció que apelará a la acción del Secretario General OEA, José Miguel Insulza, ‘a fin de hallar una solución definitiva del caso’” – e da família de Aizalia, que negou que ele era o guerrilheiro das Farc que aparecia na foto divulgada pelo Ministério de Defesa colombiano – “El que aparece en la foto mostrada en Colombia no es mi hijo, nunca tuvo esa chompa [jaqueta] y tampoco se parece en su cabello ni en el bigote’ aseguró el señor Aizalia” e “‘Eso es otra mentira de Colombia’ dijo ayer a *El Tiempo*, en Quito, Guillermo Aizalia, padre de Franklin”. Segundo o relato, o pai de Franklin confirmava que o corpo que estava em Bogotá era de seu filho, mas negava a relação dele com a guerrilha.

No dia seguinte, 26, de Caracas, o enviado especial Edulfo Peña trabalha os temas tratados pelo presidente Hugo Chávez durante entrevista coletiva realizada com correspondentes estrangeiros e a imprensa colombiana.²⁰⁹ Dentre os temas, um relaciona-se ao título, “Chávez pide a Colombia frenar la información de PC de ‘Raúl Reyes’”, uma vez que para o mandatário venezuelano o conflito seguirá sendo reavivado a partir dos “supostos” arquivos do guerrilheiro. Outra questão tratada foi o equatoriano morto, Franklin Aizalia, em 1º de março que “tendrá que ser aclarado para bien de todos”. Um terceiro tema foram os reféns das Farc, posto que Chávez ajudou em libertações anteriores. Edulfo Peña classifica a coletiva de algo incomum no governo Chávez ao tomar por referência a surpresa com o convite por parte dos correspondentes estrangeiros, que durante os nove anos do governo do mandatário venezuelano nunca haviam presenciado tal gesto: “un almuerzo de gala en el Salón Joaquín Crespo con 23 periodistas que le preguntaron de todo”.

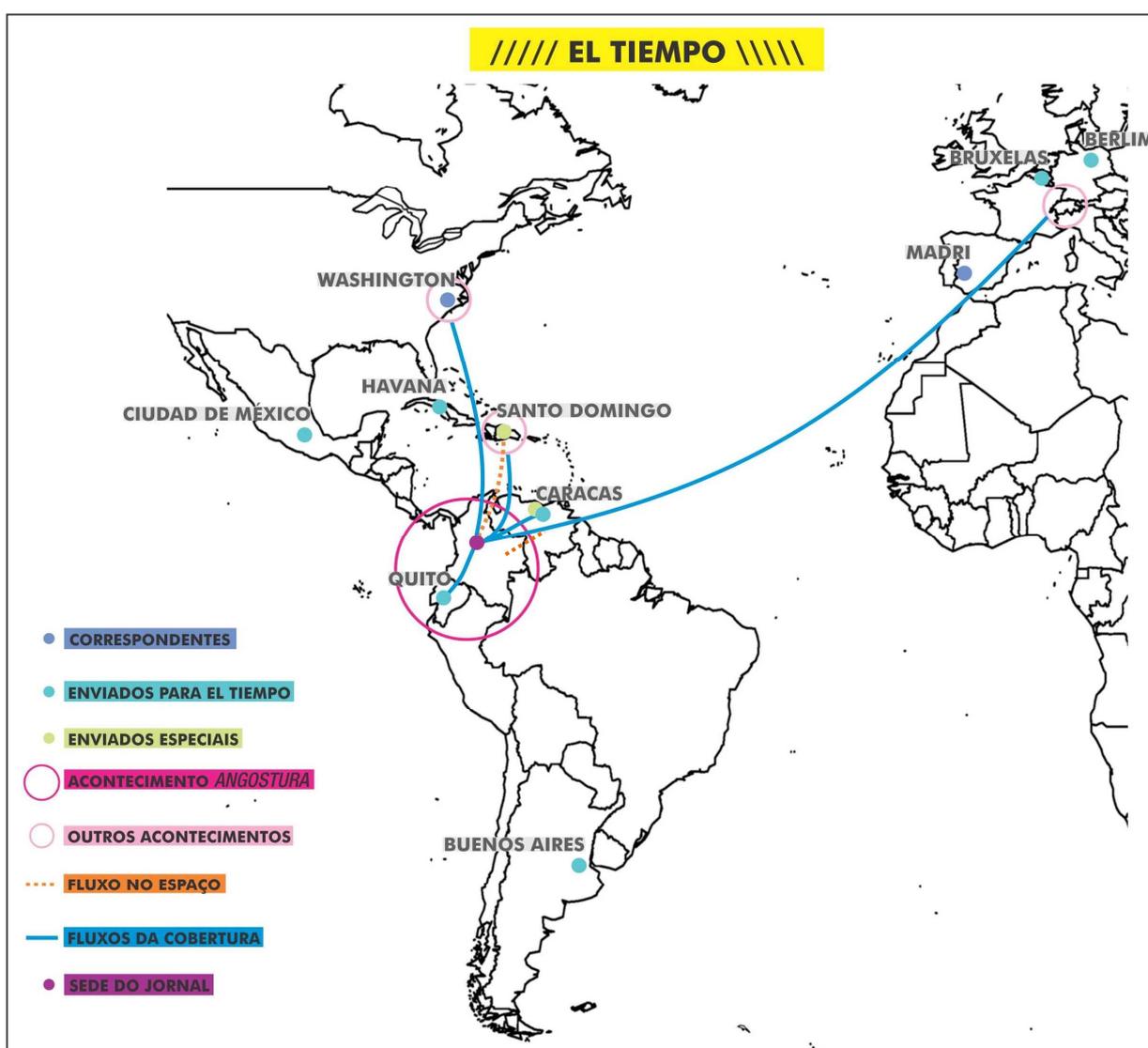
²⁰⁷ AYALA SAMANIEGO, Maggy. Ecuador llevará a OEA caso de muerto. **El Tiempo**, Política, Bogotá, 25 mar. 2008. Disponível em: <http://www.eltiempo.com/tiempoimpreso/edicionimpresa/politica/2008-03-25/ARTICULO-WEB-NOTA_INTERIOR-4029173.html>.

²⁰⁸ Opto pela grafia Aizalia empregada tanto por *El Comercio*, como por *O Estado de S. Paulo*.

²⁰⁹ PEÑA, Edulfo. Chávez pide a Colombia frenar la información de PC de ‘Raúl Reyes’. **El Tiempo**, Política, Bogotá, 26 mar. 2008. Disponível em: <http://www.eltiempo.com/tiempoimpreso/edicionimpresa/politica/2008-03-26/ARTICULO-WEB-NOTA_INTERIOR-4032232.html>.

Maggy Ayala retorna no dia 30 de março a partir de texto²¹⁰ que aborda uma pesquisa de opinião da popularidade de Correa em seu país. Entre percentuais, a especial para *El Tiempo* traz a opinião de cidadãos comuns, como uma não partidária, um taxista, etc., acerca do presidente, seu governo, os problemas internos e o enfrentamento da crise diplomática com a Colômbia. Segundo a pesquisa, o conflito reavivou a popularidade de Correa, uma vez que 80% dos equatorianos respaldaram suas ações no que se chamou “bombardeio” ao território equatoriano (as aspas estão desta forma colocadas no texto do jornal).

Mapa 2: Fluxos de *El Tiempo* na cobertura do acontecimento Angostura (mar. 2008)



Fonte: elaborado pela autora

Arte: Camila Cornutti

²¹⁰ SAMANIEGO, Maggy Ayala. Farc incomodan a Correa. *El Comercio*, Domingo a Domingo, Quito, 30 mar. 2008. Disponível em: <<http://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-2879255>>.

Na segunda parte, sob o intertítulo “La presencia de las Farc” utiliza como fontes ex-ministros e jornalistas equatorianos. Maggy Ayala afirma, porque não indica outra fonte, que “otro factor que debe ser superado por el Gobierno es la sensación nacional según la cual se está ocultando o minimizando el accionar de las Farc en Ecuador”. E acrescenta: “los medios locales no han censurado la información para dar cuenta que el territorio ecuatoriano es un ‘corredor de las Farc’ y también es objeto de violación y atropello por los grupos irregulares”. O texto é publicado no caderno semanal Domingo a Domingo.

Pelos movimentos no espaço conforma-se o seguinte mapa de fluxos da cobertura de *El Tiempo* em março de 2008. Em comparação com a cartografia de fluxos do *Estado* (apresentada anteriormente) e de *El Comercio* (expressa a seguir), constata-se uma menor quantidade de fluxos no espaço (linha tracejada laranja). O fato de o acontecimento *Angostura* ter sido provocado pela Colômbia pode, em parte, explicar tal resultado, uma vez que as fontes auxiliares na narrativa do acontecimento poderiam ser facilmente acessadas pelo jornal. Outro motivo é que, de antemão, o diário colombiano dispunha de jornalistas em espaços-chave da cobertura, como Quito, Washington e Caracas.

Outros fluxos no espaço poderiam ser descritos a partir dos movimentos realizados em território colombiano. No dia 4 de março, por exemplo, as redações de Cúcuta e Paraguachón, municípios próximos à fronteira com a Venezuela, tratam do impacto da crise nas exportações, uma vez que a fronteira foi fechada para o tráfego de caminhões. O texto destaca que “unos 300 camiones no pudieron pasar la línea de frontera en Norte de Santander. Algunos servicios consulares de Venezuela ya dejaron de funcionar. Se teme un desabastecimiento”. Os repórteres percorreram outras regiões do país para cobrir manifestações pela paz realizadas no período.

c) *El Comercio*

Considerando que no primeiro dia de cobertura, 2 de março, o acontecimento é a morte de Raúl Reyes, *El Comercio* vale-se de imediato de sua rede informativa para nele ingressar. A matéria “El vocero de las Farc murió en acción”²¹¹ é assinada pelo correspondente em Bogotá, Carlos Rojas, junto da Redação de Justiça. O primeiro relato assemelha-se, como referido anteriormente, à versão publicada pelo jornal colombiano *El Tiempo*. O relato de Rojas é mais pormenorizado, uma vez que descreve detalhes do planejamento e execução da operação militar, os confrontos e o traslado dos cadáveres até Bogotá. O lugar onde se

²¹¹ ROJAS ARAÚJO, Carlos. El vocero de las FARC murió en acción. *El Comercio*, Justiça, Quito, 2 mar. 2008. Disponível em: <http://www.elcomercio.com/noticias/vocero-FARC-murio-accion_0_164384157.html>.

encontra o correspondente, para além de indicado na abertura da matéria, aparece no texto, “el cuerpo [de Raúl Reyes] llegó al aeropuerto 3 de Mayo de esa ciudad, una vez que el Ejército colombiano lo recuperó de Ecuador”. Como forma de relacionar o acontecimento ao espaço de sua ocorrência, o texto traz sucintamente a descrição: “En Ecuador, las poblaciones fronterizas indicaron que hubo fuego cruzado desde las 00:00 hasta las 10:00 de ayer”. Nota-se o emprego da generalização “populações fronteiriças” e não o uso de depoimentos, aspas ou de alguma referência que permitisse identificar quem fez a afirmação.

Por meio do intertítulo “Correa ordenó una indagación”, o jornal localiza as primeiras reações equatorianas diante do acontecimento. Mais uma vez a narrativa se assenta na morte (ou nas mortes) como forma de dizer o acontecimento quando de seu ingresso no Jornalismo de *El Comercio*. O jornal relata que o presidente Rafael Correa ordenou uma investigação sobre os combates na fronteira, “donde falleció Reyes”; lamentou a morte de colombianos, “toda la solidaridad al pueblo colombiano, porque las pérdidas de vidas siempre son un dolor para la sociedad”, e se dispôs a mediar uma saída pacífica para o conflito armado colombiano.

Como forma de singularizar o morto,²¹² assim como fizera *O Estado de S. Paulo*, o jornal equatoriano recupera em seu próprio arquivo a entrevista realizada com o guerrilheiro em 2003. Arturo Torres, editor de Justiça (atualmente editor de Informação), relata que até 2001 Reyes viajava facilmente pelos países da região para se reunir com líderes políticos, sindicalistas e intelectuais: “En varias ocasiones estuvo en Ecuador, especialmente en poblados fronterizos con Colombia como Sucumbíos y en Quito, donde mantuvo reuniones”. A situação se modificou após os atentados de 11 de Setembro, quando as Farc passaram a ser perseguidas como organização terrorista pelo governo dos Estados Unidos. No ano seguinte, com a chegada ao poder de Álvaro Uribe e o reforço militar estadunidense (por meio do Plano Colômbia e da Base de Manta, no Equador), a perseguição se acentuou ainda mais. As Farc tornaram suas 60 frentes ainda mais móveis e os líderes do Secretariado passaram a contar com escolta. Reyes viu-se desafiado a se mover continuamente pela linha fronteiriça, “hoy convertida en su tumba”.

O jornalista recupera em mais um trecho do texto a presença de Raúl Reyes no Equador, quando atuava efetivamente como o porta-voz internacional da guerrilha: “para ingresar al Ecuador se afeitaba su barba cana, rala, y adoptaba un aire de empresario bonachón, regordete, distante de la del comandante guerrillero, enfundado en un traje de camuflaje, con un fusil

²¹² TORRES, Arturo. El Putumayo se convirtió en el hogar y en la tumba de Reyes. *El Comercio*, Justiça, Quito, 2 mar. 2008. Disponível em: <http://elcomercio.com/noticias/Putumayo-convirtio-hogar-tumba-Reyes_0_164384609.html>.

HK al hombro”. Ao recordar um trecho onde Reyes fala da atuação da guerrilha, o jornalista Torres descreve detalhes da entrevista de 2003: “Nosotros seguimos aplicando la táctica del Che Guevara: morder, retirarse y volver a morder’, comentó Reyes a *El Comercio*, mientras iniciaba su jornada matutina, a las 04:30”.

Ao fazer isso, menciona as condições da entrevista – “Diario habló con él en un campamento guerrillero de la Amazonia colombiana, enclavado a varios kilómetros del río Putumayo, límite fronterizo con Ecuador” – e do entrevistado – “Más de una vez, los medios afirmaron que padecía de un cáncer de próstata. Cuando fue entrevistado por este Diario, era persistente la noticia de que estaba en la fase terminal. ‘Estoy mejor que nunca’, dijo en esa ocasión, con la sonrisa a flor de piel, y una copa de vodka danés Danskaya en la mano”.

Apesar de Arturo Torres assinar o texto, não há nele nenhum indicativo de quem foi o repórter que ingressou na selva para entrevistar Reyes em 2003. A resposta chega com a leitura do livro *El juego del camaleón. Los secretos de Angostura*, um “livro de repórter” sobre as condições de produção do *acontecimento Angostura*, escrito pelo próprio Arturo Torres e publicado em março de 2009. Nele, o jornalista revela os encontros que manteve com Reyes, o primeiro em 2000, em El Caguán, na Colômbia, durante as negociações por paz no governo de Andrés Pastrana; o segundo em Quito, em 2001, e o terceiro em 2003, durante a entrevista em Putumayo, na Colômbia, que recupera no texto “El Putumayo se convirtió en el hogar y en la tumba de Reyes”.

Mi primer acercamiento al conflicto colombiano ocurrió en agosto del 2000. Enviado por Diario *El Comercio*, viajé al municipio de El Caguán, donde se llevaban a cabo los diálogos de paz entre la guerrilla de las Farc y el gobierno del entonces presidente Andrés Pastrana (Torres, 2009, p. 15).

No segundo dia de cobertura, dia 3 de março, a invasão configura-se no acontecimento para o Jornalismo de *El Comercio*. Os textos são assinados por redações do jornal e por agências de notícia. O texto “R. Correa moviliza tropas a la frontera”, que trata das ações do governo equatoriano diante da situação “extremadamente grave e intolerable”, é assinado pela Redação de Política, enquanto o que aborda a reação do presidente Correa diante das Farc, “Rafael Correa advierte a las Farc”,²¹³ é de responsabilidade da Redação de Guayaquil, centro econômico-financeiro equatoriano, localizado no Sul do país, onde o jornal mantém uma sucursal.

O correspondente em Bogotá, Carlos Rojas, ocupa-se do pedido de desculpas e das acusações do governo colombiano à chefia equatoriana, no texto “Colombia se disculpa y acusa

²¹³ RAFAEL Correa advierte a las Farc. *El Comercio*, Justiça, Quito, 3 mar. 2008. Disponível em: <http://elcomercio.com/politica/Rafael-Correa-advierte-FARC_0_164388079.html>.

a Ecuador”.²¹⁴ Trata de como o anúncio da expulsão do embaixador colombiano em Quito foi recebida em Bogotá e da reação a ele por meio da denúncia de nexos entre as Farc e o governo de Correa, a partir dos computadores de Reyes. Os detalhes da denúncia são trazidos em nota complementar assinada pela agência AFP.

No terceiro dia de cobertura, 4 de março, a Redação de Política trata da decisão do governo equatoriano de romper relações diplomáticas com a Colômbia em razão da agressão à soberania do país e das denúncias de relações entre o governo e a guerrilha. Essa mesma Redação informa da rodada de visita a países vizinhos, iniciada naquela data pelo presidente Correa, que se descobre no dia seguinte ser acompanhada por um enviado especial do jornal. Carlos Rojas, de Bogotá, junto da Redação de Justiça, aborda as acusações colombianas contra o ministro da Segurança equatoriano, Gustavo Larrea. Informações sobre a mobilização de militares equatorianos na fronteira chegam pelas redações de Nueva Loja, Tulcán e Esmeraldas, mostrando como a dimensão assumida pelo acontecimento, que passa da morte de Reyes à agressão do Equador, leva o Jornalismo de *El Comercio* a se mover interna e externamente a partir desta data.

Arturo Torres, editor de Justiça, assume a função de enviado especial e passa a acompanhar os movimentos do presidente equatoriano Rafael Correa pela América Latina. O mandatário passa por Lima, no dia 4 de março, Brasília e Caracas, dia 5, Manágua e Panamá, 6, e participa da reunião do Grupo do Rio, em Santo Domingo, no dia 7.

No dia 5 o texto de Torres trata da visita ao presidente peruano Alan García que, por um lado, “apoyó a su par Correa y sostuvo que Colombia debía extender una excusa al Gobierno ecuatoriano, pues se había vulnerado el principio universal de la soberanía”,²¹⁵ e, por outro, reiterou que “ningún país puede permitir que comandos de la guerrilla y la subversión se asilen y permanezcan dentro de su territorio, para desde ahí atacar a la democracia de otro país”. O jornalista contextualiza as declarações de García ao lembrar os enfrentamentos deste país contra o grupo subversivo *Sendero Luminoso*,²¹⁶ que durou décadas.

O enviado especial detalha todos os movimentos de Correa no Peru: chegou às 9h30min acompanhado de uma comitiva formada pelos ministros de Governo, Fernando Bustamante, e da Cultura, Galo Mora, e do vice-chanceler José Valencia; encontrou-se com o

²¹⁴ ROJAS ARAÚJO, Carlos. Colombia se disculpa y acusa a Ecuador. *El Comercio*, Política, Quito, 3 mar. 2008. Disponível em: <http://www.elcomercio.com/noticias/Colombia-disculpa-acusa-Ecuador_0_164383864.html>.

²¹⁵ TORRES, Arturo. García condena a Colombia y a las Farc. *El Comercio*, Política, Quito, 5 mar. 2008. Disponível em: <http://www.elcomercio.com/noticias/Garcia-condena-Colombia-FARC_0_164385834.html>.

²¹⁶ O Sendero Luminoso é considerado o maior movimento terrorista do Peru. Fundado em 1964 como um regime revolucionário e comunista de base camponesa, passou de guerrilha rural para urbana em 1977. Opõe-se a outra grande força revolucionária do Peru, o Movimento Revolucionário Túpac Amaru.

chanceler José Antonio García e com o embaixador equatoriano Diego Rivadeneira; participou de entrevista coletiva com 30 jornalistas entre peruanos, equatorianos e de outros países – “‘Mi patria ha sido agredida, bombardeada’, dijo con vehemencia Correa, al puntualizar que los bombardeos de las fuerzas colombianas a un campamento de las Farc representan un atentado para toda la región” –; reuniu-se com seu par Alan García às 11h, permaneceu por 2 horas e “le explicó lo acontecido desde el sábado, cuando Uribe lo llamó para contarle sobre la incursión al Ecuador, ‘luego que fueron atacadas por la guerrilla’”.

Além destes detalhes, Arturo Torres faz menção à cobertura do acontecimento no Peru, onde é capa nos jornais. Segundo o relato, “la noticia de la ruptura de relaciones declarada por Ecuador a Colombia y el agravamiento del conflicto con Venezuela, que también retiró a su embajador de Bogotá, copaban ayer las primeras planas de los diarios”. O tema, de acordo com o enviado especial, foi amplamente tratado pelo jornal *El Comercio*, do Peru, que “dedica buena parte de su contenido a la versión de Bogotá, sobre las supuestas pruebas de los nexos de las Farc con Venezuela y Ecuador”. Sobre esta constatação, traz a opinião da correspondente do diário francês *Le Monde*, Jackeline Frost, para quem “ese sesgo es sintomático de la percepción de buena parte de la prensa peruana sobre este tema”.

No dia 6 a matéria do enviado especial versa sobre o encontro dos presidentes Correa e Luiz Inácio Lula da Silva, em Brasília. O título sintetiza a compreensão que Arturo Torres teve deste segundo encontro, “La sombra de Hugo Chávez pesó en Brasilia”.²¹⁷ O jornalista afirma que a participação do presidente venezuelano é “lida” como “inoportuna y peligrosa por la mayoría de medios brasileños que recogen opiniones de políticos y analistas”. Por sua análise do Jornalismo brasileiro e das questões propostas durante a coletiva de imprensa, afirma que não encontrou condenação à incursão das Farc no Equador e que vários jornalistas brasileiros assinalam que não é estratégico para Correa usar em demasia a frase “até as últimas consequências”.

‘Señor Presidente, ¿si la OEA no se pronuncia en la forma que exige Ecuador, qué significa hasta las últimas consecuencias?’, preguntó el reportero de una agencia internacional. ‘Estamos en tiempo belicista – dijo Correa – y nadie quiere la guerra, por eso agotaremos todas las acciones diplomáticas, pero si la OEA no se pronuncia, sabremos defender nuestra soberanía’.

Na avaliação do enviado especial, a reação de Correa contrasta com a postura adotada pelo mandatário brasileiro, que reconhece a violação da soberania equatoriana, mas acredita em uma solução pacífica. Arturo Torres, uma vez mais, focaliza o relato na cobertura do *acontecimento Angostura* pelo Jornalismo brasileiro. Nele identifica uma crescente atenção

²¹⁷ TORRES, Arturo. La sombra de Hugo Chávez pesó en Brasilia. *El Comercio*, Política, Quito, 6 mar. 2008. Disponível em: <http://www.elcomercio.com/noticias/sombra-Hugo-Chavez-peso-Brasilia_0_164387315.html>.

para o papel exercido por Reyes nas negociações para a libertação de reféns – alerta que os jornais afirmam que o presidente Uribe sabia desta atribuição de Reyes nas negociações com a França²¹⁸ –; por uma parte, e que as denúncias colombianas sobre acordos entre Correa e as Farc “casi no ha tenido seguimiento ni eco mediático”, por outra. Também no Jornalismo brasileiro encontra a afirmação de que em um possível confronto, a Colômbia teria vantagem. Diz que a origem da informação são “especialistas”, no plural, sem nomeá-los. Trata-se do texto²¹⁹ assinado pelo jornalista Roberto Godoy, de *O Estado de S. Paulo*, publicado no dia 4.

Também no dia 6, em outro texto, “Rafael Correa insiste en la condena”,²²⁰ o enviado especial repercute o encontro dos presidentes Correa e Chávez, em Caracas, no final da noite anterior, quando participaram juntos de uma entrevista coletiva por volta das 22h, no Palácio de Miraflores, que reuniu cerca de 50 jornalistas de vários lugares. Arturo Torres mescla declarações de Correa e de Chávez e relata que ambos brincaram com as acusações de Uribe sobre nexos do Equador e da Venezuela com as Farc. Segundo o relato, após a coletiva Correa encontrou-se com a presidente argentina Cristina Kirchner que chegou a Caracas às 23h.

O jornalista também destacou em seu relato a reação de Correa diante da resolução emitida pela OEA, na tarde do dia anterior, em que assinalava que as Forças Armadas colombianas haviam violado a soberania do Equador ao ingressarem em seu território e que se propunha a formar uma comissão de verificação do fatos. “‘Bienvenida la comisión para que constate lo ocurrido. Pero esto no se va a enfriar hasta que el agresor sea condenado’, insistió Correa”. Nesta matéria o enviado especial de *El Comercio* não aborda o tratamento jornalístico dado pelos meios venezuelanos às ocorrências na fronteira colombo-equatoriana. Isso se deve, talvez, ao horário tardio do encontro e da coletiva dos presidentes.

No dia 7 de março, o enviado especial Arturo Torres trata dos encontros de Correa com os presidentes da Nicarágua e do Panamá no texto “Correa enciende aún más su reclamo”.²²¹ O título abarca a constatação feita pelo jornalista de que durante as últimas visitas, na América Central, Correa subiu o tom de seu discurso. Relata que o presidente da Nicarágua, Daniel Ortega, declarou o rompimento unilateral das relações com a Colômbia e apresenta o porquê de tal decisão: “Antes de hacer su sorpresiva declaración, pasado el mediodía, Ortega criticó duramente al presidente Álvaro Uribe, por ser el aliado incondicional de EE.UU. en la

²¹⁸ NETTO, Andrei. Reyes era o interlocutor da França, revela chanceler. **Estado**, Caderno A, Internacional, São Paulo, ano 129, n. 41776, p. A13, 4 mar. 2008.

²¹⁹ GODOY, Roberto. Em conflito, Bogotá teria vantagem. **Estado**, Caderno A, Internacional, São Paulo, ano 129, n. 41776, p. A12, 4 mar. 2008.

²²⁰ TORRES, Arturo. Rafael Correa insiste en la condena. **El Comercio**, Política, Quito, 6 mar. 2008. Disponível em: <http://www.elcomercio.com/noticias/Rafael-Correa-insiste-condena_0_164388081.html>.

²²¹ TORRES, Arturo. Correa enciende aún más su reclamo. **El Comercio**, Política, Quito, 7 mar. 2008. Disponível em: <http://www.elcomercio.com/noticias/Correa-enciende-reclamo_0_164384418.html>.

región. Además, explicó que su país tenía pendiente un grave problema limítrofe con Bogotá, que sostiene que su límite marítimo en el Pacífico es el meridiano 82, 'pese al fallo de la Corte Internacional, que nos da la razón'. Correa visitou também o presidente do Panamá, Martín Torrijos, ao qual declarou que “el presidente Uribe me mintió, señalando que las Farc agredieron a sus fuerzas y que en legítima defensa reaccionaron, lo que nunca ocurrió”.

Neste texto, a exemplo do produzido sobre o encontro em Caracas, Arturo Torres não faz nenhuma menção à cobertura do Jornalismo do Panamá e da Nicarágua sobre o *acontecimento Angostura*. Trata, no entanto, da análise que o colombiano *El Tiempo* fez, no dia anterior, da resolução da OEA que condenou a agressão ao Equador, agendou reunião de chanceleres em Washington e anunciou a criação de uma comissão para verificar *in situ* o ocorrido na fronteira, quando a nomeou como “victoria agrídulce”, termos que compõem o intertítulo do texto do enviado equatoriano. “En lugar de la ‘condena hemisférica’ que se buscaba por el ataque a las Farc en territorio ecuatoriano, en el que murió el guerrillero ‘Raúl Reyes’, la resolución reitera solamente el principio de la inviolabilidad de un territorio, sostiene el diario”. Arturo Torres afirma, com base em *El Tiempo*, que a Colômbia era contrária à criação da comissão proposta pela OEA.

No domingo, dia 8, *El Comercio* traz mais um texto do enviado especial Arturo Torres. Neste, desde Santo Domingo, na República Dominicana, aborda os resultados da reunião do Grupo do Rio, realizada no dia anterior. Sob o título “La reconciliación llegó a los siete días”,²²² o enviado destaca que “un histórico e inédito acuerdo se selló” quando os presidentes Rafael Correa (Equador), Álvaro Uribe (Colômbia), Hugo Chávez (Venezuela) e Daniel Ortega (Nicarágua) deram por encerrada a crise diplomática que se iniciara no dia 2 de março. Uma vez mais, o texto de Arturo Torres assenta-se em detalhes, como horários, declarações e reações, mescladas à valoração do próprio jornalista sobre isso, como nos seguintes recortes: “el momento más intenso y emotivo de la cumbre se vivió hacia las 16:15 (hora de Ecuador) cuando Uribe, en medio de aplausos, dejó su puesto y se acercó a Correa, para exteriorizarle sus disculpas por lo ocurrido estrechándole la mano”, “la parte más tensa ocurrió pasadas las 11:00 cuando Correa y Uribe tuvieron un duro cruce de palabras. ‘Todo lo que dijo Uribe y su gobierno es una gran mentira’, dijo Correa al referirse a la comunicación que mantuvieron ambos luego del ataque. El colombiano, aunque volvió a pedir perdón, replicó que Correa nunca colaboró ‘en la lucha contra el terrorismo’ de las Farc”; “el momento más incómodo se vivió cuando Correa pidió ‘derecho a réplica’ y

²²² TORRES, Arturo. La reconciliación llegó a los siete días. *El Comercio*, Política, Quito, 8 mar. 2008. Disponível em: <http://www.elcomercio.com/noticias/reconciliacion-llego-dias_0_164386784.html>.

correspondem aos fluxos da cobertura (linha contínua azul) com relação direta sobre o *Angostura*.

Além destes, a cartografia revela os fluxos referentes à cobertura da reunião da OEA, no dia 17 de março, em Washington (acontecimento indicado pelo pequeno círculo vazado rosa claro). Comumente o equatoriano *El Comercio* utiliza-se dos serviços do correspondente do jornal colombiano *El Tiempo* sediado em Washington, Sérgio Gómez Masseri, que produz despachos para os jornais membros do GDA. Nesta situação, como a reunião versava sobre o conflito colombo-equatoriano, *El Comercio* opta por dois deslocamentos, da correspondente do jornal em Nova York, Olga Imbaquingo, e do enviado especial Martín Pallares.

Nos dias que antecedem a reunião em Washington os despachos de Olga Imbaquingo a localizam como correspondente em Nova York. Nos dia 18 e 19 de março, quando da cobertura do encontro de chanceleres, ao lado do nome da correspondente aparece a designação “Desde Washington”. Alguns textos são assinados conjuntamente pelos dois representantes de *El Comercio*. No dia 18, a correspondente e o enviado especial dedicam-se a apresentar meandros da negociação (a conclusão da reunião avançou pela madrugada, chegando aos jornais somente no dia 19). Sob o título “La OEA rechazó el ataque, con la reserva de EE.UU”,²²³ descrevem que nem Equador nem Colômbia estavam dispostos a renunciar aos seus interesses, “Ecuador sustentaba su tesis alrededor del 21 [artigo da carta da OEA] que habla de la inviolabilidad de la soberanía territorial, Colombia quería una mención del 22 sobre el derecho a la legítima defensa”.

O enviado Martín Pallares²²⁴ retoma no dia 19 os desfechos da reunião da OEA. No texto confere protagonismo ao chanceler brasileiro Celso Amorim na aprovação de uma resolução que agradava ao Equador. “El propio Amorim, quien había sido invitado para dar algunas opiniones, miró un documento preparado por el Ecuador en el que se recogían varias observaciones y empezó a aplaudir. Ese momento, según la canciller María Isabel Salvador, fue clave para el Ecuador”. A afirmação é respaldada por mais uma fonte oficial colombiana: “El aplauso de Amorim desató lo que Efrén Cocíos, embajador del Ecuador ante la OEA, llama una ‘rebelión del continente’, frente a Estados Unidos que trabajaba arduamente a favor de Colombia y todos los cancilleres dieron por hecho que se aprobaba ese documento”. Neste texto Pallares menciona também a reação da imprensa que cobria a reunião: “los periodistas colombianos y ecuatorianos especulaban frustrados por no

²²³ PALLARES, Martín; IMBAQUINGO, Olga. La OEA rechazó el ataque, con la reserva de EE.UU. **El Comercio**, Política, Quito, 18 mar. 2008. Disponível em: <http://www.elcomercio.com/noticias/OEA-rechazo-ataque-reserva-EEUU_0_164387260.html>.

²²⁴ PALLARES, Martín. Un gesto de Amorim lo destrabó todo. **El Comercio**, Política, Quito, 19 mar. 2008. Disponível em: <http://www.elcomercio.com/noticias/gesto-Amorim-destrabo_0_164387644.html>.

tener noticias cuando la hora del cierre definitivo de los diarios era inminente” e “eran cerca de las 02:00 en Washington, las ediciones de los diarios ya habían cerrado en el Ecuador y los periodistas de televisión enviaban sus últimos reportes”. Em outro texto,²²⁵ também do dia 19, a correspondente Olga Imbaquingo, ao tratar de um adendo dos Estados Unidos ao texto final da resolução, faz referência à imprensa brasileira: “¿Quién era el que más ponía resistencias?, preguntaron los periodistas brasileños al embajador Osmar Chofi. ‘A veces, era Ecuador el que se ponía duro y otras veces Colombia’”. Da mesma forma que Arturo Torres, Pallares e Imbaquingo ocupam-se não apenas dos acontecimentos que atualizam o *Angostura*, mas da atuação da imprensa, de um modo geral, frente a eles.

4.2 Ir para o Jornalismo em busca das coisas do mundo

Ao interpretar o acontecimento os meios o tornam “visível” e “dizível” pela construção que operam. A essa capacidade dos meios de comunicação de “construir” os conflitos (Castel, 2007 [tradução minha]) que já existiam, porém apenas para os atores neles implicados, insinua-se uma rede informativa que contribui para escolhas de toda ordem: dos fatos que serão noticiados, das fontes, dos enquadramentos. A rede informativa é o lugar do confronto e autonomia (mesmo que relativa), pois é no seu interior que ocorrem embates e negociações no âmbito do discursivo entre os agentes sociais envolvidos. É a partir das redes discursivas e dos movimentos que elas operam no espaço do mundo vivido que se ampliam os sentidos possíveis de figurarem na atualidade jornalística.

Da mesma forma que as sucursais, os correspondentes e os enviados especiais participam da rede informativa e são auxiliares na tarefa de acessar os acontecimentos, também outros meios de comunicação, especialmente os “de referência”, nelas ingressam como parte das operações de identificação das coisas do mundo por meio do próprio sistema. Isso ocorre quando um meio utiliza-se de outro para a checagem ou busca de informações, para a identificação de novas fontes, ou, ainda, enquanto suporte de onde se pode “tomar de empréstimo”, nos termos de Novais (2010), dizeres de fontes e dos próprios meios. Nestas situações, os *media* tornam-se meios-fonte, conforme a definição de Borrat (1989). Segundo este autor, o pertencimento do meio citado ao cenário da informação correspondente é um dos fatores de sua escolha. Os meios-fonte ingressam na rede discursiva como parte do instrumental do trabalho jornalístico com vistas à produção dos acontecimentos.

²²⁵ IMBAQUINGO, Olga. EE.UU. puso reparos al documento final. *El Comercio*, Política, Quito, 19 mar. 2008. Disponível em: <http://www.elcomercio.com/politica/EEUU-puso-reparos-documento-final_0_164384589.html>.

Nos jornais *O Estado de S. Paulo*, *El Tiempo* e *El Comercio* identificam-se movimentos em direção ao Jornalismo como forma de acessar o *acontecimento Angostura* e seus fluxos, de modo a complementar a circulação de jornalistas pela geografia do vivido. São movimentos da produção para a produção, realizados no interior do sistema comunicacional, como parte do instrumental jornalístico de observação dos temas e acontecimentos acolhidos pelos outros *media*, por um lado, e de como eles os “disseram”, por outro. Sabe-se também que alguns meios, por sua qualidade, servem externamente de referência sobre seus países e são auxiliares na produção discursiva daquilo que está além das fronteiras da rede informativa instituída em cada jornal.

Ao analisar a produção do *acontecimento Angostura* é possível perceber que outros meios de comunicação, de forma recorrente, ingressam como fontes, são citados entre aspas por suas afirmações e pelas afirmativas e negativas que trazem das fontes que acionam. Da mesma forma, as agências de notícias são deslocadas, em determinados momentos da cobertura, para o interior dos textos, quer por suas declarações ou de *outrem*, quer pela descrição de processos de apuração. Deixam, assim, de ocupar o lugar comumente reservado a elas, qual seja, o de assinatura ao final do texto. O ingresso dos *media* como fontes é nomeado também de correferencialidade em alusão ao fato de as fontes passarem a ser localizadas nos sistemas informativos (Soster, 2009).

Identifica-se, também, que às marcas que explicam as operações dos jornais (“disse ao *Estado*”, “o *Estado* teve acesso”, “este diario habló”, “*El Comercio* accedió”, “dijo *El Tiempo*”), indicativo da autorreferencialidade, somam-se aquelas que esclarecem as processualidades dos outros meios (“segundo a revista *Cambio*”; “matéria publicada pelo jornal *El Tiempo*”; “afirmou em entrevista ao jornal *El País*, “el diario ‘*El Comercio*’ tituló”, “RCN aseguró”, “publicada ayer por el diario colombiano *El Comercio*”, “en una entrevista que publicó el diario *El Clarín*”). Estas marcas, indicativas de um uso correferencial, na análise são tomadas como indicações dos fluxos realizados pelos jornais *O Estado de S. Paulo*, *El Tiempo* e *El Comercio* em direção ao acontecimento e aos modos de descrevê-lo discursivamente. Para tanto, a observação recai sobre o período de março de 2008 a agosto de 2009.

Na cobertura de *O Estado de S. Paulo*, do total de 307 textos observados, em 72 deles aparecem um ou mais meios de comunicação como fonte da informação trazida pelo jornal. No colombiano *El Tiempo* foram observados 406 textos e em 76 deles aparecem meios-fonte. Como em muitos textos há mais de um meio citado – são 32 os citados, além de seis agências –, ao todo são 81 os recortes textuais que nomeiam outro veículo jornalístico como origem de informação. Já no equatoriano *El Comercio* identifica-se a presença de meios-fonte em 113

textos de um total de 503 observados. Neste, são 138 as citações realizadas, que fazem referência a 37 meios de comunicação e oito agências.

Nos jornais analisados, o emprego de meios-fonte deve-se a quatro operações: (1) “tomar de empréstimo” declarações que aparecem em outros meios, obtidas através de entrevista ou em coletiva de imprensa, em transcrição literal indicada pelo uso de aspas ou em paráfrase (“dijo Santos en declaraciones que reprodujo este domingo el diario ‘O Estado de São Paulo’”²²⁶); (2) apresentar afirmações dos outros meios (“reseñó ayer el diario bogotano *El Tiempo*”²²⁷); (3) indicar operações (“Las declaraciones de Uribe se produjeron en una entrevista telefónica con radio Sonorama”²²⁸) ou escolhas (“La confirmación de la noticia por parte del Ejército colombiano no evitó que ‘La Prensa’ de Panamá citara a *Anncol*”²²⁹); (4) e como recurso de arquivo (“Apareció por primera vez en 1998 [...] entrevistado por el diario ‘*Der Jungen Welt*’, de Alemania”²³⁰ ou “La revista *Semana*, en el 2006, aseguró que Uribe es un hombre de campo, disciplinado y austero”²³¹).

Importante acrescentar que, quanto à natureza das fontes, os meios de comunicação em geral aparecem como fontes secundárias ou documentais, auxiliares na preparação de uma pauta. Tal perspectiva está presente em livros para o ensino do Jornalismo, assim como em manuais de redação. O de *O Estado de S. Paulo*, por exemplo, trata do emprego de jornais e revistas como fonte no tópico “Ética Interna” e prescreve: “Sempre que fizer referência à notícia publicada em outro jornal ou revista, escreva claramente qual foi o órgão que a divulgou [...]. O leitor tem o direito de saber qual é a publicação mencionada, até mesmo para procurar a informação na própria fonte que a divulgou” (Martins, 1997, p. 118-119). O Manual de Redação da *Folha de S. Paulo* (2001, p. 38), outro jornal de referência, em direção oposta ao *Estado*, normatiza que um jornal não pode constituir fonte exclusiva de outro para uma informação.

O Manual de *El Tiempo* considera “inmoral apropiarse de una noticia de paternidad ajena o de textos o imágenes que no sean propios”, prescrevendo que “la redacción debe

²²⁶ COLOMBIA entregó a Brasil datos reservados sobre contactos de las Farc en ese país. **El Tiempo**, Política, Bogotá, 28 jul. 2008. Disponível em: <<http://www.eltiempo.com/archivo/documento/CMS-4399816>>.

²²⁷ LA DEMANDA en La Haya, en carpeta. **El Comercio**, Política, Quito, 31 mar. 2008. Disponível em: <http://www.elcomercio.com/noticias/demanda-carpeta_0_164385647.html>.

²²⁸ SEGÚN Uribe, no hay problemas con Ecuador. **El Comercio**, Política, Quito, 26 abr. 2008. Disponível em: <http://elcomercio.com/noticias/Uribe-problemas-Ecuador_0_164987566.html>.

²²⁹ PRENSA internacional, entre la cautela y el escepticismo. **El Tiempo**, Primer Plano, Bogotá, 25 maio 2008. Disponível em: <<http://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-2949687>>.

²³⁰ CUATRO españoles, un danés, dos italianos y un australiano, fichas de las Farc en el exterior. **El Tiempo**, Justiça, Bogotá, 3 ago. 2008. Disponível em: <<http://www.eltiempo.com/archivo/documento/CMS-4424460>>.

²³¹ ROJAS, Carlos. Uribe es disciplinado y apegado a la tradición. **El Comercio**, Mundo, Quito, 11 ago. 2008. Disponível em: <http://www.elcomercio.com/noticiaEC.asp?id_noticia=213099&id_seccion=5>.

hacerse de tal manera que el lector entienda con facilidad qué material pertenece a la fuente y cuál corresponde al autor de la información” (Manual de Redacción, 2005, p. 26-27). Já o jornal equatoriano traz como norma na seção sobre fontes que “*El Comercio* dará prelación a los hechos sobre las versiones que los protagonistas de esos hechos dan sobre ellos. Pero las buscará e incluirá como parte esencial de sus noticias. Las fuentes deben quedar claramente identificadas en el cuerpo de la noticia” (Manual de Estilo, s/d, p. 39-40). Na parte em que trata de ética *El Tiempo* afirma que “todas las versiones deben ser confirmadas, al igual que los testimonios o informaciones provenientes de cualquier fuente. Hay fuentes que tienen cierto grado de confiabilidad: documentos de instituciones tales como la Presidencia, el Congreso, los ministerios” (Manual de Estilo, s/d, p. 35).

a) *O Estado de S. Paulo*

Apesar de a crise versar inicialmente sobre a Colômbia e o Equador, é sobre a produção da imprensa colombiana que se voltará, prioritariamente, a atenção de *O Estado de S. Paulo*. Dos 72 recortes textuais que apresentam um meio de comunicação como fonte, 46 deles referem-se a meios colombianos, preferencialmente impressos. Em contrapartida, nenhum impresso equatoriano figura nos relatos produzidos pelo jornal brasileiro; apenas a emissora de televisão *Canal Uno TV* aparece entre os meios-fonte empregados pelo *Estado* para tratar do conflito instaurado pelo *Angostura*.

Colômbia e Equador não compartilham com o Brasil um idioma ou afinidades culturais e históricas – antes os primeiros tomam parte em um diálogo andino, enquanto o Brasil uma identificação platina²³² – e, portanto, a escolha pelo *Estado* de meios-fonte colombianos não se justifica por tais perspectivas. *O Estado de S. Paulo* oferece alguns elementos para tal compreensão quando atribui juízo de valor à escolha das fontes: “diz Rafael Vásquez, jornalista de *El Tiempo*, o maior jornal da Colômbia”,²³³ “A divulgação da reportagem em uma revista [Cambio] tida como ligada ao presidente Álvaro Uribe e cuja linha editorial é definida pelo irmão do ministro da Defesa colombiano, Juan Manuel Santos, causou ‘estranheza’ entre assessores do Planalto”.²³⁴ De fato, os colombianos *El Tiempo* e *Cambio*, além do jornal *Hoy*, indicados

²³² A designação América Platina e Andina deriva de um recorte regional que tem na sua espacialidade e territorialidade a dimensão do histórico. Tanto a macro quanto a micro-história, o nacional e o internacional, o local e o global, se encontram nas relações e práticas socioculturais vivenciadas e produzidas nestes espaços (Nuñez et al., 2010).

²³³ LAMEIRINHAS, Roberto. Farc recusam-se a libertar Ingrid sem que Bogotá solte guerrilheiros. **Estado**, Caderno A, São Paulo, ano 129, n. 41807, p. A16, 4 abr. 2008.

²³⁴ MONTEIRO, Tânia; ROSA, Vera. Brasília desmente vínculos de Celso Amorim com guerrilha. **Estado**, Caderno A, São Paulo, ano 129, n. 41926, p. A14, 1 ago. 2008.

como fonte no *Estado*, estão identificados com o projeto político colombiano, logo, ao cenário da informação correspondente, por que integram o conglomerado *Casa Editorial El Tiempo*.

Além dos impressos colombianos, participam da rede informativa de *O Estado de S. Paulo*, mas com menos frequência, o espanhol *El País*, o argentino *El Clarín* e o estadunidense *New York Times* (duas ocorrências cada em 72 textos); os estadunidenses *Washington Post* e *The Wall Street Journal*, os franceses *Le Monde* e *Le Figaro*, os chilenos *El Mercurio* e *La Tercera*, o argentino *Página 12*, além do *Grupo de Diários América* (uma ocorrência cada).

Quanto às emissoras de rádio, uma vez mais a preferência é por colombianas. *Radio Cadena Nacional* (RCN), *Caracol* e *W Radio* são as rádios-fonte do *Estado*. Além destas, com uma ocorrência cada, aparecem a francesa *Europe 1* e *Suisse Romande* (ambas em relação à libertação de Ingrid Betancourt) e indicações não diretas a “uma rádio suíça”,²³⁵ “uma rádio colombiana e outra peruana”²³⁶ e “uma emissora do Exército”.²³⁷

Entre as revistas, a já citada *Cambio* aparece em quatro relatos, seguida da também colombiana *Semana*, da estadunidense *Newsweek* e da brasileira *Carta Capital*. Esta última é empregada pelo *Estado* como recurso de arquivo, uma vez que recupera informação de uma edição de julho de 2003, destacando este uso no texto.

Os canais de televisão colombianos são os que mais aparecem como fonte. São eles a *RCN*, a *Cable Noticias* e a *Caracol TV*. São referidos, ainda, a britânica *BBC*, a brasileira *Rede Globo*, a venezuelana *VTV* e o consórcio latino-americano *Telesur*. Como mencionado anteriormente, o único meio de comunicação equatoriano indicado como fonte no período em análise é o *Canal Uno TV*. Ao se valer de aspas para citar a declaração de uma fonte governamental do Equador, o *Estado* teve de indicar a origem da informação referida, a emissora equatoriana.²³⁸ Tal uso é recorrente no *corpus* em análise.

Deslocadas do encerramento das matérias, tomado como um indicativo implícito de “assinatura” da informação, para o interior dos textos, as agências integram a rede informativa acessada pelo jornal brasileiro no processo de atribuir sentidos ao *acontecimento Angostura* e aos relatos que o atualizam. Nestes termos, há espaço para as agências regionais *Agencia de*

²³⁵ NETTO, Andrei. Para Ingrid, resgate não foi encenação do Exército. **Estado**, Caderno A, São Paulo, ano 129, n. 41899, p. A23, 5 jul. 2008.

²³⁶ FRANÇA afirma agora que Ingrid ‘não está tão mal’. **Estado**, Caderno A, São Paulo, ano 129, n. 41811, p. A15, 8 abr. 2008.

²³⁷ ‘VOLTEI de uma viagem à pré-história’. **Estado**, Caderno A, São Paulo, ano 129, n. 41897, p. A13, 3 jul. 2008.

²³⁸ “[...] disse Carvajal [Miguel Carvajal, vice-ministro da Defesa do Equador] à TV equatoriana Canal Uno”. In: MINISTÉRIO de Defesa do Equador descarta possibilidade de golpe. **Estado**, Caderno A, São Paulo, ano 129, n. 41814, p. A16, 11 abr. 2008.

Noticias Nueva Colombia (Anncol) e a *Agencia Bolivariana de Noticias* (ABN) figurarem como fonte. Não sem prejuízo, todavia, elas compõem o discurso do *Estado*. Isto por que, para além da informação que delas extrai, o jornal lhes atribui um vínculo com as Farc, como nos exemplos: “O segundo mau sinal das Farc veio por meio de uma mensagem enviada à agência de notícias *Anncol*, ligada à guerrilha”;²³⁹ “No texto do comunicado [das Farc], divulgado no site *Agência Bolivariana de Notícias*, a guerrilha reitera”.²⁴⁰

Às agências transnacionais o *Estado* confere um protagonismo no acesso a determinadas fontes e dados. No exemplo a seguir, que impulsionou novo “capítulo” na crise Colômbia-Ecuador, a *Associated Press* figura no interior e na conclusão do texto:

Um vídeo de uma hora de duração recuperado pela polícia colombiana parece *confirmar laços* entre as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc) e o presidente do Ecuador, Rafael Correa [...]. No vídeo, obtido pela agência de notícias *Associated Press*, Mono Jojoy afirma que documentos da guerrilha, apreendidos após a morte de Raúl Reyes em ofensiva militar da Colômbia em território equatoriano no ano passado, *revelaram os ‘segredos’ das Farc*. Entre esses segredos estaria a ‘assistência em dólares para a campanha de Correa e o encontro com alguns representantes’.²⁴¹

Em outro exemplo, o fechamento da matéria é compartilhado pela francesa AFP, a estadunidense AP e a espanhola EFE, enquanto apenas à primeira é atribuída a origem da informação apresentada no texto: “Segundo versões obtidas pela agência *France Presse* na zona fronteiriça”.²⁴² Em outros textos, as agências são situadas como intermediárias entre jornais e fontes – “fontes da inteligência colombiana citadas pela *Associated Press*”, “militares afirmaram à *Reuters*” ou “fontes do Ministério da Defesa da Colômbia ouvidas pela EFE” – e, em alguns casos, compartilham o lugar de “informadores” com os jornalistas do *Estado*. Como é possível constatar, este recurso é empregado ao conjunto de meios-fonte estrangeiros e nacionais que compõem a rede informativa do jornal na produção do *Caso Angostura*.

b) *El Tiempo*

No colombiano *El Tiempo* a produção do *acontecimento Angostura* assenta-se, de modo preferencial, em meios de comunicação equatorianos. A crise entre os dois países acaba por envolver, da mesma forma, o Jornalismo de um e outro que se vêm desafiados a

²³⁹ LAMEIRINHAS, Roberto. Farc recusam-se a libertar Ingrid sem que Bogotá solte guerrilheiros. **Estado**, Caderno A, São Paulo, ano 129, n. 41807, p. A16, 4 abr. 2008.

²⁴⁰ FARC acusam guerrilheiros de traição. **Estado**, Caderno A, São Paulo, ano 129, n. 41906, p. A18, 12 jul. 2008.

²⁴¹ FARC ajudaram campanha de Correa, indica vídeo. **Estado**, Caderno A, São Paulo, ano 130, n. 42277, p. A14, 18 jul. 2009.

²⁴² VENEZUELA: ferido não é líder das Farc. **Estado**, Caderno A, São Paulo, ano 129, n. 41784, p. A14, 12 mar. 2008.

acompanhar o acontecimento, bem como seu ingresso nos fluxos dos meios de comunicação que o recolhem. Deste modo, basicamente por um Jornalismo de declarações, as manifestações que se originam de ambos os lados da fronteira passam a compor o acontecimento e leva a imprensa dos dois países a se orientar pelo que é dito e como é dito por seus pares. Percebe-se, deste modo, o Jornalismo como parte do conflito, porque nele se envolve ao replicar aquilo que é produzido em outros espaços informativos. Essa abordagem será aprofundada no próximo capítulo.

Em *El Tiempo* verifica-se a presença de 32 meios de comunicação, entre jornais, revistas, rádios e canais de TV, além de seis agências, transnacionais e regionais, que juntos respondem por 81 ocorrências em que a origem da informação é atribuída a outro *media*. Destas, a maior parte origina-se pelo ingresso de veículos de comunicação latino-americanos na rede informativa de *El Tiempo*, com destaque para equatorianos (28 ocorrências) e colombianos (18 ocorrências).

El Comercio, *El Universo*, *Expreso*, *Hoy*, *La Hora* e *El Telégrafo*, estatal, são os jornais equatorianos trazidos por *El Comercio* em seu movimento em direção aos fluxos do acontecimento. Destes, a presença de *El Comercio* é a mais expressiva, não apenas porque se ocupa dos modos como este produz o *Angostura*, mas também porque reverbera as críticas que faz ao governo do equatoriano Rafael Correa e as que dele recebe do por sua cobertura, como, nos exemplos, “como explica el articulista y subdirector del diario *El Comercio*, Marco Arauz Ortega, ‘el Gobierno se dio cuenta un poco tarde de que las acusaciones externas sobre la supuesta vinculación con las Farc iban a crecer y que el apoyo interno unánime por la violación a la soberanía no le serviría de mucho para afrontar la segunda parte de la crisis’”²⁴³ e “El director de la Aldhu, Juan de Dios Parra, quien asumió la defensa pública de las tres sobrevivientes del campamento de las Farc donde murió 'Reyes' (dos colombianas y una mexicana), habría acusado al diario *El Comercio* de Quito de ser ‘el brazo ejecutor de una conspiración’”.²⁴⁴

Pelo fato de ambos integrarem o GDA, *El Tiempo* reproduz conteúdos de *El Comercio* a exemplo da entrevista realizada com o presidente Rafael Correa citada na íntegra pelo jornal colombiano. Sob o título “‘No es delito ser amigo de las Farc’: afirma Rafael Correa, presidente de

²⁴³ SAMANIEGO, Maggy Ayala. Farc incomodan a Correa. **El Comercio**, Domingo a Domingo, Quito, 30 mar. 2008. Disponível em: <<http://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-2879255>>.

²⁴⁴ SAMANIEGO, Maggy. Presidente ecuatoriano le pide a Chauvín aclarar lo de sus reuniones con 'Raúl Reyes'. **El Comercio**, Política, Quito, 7 fev. 2009. Disponível em: <<http://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-3306570>>.

Ecuador”,²⁴⁵ esclarece que “Las afirmaciones las hizo en una entrevista con el diario *El Comercio* de Ecuador, cuyo texto reproduce *El Tiempo*” e traz como assinatura o nome do jornalista e do jornal de origem.

Três jornais brasileiros de referência ingressam na cobertura de *El Tiempo*, com uma ocorrência cada. São eles: *O Estado de S. Paulo*, *Folha de S. Paulo* e *O Globo*, este integrante do GDA. O primeiro traz declaração do ministro da Defesa colombiano Juan Manuel Santos acerca dos documentos entregues ao Brasil que tratam dos nexos deste com as Farc, ““Existe una serie de informaciones sobre conexiones, que entregamos al gobierno brasileño, para que reaccione como lo considere más adecuado”, dijo Santos en declaraciones que reprodujo este domingo el diario ‘*O Estado de São Paulo*’”.²⁴⁶ A *Folha de S. Paulo* ingressa pelas reações do mandatário colombiano, que opta por não participar de reunião da Comunidade Andina de Nações (CAN), frente a entrevista realizada com o presidente equatoriano Rafael Correa pelo jornal brasileiro. *El Tiempo* afirma que “el malestar del presidente colombiano se originó por una entrevista que Correa concedió al diario brasileño *Folha de São Paulo* y que fue publicada el pasado jueves”.²⁴⁷ O jornal colombiano não traz a retificação da *Folha* pelo erro cometido na entrevista, origem do “mal-estar” diplomático.

O jornal *O Globo* aparece quando do anúncio de que a Colômbia cederia sete bases militares para os Estados Unidos. A partir deste jornal brasileiro, o diário colombiano traz as reações da diplomacia brasileira frente a isso: “‘Acuerdo con E.U. es materia exclusiva de Colombia’, señala canciller de Brasil Celso Amorim”²⁴⁸ e “El diario *O Globo* de Brasil reseñó que Amorim admitió que su país quiere garantías de Colombia y de los Estados Unidos de que el acuerdo de cooperación militar ‘se restrinja a territorio colombiano’ y ‘con propósito de combatir el narcotráfico’”.

Ingressam em *El Tiempo* as revistas colombianas *Cambio*, pertencente à *Casa Editorial El Tiempo*, e *Semana*, concorrente direta da primeira, além da inglesa *Jane’s*. À *Cambio* o jornal atribui o protagonismo no acesso a informações que repercutem diretamente na crise provocada pelo *acontecimento Angostura*, como nos exemplos:

²⁴⁵ TORRES, Arturo. ‘No es delito ser amigo de las Farc’: afirma Rafael Correa, presidente de Ecuador. **El Tiempo**, Política, Bogotá, 9 mar. 2009. Disponível em: <<http://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-3351676>>.

²⁴⁶ COLOMBIA entregó a Brasil datos reservados sobre contactos de las Farc en ese país. **El Tiempo**, Política, Bogotá, 28 jul. 2008. Disponível em: <<http://www.eltiempo.com/archivo/documento/CMS-4399816>>.

²⁴⁷ URIBE no irá a cumbre de CAN en Ecuador en protesta por nuevas críticas de Correa. **El Tiempo**, Política, Bogotá, 4 out. 2008. Disponível em: <<http://www.eltiempo.com/archivo/documento/CMS-4583127>>.

²⁴⁸ ‘ACUERDO con E.U. es materia exclusiva de Colombia’, señala canciller de Brasil Celso Amorim. **El Tiempo**, Política, Bogotá, 7 ago. 2009. Disponível em: <<http://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-3560055>>.

- Nexos entre as Farc e o governo brasileiro: “En su edición de esta semana, *Cambio* señaló que correos del PC del extinto alias ‘Raúl Reyes’ revelaban nexos con hasta cinco ministros brasileños”²⁴⁹ e “La revista colombiana *Cambio* publicó un informe supuestamente basado en 85 mensajes de correo electrónico encontrados en las computadoras de Reyes y que supuestamente indican relación con altos funcionarios brasileños”.²⁵⁰

a) reações desde o Brasil: “El secretario de Asuntos Internacionales, Marco Aurelio García, por su parte, dijo desde Paraguay, donde está en misión oficial, que ‘hubo un cierto intento de aproximación’ de las Farc con el gobierno brasileño, pero dijo que ‘fue rechazado’”.²⁵¹

b) reações desde o Equador: “Descubrieron, de todas esas miles y miles y miles de hojas justamente donde se decía algo sobre una supuesta relación que había de Ecuador, creo que eran 15 o 16 hojas, y ahora resulta que hay como 80 páginas de otro tipo (en referencia a Brasil) y esas no las sacaron” a luz antes, agregó [ministro da Política ecuatoriano, Ricardo Patiño]”.²⁵²

- Suposta ajuda das Farc à campanha de Rafael Correa: “Apartes de ese documento habían sido revelados por la Revista *Cambio* hace algunas semanas. Y ‘Marulanda’, por voz de ‘Jojoy’, reconoce que ‘los secretos de las Farc se han perdido totalmente en la incautación de los computadores del camarada ‘Raúl’”.²⁵³

- Bases dos Estados Unidos na Colômbia: “Ayer [...] confirmaron que hay un entendimiento para que naves y personal militar y de agencias antidrogas norteamericanos estén en las bases de Palanquero (Cundinamarca), Apiay (Meta) y Malambo (Atlántico). Las tres habían sido mencionadas en un informe de la Revista *Cambio*, hace dos semanas”.²⁵⁴

O jornal *El Tiempo* em alguns momentos da cobertura dedica-se a mostrar como certas informações transitam entre os meios, no sentido de que o jornal “x” reproduz o “y” que retirou a informação de “z”. A seguir um exemplo desta circulação no nível da produção, em que a informação passa da revista *Jane’s* à revista *Semana* e, finalmente, ao *El Tiempo*:

En una reciente edición, la revista londinense ‘Jane’s’ publicó que el Ejército colombiano incautó a las Farc a principios de este año una serie de lanzacohetes

²⁴⁹ BRASIL niega nexos con las Farc revelados por la Revista *Cambio* en una investigación. **El Tiempo**, Política, Bogotá, 31 jul. 2008. Disponível em: <<http://www.eltiempo.com/archivo/documento/CMS-4421171>>.

²⁵⁰ ECUADOR asegura que Colombia “no ha usado éticamente” información de los computadores de ‘Reyes’. **El Tiempo**, Política, Bogotá, 8 ago. 2008. Disponível em: <<http://www.eltiempo.com/archivo/documento/CMS-4433434>>.

²⁵¹ Idem 246.

²⁵² Idem 247.

²⁵³ VIDEO de ‘Jojoy’ reavivó el tema sobre la supuesta ayuda de las Farc a la campaña de Rafael Correa. **El Tiempo**, Justiça, Bogotá, 18 jul. 2009. Disponível em: <<http://www.eltiempo.com/archivo/documento/CMS-5644808>>.

²⁵⁴ URIBE defendió conveniencia de acuerdo de uso de bases colombianas por Estados Unidos. **El Tiempo**, Justiça, Bogotá, 15 jul. 2009. Disponível em: <<http://www.eltiempo.com/archivo/documento/CMS-5640970>>.

tipo AT4 (antitanques). Según la publicación, estos son similares a los que un fabricante sueco le habría vendido años atrás al Ejército de Venezuela. La noticia fue retomada por la revista '*Semana*', que señaló que dichas armas sí habrían terminado en manos de las Farc. Aunque '*Jane's*' no dice cómo llegaron esas armas a manos de la guerrilla, señala que el grupo armado trabaja desde hace varios años en una estrategia para tratar de buscar un armamento moderno y potente.²⁵⁵

Neste segundo exemplo, *El Tiempo* cita a *agências*, no plural, que trazem a resposta do presidente Uribe à declaração de seu par equatoriano dada a um terceiro veículo, o canal venezuelano VTV:

'Que ni lo sueñen', fue la afirmación del presidente Uribe al responder a la propuesta de su colega ecuatoriano, Rafael Correa, quien en una entrevista con el canal venezolano VTV habría sugerido el reconocimiento del dicho estatus al grupo guerrillero de las Farc, según despachos de las agencias de prensa.²⁵⁶

Das emissoras de rádio e televisão o jornal *El Tiempo* utiliza-se dos dizeres das fontes entrevistadas por elas, citadas entre aspas, na maioria das vezes. Ingressam no diário as rádios colombianas *Caracol*, *La W* e *RCN*; as equatorianas *Ecuadorinmediato*, *Sonorama* e *Quito*, além da rádio *Nicarágua*, da Nicarágua. Também as TVs *Ecuavisa*, *TC Televisión* e *Teleamazonas*, do Equador, e a multiestatal *Telesur*.

Além das agências transnacionais aparecem as regionais *Agencia Nueva Colombia* (Anncol) e *Agencia Bolivariana de Noticias* (ABN), por onde chegam informações relacionadas às Farc como, por exemplo, "Así lo dio a conocer el grupo guerrillero mediante un comunicado revelado por Anncol, agencia que reproduce información de esta guerrilla, en el que también aseguran que fue manipulado el video en el que aparece el 'Mono Jojoy' y dice que hubo aportes del grupo subversivo para la campaña de Correa".²⁵⁷

c) *El Comercio*

Da mesma forma como no jornal brasileiro *O Estado de S. Paulo*, é sobre a produção da imprensa colombiana que se voltará a atenção do equatoriano *El Comercio*. Em 57 dos 138 recortes textuais aparecem meios de comunicação colombianos e entre eles estão quatro jornais, três emissoras de rádio, duas revistas e um canal de televisão. Também meios equatorianos estão presentes no diário *El Comercio*. São 21 citações que inserem dois jornais,

²⁵⁵ QUEJAS diplomáticas a los países donde la guerrilla habría adquirido lanzacohetes envió el Gobierno. **El Tiempo**, Justiça, Bogotá, 27 jul. 2009. Disponível em: <<http://www.eltiempo.com/archivo/documento/CMS-5704790>>.

²⁵⁶ COLOMBIA envía el octavo reclamo a Rafael Correa. **El Tiempo**, Política, Bogotá, 25 abr. 2008. Disponível em: <<http://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-2911495>>.

²⁵⁷ FARC aseguran 'tajantemente' que no le dieron plata a Correa. **El Tiempo**, Política, Bogotá, 29 jul. 2009. Disponível em: <<http://www.eltiempo.com/archivo/documento/CMS-5721148>>.

quatro rádios e quatro TVs em seu próprio fluxo de cobertura. Os jornais equatorianos citados são *El Universo* e *La Hora*, de circulação nacional.

Como o *Caso Angostura* envolve, prioritariamente, a Colômbia e o Equador, *El Comercio* movimenta-se entre a cobertura de meios colombianos e de seu próprio país como forma de acessar os fluxos do acontecimento, por um lado, e em que termos o *Angostura* é apresentado, por outro. Das 25 citações de jornais colombianos, 18 referem-se ao *El Tiempo*. Ao acessá-lo, *El Comercio* aproxima-se de informações importantes à compreensão do *Caso Angostura*, como também de declarações de fontes governamentais sobre o conflito. Acontecimentos que se impõem a partir do *Angostura* são tratados, muitas vezes, partindo-se dos textos do diário colombiano, como nos exemplos apresentados a seguir:

- Confirmação da morte do equatoriano Franklin Aisalia, no ataque a Angostura, em 1º de março de 2008: “la próxima semana, los familiares de Franklin Aisalia se trasladarán a Bogotá. Según un reporte publicado ayer por diario *El Tiempo*, llevarán las huellas dactilares y muestras de ADN de Aisalia para confrontarlas con la información de autoridades colombianas”.²⁵⁸

- Resultados da investigação da Interpol quanto à veracidade dos computadores de Raúl Reyes: “El domingo anterior, el diario bogotano *El Tiempo* reveló algunos puntos del informe forense. Según la publicación, en los resultados del análisis se establece que no hubo ninguna clase de manipulación a las computadoras”.²⁵⁹

- Nexos entre equatorianos e as Farc: “Ayer, el periódico *El Tiempo* de Colombia, informó que en tres correos electrónicos, que presuntamente estaban en una computadora de Reyes, aparece el nombre de Ostaiza [Jefferson Ostaiza, equatoriano, sospeito de liderar uma rede de narcotráfico], como contacto”.²⁶⁰

Outro momento da cobertura de *El Tiempo* que mereceu atenção do equatoriano *El Comercio*, foi o engano cometido ao acusar o ministro da Segurança equatoriano, Gustavo Larrea, de ser a pessoa que aparecia junto de Raúl Reyes em uma foto. A incorreção cometida pelo diário colombiano teve repercussão direta na crise ainda em seus momentos iniciais, em março de 2008. Definido pelas autoridades do Equador como “campanha midiática” contra seu governo, *El Tiempo* ingressará, por isso, em alguns textos do seu par equatoriano, quer

²⁵⁸ LAS FRICCIONES entre Ecuador y Colombia se complican más. **El Comercio**, Política, Quito, 23 mar. 2008. Disponível em: <http://www2.elcomercio.com/noticiaEC.asp?id_noticia=179263&id_seccion=3>.

²⁵⁹ INTERPOL revelará el resultado de su investigación el jueves. **El Comercio**, Justiça, Quito, 10 maio 2008. Disponível em: <http://elcomercio.com/noticias/Interpol-revelara-resultado-investigacion-jueves_0_165587185.html>.

²⁶⁰ OSTAIZA y Reyes tendrían nexos desde 2001. **El Comercio**, Justiça, Quito, 16 fev. 2009. Disponível em: <http://elcomercio.com/noticias/Ostaiza-Reyes-nexos_0_7200443.html>.

por declarações oriundas no sistema político, quer por análises que o Jornalismo fará do próprio Jornalismo (ver itens 5.2 e 5.3).

Além de *El Tiempo* também são citados dois diários regionais colombianos, *El País*, do departamento de Valle del Cauca, sudoeste do país, e *Diario del Sur*, dos departamentos de Putumayo e Nariño, fronteira com o Equador, integrante do grupo *El Periódico*, de Bogotá, e o jornal de referência *El Espectador*. As declarações que o equatoriano *El Comercio* toma de empréstimo deste jornal (cinco no total) são, em sua maioria, informações neutras em relação à crise colombo-equatoriana.

Os jornais brasileiros *O Estado de S. Paulo* (uma citação) e *Folha de S. Paulo* (quatro ocorrências) ingressam no Jornalismo equatoriano quando a revista *Cambio*, colombiana, denuncia nexos entre as Farc e o Partido dos Trabalhadores brasileiro, a partir dos computadores de Raúl Reyes. *El Comercio* retira do *Estado* e da *Folha* declarações de envolvidos nas denúncias para compor o seu texto. Entre elas destacam-se: “Altos funcionarios de la Presidencia brasileña negaron a la prensa cualquier relación con la guerrilla de las Farc, aunque el jefe de Gabinete, Gilberto Carvalho, reconoció una mediación ‘humanitaria’ para mejorar la condición en la cárcel del llamado ‘cura Camilo’”,²⁶¹ “dijo Gilberto Carvalho al diario *O Estado, de San Paulo*” e ““No tenemos absolutamente nada que ver con las Farc”, aseguró enfáticamente al diario *Folha*, de San Paulo, desde Paraguay el principal asesor internacional del presidente Luiz Inacio Lula da Silva, Marco Aurelio García. ‘*El Tiempo* demostrará que eso es un gran montaje’, añadió. Los asesores de Lula respondieron así a la publicación de la revista colombiana *Cambio*”.

A reportagem de *Cambio* “El dossier brasileño”²⁶² havia ingressado em *El Comercio* no dia anterior quando foi apresentada da seguinte forma: “allí se asegura que, según los correos de los ordenadores de Reyes, los tentáculos de las Farc llegaron a personajes influyentes del oficialista Partido de los Trabajadores”. O diário equatoriano valora o modo como o governo colombiano informou as autoridades brasileiras dos supostos nexos com as Farc ao afirmar que “El presidente colombiano, Álvaro Uribe, decidió ser muy prudente en el manejo de la información”.

A *Folha de S. Paulo* retorna ao jornal *El Comercio* em outubro de 2008 por um erro que comete ao traduzir entrevista realizada com o mandatário equatoriano Rafael Correa, durante sua visita a Manaus. A falha do jornal acaba refletindo na crise colombo-equatoriana e, por isso, será abordada no próximo capítulo.

²⁶¹ EL GOBIERNO de Lula niega vínculos con las FARC. **El Comercio**, Mundo, Quito, 3 ago. 2008. Disponível em: <http://elcomercio.com/noticias/gobierno-Lula-niega-vinculos-FARC_0_167386394.html>.

²⁶² ROJAS, Carlos. FARC: Uribe sí fue cauto con Brasil. **El Comercio**, Política, Quito, 2 ago. 2008. Disponível em: <http://elcomercio.com/noticias/FARC-Uribe-cauto-Brasil_0_167385547.html>.

Ingressam, ainda, na rede informativa de *El Comercio*, com menos frequência, o argentino *Página 12* (quatro ocorrências); os peruanos *El Comercio* e *El Universal* (duas referências cada); os argentinos *El Clarín* e *La Nación*, o espanhol *El País*, os norte-americanos *The Wall Street Journal* e *The New York Times*, o francês *Le Monde* e o também peruano *La República* (uma ocorrência cada). Porque críticos ao governo do equatoriano Rafael Correa, os jornais *El País* e *The Wall Street Journal* ingressam em *El Comercio*, sendo trazidos em outros momentos pelas reações do governo do Equador diante disso.

As revistas *Cambio* e *Semana*, ambas colombianas, a primeira integrante da *Casa Editorial El Tiempo*, são as únicas que aparecem no jornal *El Comercio*. Registra-se a ausência da revista equatoriana *Vistazo*. Enquanto os outros meios – jornais, rádios e TVs – ingressam em *El Comercio* pela necessidade deste em acessar declarações de fontes as mais diversas, as revistas entram também por seu protagonismo em trazer novas informações que se ligam ao *acontecimento Angostura*, como no exemplo trazido anteriormente da *Cambio* sobre as ligações das Farc com o Brasil ou o anúncio da morte do líder máximo das Farc, Manuel Marulanda ou “Tirofijo” feito pela revista *Semana*.²⁶³

Quanto aos canais de televisão, a multiestatal *Telesur* e a equatoriana *Teleamazonas* são citadas quatro vezes, seguidas das também equatorianas *Ecuavisa*, três vezes, *Gama TV* (antiga *Gamavisión*), duas, e *Telecentro*, uma ocorrência. O canal colombiano *Radio Cadena Nacional – RCN Televisión* (duas ocorrências), a venezuelana *Venezolana de Televisión* e a mexicana *TV Azteca* (duas cada) são as outras TVs mencionadas no jornal do Equador. Há ainda dois registros que assinalam, de modo genérico, televisões espanholas. Das emissoras de rádio citadas como fonte em *El Comercio* estão as equatorianas *Sonorama* (quatro ocorrências), *Ecuaradio* (duas), *Atalaya* e *Democracia* (uma citação cada); as colombianas *Radio Cadena Nacional – RCN* (nove citações), *Radio Bogotá* (sete) e *La FM* (uma), e a peruana *Programas – RPP* (uma ocorrência).

As agências de notícias que ingressam em *El Comercio*, como no jornal brasileiro e no colombiano, podem ser separadas em dois grupos: as transnacionais e as regionais. Entre as primeiras estão as estadunidenses AFP e AP (cinco e sete recorrências, respectivamente), a espanhola EFE (seis), a italiana Ansa (uma) e a alemã DPA (uma). No segundo grupo encontram-se as agências Anncol e ABN, com quatro e duas citações, respectivamente. O jornal desloca as agências para o interior dos textos quando utiliza as declarações das fontes

²⁶³ MANUEL Marulanda, alias ‘Tirofijo’, habría muerto de un paro cardíaco. **El Comercio**, Mundo, Quito, 25 maio. 2008. Disponível em: <http://elcomercio.com/noticias/Manuel-Marulanda-Tirofijo-muerto-cardiaco_0_165587443.html>.

apresentadas nos despachos, nem sempre acessíveis ao jornal, por sua localização, por seu anonimato ou por seu sigilo (*off the Record*). Nestes casos, indica o percurso da informação, ou seja, declaração dada pela fonte “x” à agência “y” no lugar “z”, como “En México, según la agencia AP, Uribe dijo que [...]”²⁶⁴ ou “Un despacho de la agencia AFP, que citó a una fuente reservada, señaló que”.²⁶⁵

Em outros momentos o jornal utiliza-se de informações que poderia obter diretamente, como em ““Es por el derecho a la justicia de todos, a la libertad de todos y de todas y, en particular, de los latinoamericanos, que levantamos y seguimos levantando nuestra enérgica voz de condena”, dijo en su carta Correa, según la agencia EFE”.²⁶⁶ Outro uso das agências no interior dos textos ocorre quando estas são protagonistas por seus recursos produtivos. São exemplo os seguintes recortes textuais: “Ayer, varios medios de comunicación e incluso el portal *YouTube* difundieron un video obtenido por la agencia *Associated Press* (AP), que muestra al número dos de las Farc, Jorge Briceño, alias ‘Mono Jojoy’, hablando frente a un grupo de guerrilleros, mientras descansan en la selva”²⁶⁷ e “En Bogotá no se emitió el video completo, que según la agencia AP dura cerca de una hora. Su director, Frank Bajak, evitó dar detalles a este Diario sobre cómo llegó a sus oficinas”.²⁶⁸

Além de trazer informações, as agências ingressam no jornal equatoriano por aquilo que expressam, pelas avaliações que emitem, como nos exemplos “En efecto, el conflicto entre Quito y Bogotá por la violación de la soberanía ecuatoriana entrará hoy en una nueva fase, como dijo ayer la agencia AFP a propósito del anuncio hecho por el presidente Rafael Correa”,²⁶⁹ e “Sin embargo, la agencia Reuters asegura que la cita de ayer sí permitió a los dos países explorar opciones de acercamiento que podrían poner fin a los roces que han sufrido desde el año pasado”.²⁷⁰

O jornal equatoriano *El Comercio* sempre que utiliza alguma informação que tem como origem as agências *Nueva Colombia* ou *Bolivariana* as associa às Farc, como, nos seguintes recortes textuais: “El anuncio, difundido a través de la agencia *Anncol* en Internet que

²⁶⁴ INSULZA llega a Bogotá y a Quito para mediar en la crisis bilateral. **El Comercio**, Política, Quito, 14 abr. 2008. Disponível em: http://elcomercio.com/politica/Insulza-Bogota-Quito-crisis-bilateral_0_164986344.html>.

²⁶⁵ COLOMBIA fue el eje de la cita en Manta. **El Comercio**, Política, Quito, 16 jul. 2008. Disponível em: http://elcomercio.com/noticias/Colombia-eje-cita-Manta_0_166784238.html>.

²⁶⁶ LA MISIÓN de la OEA tiene su reserva. **El Comercio**, Política, Quito, 10 abr. 2008. Disponível em: http://elcomercio.com/noticias/mision-OEA-reserva_0_164985611.html>.

²⁶⁷ ‘JOJOY’ habla de supuesto aporte a Correa. **El Comercio**, Política, Quito, 18 jul. 2009. Disponível em: http://elcomercio.com/noticias/Jojoy-habla-supuesto-aporte-Correa_0_81592048.html>.

²⁶⁸ EN BOGOTÁ no hubo reacción. **El Comercio**, Política, Quito, 18 jul. 2009. Disponível em: http://elcomercio.com/noticias/Bogota-reaccion_0_81592031.html>.

²⁶⁹ LA DEMANDA en La Haya, en carpeta. **El Comercio**, Política, Quito, 31 mar. 2008. Disponível em: http://www2.elcomercio.com/noticiaEC.asp?id_noticia=181168&id_seccion=3>.

²⁷⁰ UNA PRIMERA cita fraterna en Lima. **El Comercio**, Política, Quito, 20 ago. 2009. Disponível em: http://www.elcomercio.com/noticiaEC.asp?id_noticia=298834&id_seccion=3>.

divulga información de esa guerrilla, fue la respuesta de las Farc a [...]”,²⁷¹ “*Anncol*, una cadena de noticias cercana a las Farc, asegura que el video de Jorge Briceño, ‘Mono Jojoy’, es un montaje”²⁷² e “En una carta publicada en la *Agencia Bolivariana de Prensa*, afin a esta guerrilla, afirma”.²⁷³

* * *

Ao mesmo tempo que os acontecimentos do mundo vivido se impõem ao Jornalismo, por meio e a partir de seus fluxos, este se movimenta em direção aos acontecimentos, em idas e vindas, que não cessam de se atualizar enquanto dura o campo de possíveis do primeiro e o interesse do segundo em observá-lo, acolhê-lo e interpretá-lo. Ao movimentarem-se pelo “mundo diante de si”, os meios de comunicação acionam suas redes discursivas e as ajustam conforme as necessidades de deslocamento pelos espaços físicos. Percebida como um conjunto de operações de identificação das coisas do mundo, as redes discursivas abarcam, também, movimentos no interior do sistema produtivo, porque permitem deslocar-se do Jornalismo ao Jornalismo como forma de observar e, inclusive, recortar modos de “dizer” os acontecimentos.

As operações que lhe possibilitam “ir” ao mundo para acessar as ocorrências podem ser apreendidas na superfície discursiva. Ao compor os mapas de cada dia dos noticiários, o Jornalismo inscreve ali, mesmo que não explicitamente no sentido de contar seus modos de fazer, os fluxos no espaço. De certo modo, é a interiorização dos espaços do vivido nos espaços do jornal que faz com que os lugares ganhem significado enquanto conjunto indissociável de coisas e relações, em movimento. Os espaços, do mundo ou do próprio sistema, percorridos pelo Jornalismo não tem valor por si mesmo; eles significam por aquilo que acrescentam às narrativas dos acontecimentos.

A observação dos movimentos dos jornais *O Estado de S. Paulo*, *El Tiempo* e *El Comercio* pelos lugares físicos, concretos, do mundo, em direção ao acontecimento, possibilitou compor mapas de fluxos. Estes, por sua vez, permitem visualizar em que medida o acontecimento desestabiliza a organização dos jornais, previamente definida e pré-demarcada a partir dos limites de certas territorialidades, levando-os a percorrer outros espaços. A força do *acontecimento Angostura* reside também aí, ou seja, pelos modos como

²⁷¹ LAS FARC quieren liberar 6 rehenes sin la venia de Uribe. **El Comercio**, Mundo, Quito, 22 dez. 2008. Disponível em: <http://elcomercio.com/noticias/FARC-quieren-liberar-rehenes-Uribe_0_169783952.html>.

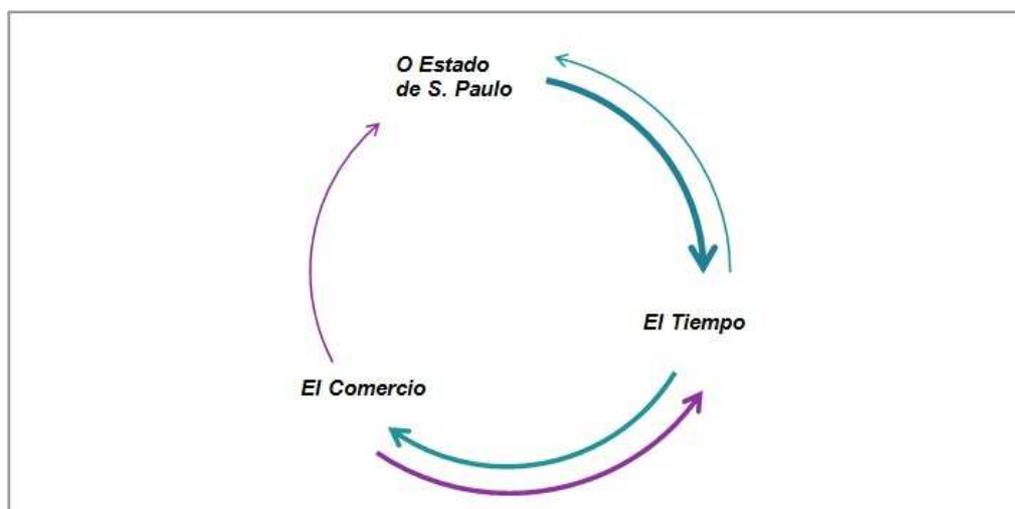
²⁷² EL FISCAL de Colombia se pronuncia. **El Comercio**, Justiça, Quito, 23 jul 2009. Disponível em: <http://elcomercio.com/noticias/Fiscal-Colombia-pronuncia_0_84591748.html>.

²⁷³ URIBE no llegó a Nariño para cita de seguridad. **El Comercio**, Justiça, Quito, 1 abr. 2008. Disponível em: <http://elcomercio.com/noticias/Uribe-llego-Narino-cita-seguridad_0_1649878644.html>.

“tira” o Jornalismo de seu espaço, levando-o pelo mundo para alcançar os fluxos que se interpõem e solicitam ser discursivamente ordenados.

A análise dos movimentos no âmbito da produção, do Jornalismo ao Jornalismo, evidenciou que esta não visa apenas a acessar o acontecimento, porque tanto os meios que estão próximos, como *El Tiempo* e *El Comercio*, como o que está distante utilizam-se desta operação. Ir ao Jornalismo, no contexto do *Caso Angostura*, significa observar como este vinha sendo acolhido, interpretado, construído pelos outros meios. A ilustração, a seguir, indica a circulação no âmbito da produção entre os jornais analisados e, neste sentido, a espessura das setas é indicativa do maior ou menor número de informações “tomadas de empréstimo”. *El Comercio*, como referido anteriormente, não figura entre os meios-fonte do brasileiro *O Estado de S. Paulo*, ao contrário de *El Tiempo*, o veículo mais vezes indicado como fonte. O fluxo também é intenso entre os jornais equatoriano e colombiano.

Ilustração 8: Circulação na esfera da produção do *Angostura*



Fonte: elaborado pela autora

Revela-se, assim, um Jornalismo que envolve e é envolvido pela conflitividade do acontecimento, que se coloca como mais um ponto a ser observado. Pela análise realizada, verifica-se que o emprego de meios-fonte implica pontos díspares, logo conflitantes.

Primeiro: Cabe a cada meio conhecer os lugares, organizações e tópicos específicos sobre os quais estende sua cobertura. “O conhecimento do país faz as fontes serem mais diversas e plurais e, portanto, a visão do conflito pode ser mais contrastada” (Castel, 2007, p. 51 [tradução minha]).²⁷⁴ Ao informar, o jornalista leva em conta os objetivos e os interesses

²⁷⁴ “El coneixement del país fa que les fonts siguin més diverses i plurals, é per tant, la visió del conflicte pot ser més contrastada” (Castel, 2007, p. 51).

do meio no qual trabalha e as ligações deste com a ambiência social da qual faz parte. Logo, os sentidos aferidos a um acontecimento são marcados por estas relações e ao deslocá-los de um meio para outro, desloca-se também interesses organizacionais e visões de mundo.

Segundo: Na produção da atualidade jornalística, a ausência do jornalista – que não está em todos os lugares – é subsumida pela presença da fonte e, por uma condição do campo, a ausência torna-se presença. A relação entre jornalistas e fontes, no entanto, é complexa pelo fato de que há sentidos em disputa. E também, os jornais concedem mais protagonismo a determinados fornecedores de informação do que a outros e não dão voz, quase nunca, a alguns. Logo, os fatos noticiáveis acabam formulados desde a perspectiva destes conflitos, o da disputa por sentidos e o que autoriza uns, e não outros, a falar. Assim, o emprego de meios-fonte traz, no seu interior, relações conflituosas anteriormente processadas, da ordem da formulação de cada jornal, de cada emissora de rádio ou televisão.

Terceiro: Cada meio formula discursivamente sua atualidade a partir de seu mapa de interesses. A escolha de meios-fonte traz, por vezes de forma inseparável, posições, relações e interesses “insinuados” pelos meios e responsáveis pela recolha de determinados acontecimentos e sob certos enfoques, em negação a outros fatos e leituras possíveis. Logo, os relatos de cada meio são marcados por processualidades que lhe são próprias e o uso desses relatos por outros insinua que as operações estão voltadas para o interior dos próprios sistemas, como uma espécie de circulação no nível da produção. Talvez o emprego de formulações originadas em outro meio ocorra porque, tacitamente, há entre eles um trato de reciprocidade, seja dos interesses ou lógicas editoriais, seja dos relatos, seja de escolha dos acontecimentos, ou ainda de significação dos fatos. Ou, ainda, uns citam aos outros como partes de uma imprensa de referência internacional e como compartilhadores de crenças e ideias.

Quarto: Por fim, o emprego de meios-fonte pode ser pensado pela redução ou supressão da possibilidade de produzir novas informações ou fornecer contornos diferentes aos acontecimentos, visto que o círculo que pode vir a ser formado dificultará a renovação dos ângulos de abordagem. Isso se dá na contramão de um possível alargamento de sentidos que deriva do par jornalista-fonte – apresentado por um nome próprio ou da instituição a que pertence ou pelo anonimato.

As abordagens aqui desenvolvidas solicitam um último movimento analítico, observar a produção do acontecimento pela conflitividade que o acompanha. O próximo capítulo volta-se para os conflitos reconhecidos e acionados pelo Jornalismo de *O Estado de S. Paulo*, *El Comercio* e *El Tiempo*, pelos “provocados” por ele e, ainda, por aqueles que os envolvem.

A produção do acontecimento

5. Do conflito

No mundo em permanente construção, os conflitos²⁷⁵ ocupam uma posição central na luta pela posse do presente. É dos conflitos, dos confrontos da vida real, que o Jornalismo se nutre. Por outro lado, o Jornalismo constitui-se não apenas como lugar de acolhimento destes conflitos, mas como linguagem e dispositivo para os confrontos discursivos deste tempo. “Sem conflito não há notícia. Mas o inverso resulta igualmente em sentença verdadeira: sem notícia não há conflito” (Chaparro, 2001, p. 144). Ao tratar do acentuado valor conflitual daquilo que o Jornalismo recolhe – disputa, ataque, guerra, revolução, golpe, luta, protesto, greve, agressão, homicídio, vitória, derrota, acusação, defesa, etc. – Kientz (1973) argumenta que o conflito é o núcleo da notícia, é o seu traço dominante.

O Jornalismo é descrito como o lugar da existência discursiva dos conflitos inclusive pela Literatura. Baudelaire (s/d, p. 72) alerta que todo jornal é uma trama de horrores, de sinais da perversidade humana mais espantosa. Dostoiévski (1970, p. 707) indaga: “E que vemos nos jornais?”, para em seguida responder: “Oh! atrocidades, diante das quais o processo atual empalidece e parece quase sem importância. A maior parte de nossas causas criminais atesta uma espécie de perversidade geral, que entrou em nossos costumes e é difícil de combater como flagelo social”.

López Trigal e Benito del Pozo (1999, p. 65) avaliam “que no ha existido en ningún momento de la historia de la humanidad un mundo sin conflictos, bélicos o de cualquier otra naturaleza”. O princípio kantiano da “insociável sociabilidade” que, segundo o filósofo, caracteriza a natureza humana, poderia ser uma explicação. Ele permite compreender o homem como animal conflitivo:

O homem tem uma inclinação para associar-se porque se sente mais como homem num tal estado, pelo desenvolvimento de suas disposições naturais. Mas ele também tem uma forte tendência a separar-se (isolar-se), porque encontra em si ao mesmo tempo uma qualidade insociável que o leva a querer conduzir tudo simplesmente em seu proveito, esperando oposição de todos os lados, do mesmo modo que sabe que está inclinado a, de sua parte, fazer oposição aos outros (Kant, 1986, p. 14-15).

²⁷⁵ O termo conflito remete para práticas e abordagens teóricas distintas reunidas sob a mesma denominação. No pensamento social clássico estão Simmel (2010), e o conflito como forma de sociação, e Weber (1956), poder e autoridade; enquanto na sociologia contemporânea encontra-se Dahrendorf (1990), conflito na sociedade industrial, e Elias (1994), conflito e ação social. Na antropologia há desde antropólogos clássicos que estudavam sociedades indígenas ditas primitivas e criticavam a ideia de que seriam sociedades simples, sem Estado, de onde os conflitos estariam ausentes, como Clastres (2009); até antropólogos contemporâneos que entendem as culturas como dinâmicas e em recriação constante, o que não se faz sem conflitos, como Velho (1996).

O enunciado kantiano descortina a natureza antagônica dos homens: formar sociedades e dissolvê-las. Rey Morató (1988) retoma essa premissa ao propor que ela tem reflexo nos meios de comunicação e, conseqüentemente, na imagem do mundo, a partir dos âmbitos e atores privilegiados na informação. A atualidade, preocupação permanente do Jornalismo, coloca em evidência, segundo Rey Morató (1988), as relações entre os grupos humanos, ora pelas vias da colaboração, ora do conflito; a dupla disposição do homem kantiano, a da insociável sociabilidade manifesta-se também nas relações entre indivíduos. Chaparro (2001, p. 16) concorda com tal ponto de vista ao considerar que por ações, interações e reações dos indivíduos e grupos sociais “nenhuma transformação se materializa sem o conflito”.

Rey Morató (1988) inscreve o Jornalismo na antropologia social do conflito e afirma que os meios de comunicação deslocam sua atenção de uma área informativa a outra, por sua sempre renovada necessidade de notícias, a partir de categorias²⁷⁶ que predeterminam o noticiável, como o conflito. Refere-se, nesse sentido, a confrontações de qualquer natureza, o que, segundo sua avaliação, sempre supõe duas unidades de comportamento geralmente antagônicas, como o governo e a oposição, o patrão e o empregado.

Amparada nas *pratiques divisantes* de Foucault, Marocco (2004) identifica semelhante separação antagônica em sua análise dos jornais decimonônicos, ora a divisão dos sujeitos no interior de si mesmos (enfermo e sadio, criminoso e bom rapaz), ora a divisão dos sujeitos dos outros, ambas por meio de processo que o transforma em objeto. Sob a ressalva “mesmo que os modos de objetivação jornalística não correspondam a nenhum dos domínios (a loucura, a prisão) visitados diretamente por Foucault”, constata que “no lugar mesmo dos discursos que as práticas jornalísticas se ocupavam de dividir o indivíduo em relação a si mesmo na medida em que estabeleciam limites claros entre este e sua condição de sujeito do discurso” (Marocco, 2004, p. 20).

Os jornais, segundo Giró (1999), vão hierarquizar ao máximo entre seus temas os conflitos, especialmente os violentos, porque a violência parece conferir ao acontecimento um alto nível de “importância política” e de “interesse jornalístico”, como descreve Borrat (1989). O conflito é localizável também entre os valores-notícia de seleção e produção que conformam critérios de noticiabilidade (Galtung e Ruge, 1999; Wolf, 2003). Ele também orienta estudos contemporâneos que abordam teórica e analiticamente o papel dos meios de comunicação nos modernos conflitos e confrontos bélicos ou, em direção oposta, convergem

²⁷⁶ As categorias de Rey Morató (1988) podem ser compreendidas como critérios de noticiabilidade.

para uma cultura de paz (Arias Marín, 2002; Bernabé Fraguas, 2004; Bonilla Vélez, 2002; Contreras e Sierra, 2004; Espada, 2007; Galtung; 2006; Manuel Jarque, 2004; Rodrigo Alsina, 1991, 2004; Sanchez Ferlósio, 1982; Veres, 2004, 2006; Giró, 2003).

Os típicos acontecimentos atípicos, pela sua elevada conflitividade, são importantes aos espaços da cotidianidade, porque impactam no social e nas instituições. Porque afetam indivíduos e coletividades, no entanto, o Jornalismo deles se ocupa. Ao recolhê-los e interpretá-los, o Jornalismo acaba, muitas vezes, por configurar-se como parte do conflito de que estes acontecimentos são portadores. Como os acontecimentos não são apenas o que ocorre, mas, especialmente, como se tornam, e para “tornar-se” carecem de esclarecimentos que chegam por meio de fontes e declarações oficiais, o Jornalismo enreda-se nestes dizeres, conflitivos, sobretudo porque os típicos atípicos ligam-se aos sistemas políticos e às instituições públicas.

O acontecimento produzido pelo Jornalismo, de modo geral, aglutina os traços que permitem reconhecê-lo, ainda no social, como um típico acontecimento atípico: (1) a natureza violenta; (2) o impacto que gera no coletivo e o modo como intervém na legitimidade das instituições; (3) o fato de se conectar aos sistemas políticos; (4) os campos problemáticos que o suscita e os que ele gera, e (5) a relação conflituosa que estabelece com o território. A seu tempo ou a um só tempo, estes elementos são tratados pelo Jornalismo, que os acolhe ou abandona, que a eles retorna ou que os atualiza como forma de construir o acontecimento.

Percebe-se ao estudar a produção do *Caso Angostura* que o Jornalismo de *O Estado de S. Paulo* e, em maior medida, do colombiano *El Tiempo* e do equatoriano *El Comercio* é atravessado pela tensão deste acontecimento, político e social, nacional e internacional a um só tempo. Da mesma forma, vê-se diante de um conflito dependente do comportamento dos sujeitos diretamente envolvidos – por exemplo, Rafael Correa, Álvaro Uribe, Juan Manuel Santos, etc. – e dos antagonismos que isso provoca. A conflitividade está também na mudança, ora a morte do guerrilheiro Raúl Reyes, ora a invasão do território equatoriano, ora os nexos de governos latino-americanos com as Farc, e, por fim, na crise entre Estados-nação que, por sua vez, aciona cada uma destas partes, porque estas ensejam o excepcional, o desvio, a infração. Constata-se por meio das processualidades jornalísticas que, em algum momento, estas arestas se cruzam, conformando o *acontecimento Angostura*.

O Jornalismo é desafiado por esta complexa trama, que acaba por envolvê-lo em sua conflitividade. Ao examinar os processos de produção do *Angostura*, pelos fluxos do acontecimento e do Jornalismo, identificam-se três modos de aproximação entre o Jornalismo e o conflito: (1) pelos conflitos que o Jornalismo reconhece; (2) pelos conflitos que provoca, e

(3) pelos conflitos que o envolvem. Os primeiros estão conectados com os recortes que o Jornalismo faz no acontecimento, ao deter-se em questões de natureza violenta, nos usos do território, nos problemas públicos, etc. No ato de reconhecer alguns conflitos e não outros, ou fragmentos de um conflito, está contido o peso da ação jornalística, visto que é o Jornalismo que os reconhece e os recorta. O segundo refere-se aos conflitos que provoca a partir de suas escolhas e de seus modos de narrar o que é o acontecido, quer sejam interpretados como erros ou acertos na condução de tais processos. Aqui, detenho-me nas incorreções que comete no processo de cobertura, porque em menor número e mais facilmente reconhecíveis. Já o terceiro alude, especialmente, à relação entre o Jornalismo e os sistemas políticos enquanto lugares nos quais o acontecimento ingressa e é interpretado. Pelo fato de que o acontecimento envolve os governos do Equador e da Colômbia, os jornais *El Comercio* e *El Tiempo* acabam diretamente envolvidos e envoltos pelo conflito, por que *podem* e *dizem* a situação. Logo, permitem perceber o papel próprio ao Jornalismo, qual seja, o de construção das estruturas do conflito. Pode-se afirmar, a partir destes três eixos de análise, que o Jornalismo faz parte da circulação do conflito.

Importante destacar que, conjuntamente, os modos 2 e 3, *pelos conflitos que provoca* e *pelos conflitos que o envolvem*, ampliam a compreensão da expressão “a imprensa fala da própria imprensa”, retirada de Eco (2010), para além do fato de se constituir em fornecedora de falas a circular, trabalhadas anteriormente (item 4.2, *Ir ao Jornalismo em busca do mundo*). Neste ponto, a análise evidencia que a imprensa se torna objeto a ser comentado. Assim, o Jornalismo mostra processos, comenta produtos, trata da cultura jornalística, contesta resultados, apóia, critica, defende, etc.

No presente capítulo a análise orienta-se por estes modos de perceber a ligação entre o Jornalismo e o conflito a partir do conjunto de textos obtidos entre março de 2008 e agosto de 2009 nos jornais latino-americanos estudados. Nesta etapa, as reflexões construídas são apresentadas em conjunto e não separadas por jornal, como nos capítulos anteriores, uma vez que se trata dos conflitos reconhecidos pelo Jornalismo como parte do *Caso Angostura*.

5.1 Conflitos reconhecidos pelo Jornalismo

Dentre o conjunto de referentes existente nas confrontações que envolvem tanto os litígios internacionais quanto os intranacionais, o Jornalismo recolhe alguns deles para reassentá-los em seus espaços. Os conflitos não se explicam por um ou outro isoladamente, porque é justamente na conjunção destes elementos que reside o elevado grau de

conflituosidade de determinado acontecimento. O Jornalismo, apesar disso, se apropria de um ou outro aspecto com vistas a interpretar o que vai pelo mundo em um determinado momento histórico. Por estes recortes reconhece alguns dos conflitos do mundo vivido. Geralmente prioriza aqueles que envolvem questões de natureza violenta, impactam no social ou se aproximam dos sistemas políticos e que possam ser vinculados a outros, que os antecederam, como forma de atribuir-lhes sentidos. Verifica-se que aí estão inscritas algumas das características dos acontecimentos reconhecidos como típicos atípicos.

As unidades de comportamento de dada situação de conflito não são apenas antagônicas. Rey Morató (1988) identifica nos confrontos certa integração. Neste sentido, afirma não se tratar de “jogos de tudo ou nada”, mas de “jogos de interesses mesclados”, porque os atores envolvidos nos conflitos competem pela definição de sentidos. As jogadas colaboram com os jornalistas ao fornecerem referentes para os espaços informativos, ainda que sejam realizadas sob a pressão do tempo e diante de escassa informação²⁷⁷ – o *Caso Angostura* é exemplar na compreensão do impacto que estes fatores têm sobre a produção jornalística – e que se privilegiem determinadas fontes e não outras – o *Angostura* é produzido a partir de declarações de fontes oficiais colombianas e equatorianas.

No âmbito da produção discursiva em meio a processualidades que têm por função selecionar, organizar, atribuir e controlar os sentidos há combates discursivos que se desencadeiam interna e externamente. Estes combates discursivos (Foucault, 2006) se estabelecem em meio à ambiência *do que dizer e como dizer* e formam a complexa grade de dizeres possíveis, que não cessa de se atualizar. Os combates discursivos são uma das formas de disputa por poder, tanto do Jornalismo, internamente, quanto dos campos e atores sociais dos quais ele “recorta” dizeres e daqueles que querem participar, por seus sentidos, da construção do discurso jornalístico.

O discurso [...] não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é, também, aquilo que é o objeto do desejo; e visto que – isto a história não cessa de nos ensinar – o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar (Foucault, 2006, p. 10).

À inegável capacidade de suscitar comentários e provocar novos fatos (Gomis, 1991), própria ao *Angostura*, exploram-se aqui, no plano discursivo, os diferentes conflitos que o trabalho jornalístico reconhece e materializa. Com o aporte da noção de combates discursivos

²⁷⁷ Ao inscrever o Jornalismo no interior da antropologia social do conflito, Rey Morató (1988, p. 165) utiliza-se da trilogia “lutas, jogos e debates” para explicar os referentes de conflituosidade, recolhidos pelo Jornalismo. Nas “lutas” identifica a falta de controle sobre os movimentos, que podem gerar crises graves, como as guerras; nos “jogos” se encontram os confrontos diplomáticos, há racionalidade nos atores e aos movimentos instintivos se sucede o cálculo preciso dos meios-fins; nos “debates”, os atores adotam mudanças recíprocas, como nas negociações econômicas.

(Foucault, 2006), se considera que o acontecimento não é apenas causalidade anterior, mas potencialidade de produção do social. A análise desses discursos busca complexificar as relações entre os níveis do conflito: da vida social que ao emergir impõe-se para o Jornalismo e deste ao recolocar o conflito para o social.

O *Caso Angostura* é um capítulo importante da História latino-americana recente, quer como evento particular dentro da luta por paz no interior do conflito armado colombiano, apesar da violência do acontecimento, quer como instaurador de um novo conflito, a crise diplomática entre Colômbia e Equador. A produção jornalística deste acontecimento é analisada a seguir em dois níveis discursivos: (a) os conflitos que se ligam ao *acontecimento Angostura* e que competem por espaço no discurso jornalístico e (b) os conflitos sobre o conflito, ou seja, a significação dos conflitos pelos jornais analisados. Neste segundo evidencia-se “como a mecânica jornalística procede por redundância, para nos dizer o que é necessário pensar, reter, esperar” (Marocco, 2007, p. 95).

O primeiro nível de análise (a) estrutura-se por cinco trajetos temáticos que, aglutinados, dão a ver um conjunto de microacontecimentos e microrrelatos que ingressam nos jornais e que ensejam, por atualidade ou recorrência, modos de compreensão do *acontecimento Angostura*. Destes, o primeiro, todavia, é a erupção do *Caso Angostura*, trabalhado no item 3.1 (*A morte, a invasão, os nexos com as Farc*) e aqui retomado sucintamente. O primeiro nível é nomeado de “os conflitos”.

No segundo nível (b), diretamente vinculado ao primeiro, os jornais revelam-se como espaços de conexão entre o visível e dizível. Esse nível, o dos “conflitos sobre o conflito”, é conformado por três trajetos que reúnem os discursos que qualificam, dotam de sentidos os acontecimentos trazidos pelo Jornalismo. Verifica-se pela análise que, já nos títulos propostos pelos jornais observados, está presente a opção por apresentar os conflitos, preferencialmente, a partir de referentes que ensejam questões de território – a fronteira, o problema regional, a violação consentida, o controle, a soberania, a inviolabilidade territorial, o Equador, a Colômbia, a agressão, a legítima defesa, a extraterritorialidade – e o comportamento dos envolvidos nos conflitos, apresentado, geralmente, por meio de acusações ou refutações, que no acontecimento estudado originam-se em fontes oficiais – “diz que”, “diz o diplomata”, “manifestou o chanceler”, “advertiu”, “segundo o presidente”.

Para a análise, cujos resultados são a seguir apresentados, foi utilizado o conjunto de textos publicados pelos jornais *O Estado de S. Paulo*, *El Tiempo* e *El Comercio*, no período de março de 2008 a agosto de 2009.

5.1.1 Os conflitos

Primeiro: a morte de Raúl Reyes, a invasão do território equatoriano e a denúncia de nexos entre as Farc e governos vizinhos à Colômbia compõem o primeiro trajeto temático, uma vez que eles, justapostos, conformam o *Caso Angostura*, que pode ser tomado como a crise colombo-equatoriana. A série de textos que permitem interpretar a emergência do acontecimento, a partir de diferentes modos de dizê-lo que se sucedem nesse momento, conforma este primeiro trajeto, exemplificado nos títulos a seguir:

O Estado de S. Paulo – Correa e Chávez enviam soldados à fronteira após ofensiva da Colômbia²⁷⁸

El Tiempo – En frontera con Ecuador se cerró cerco sobre 'R. Reyes',²⁷⁹ Partidas clave en el conflicto se juegan en Ecuador,²⁸⁰ Computadores de 'Raúl Reyes' revelan acuerdos con Ecuador²⁸¹

El Comercio – El vocero de las Farc murió en acción,²⁸² El Putumayo se convirtió en el hogar y en la tumba de Reyes,²⁸³ Colombia acusa a presidente Rafael Correa de compromisos con las Farc,²⁸⁴ Colombia se disculpa y acusa a Ecuador,²⁸⁵ Correa rompe relaciones con Colombia²⁸⁶

Segundo: a confirmação da morte do equatoriano Franklin Aisalia durante o ataque de 1º de março de 2008, é elemento importante na fixação de trajetos temáticos auxiliares na compreensão do *Caso Angostura*. Isto porque ela acabou gerando instabilidade na esfera política equatoriana, por uma parte, e confirmando as reiteradas denúncias oriundas do sistema político colombiano sobre nexos das Farc com equatorianos, por outra. Essas denúncias acabaram por conformar um trajeto à parte (o terceiro) pela dimensão que assumiram no interior dos sistemas políticos do Equador e da Colômbia durante a crise.

O equatoriano morto, Franklin Aisalia, foi o único trasladado à Colômbia junto de Raúl Reyes após a ação do Exército do país em Angostura. Ele havia sido identificado

²⁷⁸ CORREA e Chávez enviam soldados à fronteira após ofensiva da Colômbia. **Estado**, Caderno A, Internacional, São Paulo, ano 129, n. 41775, p. A7, 3 mar. 2008.

²⁷⁹ EN FRONTERA con Ecuador se cerró cerco sobre 'R. Reyes'. **El Tiempo**, Primer Plano, Bogotá, 2 mar. 2008. Disponível em: <<http://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-2847666>>.

²⁸⁰ PARTIDAS clave en el conflicto se juegan en Ecuador. **El Tiempo**, Primer Plano, Bogotá, 2 mar. 2008. Disponível em: <<http://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-2847570>>.

²⁸¹ COMPUTADORES de 'Raúl Reyes' revelan acuerdos con Ecuador. **El Tiempo**, Primer Plano, Bogotá, 2 mar. 2008. Disponível em: <<http://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-2848761>>.

²⁸² ROJAS, Carlos. El vocero de las FARC murió en acción. **El Comercio**, Justicia, Quito, 2 mar. 2008. Disponível em: <http://www.elcomercio.com/noticias/vocero-FARC-murio-accion_0_164384157.html>.

²⁸³ TORRES, Arturo. El Putumayo se convirtió en el hogar y en la tumba de Reyes. **El Comercio**, Justicia, Quito, 2 mar. 2008. Disponível em: <http://elcomercio.com/noticias/Putumayo-convirtio-hogar-tumba-Reyes_0_164384609.html>.

²⁸⁴ COLOMBIA acusa a presidente Rafael Correa de compromisos con las FARC. **El Comercio**, Política, Quito, 3 mar. 2008. Disponível em: <http://www.elcomercio.com/noticias/Colombia-Rafael-Correa-compromisos-FARC_0_164383839.html>.

²⁸⁵ ROJAS ARAUJO, Carlos. Colombia se disculpa y acusa a Ecuador. **El Comercio**, Política, Quito, 3 mar. 2008. Disponível em: <http://www.elcomercio.com/noticias/Colombia-disculpa-acusa-Ecuador_0_164383864.html>.

²⁸⁶ CORREA rompe relaciones con Colombia. **El Comercio**, Política, Quito, 4 mar. 2008. Disponível em: <http://www.elcomercio.com/noticias/Correa-rompe-relaciones-Colombia_0_164384429.html>.

inicialmente como Julián Conrado, cantor e ideólogo das Farc. Investigações posteriores confirmaram que ele desempenhava um duplo papel: auxiliava a guerrilheira Nubia Calderón, representante das Farc no Equador, que se suspeitava estar entre os sobreviventes do ataque, e também repassava informações para as forças de segurança equatorianas.

Um conjunto de textos dos jornais *El Tiempo* e *El Comercio* tratam de Franklin Aisalia. Primeiro, apenas revelam a suspeita de que entre os mortos havia um equatoriano, depois passam por sua confirmação e, finalmente, dedicam-se a trazer os elementos que, um a um, possibilitam identificar o papel de Aisalia na guerrilha e suas ligações com o governo:

El Tiempo – Lío con Ecuador, ¿otra vez a OEA?,²⁸⁷ Colombia denunciará ante la OEA ataques de las Farc desde territorio ecuatoriano,²⁸⁸ 'Hay folder que acredita que ecuatoriano era de las Farc',²⁸⁹ Ecuador cae alto mando militar por caso Aisalla,²⁹⁰ Purga en las FF.AA. de Ecuador²⁹¹

El Comercio – La Cancillería indaga la muerte de Aisalia,²⁹² Las fricciones entre Ecuador y Colombia se complican más,²⁹³ En el campamento de las Farc sí fue abatido un ecuatoriano,²⁹⁴ 'Aisalia era un facilitador de las Farc',²⁹⁵ El ministro Sandoval ratifica el nexo de Aisalia con las Farc²⁹⁶

Terceiro: os nexos entre as Farc e autoridades de países vizinhos compõem um terceiro trajeto de interpretação temática do acontecimento, uma vez que grande parte dos dizeres que ingressam no Jornalismo diz respeito a essas relações. Os “segredos” dos computadores do guerrilheiro Raúl Reyes que se relacionam, especialmente, ao Equador e à Venezuela, mas também ao Brasil (item 3.1.2, *Os computadores*), são parte desse trajeto temático.

²⁸⁷ LÍO CON Ecuador, ¿otra vez a OEA? **El Tiempo**, Política, Bogotá, 24 mar. 2008. Disponível em: <<http://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-2871119>>.

²⁸⁸ SAMANIEGO, Maggy Ayala. Colombia denunciará ante la OEA ataques de las Farc desde territorio ecuatoriano. **El Tiempo**, Política, Bogotá, 25 mar. 2008. Disponível em: <<http://www.eltiempo.com/archivo/documento/CMS-4037992>>.

²⁸⁹ 'HAY FÓLDER que acredita que ecuatoriano era de las Farc'. **El Tiempo**, Justicia, Bogotá, 26 mar. 2008. Disponível em: <<http://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-2872235>>.

²⁹⁰ SAMANIEGO, Maggy Ayala. Ecuador: cae alto mando militar por caso Aisalla. **El Tiempo**, Política, Bogotá, 3 abr. 2008. Disponível em: <<http://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-2884635>>.

²⁹¹ SAMANIEGO, Maggy Ayala. Purga en las FF.AA. de Ecuador. **El Tiempo**, Internacional, Bogotá, 10 abr. 2008. Disponível em: <<http://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-2893176>>.

²⁹² LA CANCELLERÍA indaga la muerte de Aisalia. **El Comercio**, Política, Quito, 21 mar. 2008. Disponível em: <http://elcomercio.com/politica/Cancilleria-indaga-muerte-Aisalia_0_164386022.html>.

²⁹³ LAS FRICCIONES entre Ecuador y Colombia se complican más. **El Comercio**, Justicia, Quito, 23 mar 2008. Disponível em: <http://www.elcomercio.com/politica/Cancilleria-indaga-muerte-Aisalia_0_164386022.html>.

²⁹⁴ EN EL CAMPAMENTO de las FARC sí fue abatido un ecuatoriano. **El Comercio**, Justicia, Quito, 24 mar. 2008. Disponível em: <http://www.elcomercio.com/noticias/campamento-FARC-abatido-ecuatoriano_0_164384183.html>.

²⁹⁵ 'AISALIA era un facilitador de las FARC'. **El Comercio**, Mundo, Quito, 25 mar 2008. Disponível em: <http://www.elcomercio.com/mundo/ecuatorianos-en-el-mundo/Aisalla-facilitador-FARC_0_164385226.html>.

²⁹⁶ EL MINISTRO Sandoval ratifica el nexo de Aisalla con las FARC. **El Comercio**, Política, Quito, 28 mar. 2008. Disponível em: <http://www.elcomercio.com/politica/ministro-Sandoval-ratifica-Aisalla-FARC_0_164385073.html>.

Esse terceiro trajeto, na cobertura dos três jornais observados, se materializa de três maneiras complementares: pelas denúncias do governo colombiano – que, por sua vez, compõem microrrelatos porque visam a atualizar o *Caso Angostura* ao mesmo tempo que provocam microacontecimentos –; como reação dos acusados perante elas e como confirmação de sua veracidade, porque a esfera política apresentou alguma prova ou o envolvido a confirmou.

Como grande parte das denúncias realizadas pela Colômbia, com base nos computadores de Reyes, dirige-se a equatorianos ligados ao governo, preferencialmente, as reações destes compõem esse terceiro conjunto de dizeres que se ligam ao *acontecimento Angostura*. Entre os que figuram no Jornalismo estão o ministro da Segurança equatoriano Gustavo Larrea, destituído do cargo pelas acusações de nexos; seu ex-assessor José Ignacio Chauvín, que havia feito parte do governo em 2007, e acabou preso durante a crise pela acusação de colaborar com o narcotráfico, e o próprio presidente equatoriano Rafael Correa, acusado, entre outras coisas, de ter recebido apoio financeiro das Farc para sua campanha, denúncia realizada a partir de vídeo encontrado nos computadores de outra guerrilheira das Farc. Os títulos a seguir exemplificam esse agrupamento:

O Estado de S. Paulo – Computador de Reyes detalha contatos com Chávez e Correa,²⁹⁷ Correa afasta ministro e militares renunciam,²⁹⁸ Vizinhos dão refúgio às Farc, acusa rádio,²⁹⁹ Farc ajudaram campanha de Correa, indica vídeo,³⁰⁰ Correa diz que vídeo das Farc é montagem³⁰¹

El Tiempo – Computadores de ‘Raúl Reyes’ revelan acuerdos con Ecuador,³⁰² Ex ministro ecuatoriano de Gobierno Gustavo Larrea desvirtúa su supuesta vinculación con las Farc³⁰³

El Comercio – Larrea dice que sí se reunió con ‘Reyes’, para liberar a Betancourt,³⁰⁴ Ecuador espera que Colombia deje de vincularlo con las Farc,³⁰⁵ Para ir a las bases de las Farc hay que ser de su estructura,³⁰⁶ Larrea y Vargas niegan nexos con las Farc; la Interpol indaga³⁰⁷

²⁹⁷ COSTAS, Ruth. Computador de Reyes detalha contatos com Chávez e Correa. **Estado**, Caderno A, Internacional, São Paulo, ano 129, n. 41781, p. A17, 9 mar. 2008

²⁹⁸ CORREA afasta ministro e militares renunciam. **Estado**, Caderno A, Internacional, São Paulo, ano 129, n. 41813, p. A15, 10 abr. 2008

²⁹⁹ VIZINHOS dão refúgio às Farc, acusa rádio. **Estado**, Caderno A, Internacional, São Paulo, ano 130, n. 42140, p. A14, 3 mar. 2009.

³⁰⁰ FARC ajudaram campanha de Correa, indica vídeo. **Estado**, Caderno A, Internacional, São Paulo, ano 130, n. 42277, p. A14, 18 jul. 2009.

³⁰¹ CORREA diz que vídeo das Farc é montagem. **Estado**, Caderno A, Internacional, São Paulo, ano 130, n. 42278, p. A19, 19 jul. 2009.

³⁰² COMPUTADORES de ‘Raúl Reyes’ revelan acuerdos con Ecuador. **El Tiempo**, Primer Plano, Bogotá, 3 mar. 2008. Disponível em: <<http://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-2848802>>.

³⁰³ SAMANIEGO, Maggy Ayala. Ex ministro ecuatoriano de Gobierno Gustavo Larrea desvirtúa su supuesta vinculación con las Farc. **El Tiempo**, Mundo, Bogotá, 23 fev. 2009. Disponível em: <<http://www.eltiempo.com/archivo/documento/CMS-4833470>>.

³⁰⁴ ROJAS ARAUJO, Carlos. Larrea dice que sí se reunió con ‘Reyes’, para liberar a Betancourt. **El Comercio**, Política, Quito, 4 mar. 2008. Disponível em: <http://www.elcomercio.com/noticias/Larrea-reunio-Reyes-liberar-Betancourt_0_164386843.html>.

³⁰⁵ ECUADOR espera que Colombia deje de vincularlo con las FARC. **El Comercio**, Política, Quito, 20 mar. 2008. Disponível em: <http://www2.elcomercio.com/noticiaEC.asp?id_noticia=178553&id_seccion=3>.

Quarto: a segurança regional conforma o quarto trajeto temático. Nele ingressam, especialmente, a criação do Conselho de Segurança da União de Nações Sul-Americanas (Unasul) e a ampliação da presença do Exército norte-americano na Colômbia. Segundo texto de *O Estado de S. Paulo*, o Conselho de Segurança “deverá também servir como um elemento de distensão diante de impasses como o ocorrido entre Colômbia e Equador, quando as Forças Armadas colombianas violaram a fronteira equatoriana para atacar um comando guerrilheiro das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc), provocando uma crise diplomática”. Da mesma forma, o equatoriano *El Comercio* relacionou a criação do Conselho ao ataque de 1º de março de 2008 na fronteira colombo-equatoriana: “La idea de crear el organismo surgió tras el bombardeo de las FF.AA. de Colombia a un campamento en Angostura [...]. Ese hecho generó un conflicto diplomático entre Ecuador y Colombia. Tras 10 meses de reuniones entre ministros y agregados de Defensa, los países sudamericanos acordaron que se debe crear una plataforma de diálogo para evitar conflictos como el de Quito y Bogotá”. Detecta-se aí o transbordamento da crise colombo-equatoriana para o interior de outras instituições públicas.

Outro microacontecimento relacionado à segurança regional foi a liberação de bases militares colombianas para serem ocupadas pelos EUA, dentro das ações do Plano Colômbia. O anúncio realizado pelo presidente da Venezuela Hugo Chávez, e não por Álvaro Uribe, mandatário colombiano, levou os demais chefes de Estado latino-americanos a esboçarem reações em contrário. Ao se manifestar, Uribe disse tratar-se de uma fase aperfeiçoada do Plano Colômbia, sob a ressalva de que “a Colômbia nunca foi um país agressor da comunidade internacional”, conforme os exemplos a seguir:

O Estado de S. Paulo – Unasul cria novo foro regional sobre segurança,³⁰⁸ Conselho de Defesa expõe divisões regionais,³⁰⁹ Lula e Bachelet criticam pacto que libera bases colombianas para EUA,³¹⁰ Colômbia vai ceder 7 bases aos EUA,³¹¹ Pentágono vê ‘exagero’ em reações sobre bases³¹²

El Tiempo – “Respeto irrestricto a la soberanía e inviolabilidad territorial de los estados”, aprobó Unasur,³¹³ Uribe defendió conveniencia de acuerdo de uso de bases colombianas por Estados

³⁰⁶ PARA ir a las bases de las FARC hay que ser de su estructura. **El Comercio**, Justicia, 5 jun, 2009. Disponível em: <http://www.elcomercio.com/noticias/ir-bases-FARC-estructura_0_55794485.html>.

³⁰⁷ LARREA y Vargas niegan nexos con las FARC; la Interpol indaga. **El Comercio**, Política, Quito, 4 abr. 2008. Disponível em: <http://www2.elcomercio.com/politica/Larrea-Vargas-niegan-FARC-Interpol_0_164986714.html>.

³⁰⁸ MONTEIRO, Tânia; DÉCIMO, Tiago. Unasul cria novo foro regional sobre segurança. **Estado**, Caderno A, Internacional, São Paulo, ano 129, n. 42064, p. A14, 17 dez. 2008.

³⁰⁹ CHARLEAUX, João Paulo. Conselho de Defesa expõe divisões regionais. **Estado**, Caderno A, Internacional, São Paulo, ano 130, n. 42148, p. A14, 11 mar. 2009.

³¹⁰ OLIVEIRA, Clarissa. Lula e Bachelet criticam pacto que libera bases colombianas para EUA. **Estado**, Caderno A, Internacional, São Paulo, ano 130, n. 42290, p. A11, 31 jul. 2009.

³¹¹ GODOY, Roberto. Colômbia vai ceder 7 bases aos EUA. **Estado**, Caderno A, Internacional, São Paulo, ano 130, n. 42295, p. A15, 5 ago. 2009.

³¹² MELLO, Patrícia Campos. Pentágono vê ‘exagero’ em reações sobre bases. **Estado**, Caderno A, Internacional, São Paulo, ano 130, n. 42305, p. A20, 15 ago. 2009.

Unidos,³¹⁴ Acuerdo militar con E.U. busca una 'cooperación eficaz sin perder soberanía', dijo el Canciller,³¹⁵ Al menos siete bases podrá utilizar E.U. en Colombia; acuerdo no se limitará a tres puntos³¹⁶

El Comercio – El Consejo de Defensa de la Unasur nace en Chile,³¹⁷ Correa critica a las bases en Colombia,³¹⁸ Washington usará 7 bases³¹⁹

Quinto: a ordem de prisão contra o ex-ministro da Defesa colombiano Juan Manuel Santos emitido pela Promotoria do Equador, sob a acusação de coordenar a operação de 1º de março de 2008 no Equador contra as Farc. Antes da ordem de captura solicitada à Interpol, que se negou a cumpri-la, Juan Manuel Santos foi convocado a participar de audiência de confrontação, no Equador, na Província de Sucumbíos. Posteriormente, foi expedida a ordem de prisão por ordenar o ataque e provocar a morte de 25 guerrilheiros, refutada pelo governo colombiano em apoio a seu ex-membro.

O Estado de S. Paulo – Quito abre processo contra colombiano,³²⁰ Uribe defende aliado acusado por Quito³²¹

El Tiempo – Por Operación Fénix, juez de Ecuador ordena captura de Juan Manuel Santos; Gobierno rechaza decisión,³²² Denunciar a juez ecuatoriano que condenó a Juan Manuel Santos estudia el Gobierno,³²³ 'De agresión contra Colombia y no contra J.M. Santos', calificó el ex ministro acusación en Ecuador,³²⁴ Ataque a campamento de 'Raúl Reyes' permitió que hubiera operación Jaque, dijo Álvaro Uribe³²⁵

³¹³ “RESPECTO irrestricto a la soberanía e inviolabilidad territorial de los estados”, aprobó Unasur. **El Tiempo**, Política, 12 mar. 2009. Disponible em: <<http://www.eltiempo.com/archivo/documento/CMS-4872292>>.

³¹⁴ URIBE defendió conveniencia de acuerdo de uso de bases colombianas por Estados Unidos. **El Tiempo**, Justicia, 17 jul. 2009. Disponible em: <<http://www.eltiempo.com/archivo/documento/CMS-5640970>>.

³¹⁵ ACUERDO militar con E.U. busca una 'cooperación eficaz sin perder soberanía', dijo el Canciller. **El Tiempo**, Política, 25 jul. 2009. Disponible em: <<http://www.eltiempo.com/archivo/documento/CMS-5693908>>.

³¹⁶ AL MENOS siete bases podrá utilizar E.U. en Colombia; acuerdo no se limitará a tres puntos. **El Tiempo**, Política, 5 ago. 2009. Disponible em: <<http://www.eltiempo.com/archivo/documento/CMS-5776788>>.

³¹⁷ EL CONSEJO de Defensa de la Unasur nace en Chile. **El Comercio**, Justicia, 10 mar. 2009. Disponible em: <http://elcomercio.com/noticias/Consejo-Defensa-Unasur-nace-Chile_0_3599752.html>.

³¹⁸ CORREA critica a las bases en Colombia. **El Comercio**, Justicia, 24 jul. 2009. Disponible em: <http://elcomercio.com/noticias/Correa-critica-bases-Colombia_0_85191654.html>.

³¹⁹ WASHINGTON usará 7 bases. **El Comercio**, Mundo, 6 ago. 2009. Disponible em: <http://www.elcomercio.com/noticias/Washington-usara-bases_0_92990843.html>.

³²⁰ QUITO abre processo contra colombiano. **Estado**, Caderno A, Internacional, São Paulo, ano 130, n. 42261, p. A22, 2 jul. 2009.

³²¹ Uribe defende aliado acusado por Quito. **Estado**, Caderno A, Internacional, São Paulo, ano 130, n. 42263, p. A15, 4 jul. 2009

³²² SAMANIEGO, Maggy Ayala. Por Operación Fénix, juez de Ecuador ordena captura de Juan Manuel Santos; Gobierno rechaza decisión. **El Tiempo**, Justicia, 30 jun. 2009. Disponible em: <<http://www.eltiempo.com/archivo/documento/CMS-5560768>>.

³²³ DENUNCIAR a juez ecuatoriano que condenó a Juan Manuel Santos estudia el Gobierno. **El Tiempo**, Justicia, 1 jul. 2009. Disponible em: <<http://www.eltiempo.com/archivo/documento/CMS-5564551>>.

³²⁴ 'DE AGRESIÓN contra Colombia y no contra J.M. Santos', calificó el ex ministro acusación en Ecuador. **El Tiempo**, Justicia, 1 jul. 2009. Disponible em: <<http://www.eltiempo.com/archivo/documento/CMS-5561507>>.

³²⁵ ATAQUE a campamento de 'Raúl Reyes' permitió que hubiera operación Jaque, dijo Álvaro Uribe. **El Tiempo**, Política, 3 jul. 2009. Disponible em: <<http://www.eltiempo.com/archivo/documento/CMS-5572868>>.

El Comercio – Santos, acusado en el caso Angostura,³²⁶ Colombia apelará la demanda de Ecuador,³²⁷ Orden de prisión para Juan Manuel Santos³²⁸

5.1.2 Os conflitos sobre o conflito

Primeiro: a defesa da soberania, interna e externa, em oposição à defesa da segurança, interna, compõe o primeiro trajeto temático que é apresentado no Jornalismo, espaço no qual se sobrepõem sentidos díspares, litigiosos, sobre cada conflito do vivido que nele ingressa. A primeira das oposições, a defesa da soberania, está diretamente conectada à interpretação do conflito pela perspectiva equatoriana, enquanto a segunda se vincula ao governo colombiano. Esse segundo modo abarca, também, um discurso de defesa diante do terrorismo, uma vez que a Colômbia, assim como os EUA e a União Europeia, reconhecem desde 2003 as Farc como grupo terrorista.

No Equador, condiciona-se o fim do conflito à condenação da violação de sua soberania. Foi nestes termos que o *acontecimento Angostura* impôs-se no Jornalismo equatoriano, passado o impacto da morte do guerrilheiro Raúl Reyes. Por outro lado, frente ao histórico princípio de que a soberania territorial não pode ser violada, a Colômbia expôs a doutrina da defesa de sua segurança interna, apresentada pelo jornal equatoriano *El Comercio* a partir da indagação “¿Es legítimo atacar el territorio del vecino si desde ahí me atacan incesantemente?” Por essa proposição o governo colombiano justificou o ataque a Angostura como forma de defender sua própria segurança, violada pelos grupos guerrilheiros. Em declaração do ministro da Defesa colombiano, Juan Manuel Santos, trazida pelo diário equatoriano *El Comercio*, percebe-se uma vez mais o emprego desta tese: “dijo que ese ataque fue un “acto de guerra legítima”. Además, anunció que de ser el caso su país ordenará acciones para combatir a las Farc donde quiera que estén”.³²⁹

No Equador, por sua vez, a tese de legítima defesa não encontrou eco, uma vez que muitos dos conflitos que ingressaram nos jornais no período eram, de antemão, relacionados à violação da soberania e do território equatorianos e por meio dela interpretados. O excerto a

³²⁶ SANTOS, acusado en el caso Angostura. *El Comercio*, Justicia, 13 jun. 2009. Disponível em: <http://elcomercio.com/noticias/Santos-acusado-caso-Angostura_0_60594063.html>.

³²⁷ COLOMBIA apelará la demanda de Ecuador. *El Comercio*, Justicia, 14 jun. 2009. Disponível em: <http://elcomercio.com/noticias/Colombia-apelara-demanda-Ecuador_0_61194127.html>.

³²⁸ ORDEN de prisión para Juan Manuel Santos. *El Comercio*, Justicia, 30 jun. 2009. Disponível em: <http://elcomercio.com/noticias/Orden-prision-Juan-Manuel-Santos_0_70793130.html>.

³²⁹ LAS RELACIONES entre Ecuador y Colombia siguen enredándose. *El Comercio*, Política, Quito, 26 mar. 2008. Disponível em: <http://www.elcomercio.com/noticias/relaciones-Ecuador-Colombia-siguen-enredandose_0_164386579.html>.

seguir apresentado, de entrevista publicada por *El Comercio* com o embaixador do Equador nos Estados Unidos, Luis Gallegos, sintetiza tal compreensão:

Pero Colombia habla de su derecho a evitar un ataque en su contra. Hay una larga discusión entre los internacionalistas sobre esto del “preemptive attack” y del “preventive attack”. Acá traducimos del inglés muy mal estos conceptos porque nosotros entendemos a ambos como preventivos, y no es ese el sentido. ¿Cuál es el sentido correcto entonces? Es adelantarse a que otro lo ataque. Este concepto cabe cuando no existe Estado, cuando el Estado es paria de la comunidad internacional, no existe control del Estado sobre su territorio, lo cual no es el caso porque el Ecuador tiene pleno dominio de su soberanía. Esta doctrina está seriamente cuestionada y afloró sobre todo cuando se produjeron los ataques terroristas y hubo la argumentación de que estos actos eran extraterritoriales y extracontinentales.³³⁰

No objetivo da condenação à violação territorial, mais tarde, o Equador passou a acusar a Colômbia de ter realizado execuções sumárias durante o ataque de 1º de março. A suspeita é apresentada pelo diário equatoriano *El Comercio* considerando o anúncio feito pelo governo a partir das autópsias realizadas nos guerrilheiros mortos. O texto já abre com a suspeita: “El gobierno de Rafael Correa está casi seguro que en el ataque contra la base de las Farc en Angostura, el Ejército de Colombia cometió una ejecución sumaria de guerrilleros heridos e ilesos”. A Organização dos Estados Americanos (OEA), chamada para mediar a crise colombo-equatoriana, contestou também o uso da tese de legítima defesa, válida somente quando um país é atacado por outro, não por um grupo irregular.

O Estado de S. Paulo – Colômbia usa resolução antiterror da ONU em sua defesa na OEA,³³¹ Violação consentida é regra do passado³³²

El Comercio – Colombia cometió el mayor atentado contra Ecuador: Gustavo Larrea,³³³ La legítima defensa no tenía lugar,³³⁴ El debate es entre la soberanía y la llamada seguridad humana³³⁵, El Gobierno denuncia ejecuciones sumarias³³⁶, Para nosotros la soberanía territorial es sagrada: Insulza,³³⁷ El debate es entre la soberanía y la llamada seguridad humana,³³⁸ Santos exalta el operativo contra Reyes³³⁹

³³⁰ LA LEGÍTIMA defensa no tenía lugar. **El Comercio**, Política, Quito, 21 mar. 2008. Disponível em: <http://www.elcomercio.com/noticias/legitima-defensa-lugar_0_164385194.html>.

³³¹ COLÔMBIA usa resolução antiterror da ONU em sua defesa na OEA. **Estado**, Caderno A, Internacional, São Paulo, ano 129, n. 41777, p. A12, 5 mar. 2008

³³² NOGUEIRA, Rui. Violação consentida é regra do passado. **Estado**, Caderno A, Internacional, São Paulo, ano 129, n. 41788, p. A14, 16 mar. 2008.

³³³ COLOMBIA cometió el mayor atentado contra Ecuador: Gustavo Larrea. **El Comercio**, Política, Quito, 3 mar. 2008. Disponível em: <http://elcomercio.com/politica/Colombia-atentado-Ecuador-Gustavo-Larrea_0_164383843.html>.

³³⁴ Idem 327.

³³⁵ Ver: El debate es entre la soberanía y la llamada seguridad humana

³³⁶ EL GOBIERNO denuncia ejecuciones sumarias. **El Comercio**, Política, Quito, 7 maio 2008. Disponível em: <http://elcomercio.com/noticias/Gobierno-denuncia-ejecuciones-sumarias_0_165585106.html>.

³³⁷ IMBAQUINGO, Olga. Para nosotros la soberanía territorial es sagrada: Insulza. **El Comercio**, Política, Quito, 20 mar. 2008. Disponível em: <http://www.elcomercio.com/politica/soberania-territorial-sagrada-Insulza_0_164387536.html>.

O quadro faz dialogar, ainda, a oposição entre terrorismo e força beligerante. Em abril de 2008, em entrevista à rede *Venezolana de Televisión*, cujo excerto foi publicado no portal da Presidência da República, o presidente equatoriano Rafael Correa apresentou as condições para reconhecer as Farc como grupo beligerante: o fim dos sequestros e dos atentados que podem ser classificados como terroristas. *El Tiempo* traz entre aspas a declaração: “Si las Farc deja esas prácticas y cumple con las condiciones para ser tratada como una fuerza beligerante, es decir, que controle un territorio, que tenga una fuerza armada organizada, que respete los códigos de guerra y el Tratado de Ginebra, por supuesto que tendríamos que reconocerla como fuerza beligerante y ahí convertirla en un interlocutor válido para que, por vía diplomática, tratar de alcanzar la paz”, señaló Correa”. Para o governo colombiano as Farc são um grupo terrorista, uma vez que “la beligerancia es un paso intermedio a la paz que, por ejemplo, se produce donde hay guerras entre pueblos o etnias.”

El Tiempo - Beligerancia a las Farc, pero condicionada: Rafael Correa,³⁴⁰ Colombia envía el octavo reclamo a Rafael Correa³⁴¹

El Comercio – Si las Farc dejan secuestros y atentados serán beligerantes,³⁴² Según Uribe, no hay problemas con Ecuador,³⁴³ Colombia cuestiona a Correa³⁴⁴

Segundo: a fragilidade das fronteiras nacionais. Este trajeto aproxima-se do anterior objetivado pelo viés da diplomacia, mas se distancia se trabalhado enquanto espaço vivido, habitado, do social, sobretudo. Para este trajeto temático convergem, portanto, os discursos que se referem à singularidade das fronteiras, ou seja, serem a um só tempo, a passagem e o impedimento, o legal e o ilícito, o encontro e o desencontro, o começo de algo e o encerramento de outro. Deste modo, é típico desses espaços serem atípicos pela ambiguidade que contêm. Nota-se que aí se encontram unidades antagônicas sobre as quais se assentam tanto a ordem quanto à desordem, assim como os campos problemáticos, uma vez que o

³³⁸ EL DEBATE es entre la soberanía y la llamada seguridad humana. **El Comercio**, Política, Quito, 29 mar. 2008. Disponível em: <http://www.elcomercio.com/noticias/debate-soberania-llamada-seguridad-humana_0_164385490.html>.

³³⁹ SANTOS exalta el operativo contra Reyes. **El Comercio**, Política, Quito, 29 mar. 2008. Disponível em: <http://www.elcomercio.com/politica/Santos-exalta-operativo-Reyes_0_164387918.html>.

³⁴⁰ SAMANIEGO, Maggy Ayala. Beligerancia a las Farc, pero condicionada: Rafael Correa. **El Tiempo**, Política, Bogotá, 24 abr. 2008. Disponível em: <<http://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-2910159>>.

³⁴¹ COLOMBIA envía el octavo reclamo a Rafael Correa. **El Tiempo**, Política, Bogotá, 25 abr. 2008. Disponível em: <<http://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-2911495>>.

³⁴² SI LAS FARC dejan secuestros y atentados serán beligerantes. **El Comercio**, Política, Quito, 24 abr. 2008. Disponível em: <http://elcomercio.com/noticias/FARC-dejan-secuestros-atentados-beligerantes_0_164987582.html>.

³⁴³ SEGÚN Uribe, no hay problemas con Ecuador. **El Comercio**, Política, Quito, 26 abr. 2008. Disponível em: <http://elcomercio.com/noticias/Uribe-problemas-Ecuador_0_164987566.html>.

³⁴⁴ COLOMBIA cuestiona a Correa. **El Comercio**, Política, Quito, 25 abr. 2008. Disponível em: <http://elcomercio.com/noticias/Colombia-cuestiona-Correa_0_164984297.html>.

contrabando, a fuga, a migração, próprios ao espaço da fronteira, são tomados como problemas públicos.

Mais uma vez a condição de típico atípico é importante à análise, visto que a conflitividade do *acontecimento Angostura* se orienta e se origina pelo uso que se faz do território. No interior deste trajeto temático são inscritos dizeres sobre as fronteiras, uma vez que inúmeras vezes os presidentes da Colômbia e do Equador repetem que um e outro se descuidam deliberadamente delas, permitindo a ação das Farc. Do Equador parte a contenda de que o descuido permite que as Farc saiam do território colombiano; enquanto a Colômbia afirma que a negligência com a fronteira possibilita que a guerrilha entre no Equador.

Exemplo disso é a afirmação do presidente Rafael Correa, elevada a título pelo diário *El Comercio*: “En el Norte limitamos con las Farc”. Pela declaração o mandatário equatoriano assenta nesses termos o uso da fronteira compartilhada com a Colômbia. O jornal argumenta que Correa recordou que o governo colombiano, ao não proteger sua fronteira, acabou por empurrar as forças irregulares para o território equatoriano “para involucrarnos en el conflicto”. De acordo com o jornal, Correa sustentou que “si Colombia quiere resolver su problema por la vía violenta, tiene todo el derecho. Pero reclamó que “no exporte el conflicto y no hagan daño””.

A carta encaminhada pelo presidente Rafael Correa a Ingrid Betancourt, ex-candidata à Presidência da Colômbia e ex-refém das Farc, libertada em 2 de julho de 2008, ao contrário, em resposta às declarações dadas por ela, é permeada pela compreensão da fronteira a partir de seu antagonismo. Em menor medida se assenta, igualmente, sobre a defesa da soberania, uma vez que esses trajetos temáticos se interpenetram. As declarações de Betancourt à *BBC* de Londres, em 9 de julho, que originam a correspondência oficial, não ingressam nos jornais *El Tiempo* e *El Comercio*, visto que a carta não as recupera. A reação de Correa, que chega pela carta, é permeada por um discurso ancorado em uma percepção geopolítica de fronteira e soberania nacional.³⁴⁵

O texto de *El Tiempo* afirma que o mandatário reclamou do apoio de Betancourt à intervenção militar colombiana em Angostura. Utilizando trechos da carta endereçada à ex-refém, o texto traz entre aspas trechos que fazem referência ao uso da fronteira em oposição à violação da soberania, por exemplo: “Ecuador ha hecho, y continuará haciendo, todos los esfuerzos "para contrarrestar los muy negativos impactos en nuestro territorio del conflicto colombiano,

³⁴⁵ “A [perspectiva] geopolítica vê a fronteira como órgão periférico do Estado que tanto pode ser receptora de influência como pode ser pólo de irradiação projetando-se sobre os países vizinhos” (Serra Padrós, 1994, p. 72 [acréscimo meu]). Essa percepção assume alguns elementos da visão tradicional, que relaciona fronteira à barreira, limite, descontinuidade, acrescida de ideias como o caráter estratégico e o ponto de projeção. A proteção ante o “outro” é elemento central, assim como a demarcação rígida do espaço e o obstáculo a fluxos sociais na região.

del cual somos víctimas y no causantes””. Nesta direção, traz outros excertos da carta, como: ““No entendemos cuál es la culpa de los ecuatorianos en la guerra fratricida que destroza desde hace varias décadas a Colombia para que usted justifique el bombardeo a nuestra Patria””, e ““Nos duele que precisamente usted se haya hecho eco de las afirmaciones y versiones del gobierno de Colombia [...] y llegue inclusive a insinuar que el Ecuador es santuario de las Farc a quienes censuramos por sus métodos”, reclama el mandatario en la misiva””.

A correspondência oficial ingressa no equatoriano *El Comercio* na mesma data que no jornal colombiano, 16 de julho. Utilizando aspas em excertos da carta, o diário apresenta as declarações do mandatário Rafael Correa: ““Nos sorprenden y apenas profundamente esas declaraciones que apoyan y buscan justificar un acto ilegítimo e ilegal, que fue reconocido como tal y rechazado por todos los gobiernos de América”, expresa Correa en la misiva enviada a Betancourt, divulgada ayer por Carondelet”, e ““Nos apenas – dice Correa – que no haya apreciado en su justa dimensión los esfuerzos que hizo el Ecuador por su liberación y apoye el bombardeo a nuestra Patria y la violación de su soberanía””.

O Estado de S. Paulo – Quito e Bogotá trocam acusações³⁴⁶

El Tiempo – Dura carta de reclamo a Ingrid Betancourt envió el presidente de Ecuador, Rafael Correa,³⁴⁷ 'Ecuador vigila frontera con equipos obsoletos', reconoce Ministro de Seguridad de ese país³⁴⁸

El Comercio – Una dura carta de Correa a Betancourt,³⁴⁹ En el Norte limitamos con las Farc³⁵⁰

Terceiro: os esforços para a superação da crise. As inúmeras tentativas de restabelecimento das relações entre a Colômbia e o Equador são reunidas nesse trajeto temático. Nele se aglutina uma série de declarações que confirmam ou refutam a aproximação dos dois países. Esses “dizeres” são atribuídos a fontes oficiais, prioritariamente, como chanceleres e ministros, além de representantes da OEA, mediadora da crise. Dentre essas “falas” algumas se destacam por seu negativismo, como a declaração da ministra das

³⁴⁶ QUITO e Bogotá trocam acusações. **Estado**, Caderno A, Internacional, São Paulo, ano 130, n. 42294, p. A13, 4 ago. 2009.

³⁴⁷ SAMANIEGO, Maggy Ayala. Dura carta de reclamo a Ingrid Betancourt envió el presidente de Ecuador, Rafael Correa. **El Tiempo**, Mundo, Bogotá, 16 jul. 2008. Disponível em: <<http://www.eltiempo.com/archivo/documento/CMS-4378736>>.

³⁴⁸ 'ECUADOR vigila frontera con equipos obsoletos', reconoce Ministro de Seguridad de ese país. **El Tiempo**, Política, 28 mar. 2009. Disponível em: <<http://www.eltiempo.com/archivo/documento/CMS-4904284>>.

³⁴⁹ UNA DURA carta de Correa a Betancourt. **El Comercio**, Política, 16 jul. 2008. Disponível em: <http://www.elcomercio.com/noticias/dura-carta-Correa-Ingrid_0_166786958.html>.

³⁵⁰ EN EL NORTE limitamos con las FARC. **El Comercio**, Política, 21 jun. 2008. Disponível em: <http://www.elcomercio.com/noticias/norte-limitamos-FARC-Correa_0_166185507.html>.

Relações Exteriores, María Isabel Salvador, de que “restablecer las relaciones con Colombia no es prioridad”,³⁵¹ destacada no próprio título pelo jornal *El Comercio*.

Nesse quadro ingressam, sobretudo, os principais personagens da crise e a eles são atribuídos sentidos por um Jornalismo que se dedica a acolher valorações, como, Rafael Correa, presidente do Equador, o qual é qualificado pelo governo colombiano por sua falta de seriedade, por querer confundir os equatorianos e referido por seus desacertos por membros do seu próprio governo. Álvaro Uribe, por sua vez, é chamado de mentiroso pelo governo do Equador, que classifica os “comunicados de Bogotá como “mentirosos” por cuanto no han podido probar una acusación formulada contra él” e definido como alguém que tenta confundir o povo colombiano.

O Estado de S. Paulo – Equador se diz aberto a diálogo com a Colômbia,³⁵² Violação consentida é regra do passado³⁵³

El Tiempo – Se agitan de nuevo relaciones entre Ecuador y Colombia³⁵⁴

El Comercio – Nueva escalada de la crisis diplomática con Colombia,³⁵⁵ Colombia insiste en acusar a Correa,³⁵⁶ Sus desaciertos agudizaron la crisis en Inteligencia,³⁵⁷ El Gobierno contraataca y no volverá a contestar a Colombia,³⁵⁸ Correa califica de ‘cantinfladas’ los comunicados de Colombia³⁵⁹

5.2 Conflitos provocados pelo Jornalismo

Ao construir discursivamente os acontecimentos “do mundo diante de si”, o Jornalismo visa a reduzir as discontinuidades provocadas por ele em uma tentativa de restabelecer “a continuidade no momento em que à ruptura se manifestou” (Quéré, 2005, p.

³⁵¹ ‘RESTABLECER las relaciones con Colombia no es prioridad’. *El Comercio*, Quito, 21 abr. 2008. Disponível em: <http://elcomercio.com/noticias/Restablecer-relaciones-Colombia-prioridad_0_164985218.html>.

³⁵² EQUADOR se diz aberto a diálogo com a Colômbia. *Estado*, Caderno A, Internacional, São Paulo, ano 130, n. 42306, p. A21, 16 ago. 2009.

³⁵³ NOGUEIRA, Rui. Violação consentida é regra do passado. *Estado*, Caderno A, Internacional, São Paulo, ano 129, n. 41788, p. A14, 16 mar. 2008.

³⁵⁴ SE AGITAN de nuevo relaciones entre Ecuador y Colombia. *El Tiempo*, Política, Bogotá, 14 abr. 2008. Disponível em: <<http://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-2897914>>.

³⁵⁵ NUEVA escalada de la crisis diplomática con Colombia. *El Comercio*, Política, Quito, 14 abr. 2008. Disponível em: <http://elcomercio.com/noticias/Nueva-escalada-crisis-diplomatica-Colombia_0_164986008.html>.

³⁵⁶ COLOMBIA insiste en acusar a Correa. *El Tiempo*, Política, Bogotá, 15 abr. 2008. Disponível em: <<http://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-2899102>>.

³⁵⁷ SUS DESACIERTOS agudizaron la crisis en Inteligencia. *El Comercio*, Quito, 5 abr. 2008. Disponível em: <http://elcomercio.com/noticias/desaciertos-agudizaron-crisis-Inteligencia_0_164987607.htm>.

³⁵⁸ EL GOBIERNO contraataca y no volverá a contestar a Colombia. *El Comercio*, Quito, 16 abr. 2008. Disponível em: <http://elcomercio.com/noticias/Gobierno-contraataca-volvera-contestar-Colombia_0_164985439.html>.

³⁵⁹ CORREA califica de ‘cantinfladas’ los comunicados de Colombia. *El Comercio*, Quito, 20 abr. 2008. Disponível em: <http://elcomercio.com/noticias/Correa-califica-cantinfladas-comunicados-Colombia_0_164984351.html>.

61). O discurso jornalístico, em direção oposta a da ruptura instaurada pelos eventos conflituos, ocupa-se em integrar o novo ao já existente. Pelas construções que opera ao propor sentidos para os acontecimentos, todavia, o Jornalismo pode provocar novas fissuras.

Os conflitos provocados por ele são originados pela forma de *dizer* o acontecimento, quer sejam reconhecidas como “corretas” ou “incorretas” por seus pares, leitores, formadores de opinião ou por aqueles diretamente interessados naquilo que está sendo dito (no *Angostura*, os sistemas políticos).³⁶⁰ De um modo geral, é difícil identificar e, por isso, mensurar os conflitos provocados pelo Jornalismo porque envolvem o reconhecimento de outrem. Neste sentido, me detenho em incorreções apresentadas pelos textos em análise, quer produzidas no momento da apuração, especialmente pela falta de verificação daquilo que ingressa como parte do acontecimento, quer da produção discursiva, por erros que alteram os sentidos. As incorreções aqui examinadas são apontadas pela própria imprensa ao fazer circular falas que se originam em outro meio ou ao contestá-las.

Isso ocorre, segundo Rifiotis (s/d, p. 1), porque o conflito “ocupa um lugar central na luta pela posse do presente, pela compreensão da experiência contemporânea”. Tal afirmação aproxima o conflito do Jornalismo, enquanto espaço discursivo estratégico, lugar de acolhimento e significação dos conflitos deste tempo, quando os confrontos têm ocorrência discursiva. Configura-se, todavia, também, como espaço no qual se desenvolvem disputas interessadas, posto que os atores nele envolvidos competem na definição de sentidos, lutam por poder no discurso, em meio à ambiência *do que dizer e como dizer*. Mais do que isso, os diferentes discursos que buscam ingressar no Jornalismo “competem na definição dos parâmetros legítimos para pensar o tempo presente”, como parte do domínio social (Rifiotis, s/d, p. 1).

A análise da produção jornalística do *acontecimento Angostura* permite afirmar que um Jornalismo de “declarações”, ou seja, que toma por referência as fontes oficiais, sem contrastá-las, sem ouvir o outro, sem ocupar-se do lado de lá, torna-o pré-disposto ao erro. Da mesma forma, contudo, porque os conflitos intranacionais e internacionais dizem respeito aos governos e às instituições públicas, qualquer movimento do Jornalismo em direção a esses eventos conflituos pode orientar-se por um “jogo de tudo ou nada” ou vir a provocá-lo. Significa afirmar que, por suas escolhas orientadas a partir de versões oficiais, o Jornalismo fica propenso ao erro.

³⁶⁰ Importante ter em conta que, em se tratando de um típico acontecimento atípico, os conflitos que se originam no Jornalismo vinculam-se aos sistemas políticos ou incidem sobre eles, enquanto origem ou fim.

Nesta etapa dedico-me a observar dois microacontecimentos que se ligam ao *Caso Angostura*, em que uma imprecisão do Jornalismo teve relação direta com a crise colombo-equatoriana. O primeiro deles trata de uma incorreção do jornal colombiano *El Tiempo* ao identificar erroneamente as pessoas que apareciam em uma fotografia, que repercutiu diretamente no sistema político e no Jornalismo equatorianos. Além de *El Comercio*, ele ingressou também em *O Estado de S. Paulo*, que se utilizou do diário, prioritariamente, como fonte de informação em seu processo de cobertura do *Angostura*. No segundo exemplo, o erro foi provocado por outro jornal de referência brasileiro, a *Folha de S. Paulo*, trazido aqui porque, como o anterior, iniciou sobre o conflito regional e levou o Jornalismo da Colômbia e do Equador a se ocuparem dele. Nota-se que os conflitos provocados pelos jornais recaem sobre eles mesmos, na medida em que o próprio Jornalismo reflete sobre eles.

5.2.1 “Una patraña mediática”. A foto que “não” era

Atravessado pela tensão do *acontecimento Angostura* e valendo-se de fontes oficiais, mesmo que anônimas, *El Tiempo* configura-se também como produtor do conflito que se dedica a interpretar. Isso porque às vésperas da reunião da OEA em Washington, realizada em 17 de março de 2008, o jornal colombiano *El Tiempo* afirmou em nota que o ministro da Segurança Interna e Externa do Equador, Gustavo Larrea, havia participado de reunião com Raúl Reyes, tomando por base os arquivos dos computadores do guerrilheiro. O jornal assegurava que “Las últimas horas, este diario conoció una fotografía en la que aparece el ministro de Seguridad de Ecuador, Gustavo Larrea, reunido con el jefe guerrillero, al parecer en su campamento. La imagen corrobora el contenido de un correo enviado por Reyes, sobre el encuentro que mantuvo con el ecuatoriano”.

No dia seguinte, 17, o jornal colombiano publicou a foto em sua página na internet, indicando como fonte a Polícia Nacional colombiana. Como nesta data acontecia a reunião de chanceleres da OEA, a foto entrou na pauta do encontro, acirrando a crise colombo-equatoriana. O embaixador do Equador na Organização, Efrén Cocíos, apontou para uma “patraña” midiática da imprensa internacional contra o governo do seu país e afirmou que a pessoa da foto não era o ministro Larrea.³⁶¹ A palavra espanhola “patraña” indica mentira ou notícia fabulosa, de pura invenção.

³⁶¹ PALLARES, Martín; GARCÉS, Santiago Estrella. Diario El Tiempo me ascendió a ministro: Patricio Echegaray. *El Comercio*, Política, Quito, 19 mar. 2008. Disponível em: <http://www.elcomercio.com/noticias/Diario-Tiempo-ascendio-Patricio-Echegaray_0_164384512.html>.

Prontamente a polêmica em torno da foto entrou nos portais *online* dos jornais *El Tiempo* e *Comercio* por meio dos jornalistas destes diários que faziam a cobertura da reunião nos Estados Unidos. O jornal colombiano utilizava-se de seu correspondente em Washington, Sérgio Gómez, enquanto o equatoriano havia deslocado para lá a correspondente em Nova York, Olga Imbaquingo, e o enviado especial, Martín Pallares.

Os primeiros dados sobre o verdadeiro protagonista da fotografia surgiram na sede da OEA, conforme informa o jornal *El Comercio*, quando funcionários da representação argentina na organização afirmaram tratar-se de Patricio Echegaray, secretário geral do Partido Comunista argentino. O texto indica também os movimentos de cobertura de *El Comercio* visando a verificar esta informação: “Hacia el mediodía el corresponsal de *El Comercio* en Buenos Aires se comunicó con Patricio Echegaray. ‘Al ver la publicación de mi foto en *El Tiempo* me entero que me han cambiado de nombre, que me han ascendido a ministro. Además, es una barbaridad porque las fotos de esta secuencia han sido difundidas por la prensa argentina durante toda la semana pasada’”. Constata-se que, além dos jornalistas que se encontravam em Washington, o jornal equatoriano utilizou-se de mais uma peça de sua rede informativa, o correspondente em Buenos Aires, como forma de acessar e verificar as informações para compor o acontecimento, que é parte da miríade de “aconteceres” que se ligam ao *Caso Angostura*.

No dia 18 de março os textos dos jornais tentam de alguma forma organizar a cronologia deste acontecimento, tomando por base a reunião na OEA e, especialmente, a cobertura na internet no dia anterior. *El Comercio* introduz o acontecimento a partir da cobertura de *El Tiempo* em seu portal:

‘La foto de *El Tiempo*, de Bogotá, que muestra al ministro Gustavo Larrea con Raúl Reyes encendió el debate (en la OEA) sobre los nexos de Ecuador con las Farc’. Así, con esta explosiva “revelación”, iniciaba ayer su nota de apertura en Internet el principal diario colombiano para abordar el tema de la cita de cancilleres en la OEA. “En la sesión de cancilleres – explicaba *El Tiempo* – se repartió la foto revelada por este Diario y que fue obtenida en exclusiva del computador de ‘Reyes’”.

Em seguida afirma que a primeira notícia sobre a suposta reunião entre Larrea e Reyes havia sido tratada na edição impressa do jornal colombiano no domingo, dia 16, na editoria de Justiça. O texto de *El Comercio* dedica-se, ainda, a detalhar outros movimentos da cobertura do seu par colombiano em sua página na web no dia anterior:

Ayer, durante toda la jornada, la edición digital de *El Tiempo* fue modificando su versión. Inicialmente, sostuvo que la fotografía del ministro Larrea fue obtenida en exclusiva del computador de ‘Reyes’. Luego de pocas horas señaló que fue encontrada por la Policía, que señaló que se trataba de Larrea. En la tarde indicó – citando a la Policía – que una fuente no autorizada de esa institución suministró la foto asegurando que en ella aparecía el ministro Larrea. Por último, reseñó: ‘el personaje de la foto con ‘Reyes’ no es Gustavo Larrea: se trata de un dirigente comunista argentino’.

O jornal colombiano *El Tiempo*, em sua edição impressa de 18 de março, traz no título a informação de que “El ministro Larrea no era el de la foto”³⁶², complementando-a na linha de apoio ao explicar que “El personaje que apareció ayer con ‘Raúl Reyes’ en una fotografía publicada por *El Tiempo* – que según la fuente de la Inteligencia de la Policía que la suministró era el ministro ecuatoriano de Seguridad, Gustavo Larrea – es en realidad el dirigente comunista argentino Patricio Etchegaray”.

Ilustração 9: A retificação do erro em *El Tiempo* (18 mar. 2008)

The image is a composite. On the left is the front page of the newspaper 'El Tiempo' from March 18, 2008. The main headline is 'Tensa búsqueda de punto final a crisis'. Other headlines include 'Lunes negro' rozó a Colombia' and 'Los que decidieron cambiar de religión'. On the right side of the newspaper page, there are two photographs. The top one shows Patricio Etchegaray, a man with a mustache, sitting at a table. The bottom one shows Raúl Reyes and Gustavo Larrea sitting at a table. Below the newspaper page, there are two more photographs. The top one shows Patricio Etchegaray, and the bottom one shows Raúl Reyes and Gustavo Larrea.

Patricio Etchegaray (acima), dirigente comunista argentino, na foto com Raúl Reyes, e Gustavo Larrea, ministro equatoriano (abaixo)

Fonte: *El Tiempo*

No texto, primeiro informa que havia obtido a fotografia de uma fonte da Polícia Nacional – “La fuente de la Policía que suministró el documento señaló el domingo que este era parte del material hallado en los computadores de ‘Reyes’ incautados en la operación en su contra en Ecuador. Aseguró, también, que se habían hecho las verificaciones respectivas para establecer que se trataba del funcionario ecuatoriano” – para, em seguida, alertar que a versão desta fonte mostrou-

³⁶² EL MINISTRO Larrea no era el de la foto. **El Tiempo**, Nacional, 18 mar. 2008. Disponível em: <<http://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-2866926>>.

se equivocada, na manhã do dia 17, quando funcionários e jornalistas equatorianos informaram na OEA ao diário que a pessoa na foto não era Larrea, apesar da semelhança. Posteriormente, conforme o relato do jornal, “Patricio Etchegaray, dirigente comunista de Argentina, llamó para informar que él era quien estaba en la imagen”. Acentuou, também, que o ministro equatoriano enviou um comunicado ao jornal onde afirmava “No soy el que aparece en la fotografía”, qualificando a publicação de um “nuevo y descabellado intento de desprestigio”. O jornal assume o erro ao afirmar que “*El Tiempo* lamenta esta situación y ofrece disculpas al ministro Gustavo Larrea y al gobierno ecuatoriano por los hechos”.

O texto divide-se em dois intertítulos, um com o comunicado da Polícia Nacional, indicando que desconhece como a fotografia tornou-se pública e que investigará tal ocorrência, enquanto o segundo texto, “El verdadero personaje”, apresenta Patricio Etchegaray: “Yo soy quien aparece en la foto con 'Raúl Reyes'. Se tomó cuando le hice un reportaje en el 2006, que luego fue publicado en varios medios”.

Ainda no dia 18, a fotografia “que não era” retorna ao jornal *El Comercio* no texto que trata dos resultados da reunião na OEA entre Colômbia e Equador, promovida com o propósito de encerrar a crise entre os dois países, que teve início em 3 de março, quando o governo de Rafael Correa rompeu relações diplomáticas com o país vizinho. O diário equatoriano declarou que o país condicionou o restabelecimento das relações com a Colômbia ao fim da “campanha mediática de desprestigio”³⁶³, segundo anúncio do ministro da Segurança Gustavo Larrea durante entrevista coletiva. A expressão “campanha mediática” retorna em outros momentos da cobertura, sempre em declarações de funcionários e lideranças do governo equatoriano, ao fazerem referência à fotografia publicada por *El Tiempo* ou em críticas a outros meios de comunicação (ver item 5.3, *Conflictos enfrentados pelo Jornalismo*).

‘Lo anterior prueba, una vez más, la campaña mediática maliciosa y de desinformación que está desarrollando Colombia para distraer la atención sobre la violación a la soberanía nacional del Ecuador’, señaló la Cancillería en un comunicado oficial. Según Larrea, el país presentará, a través de la Cancillería, una protesta formal contra Colombia, pues considera que fue la fuente de información que proporcionó la fotografía publicada por *El Tiempo*. Además, confirmó que el Gobierno presentó una carta de protesta contra el diario bogotano, por la publicación de la foto.

O Jornalismo de *El Comercio* avalia o erro cometido pelo seu par colombiano, “el más importante de Colombia”, a partir da opinião de outros jornalistas. Faz isso em matéria assinada pelo correspondente em Bogotá, Carlos Rojas. No texto “La tarea de la prensa en las crisis, en

³⁶³ EL ECUADOR condiciona a Colombia. **El Comercio**, Política, Quito, 18 mar. 2008. Disponível em: <http://www.elcomercio.com/politica/Ecuador-condiciona-Colombia_0_164385506.html>.

debate”,³⁶⁴ o jornalista argumenta que o erro cometido ao confundir o ministro da Defesa Gustavo Larrea com o político argentino Patricio Echegaray não é “um simples fato anedótico”, visto que colocou em debate “el comportamiento de los medios de comunicación colombianos en la reciente crisis con Ecuador y Venezuela”. Traz as declarações da também jornalista María Teresa Ronderos, assessora editorial da revista *Semana*, presidente da *Fundación para la Libertad de Prensa* e docente da *Fundación Nuevo Periodismo Iberoamericano*, que assenta o debate sobre três pontos: a pressa na produção, a difusão de informações filtradas pelas fontes e, finalmente, a absoluta credibilidade dada às versões oficiais. A correspondente do *Le Monde* em Bogotá, Marie Eve Detocut, destaca ser indispensável que o Jornalismo filtre cuidadosamente as informações e questione as declarações que se originam em fontes governamentais.

Detocut recorda que quando das primeiras revelações de documentos encontrados nos computadores de Raúl Reyes, feitas pelo chefe da Polícia Nacional colombiana, Óscar Naranjo, em meio à deflagração da crise binacional, “fueron pocos los periodistas que demandaron pruebas que confirmen la veracidad de esos papeles. Además, abrieron sus noticieros y diarios, días después, resaltando la alta popularidad de Uribe”. A correspondente do jornal francês adverte que “la crisis se agudiza cuando se trata de un medio escrito que se ha constituido en el único referente de opinión nacional en Colombia. Y más aún cuando el ministro de Defensa, Juan Manuel Santos, es miembro de la familia que dirige el periódico. Lo mismo sucede con el vicepresidente Francisco Santos, primo del ministro de Defensa”. As relações entre o governo colombiano e o jornal *El Tiempo* de que trata a correspondente, são acionadas por governantes equatorianos como forma de indicar a existência de uma campanha midiática contrária ao Equador.

A temática é retomada no texto de Rojas por meio do intertítulo “*El Tiempo* y su nexa con Uribe”. Utilizando declarações fornecidas pelo codiretor de *El Tiempo*, Enrique Santos, a outros meios de comunicação, como a RCN e a *Caracol Radio*, ambas colombianas, mas sem o uso de aspas, diz que ele “reconoció que la presencia de su familia en el gobierno de Uribe ha sido señalada por Ecuador como uno de los nexos que facilitó la supuesta campaña mediática desfavorable a Rafael Correa”. Mais adiante, entre aspas, diz que o codiretor reconheceu que “ha sido un enorme dolor de cabeza para el periódico, una circunstancia sumamente intensa e incómoda tener a dos ex directivos en el Gobierno que lesiona de entrada la imagen y la credibilidad del periódico”.

O jornal brasileiro *O Estado de S. Paulo* agrupa todas as informações acerca da publicação da fotografia na edição do dia 18. O texto “Quito endurece posição em relação a

³⁶⁴ ROJAS, Carlos. La tarea de la prensa en las crisis, en debate. **El Comercio**, Quito, 19 mar. 2008. Disponível em: <http://www.elcomercio.com/noticias/tarea-prensa-crisis-debate_0_164387320.html>.

Bogotá”³⁶⁵, da correspondente em Washington Patrícia Campos Mello inicia-se pela reação do governo equatoriano:

O governo do presidente equatoriano, Rafael Correa, exige o fim do que chamou de ‘*campanha midiática*’ contra seu governo [...]. A declaração foi feita pelo ministro equatoriano de Segurança, Gustavo Larrea, que teve *uma suposta foto* sua com um líder das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc) *publicada pelo jornal colombiano El Tiempo* [...]. *El Tiempo* assegurava em sua página na internet que a foto era de uma reunião entre Larrea e Reyes. De acordo com o jornal, a foto havia sido encontrada no computador pessoal de Reyes.

O diário brasileiro mescla informações recolhidas em *El Tiempo* – o meio que mais vezes lhe serve de fonte durante a cobertura do *Caso Angostura* – e as fornecidas pela agência EFE, estas referentes ao personagem da foto, o político argentino Patrício Echegaray. Ao final do texto traz nova acusação feita por seu par colombiano:

El Tiempo também publicou ontem uma reportagem na qual afirma que US\$ 480 mil apreendidos na semana passada em uma casa na Costa Rica podem fazer parte de um fundo para financiar as gestões internacionais das Farc. De acordo com investigações, o dinheiro encontrado perto de San José era destinado ao guerrilheiro Rodrigo Granda, considerado o “chanceler” da guerrilha.

No dia seguinte, 19, *O Estado de S. Paulo* apresenta o desfecho do ocorrido ao relatar que o jornal colombiano *El Tiempo* desculpou-se com o governo do Equador por ter afirmado equivocadamente que o homem que aparece na fotografia com Raúl Reyes seria o ministro equatoriano da Segurança, Gustavo Larrea. Entre aspas reproduziu trecho do texto em que o diário colombiano assume o erro cometido: “Este jornal falhou em seus procedimentos de verificação (...) e falhou ao não atribuir claramente a informação à sua fonte’, afirmou *El Tiempo* em editorial”.³⁶⁶ A parte indicada por parênteses revela subtração de parte da informação, realizada pelo jornal brasileiro.

Por esse fragmento de texto percebe-se que, além de acompanhar o conflito entre os vizinhos latino-americanos, que também envolve os *media* daqueles países, *O Estado de S. Paulo* constata como o jornal *El Tiempo*, que lhe serve prioritariamente como fonte para esta temática, movimenta-se em meio ao conflito.

O Estado de S. Paulo traz no dia 17 a “foto que não era”, em página destinada à cobertura da reunião de chanceleres na OEA. O jornal opta por reproduzi-la novamente no dia seguinte, quando se refere ao pedido de desculpas do jornal colombiano pela incorreção na

³⁶⁵ MELLO, Patrícia Campos. Quito endurece posição em relação a Bogotá. **Estado**, Caderno A, Internacional, São Paulo, ano 129, n. 41790, p. A10, 18 mar. 2008.

³⁶⁶ ‘EL TIEMPO’ pede desculpa a Quito. **Estado**, Caderno A, Internacional, São Paulo, ano 129, n. 41791, p. A13, 19 mar. 2008.

afirmação trazida, desta vez ao lado de uma fotografia do ministro equatoriano Gustavo Larrea, o que permite identificar a semelhança com o líder argentino Patricio Echegaray.

Ilustração 10: A incorreção de *El Tiempo* em *O Estado de S. Paulo* nos dias 18 (D) e 19 mar. 2009

The image is a collage of newspaper clippings. At the top, there are two pages from 'INTERNACIONAL' with the headline 'Projeto da OEA condena Colômbia'. Below this, there are several smaller articles and photos. One article is titled 'EUA mantêm posição polêmica sobre fronteiras' with a sub-headline 'Embaixador no País diz que combate ao terror é prioritário e elogia proposta de Conselho de Defesa Sul-Americano'. Another article is titled 'Repúdio à Colômbia satisfaz Equador' with a sub-headline 'Durante 15 horas, Quito pressionou OEA por "condenação" de Bogotá, mas resolução aprovada foi mais branda'. There are also photos of people in suits, likely at a diplomatic event. At the bottom right, there is a small advertisement for KIA cars, featuring a silver SUV and the text 'Não é comprado carro apertado que você vai ter uma família unida.' and 'KIA MOTORS'.

Fonte: *O Estado de S. Paulo*

5.2.2 “Hay error en la transcripción”. O “não” que não existia

O jornal brasileiro *Folha de S. Paulo* traz na edição de 2 de de outubro de 2008 uma entrevista com o presidente equatoriano Rafael Correa. O propósito é o de destacar a aprovação da nova Constituição equatoriana. A entrevista foi realizada em Manaus, no Brasil, pela repórter Kátia Brasil, da *Agência Folha*, que integra o conglomerado do qual o jornal é a cabeça da rede, após reunião entre os presidentes Luiz Inácio Lula da Silva, Evo Morales, da Bolívia, e Hugo Chávez, da Venezuela. Entre as perguntas, a jornalista indagou o mandatário equatoriano acerca das relações com a Colômbia:

FOLHA - Está superada pelo seu governo a questão com o governo da Colômbia [que em março invadiu o território equatoriano para atacar uma base das Farc]?
CORREA - De nenhuma maneira. Nossas relações estão cortadas porque, entre outras coisas, a Colômbia tem informações de gravações de bombardeio e nada nos

informou. Esse caso nunca será superado porque há uma clara agressão deliberada e desleal ao território equatoriano por parte de um país que consideramos irmão, porém tem um governo [Álvaro Uribe] que não consideramos amigo.³⁶⁷

No dia seguinte, 3 de outubro, a entrevista de Correa ao jornal brasileiro ingressa no equatoriano *El Comercio*. O diário a recorta e utiliza apenas a resposta à indagação acerca da crise colombo-equatoriana. O título “No hay perdón para Uribe”³⁶⁸ antecipa o conteúdo do texto, que fragmenta a resposta, trazendo as declarações de Correa sempre entre aspas. Entre elas a de que “‘Este caso nunca será superado porque hay una clara agresión deliberada y desleal al territorio ecuatoriano, por parte de un país que consideramos hermano, aunque tiene un Gobierno que no consideramos amigo’, agregó Correa en la entrevista exclusiva”.

Texto da edição de 4 de outubro de 2008 do jornal colombiano *El Tiempo* revela o ingresso das declarações de Rafael Correa na esfera governamental e no Jornalismo colombianos. O texto “Uribe no irá a cumbre de CAN en Ecuador en protesta por nuevas críticas de Correa”³⁶⁹ parte da entrevista concedida pelo presidente do Equador à *Folha* e afirma que “El malestar del presidente colombiano se originó por una entrevista que Correa concedió al diario brasileño *Folha de São Paulo* y que fue publicada el pasado jueves”. O texto inicia-se com a reação do governo colombiano diante das declarações do mandatário equatoriano, “El presidente de Ecuador, ‘emitió declaraciones a los medios de comunicación, en las cuales se refiere en términos desobligantes hacia el Gobierno de Colombia’, según la Casa de Nariño”, para finalmente advertir que em razão disso Álvaro Uribe não iria à reunião da Comunidade Andina de Nações (CAN) programada para 14 de outubro.

No outro dia, 5, é a vez do jornal equatoriano *El Comercio* fazer referência a um novo momento da crise diplomática entre Colômbia e Equador, desencadeada a partir do episódio na fronteira dos dois países sete meses antes. Para tanto traz a reação do presidente equatoriano Rafael Correa diante da manifestação de seu par Álvaro Uribe ao acusá-lo de “burlarse de Ecuador al desistir de participar en la cumbre de la Comunidad Andina de Naciones”³⁷⁰. O termo “acusação” é empregado por *El Comercio*, que não usa aspas nesta parte do texto. O jornal atribui a origem deste novo momento da crise à entrevista publicada pela *Folha de S. Paulo*, ao acrescentar como elemento novo a incorreção cometida pelo diário brasileiro em

³⁶⁷ BRASIL, Kátia. Carta garantirá governabilidade, diz Rafael Correa. **Folha de S. Paulo**, Mundo, São Paulo, 2 out. 2008. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u451056.shtml>>.

³⁶⁸ NO HAY perdón para Uribe. **El Comercio**, Política, Quito, 3 out. 2008. Disponível em: <http://elcomercio.com/noticias/perdon-Uribe_0_168586688.html>.

³⁶⁹ URIBE no irá a cumbre de CAN en Ecuador en protesta por nuevas críticas de Correa. **El Tiempo**, Bogotá, 4 out. 2008. Disponível em: <<http://www.eltiempo.com/archivo/documento/CMS-4583127>>.

³⁷⁰ OTRO traspie en las relaciones con Colombia. **El Comercio**, Política Quito, 5 out. 2008. Disponível em: <http://elcomercio.com/noticias/traspie-relaciones-Colombia_0_168586715.html>.

sua transcrição. A origem da informação é atribuída ao mandatário Rafael Correa, desta vez entre aspas: “Correa señaló que “es verdad que hay error en la transcripción” de una entrevista que ofreciera a un periódico brasileño el último martes en Manaos”.

A *Folha de S. Paulo*, em 6 de outubro, faz referência ao fato de a Chancelaria do Equador ter divulgado nota em que atribui o erro de transcrição da entrevista de Correa ao jornal. Assume o erro, reproduz o texto da nota da Chancelaria e faz uma última ressalva:

No texto publicado pela *Folha* foi incluído um ‘não’ que mudou o sentido da frase: ‘Esse caso nunca será superado porque há uma clara agressão deliberada e desleal ao território equatoriano por parte de um país que consideramos irmão, porém tem um governo que não consideramos amigo’. A reportagem voltou a ouvir a fita, e, apesar da fala rápida de Correa dificultar a audição do trecho, constatou que esse último ‘não’ de fato não foi dito por ele. O jornal, no entanto, não conseguiu detectar o primeiro ‘não’ que consta da nota equatoriana (“não de um país que consideramos irmão”).³⁷¹

Em sua versão *online* o diário brasileiro corrige a informação na própria entrevista, assinalando isso em nota: “Diferentemente do publicado na reportagem “Carta garantirá governabilidade, diz Rafael Correa” (Mundo - 02/10/2008 - 02h33), Correa não afirmou que a Colômbia “tem um governo [Álvaro Uribe] que não consideramos amigo”. Ele disse que a Colômbia tem um governo que “considerávamos amigo”. O texto já foi corrigido”.³⁷²

A situação é encerrada com uma nova matéria no equatoriano *El Comercio*, no dia 7, em que este afirma que o diário *Folha de S. Paulo* admitiu o erro na reprodução da entrevista de Correa, “El diario brasileño *Folha* reconoció que cometió un error en la transcripción de una entrevista al presidente Rafael Correa. Ese diálogo fue publicado la semana anterior”.³⁷³ Neste sentido, o diário *El Comercio* retoma a declaração atribuída incorretamente ao presidente Correa, ao falar da verificação realizada pelo jornal brasileiro, como forma de assinalar também os processos de produção deste diário:

“Ese caso nunca será superado. Ahí hubo una clara agresión deliberada y desleal al territorio ecuatoriano por parte de un país que no consideramos hermano, por parte de un Gobierno que no consideramos amigo”.

Sin embargo, el diario brasileño señaló que volvió a escuchar el audio de la entrevista. Como resultado, precisó que el Presidente ecuatoriano no dijo que el Gobierno de Colombia “no” lo considera como un amigo.

La aclaración del diario *Folha* se dio después de que la Cancillería ecuatoriana enviara un reclamo a los medios de comunicación que reprodujeron esa entrevista.

³⁷¹ QUITO atribui a erro da Folha crise com Bogotá. **Folha de São Paulo**, Mundo, São Paulo, 6 out. 2008. Disponível em: <www.folha.com.br/082752>.

³⁷² ERRAMOS: Carta garantirá governabilidade, diz Rafael Correa. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 9 out. 2008. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u454229.shtml>>.

³⁷³ FOLHA admite imprecisión en entrevista a Correa. **El Comercio**, Política, Quito, 7 out. 2008. Disponível em: <http://elcomercio.com/noticias/Folha-admite-imprecision-entrevista-Correa_0_168586054.html>.

Para contrapor o ocorrido na esfera política a partir do erro cometido pelo jornal brasileiro, ou seja, o novo acirramento na crise colombo-equatoriana, *El Comercio* relembra que a Casa Nariño, sede do governo colombiano, havia emitido um comunicado “tachando como “desobrigantes” las expresiones del Jefe de Estado ecuatoriano”. É importante acrescentar que a confirmação pela *Folha de S. Paulo* de sua incorreção não ingressa no jornal colombiano *El Tiempo*, permanecendo aí a versão de que Rafael Correa “não” considera Álvaro Uribe como amigo, quando este “não” inexistia. O jornal brasileiro *O Estado de S. Paulo*, por sua vez, não se ocupa em nenhum momento da incorreção ou do conflito provocado por ela, apesar de a *Folha de S. Paulo* ser seu concorrente.

O erro cometido pela *Folha de S. Paulo* tem reflexo direto nas relações entre Colômbia e Equador, no âmbito geopolítico. O conflito provocado pela incorreção, além de evidenciar uma circulação no âmbito da produção, de um Jornalismo fonte do próprio Jornalismo – da *Folha de S. Paulo* para *El Comercio* e deste para *El Tiempo* –, dá visibilidade à centralidade da mídia sob outras esferas e atores sociais diante de situações altamente conflitivas. Também torna visíveis os modos como ocorre o trânsito de informações entre o sistema político e o Jornalismo, uma vez que *El Tiempo* e *El Comercio* ocupam-se do ir e vir, da ação e reação, via declarações oficiais, do conflito provocado pelo Jornalismo.

Permite, ainda, refletir sobre a circulação dos conteúdos apresentados pelo Jornalismo. Nas palavras de Colombo (1998, p. 126), “el fenómeno más interesante del periodismo [...] está en la aparición y en la imposición, de manera cada vez más clamorosa, de noticias que no nacen cerca pero que tienen consecuencias cercanas, que ocurren en otro lugar pero que afectan a todos”.

5.3 Conflitos enfrentados pelo Jornalismo

O Jornalismo transita entre os “jogos de tudo ou nada” e os “de interesses mesclados”, mencionados por Rey Morató (1988), com o objetivo de dar ordem e materialidade discursiva aos acontecimentos. Nesse viés, exerce um papel ainda mais complexo quando se vê desafiado por típicos acontecimentos atípicos que acabam por envolvê-lo nos conflitos que trazem à tona por sua aparição, especialmente, por que de modo contínuo estes se conectam aos sistemas políticos.

Na cobertura do *Caso Angostura* os jornais *El Tiempo* e *El Comercio*, pela proximidade dos espaços em crise, acabam enredados pelas tramas de um jogo de forças conflituosas, por que este sempre representa interesses e disputas por poder no discurso. Esse jogo se realiza em movimentos dos sistemas políticos e das instituições jurídicas, em

intervenções da diplomacia e, em maior ou menor medida, pelas processualidades do Jornalismo. Ao “jogar”, movimentando-se entre as mediações políticas e diplomáticas e entre os fluxos do acontecimento, o Jornalismo é desafiado a interpretar os estágios do conflito.

É importante considerar que as desordens do mundo vivido não são linearidades que se sucedem uma a uma; antes, elas se interpenetram, se sobrepõem ou se anulam – isso vale tanto para os fluxos do acontecimento, quanto para os microacontecimentos que lhe refletem *a posteriori* ou, ainda, para os microrrelatos que objetivam atribuir-lhes sentidos. Os microacontecimentos e microrrelatos que se relacionam, ou são relacionados pelas instâncias políticas e diplomáticas ou pelo Jornalismo, ao *acontecimento Angostura*, contribuem para essa compreensão.

No processo de produção do *Caso Angostura*, permeado continuamente por interações e embates “com os sujeitos intervenientes dos conflitos” (Chaparro, 2001, p. 52), em alguns momentos o Jornalismo tornou-se sujeito deles. A proximidade das fontes oficiais do mesmo modo como o leva a incorreções, o enreda em conflitos, geralmente por que divergem de suas interpretações. Analiso a seguir momentos da produção do *Angostura* nos quais os jornais *El Tiempo* e *El Comercio* ocupam-se de si mesmos e de seus pares, trabalhando os conflitos nos quais eles são envolvidos a partir de declarações de fontes oficiais.

5.3.1 *El Tiempo*

O jornal *El Tiempo* dedica-se em meio aos transcorrer do *caso Angostura* a se manifestar sobre os momentos em que é enredado por confrontos que se originam, essencialmente, nos sistemas políticos de países vizinhos à Colômbia. Da mesma forma, ocupa-se de críticas dirigidas ao seu par equatoriano *El Comercio* – o jornal empregado de maneira recorrente como fonte em sua cobertura do *Caso Angostura* – e, em menor grau, dos conflitos que envolvem outros meios.

Ao ocupar-se dos conflitos que lhe dizem respeito, oriundos de fontes oficiais externas à Colômbia, *El Tiempo* opta por apenas trazê-los, sem esboçar nenhuma reação ou contestação, como nos exemplos a seguir apresentados.

O colombiano *El Tiempo* e os jornais *El País* e *ABC*, espanhóis, e *The Wall Street Journal* e *The Miami Herald*, estadunidenses, foram acusados, nominalmente, pelo chanceler venezuelano Nicolás Maduro, de criarem uma espécie de sistema de desinformação e manipulação e de tentarem fixar a agenda política aos governos envolvidos na crise colombo-

equatoriana.³⁷⁴ O chanceler, segundo o texto do jornal colombiano, assegurou “que este sistema “lo encabeza *El Tiempo* de Bogotá y la familia que es dueña de ese diario” que a su juicio “es antibolivariana y odia a Venezuela, pero que además quiere un conflicto armado entre los pueblos colombiano y venezolano””. Ao descrever o contexto da declaração, afirma que “era visible su enojo con los diarios que han divulgado datos de los computadores de ‘Raúl Reyes’ (todos los que mencionó), por nexos que allí aparecen entre Chávez y altos dignatarios de su gobierno con las Farc”.

El Tiempo ocupa-se reiteradamente das agressões do governo equatoriano aos meios de comunicação do próprio Equador e afirma que repetidas vezes o presidente Rafael Correa designa de “‘mediocre’, ‘corrupta’ y ‘mentirosa’ a la prensa local”. Dentre as acusações, destacam-se aquelas feitas ao diário *El Comercio*, como a dirigida à diretora do jornal equatoriano, Guadalupe Mantilla. Diante da publicação pelo jornal equatoriano *El Comercio* de entrevista com Nilo Córdova, ex-governador do Departamento de Loja sobre os contratos milionários de Fabricio Correa, irmão do presidente Rafael Correa, com o governo, o mandatário reagiu e indagou em seu programa semanal no rádio: ““¿Qué pasaría si en ‘*El Telégrafo*’ (diario en manos del Estado) se publica la versión de un ex empleado de *El Comercio* diciendo “que (Mantilla) es una explotadora, narcotraficante?””³⁷⁵ Segundo *El Tiempo* “La directora del influyente diario ‘*El Comercio*’ reclamó respeto al mandatario por la permanente agresión verbal que mantiene contra los medios de comunicación y periodistas del país”, enquanto a Associação Equatoriana de Editores de Periódicos (Aedep) solicitou ao presidente “moderação”.

Trata também da agressão de Correa à diretora de *El Comercio* tomando por base a declaração do presidente da Sociedade Interamericana de Imprensa (SIP), Enrique Santos, da equipe de *El Tiempo*. No texto, segundo o jornal, Santos refere-se à declaração do presidente Rafael Correa como “malévola”: “El presidente de la SIP, Enrique Santos, expresó que la institución condena la forma denigrante en la que el presidente Correa se refiere a los periodistas y dueños de medios de manera constante y recurrente, que lejos de promover un debate sano y democrático genera un clima de confrontación”.³⁷⁶

³⁷⁴ ARAÚJO y Maduro trataron de descongelar la agenda bilateral, **El Tiempo**, Política, Bogotá, 3 jul. 2008. Disponível em: <<http://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-2959980>>.

³⁷⁵ SAMANIEGO, Maggy Ayala. Presidente Rafael Correa arrecia sus ataques a la prensa en Ecuador. **El Tiempo**, Justicia, Bogotá 21 jul. 2009. Disponível em: <<http://www.eltiempo.com/archivo/documento/CMS-5659287>>.

³⁷⁶ SIP crítica actitud de Correa contra prensa. **El Tiempo**, Bogotá, 25 jul. 2009. Disponível em: <<http://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-3540393>>.

Em outro momento da cobertura ressalta que o equatoriano foi acusado de ser “el brazo ejecutor de una conspiración”³⁷⁷, mas apesar de trazer a declaração entre aspas, não especifica que conspiração é essa, contudo identifica o autor da denúncia, o diretor da Asociación Latinoamericana para los Derechos Humanos (Aldhu), Juan de Dios Parra, responsável pela defesa pública das três sobreviventes ao ataque ao acampamento das Farc em Angostura, no qual sucumbiu Raúl Reyes.

Na esteira de inúmeras agressões aos meios de comunicação latino-americanos e da demanda da SIP às autoridades da Bolívia, El Salvador e Venezuela para indagar sobre atos violentos e intimidação contra jornalistas, o colombiano *El Tiempo* produz uma extensa reportagem sobre isso.³⁷⁸ Mobiliza, para tanto, as correspondentes Valentina Lares Martiz e Maggy Ayala Samaniego, em Caracas e Quito, respectivamente.

5.3.2 *El Comercio*

O jornal equatoriano *El Comercio* se vê diretamente envolvido, em alguns momentos, em conflitos gestados nas instâncias políticas de seu próprio país. A agressão mencionada anteriormente, em que o presidente equatoriano indaga sobre qual seria a reação de *El Comercio* caso fosse publicado em outro meio a afirmação de que sua diretora seria narcotraficante, como forma de contestar o conteúdo de reportagem sobre seu irmão, é um desses momentos. Nesta situação concreta, o jornal opta por publicar uma nota de protesto:

Grupo *El Comercio* considera inaceptable la comparación que hizo el presidente Rafael Correa en su cadena sabatina. “Imagínense – dijo – si mañana ordeno a un vecino o empleado que botó y que la odia (en referencia a empleados de *El Comercio*), a que en Diario Ciudadano o *Diario El Telégrafo* publique una nota que diga que la señora Guadalupe Mantilla de Acquaviva es narcotraficante.” Correa lanzó la comparación al tratar de desvirtuar las declaraciones del ex gobernador de Loja, Nilo Córdova, publicadas por este Diario, en las cuales afirmó haber alertado al Presidente, en el primer trimestre y en septiembre del año pasado, que su hermano Fabricio estaba buscando negocios en Loja. A fines de ese año, la empresa lojana Cosurca fue comprada por el consorcio International Energy Overseas, de Fabricio Correa.³⁷⁹

O jornal colombiano *El Tiempo* se ocupa prioritariamente dos conflitos que o envolvem, enquanto equatoriano *El Comercio* trata das declarações desfavoráveis ao seu par

³⁷⁷ SAMANIEGO, Maggy Ayala. Presidente ecuatoriano le pide a Chauvín aclarar lo de sus reuniones con 'Raúl Reyes'. *El Tiempo*, Política, Bogotá, 7 fev. 2009. Disponível em: <<http://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-3306570>>.

³⁷⁸ CRECE el acoso contra medios de comunicación en Latinoamérica. *El Tiempo*, Mundo, Bogotá 3 ago. 2009. Disponível em: <<http://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-3552732>>.

³⁷⁹ 'ES INACEPTABLE la insinuación del presidente Correa'. *El Comercio*, Política, Quito, 20 jul. 2009. Disponível em: <http://www.elcomercio.com/noticias/inaceptable-insinuacion-presidente-Correa_0_83991801.html>.

colombiano. As afirmações contrárias a *El Tiempo* trazidas pelo jornal *El Comercio* são oriundas de fontes equatorianas, do mesmo modo como as que são dirigidas a si próprio.

Ao cumprir um ano da ruptura diplomática, diante da manifestação do ministro da Defesa colombiano, Juan Manuel Santos, de que seu país “tiene el derecho de “golpear terroristas”, aunque estén en un tercer país”, o governo equatoriano rechaçou a tese de legítima defesa e deixou claro que ela em nada colabora para a normalização das relações. Neste contexto, foram criticados os jornais colombianos *El Tiempo* e *El Espectador* pelo fato de estes terem sugerido uma falta de controle pelo Equador de suas fronteiras. A crítica emitida pelo ministro da Defesa do Equador, Javier Ponce, apresentada entre aspas pelo jornal equatoriano, diz: ““Si los periódicos colombianos están preocupados (...) que se preocupen cómo salen de Colombia”, dijo Ponce”.³⁸⁰

Em outro texto, Fander Falconí Benítez, fundador do partido equatoriano *Alianza País*, do presidente Correa, indagado durante entrevista realizada pelo diário *El Comercio* acerca das relações com a Colômbia, retorna à incorreção do colombiano *El Tiempo* ao publicar a foto de Gustavo Larrea e a situa como agravante da crise. Ao ser perguntado “¿Y después de eso?”, responde: “Empieza toda una campaña mediática de diario *El Tiempo*. Se tienen vinculaciones claras entre el Ministro de Defensa y el diario”.³⁸¹

Como mencionado anteriormente, inúmeros meios de comunicação equatorianos foram alvo de críticas originadas no sistema político de seu próprio país. Em dada situação, ao se referir à crise com a Colômbia, o presidente Rafael Correa a relacionou ao papel dos meios. *El Comercio* afirma, por que não usa aspas, que o mandatário questionou, em duros termos, os meios de comunicação sob o argumento de que “la prensa supuestamente desinforma”.³⁸² Por outro lado, adverte que o presidente afirmou que “la campaña del Régimen seguirá, “para nivelar la cancha””. Ao término deste texto critica o jornal que considera seu principal opositor, o diário *El Universo*, de Guayaquil.

É recorrente nos textos da cobertura do *Caso Angostura* a presença de críticas do governo equatoriano a alguns meios de comunicação de outros países, emitidas em resposta a acusações feitas por estes, como nos exemplos a seguir:

- *The Wall Street Journal*, dos EUA, por um artigo em que acusa o governo do Equador de apoiar ativamente as Farc, tomando por base provas exibidas por

³⁸⁰ LA DESCONFIANZA en Colombia crece. **El Comercio**, Política, Quito, 3 mar. 2009. Disponível em: <http://elcomercio.com/noticias/desconfianza-Colombia-crece_0_7799513.html>.

³⁸¹ ZEAS, Santiago. ‘Descartamos el diálogo con Colombia’. **El Comercio**, Política, Quito, 10 mar. 2009. Disponível em: <http://elcomercio.com/noticias/Descartamos-dialogo-Colombia_0_3599675.html>.

³⁸² EL PLAN Colombia es un fracaso: Correa. **El Comercio**, Política, Quito, 16 nov. 2008. Disponível em: <http://elcomercio.com/noticias/Plan-Colombia-fracaso-Correa_0_169184379.html>.

Bogotá. A resposta do governo foi denunciar “una “nueva campaña de rumores y agresiones” desde Colombia debido a su demanda internacional contra Bogotá por la muerte de un ecuatoriano durante una incursión militar en territorio ecuatoriano en 2008”.³⁸³ Em termos práticos, solicitou ao jornal estadunidense retificar a informação ““o en caso contrario demandaremos al *Wall Street*, porque ya basta de tanta mentira”, dijo Correa en su programa semanal de radio y televisión”.³⁸⁴

- *El País*, da Espanha, por assegurar em reportagem que em 2006 havia sido depositado em torno de USD 400 000 (em modela americana) na conta do partido Alianza País, o do presidente Rafael Correa, supostamente para sua campanha.³⁸⁵ Em resposta, “un mensaje de protesta al diario español *El País* por un artículo publicado el miércoles titulado “Las Farc hallan refugio en Ecuador””.³⁸⁶

* * *

À parte de conferir existência ao que nomeia, o Jornalismo medeia o acesso ao presente, quer condicionando a promoção de atores sociais a atores políticos (Borrat, 1989), quer privilegiando alguns atores ou determinados âmbitos. Deste modo, contribui para a definição simbólica dos acontecimentos por meio de seu discurso. A compreensão do Jornalismo a partir desta perspectiva possibilita que se pense “sobre o estatuto da sua relação com o mundo da vida social” (Correia, 2005, p. 16). Longe de apenas registrá-las, o Jornalismo atribui um determinado relevo às ocorrências no mundo, a partir de práticas orientadas pelos contextos endógeno – a organização de trabalho, as regras anônimas que disciplinam historicamente o Jornalismo, a comunidade jornalística, etc. – e exógeno – um conjunto variável de outras instituições e seus interesses, a audiência. Tanto os rituais estratégicos que conformam as práticas profissionais, quanto os fatores externos à instituição jornalística atuam como procedimentos de controle e delimitação do discurso.

Sabe-se que elementos exógenos afetam diretamente o regime das práticas e os espaços nos quais estas se realizam. No contexto exógeno localizam-se zonas de instabilidade às margens do saber jornalístico, que impõem, em determinados momentos, outras prioridades

³⁸³ CORREA denuncia nueva campaña de rumores y agresiones desde Colombia. **El Comercio**, Política, Quito, 27 jun. 2009. Disponível em: <http://elcomercio.com/noticias/Correa-denuncia-campana-agresiones-Colombia_0_68993104.html>.

³⁸⁴ ECUADOR pide ayuda para casi 135.000 refugiados colombianos. **El Tiempo**, Mundo, Bogotá, 26 jun. 2009. Disponível em: <<http://www.eltiempo.com/archivo/documento/CMS-5534707>>.

³⁸⁵ EL RÉGIMEN solicita a El País rectificar. **El Comercio**, Justicia, Quito, 4 ago. 2009. Disponível em: <http://www.elcomercio.com/noticiaEC.asp?id_noticia=295294&id_seccion=4>.

³⁸⁶ CHÁVEZ llama a Uribe y anuncian cumbre. **El Tiempo**, Política, Bogotá, 14 mar. 2008. Disponível em: <<http://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-2862735>>.

sobre a especialização da organização, alterando suas lógicas e rotinas e ampliando as zonas de interesse e abrangência estabelecidas pelas instituições jornalísticas ao organizarem o mundo e as coisas do mundo. Os típicos acontecimentos atípicos são exemplo desta afetação, eles são, geralmente, da ordem da exterioridade, mas afetam diretamente o Jornalismo ao ingressar em seus fluxos. Isso ocorre especialmente quando os acontecimentos geram impacto, com significância para o passado ou o futuro.

Dentre os temas que lhe interessa cobrir, é sabido que o Jornalismo opta preferencialmente pelo conflito, quer sejam confrontos da vida cotidiana ou enfrentamentos bélicos. Se uma situação de conflito é, axiomáticamente, um momento de grande importância para a sociedade em causa, do mesmo modo o é para o Jornalismo. O interesse pelos acontecimentos conflitivos, ou por algum aspecto deles, deve-se, especialmente, por aquilo que cada meio reconhece como sendo indispensável tratar em dado momento histórico.

O alto grau de conflitividade de determinados acontecimentos sugere, já de início, também, um alto nível de importância política, bem como de interesse jornalístico. Por que se originam ou se ligam aos sistemas políticos e às instituições públicas e por que despertam a atenção do Jornalismo, um e outro acabam afetados ao se aproximarem dos acontecimentos conflituosos objetivando dar-lhes uma ordem, dotá-los de sentido.

Buena parte de la información [...] cuyo referente es la conflictividad tiene que ver con esos juegos de intereses mezclados, con la coordinación pura que las unidades de comportamiento intentan.

Y lo hacen por las posibilidades que el universo de la comunicación social abre para ellas y para sus estrategias de poder, en las que se inscriben las amenazas y la simulación (Rey Morató, 1988, p. 167).

A produção jornalística do *Caso Angostura* está diretamente relacionada às escolhas do Jornalismo e aos sentidos atribuídos por ele. Os atores envolvidos, por seus interesses ou das instituições que representam, contudo, também competem pelo ordenamento do ocorrido, pela definição desses sentidos. Neste *enjeu*, os jornais *El Tiempo*, colombiano, e *El Comercio*, equatoriano, especialmente, acabaram se enredando (ou sendo enredados) na conflitividade do *acontecimento Angostura*.

A análise identificou que por suas escolhas e interpretações os jornais observados acabaram por se tornar parte do conflito inerente ao acontecimento do qual se ocupavam. Como para “tornar-se” os acontecimentos carecem de ordenamento e sentidos, o Jornalismo acabou imerso na conflituosidade oriunda dos sistemas políticos colombiano e equatoriano e na forma como estes “diziam-no”. Da mesma forma, tornou-se parte do conflito por acertos ou erros cometidos no processo de cobertura, diretamente relacionadas a esses mesmos

sistemas políticos. O Jornalismo é partícipe do conflito, o provoca pelos modos como diz o ocorrido.

Ao se constituir como o lugar do ordenamento daquilo que irrompe como conflito, coube ao Jornalismo acompanhar os fluxos do acontecimento, como referido nos capítulos 3 e 4, *Do Jornalismo* e *Do Espaço*, reconhecendo alguns deles e fazendo-os entrar em seu próprio fluxo. A escolha ou a recusa daquilo que se liga a determinado acontecimento, ou seja, novos acontecimentos, rumores, relatos, diz do interesse de cada meio por determinados âmbitos do conflito como forma de interpretar as coisas do mundo em um momento específico.

Dotar de sentido o *acontecimento Angostura* significou reconhecer alguns dentre os vários microacontecimentos e microrrelatos que emergiram como consequência do primeiro ou que a ele se ligaram pelo ordenamento jornalístico.

CONCLUSÃO

A cartografia do acontecimento

O Jornalismo nomeia as questões do tempo presente em meio ao fluxo contínuo e ininterrupto da atualidade. A partir de percursos simbólicos, reconhece algumas dentre as muitas situações e ocorrências da realidade e se movimenta para acolhê-las e interpretá-las a partir das prioridades de cada meio e das particularidades de cada dispositivo no qual o que é o acontecido ingressará. Com vistas a um ordenamento daquilo que no mundo emerge como desordem, o Jornalismo engendra discursos, produz sentidos e acaba por organizar, a cada novo dia, uma cartografia das coisas do mundo. Essa mecânica de funcionamento do Jornalismo é mediada por processos regulares, um regime de práticas, um modo de objetivação jornalística, com os seus procedimentos operativos, processualidades e convenções, balizados pelo tempo e pelo espaço disponíveis.

O Jornalismo ocupa-se tanto de acontecimentos ordinários, corriqueiros, quanto dos extraordinários e, ainda, daqueles que são programados. É sabido, todavia, que o seu interesse preferencial é pelos acontecimentos imprevisíveis, em menor número, porque estes conjugam, a um só tempo, um conjunto de elementos da ordem do noticiável, como a atualidade, a pregnância e a saliência. Esses acontecimentos tornam-se acontecimentos jornalísticos por um ordenamento discursivo que busca explicar-lhes o sentido e a emergência. Os acontecimentos existem quando submetidos à ordem do discurso, por uma interpretação que procura comunicar a experiência, uma vez que os sentidos propostos pelo Jornalismo consideram que o acontecimento acontece a alguém e por esse viés precisa ser compreendido.

Em meio ao interesse pelo ordenamento, o Jornalismo organiza aquilo que irrompe como caos, que perturba o estado do mundo, rompe com o correr das coisas, modifica a seriação ou interfere nos quadros experienciais. Para tanto, substitui a singularidade do acontecimento por alguma universalidade, ou seja, recorre a uma relação de outros eventos semelhantes e a já-ditos como forma de assentá-lo em quadros de sentido e significação já conhecidos e compartilhados. Nestes casos, a imprevisão está mais relacionada ao momento de sua ocorrência do que a algo nunca previsto ou enfrentado pelo Jornalismo. Em outros momentos, contudo, devido à especificidade do ocorrido, o Jornalismo não sabe, inicialmente, que sentidos ou explicações atribuir, como durante o choque do primeiro avião no *World Trade Center* em 11 de setembro de 2001, porque carece de referências para fazê-lo. Por essa diferenciação, constata-se que os acontecimentos imprevisíveis podem ou não ser novos, no

sentido de novidade e não de atualidade, esta condição *sine qua non* para o ingresso de qualquer acontecimento nos meios informativos.

O Jornalismo, de modo geral, possui mecanismos para que o acaso entre nos seus fluxos e, assim, no mapa do mundo que constrói diariamente. Diante de determinados “aconteceres”, no entanto, algumas destas operações são alteradas, mesmo que momentaneamente, porque a desordem do acontecimento ingressa no próprio Jornalismo. As mudanças ou adequações nos modos de produção, contudo, não interferem no projeto epistêmico do Jornalismo, conformado pelo inesperado, o adverso, a irrupção. De outro modo, é norma no Jornalismo esperar o inesperado. Quéré (2005) argumenta que a descontinuidade introduzida por determinados acontecimentos excede as possibilidades do previamente calculado e o desafia por inúmeras razões, como, por exemplo:

- o Jornalismo liga-se ao efêmero, mas sabe da impossibilidade de prever, de antemão, se o acontecimento irá ou não se prolongar no tempo. A maior ou menor “durabilidade” de um acontecimento é resultado de seus próprios fluxos, determinados, por sua vez, por seu campo de possíveis. Quando microacontecimentos e microrrelatos se sucedem no tempo, conectando-se a ele e o atualizando a partir do futuro, acabam transformando-o em um acontecimento de longa duração (Fontcuberta, 1993). Contudo, a longa duração não significa necessariamente a ampliação dos sentidos, uma vez que novos acontecimentos podem ingressar como forma de sustentar, reiterar os mesmos significantes.
- define um conjunto de temáticas e territórios que lhe interessa cobrir e a partir disso determina a dispersão dos seus profissionais e o uso de agências de notícias, no entanto, certos acontecimentos ocorrem fora destes espaços e, por que se ligam a temas relevantes exigem do Jornalismo um reordenamento de seus movimentos. Verifica-se, comumente, que o reordenamento se dá a partir de sistemas já conhecidos, como as grandes agências, os jornais de referência e as fontes oficiais, independentemente de onde os acontecimentos ocorrem e dos deslocamentos que o Jornalismo faz para acessá-los.
- os dispositivos se diferenciam na forma como estruturam seus espaços informativos e pelos discursos que constroem ao hierarquizarem as ocorrências do mundo. Certos acontecimentos, no entanto, parecem não “caber” nem nos espaços predefinidos para recebê-los, nem nas escalas com que seriam descritos e, por isso, interveem nos processos de produção que orienta a feitura dos textos jornalísticos.

- tem interesse, preferencialmente, por aquilo que, mesmo quando geograficamente distante, toca “no mundo diante de seus leitores” (Groth, 2011), porém, em algumas situações aquilo que “toca” no externo acaba por afetar o próprio Jornalismo. Isso se deve tanto pelas interpretações do acontecido, quanto por aquilo que reconhece como sendo o ocorrido ou parte dele.

- o Jornalismo se vê enredado pelo acontecimento que discursiviza. Isso ocorre, por um lado, em função de características do próprio acontecimento, sendo o alto grau de conflitividade deste a principal delas; por outro, por que o conflito é parte da episteme do próprio Jornalismo, a ordem e desordem, apesar de distintas, são complementares no seu interior.

No gesto necessário ao ordenamento do caos, o Jornalismo também se organiza. Concretamente, elabora movimentos táticos e estratégicos para produzir o seu relato e para construir, a seu modo, o acontecimento. Os modos de falar sobre o que acontece no mundo envolvem movimentos de escolha e recusa, uma série de “jogadas”, a partir de regras, uma “episteme jornalística”. Ainda que o acontecimento vivido se imponha como ruptura para o social e para o Jornalismo, este mantém suas operações de busca e de partilha de sentidos, alterando certos procedimentos, em determinados momentos, para dar conta da ocorrência.

O estudo da produção do acontecimento jornalístico levou-me a movimentos de apreensão e singularização do *Caso Angostura* em meio a um esforço de elaborar proposições teóricas a partir da organização de um acervo de dados, refletidos no processo de desenvolvimento da pesquisa. Com o objetivo de compreender os processos de produção do acontecimento jornalístico e, por meio dele, que Jornalismo é esse que organiza desse modo a inteligibilidade das ocorrências, ou, dito de outra forma, como o acontecimento se forma e que Jornalismo é esse que o forma, foi possível identificar uma parte significativa dos fluxos e percursos de um e outro que permitiram aos jornais estudados dizer o acontecimento do modo como o disseram.

Na intenção de compreender o *Caso Angostura* o assumi, em função de suas características mais marcantes, como um típico acontecimento atípico, o que possibilitou uma leitura do todo e de suas partes ao mesmo tempo. Refundado com base nas proposições de um conjunto de autores, como Fishman (1978), Grossi (1985), Surette (1992) e Young (2002), e a partir do acontecimento estudado, o conceito aglutina o “típico” interesse jornalístico por aquilo que é da ordem da imprevisibilidade – tragédias, crimes, violência, conflitos bélicos, desvios – ao quão “atípico” são determinados acontecimentos diante de uma aparente

“normalidade” cotidiana. O atípico constitui-se, deste modo, como o típico acontecimento que interessa ao Jornalismo, que o faz trabalhar em direção à ordem.

A proposição abarca, ao mesmo tempo, aquilo que é próprio ao acontecimento nos espaços do mundo vivido – a natureza violenta; o impacto que gera no coletivo e nas instituições públicas; os modos como se relaciona com o sistema político; os campos problemáticos que descortina e os que o provocam e as questões de território que aciona –, o porquê do interesse jornalístico por ele e os modos como este sistema opera diante destes eventos de caráter inquietante, fazendo-os ingressar no Jornalismo. Desdobrados, permitem compreender o acontecimento jornalístico, seus mecanismos de produção e em que direção e medida um se insinua sobre o outro. Estas foram as perspectivas de trabalho no curso da investigação.

A análise recaiu sobre a materialidade discursiva do *Caso Angostura* em uma proposição que tomou os textos jornalísticos dos jornais *O Estado de S. Paulo*, brasileiro, *El Tiempo*, colombiano, e *El Comercio*, equatoriano, para uma compreensão dos processos de sua produção ao refazer o caminho inverso, como para identificar os modos de “dizê-lo”. O método foi construído a partir do enfrentamento do corpus, disperso ao longo do trabalho, uma vez que o conjunto de textos de cada jornal foi acionado a medida e a partir do que era perguntado ao objeto de estudo a cada momento do processo. Esse movimento permitiu acessar e compreender os mecanismos da produção que conformaram o acontecimento estudado. Em nenhum momento a investigação pretendeu um estudo comparativo dos jornais. Eles foram espaço de observação de um só acontecimento, guardadas as especificidades de cada periódico.

A análise compreendeu três recortes no *corpus* que reuniu textos informativos publicados no período de março de 2008 a agosto de 2009:

- a primeira semana de cobertura, de 2 a 8 de março de 2008: como reúne o ingresso do acontecimento nos jornais permitiu identificar e analisar os diferentes modos como ele é apresentado, uma vez que, por seus fluxos, foi interpretado de quatro maneiras distintas na primeira semana (a morte do guerrilheiro Raúl Reyes, a invasão do território equatoriano, os nexos com as Farc e a crise diplomática entre Colômbia e Equador). Também por esse recorte temporal pude observar e entender os movimentos do acontecimento nas editorias dos jornais;

- o mês de março de 2008: esse recorte mais ampliado foi empregado com a finalidade de identificar os momentos em que as redes discursivas de cada jornal foram acionadas. Como o período registrou inúmeros movimentos em direção ao acontecimento pude compor, a partir deles, um mapa de fluxos como forma de visualizar tais deslocamentos;

- 18 meses de cobertura, de março de 2008 a agosto de 2009: optei pelo recorte macro do *corpus* em momentos que considere importante observar os fluxos do acontecimento em sua longa duração. Neste sentido, é empregado para apreender os inúmeros momentos em que os computadores de Raúl Reyes retornam ao Jornalismo, também para observar o uso de meios-fonte no processo de cobertura e, finalmente, identificar os conflitos reconhecidos pelo Jornalismo, os provocados e os enfrentados por ele. No primeiro deles, acionei a noção de trajeto temático (Guilhaumou, 2002, 2010).

Concretamente, ao término do percurso de investigação, alguns resultados podem ser assim organizados:

1. Do que é um típico acontecimento atípico

Entre as características anteriormente atribuídas a um típico atípico, uma delas, de certo modo, encerra em si as demais: os campos problemáticos. Nos típicos acontecimentos atípicos eles estão presentes no antes e no depois e, ainda que não sejam localizáveis no início ou no final de uma cadeia, conformam o acontecimento ao mesmo tempo que são conformados por ele. O poder de revelação (Quéré, 2005), nestes casos, está na sobreposição que provoca: vai-se dos campos problemáticos que o constituem ao acontecimento que revela campos problemáticos, sendo que o acontecimento é apenas um. Se por uma parte torna evidente que questões conflituosas levaram-no a irromper, por um contexto predefinido ou encadeamento serial, por outra evidencia que problemas públicos também são postos a descoberto quando de seu aparecimento, enquanto ponto de partida. O acontecimento esclarece seu contexto, torna-se começo, volta-se para o que lhe poderá seguir porque continua a ocorrer e a singularizar-se.

Assumido como um conjunto de campos problemáticos, o conflito interno colombiano foi tomado como origem e fim do acontecimento estudado, pelo fato de a ocorrência fazer com que o interno fosse exteriorizado. Num dado momento, o conflito provocou um evento específico que acabou descortinando outros problemas, não mais circunscritos apenas à Colômbia. O poder deste acontecimento está no deslocamento (ou sobreposição) que provoca: o *Caso Angostura* se origina pela contingência dos campos problemáticos internos à Colômbia, todavia, a um só tempo, acaba descortinando conflitos da ordem da exterioridade e, desse modo, alterando o estatuto do conflito em si.

Ao conduzir para fora aquilo que antes era somente interno, o *acontecimento Angostura* mostra mais um deslocamento relacionado à espacialidade: originado de disputas

por território tanto por parte de grupos guerrilheiros, quanto de paramilitares, o conflito colombiano é arrastado para o exterior pelo uso que dele se fez: por que a guerrilha cruzou as fronteiras de um Estado-nação para refugiar-se em outro e por que o Exército violou os limites de outro território em ataque ao grupo que nele havia ingressado. O uso ou a ausência do território são elementos centrais para a compreensão de um conjunto de acontecimentos e processos deste tempo, como, por exemplo, os conflitos étnicos, religiosos e territoriais, o terrorismo, as migrações e os refugiados.

A violência do que era interno igualmente foi exteriorizada. O conflito colombiano, com quase meio século de existência é marcado por atos violentos, como sequestros, assassinatos, violência sexual, extorsões, etc. O ataque em Angostura, em 1º de março de 2008, foi marcadamente violento pelos armamentos utilizados e pelo fato de os guerrilheiros estarem dormindo no momento da ofensiva. A violência empregada na agressão contribuiu para que o governo do Equador passasse a interpretá-la como violação de seu território, opondo, desta forma, dois discursos antagônicos: o da defesa da soberania e o da defesa da segurança, equatoriano e colombiano, respectivamente. A estes se sobrepôs um terceiro modo de enunciar o deslocamento da violência, qual seja, a fragilidade e o descuido das fronteiras nacionais. Esses discursos foram identificados entre os conflitos reconhecidos pelo Jornalismo e, deste modo, se constituem em conflitos sobre o conflito.

Outro deslocamento provocado pelo *acontecimento Angostura* refere-se às coletividades, às instituições públicas e aos sistemas políticos nele imbricados. A morte do guerrilheiro Raúl Reyes, notadamente de interesse colombiano, ao ser vinculada a forma como foi produzida acabou por afetar outros coletivos e sistemas políticos, externos à Colômbia, envolvendo-os em uma miríade de microacontecimentos e microrrelatos que se originaram no primeiro ou a ele se vincularam. O acontecimento, em razão disso, foi produzido a partir de declarações de fontes oficiais que ora chamam para si a tarefa de dizer o ocorrido, ora empurram para o “outro” a culpabilidade no conflito.

2. *Dos processos da produção jornalística*

Por meio da análise dos jornais identifiquei que a excepcionalidade da morte e a notoriedade do morto motivaram o ingresso do *acontecimento Angostura* em suas páginas. A permanência, porém, deu-se em razão do deslocamento provocado por ele, ou seja, ao empurrar para o exterior aquilo que antes era interno fez com que o externo – o Jornalismo de outros países – se interessasse por seus fluxos. Pode-se afirmar que, sem um acontecimento

específico para cobrir, raras vezes o jornalismo brasileiro se interessou pelo conflito interno colombiano. Ao analisar a produção do *Angostura* no jornal *O Estado de S. Paulo* percebi que os campos problemáticos que emergem com o acontecimento não são tensionados aos que o provocaram; o Jornalismo colombiano, por sua vez, porque enfrenta tal conflito, mescla essas duas perspectivas complementares, enquanto o equatoriano reconhece tanto o que o gestou quanto o que foi gestado pelo acontecer do acontecimento como ameaças diretamente relacionadas ao mundo vivido que lhe corresponde assentar em seus mapas. O 1º de março de 2008 fez com que este conjunto de problemáticas públicas ingressasse, a um só tempo, no Jornalismo enquanto modos de reconhecer um acontecimento que ao mundo interessava ocupar-se em um determinado momento.

Caberia aqui, por ventura, indagar sobre o porquê da escolha de um acontecimento que pouco ou nada toca nos leitores brasileiros. A resposta a essa questão diz da ambiência da pesquisa, ou seja, o acontecimento ingressou nos fluxos do jornal *O Estado de S. Paulo* porque conjugava uma série de elementos da ordem do noticiável que o interessavam. Logo, se o acontecimento entrou no Jornalismo brasileiro interessava fazê-lo ingressar também nos estudos do Jornalismo, uma vez que permitiria compreender o Jornalismo a partir do modo como ele escolhe e organiza a inteligibilidade das ocorrências.

Inicialmente o acontecimento foi escolhido porque encerrava em si um conjunto de valores-notícia de narração e produção; num momento posterior, por meio de sua observação, identificou-se que ele exigia do Jornalismo que se movimentasse e adequasse seus modos de reportar para recolocá-lo na ordem das coisas, em razão de sua força de revelação; e, finalmente, pelo gesto de leitura empreendido, foi possível compreender que o *acontecimento Angostura* representa um tipo de acontecimento que, independentemente do lugar no qual venha a ganhar existência, despertará a atenção do Jornalismo. Ele é revelador no sentido de possibilitar estudar o funcionamento do Jornalismo em dimensão ampliada. Nesse sentido, o *Caso Angostura* é um exemplar para a resposta ao problema que norteou a pesquisa, como se materializam no acontecimento jornalístico os múltiplos processos que constituem um típico acontecimento atípico e o que o ingresso deste no Jornalismo diz sobre o próprio Jornalismo e seus fazeres? Entre as repostas produzidas pela pesquisa estão:

a) Em relação aos movimentos pelo espaço vivido

Os deslocamentos do Jornalismo pelos espaços do mundo vivido são organizados *a priori* a partir dos interesses institucionais e das condições de produção disponíveis em cada meio. As empresas jornalísticas dividem o mundo em zonas de interesse e organizam uma

rede informativa capaz de responder aos temas, territórios e organizações que interessa cobrir. Essas zonas compreendem diferentes espacialidades que acabam sendo assentadas *a posteriori*, de modo também diverso, nas cartografias diárias, nas quais há espaço tanto para aquilo que está próximo quanto para o distante, assim como para a ordem e a desordem.

Quando algum acontecimento cuja temática interessa tratar irrompe num lugar não privilegiado pela organização previamente estabelecida, o Jornalismo estabelece rapidamente maneiras de acessá-lo. A força de determinados acontecimentos reside na forma como “tiram” o Jornalismo de seu espaço, levando-o pelo mundo para alcançar os fluxos que se interpõem e solicitam ser discursivamente ordenados.

Apesar de tentar tornar tais movimentos e modos de organização opacos, as operações que possibilitam ao Jornalismo “ir” ao mundo para acessar os acontecimentos podem ser apreendidas na superfície discursiva, na qual o Jornalismo inscreve determinados deslocamentos. Nesta investigação foram identificados alguns deles, apresentados sob a forma de um mapa de fluxos, no qual estão inscritos aquilo que foi acionado pelos jornais para dar conta do acontecimento nos espaços do social. Esses mapas permitiram visualizar como determinados acontecimentos desestabilizam a organização previamente definida pelos jornais a partir dos limites de certas territorialidades, uma vez que os levam a percorrer outros espaços. Da mesma forma, mostrou que tanto os jornais próximos, quanto os distantes circulam como forma de apreendê-lo.

b) Em relação aos movimentos no âmbito do sistema informativo

É sabido que o Jornalismo realiza alguns movimentos no domínio dos sistemas informativos, no sentido de acessar aquilo que é produzido por outro meio, considerado, geralmente, como de “referência”. A hipótese inicial de que tal aproximação visava a identificar fontes e a checar informações, fundamentalmente, quando o meio estava distante do lugar no qual os acontecimentos emergiam, acabou não sendo comprovada. Primeiro, porque a análise demonstrou que os jornais estudados não vão um em direção ao outro “simplesmente” para “ver” o que foi dito, mas para deles “tomar de empréstimo” esses dizeres, constituindo-os em meios-fonte no interior do seu discurso. Segundo, porque tanto *O Estado de S. Paulo* que acessa o *Caso Angostura* desde o exterior, quanto *El Tiempo* e *El Comercio*, jornais cujos países de origem estão diretamente envolvidos no acontecimento e que, por isso, estão próximos de fontes e informadores, movem-se em direção ao Jornalismo para recortar dizeres. E, finalmente, porque o Jornalismo observa em que medida os outros meios acabam ingressando eles próprios no acontecimento, porque envolvidos por sua

conflitividade, e os faz ingressar, em razão disso, nas narrativas que compõe como forma de cercar o acontecimento.

No contexto do *Caso Angostura*, a análise dos fluxos do Jornalismo ao Jornalismo permitiu observar como cada jornal interpretava ou, simplesmente, trazia aquilo que era construído por outros meios. Tal observação diz muito acerca de que Jornalismo é esse e de porque os acontecimentos jornalísticos são como são. A produção jornalística acaba permeada não apenas por fatores exógenos aos sistemas informativos, mas por interrelações no interior do mesmo. Assim, tanto a imprensa fala à imprensa como fala da imprensa. No primeiro caso, faz circular falas ao repetir, replicar, tomar de empréstimo, criticar, concordar, redundar et., constituindo-se e constituindo os outros em meios-fonte. No segundo, tornam-se e tornam outros *media* objeto a ser comentado. Por esse movimento o Jornalismo revela processos, explica produtos, trata da cultura jornalística, como também contesta, apóia, critica ações, aponta falhas, comenta as pressões sofridas e defende seus pares.

c) Com relação à cartografia que deve produzir

É sobre rubricas que enunciam lugares – o da Política, o da Economia, o da Cultura, o do Internacional, etc. – que os jornais assentam a cartografia diária do mundo, de modo a encaminhar a compreensão do social pelo seu público. Distribuição que, de algum modo, considera o local, o nacional e o internacional, espacialidades que permitem ordenar o mundo por sua fragmentação.

Outro movimento realizado pelo Jornalismo em função dos fluxos do acontecimento, identificado por meio da análise realizada, diz respeito à forma como o assentou na cartografia do dia a dia da cobertura. Ruptura no social, deste modo o *Caso Angostura* se impôs ao Jornalismo, uma vez que provocou, inicialmente, um corte na seriação jornalística e, depois, por sua recorrência e fragmentação, solicitou uma produção retrospectiva e prospectiva. Além disso, à medida que o acontecimento era outro a cada dia, sem, contudo, deixar de ser o mesmo, a desordem do acontecimento ingressou no Jornalismo levando-o a interpretá-lo a partir dos sentidos que lhe eram atribuídos, especialmente, pelos sistemas políticos dos países envolvidos. A cada interpretação, como a cada microacontecimento que surgia, o Jornalismo o deslocava em suas páginas como forma de colocá-lo nos lugares apropriados a cada tema. Esse movimento foi identificado, especialmente, nos jornais colombiano e equatoriano.

No jornal brasileiro, no entanto, o movimento foi outro. Pelo fato de o acontecimento ser trabalhado sempre nas páginas da editoria de Internacional, *O Estado de S. Paulo* criou

uma cartola de cobertura que, a um só tempo, indicava a desordem que ingressava no jornal, e não “cabia” na ordem estabelecida com anterioridade, bem como um modo de materializar, no discurso, a complexidade indicada pelo selo *tensão na fronteira*, expandindo os sentidos necessários a sua compreensão.

d) Com relação ao conflito que precisa enfrentar

O Jornalismo é atravessado pela tensão do *acontecimento Angostura*. Por que reconhece alguns dentre os fluxos do acontecimento, por que o interpreta de uma maneira e não de outra, por que carece do relato dos sujeitos envolvidos – essencialmente vinculados ao sistema político –, os jornais observados acabaram por se tornar parte do conflito do qual se ocupavam. Além de se enredar no conflito do qual se ocupa, o ato de ordenar mantém o Jornalismo enredado no seu próprio conflito, epistêmico. Em outras palavras, o Jornalismo se enreda porque o seu enredo é tomado pela ordem que ele deseja instaurar.

A escolha ou a recusa daquilo que se liga a determinado acontecimento se refere tanto aos interesses do meio no qual ele ingressa, quanto as suas condições de produção, uma vez que nem sempre é possível acompanhar ou alcançar aquilo que de maneira fragmentada têm existência. O fato de o *Caso Angostura* ser dependente do comportamento dos sujeitos nele envolvidos, da mesma forma, contribuiu para que o Jornalismo optasse por um ou outro ator, privilegiando determinados âmbitos e aspectos do acontecimento e não outros. Importante considerar que a posição dos jornais é ativa, eles são coprodutores dos acontecimentos na medida em que os transpõem dos espaços do vivido ao Jornalismo. Desta forma, o Jornalismo é parte da circulação do conflito.

O alto grau de conflitividade de determinado acontecimento indica, de certo modo, um alto nível de importância política e, por sua vez, o envolvimento do Jornalismo nos conflitos aí gestados. O *enjeu* com o sistema político, todavia, não é unilateral – e o Jornalismo não é a parte enfraquecida na relação –, uma vez que um e outro dependem dos modos de dizer a situação. O Jornalismo, contudo, é quem detém o poder de fazer circular sentidos. Assim, em acontecimentos diretamente relacionados ao poder político, o Jornalismo é partícipe do conflito, o provoca, o incita, pelos modos como diz o ocorrido, independentemente de erros ou acertos na condução da cobertura jornalística.

3. Do Jornalismo

De antemão, nos primeiros momentos deste relato da investigação, assumi que é competência do Jornalismo mostrar ao mundo o que nele é acontecido. De certo modo, a

pesquisa evidenciou a produtividade heurística de adotar essa proposição tanto para o estudo do acontecimento jornalístico, como do Jornalismo, que organiza a seu modo a inteligibilidade das ocorrências. Um ponto de partida, não de chegada.

A premissa deu orientação à investigação e permitiu assumir o Jornalismo como ator, cuja competência é distinguir, recortar, ordenar e dar sentidos aos acontecimentos do mundo. Tais atributos podem ser interpretados como o poder que só o Jornalismo detém: o de dizer a situação. Não se trata de um poder político do Jornalismo, escasso diante dos sistemas político e econômico que o cercam e que lhe dão direções, mas de um poder jornalístico, o de reconhecer, selecionar, reelaborar e por em circulação certos acontecimentos e certos sentidos. É o poder de dizer a situação que aproxima os *media* e os sistemas políticos, uma vez que o poder político depende desses modos de construção.

O peso da ação jornalística está nas escolhas realizadas em meio aos processos de produção. Por que identifica, distingue e recorta acontecimentos, por que provoca conflitos e por que neles se enreda, o Jornalismo desempenha o papel singular e próprio – e quase exclusivo – de construção das estruturas do conflito. O enredar-se, por sua vez, não desloca para fora do jornal o foco ativo, antes diz da própria episteme jornalística, a de ordenador. Ordem que, no que se refere à produção jornalística, envolve a seleção e a produção daquilo que permita que se acompanhe o mundo ou certas coisas do mundo. Por este modo de ordenar é que o Jornalismo se vê enredado pelos acontecimentos que discursiviza porque, como já mencionado, o seu enredo é tomado pela ordem que almeja instaurar.

Ainda em relação ao ordenamento evidenciam-se operações que visam à busca e à partilha de sentidos por meio de processualidades que resultam no discurso jornalístico. Se por uma parte tal operação ratifica a posição ativa do Jornalismo – enquanto ator, coprodutor –, por outra, demonstra que o acontecimento é dependente dos sentidos que lhe são atribuídos. O acontecimento não é apenas da ordem do que ocorre, mas de como ele se torna. Logo, o acontecimento jornalístico não é a ocorrência nos espaços do mundo vivido, mas aquilo que vai se gestando pela ação jornalística e por meio dela é devolvido ao mundo.

É nesta perspectiva que o Jornalismo ocupa-se em atribuir relevo às ocorrências no “mundo diante de si”, estabelecer lugares, definir posições, estruturar visões de mundo – modos de ordenamento que de modo algum são imparciais, antes demarcações, modos de dizer. Importante uma vez mais considerar as “jogadas” que o Jornalismo faz diante de determinados acontecimentos e com vistas à manutenção e ao exercício do seu poder de ator, como o estudado nesta investigação, sem, contudo, modificar as regras do jogo. Examinar esse *modus operandi*, por assim dizer, é mais que estudar o conflito no qual o Jornalismo se

enreda, é também estudar o conflito no qual, antecipadamente, ele se encontra enredado. Por fim, persiste a necessidade da crítica sobre o gesto ordenador do Jornalismo que resulta na construção dos conflitos e de suas estruturas.

* * *

É por uma simbiose entre ordenação e reconhecimento, apropriação e reconversão, que o Jornalismo, por meio do seu discurso, atribui sentidos às ocorrências do mundo, fala dos espaços da vida no qual se estabelecem as relações, as negociações e os confrontos do tempo presente. Do mesmo modo que conta o que vai pelos cantos do mundo, reunindo “aconteceres” e trazendo “dizeres”, o Jornalismo revela ao mundo o que nele é o acontecido. Tal movimento reveste-se de importância uma vez que, por meio dele, o Jornalismo dá ao outro a ver-se. Ir para o Jornalismo dos outros, da mesma forma, é significativo porque permite vê-los e compreendê-los a partir de textos produzidos em outros espaços. Um país-pauta, um país-fonte, um país à espera de ser narrado, país-relato (Dines, 2008).

* * *

Quando o ponto final se aproximava, às vésperas de mais um aniversário do *Caso Angostura* dois novos acontecimentos, um no Equador e outro na Colômbia, reafirmaram algumas das abordagens trabalhadas na tese. A primeira diz respeito à relação conflituosa que o governo equatoriano mantém com os meios de comunicação (trabalhados no item 5.3, *Conflitos enfrentados pelo Jornalismo*). Em um “acto político y mediático”³⁸⁷ o presidente Rafael Correa perdoou os jornalistas Christian Zurita e Juan Carlos Calderón que haviam sido processados pelo mandatário devido ao conteúdo de algumas notícias do diário equatoriano *El Universo* e à publicação do livro-reportagem *Gran Hermano*. Condenados no mês de fevereiro de 2012, em segunda instância, os jornalistas teriam de indenizá-lo. O jornal equatoriano *El Comercio* destaca que “durante 32 minutos, Correa se dirigió al país y al mundo, pues este acto fue transmitido por los medios públicos en tres idiomas (español, francés e inglés). Reiteró ‘que como ciudadano’ y bajo su responsabilidad inició el juicio penal al diario, machacando en la idea que solo busca que el periódico rectificara”.

³⁸⁷ EL PERDÓN presidencial se dio en un acto político y mediático. **El Comercio**, Política, Quito, 28 fev. 2012. Disponível em: <http://www.elcomercio.com/politica/perdon-presidencial-acto-politico-mediatico_0_653934758.html>.

O pedido de perdão, “no de olvido”, foi uma reação do presidente diante da publicação na imprensa estrangeira da coluna “No a las mentiras”, do jornalista equatoriano Emilio Palacio. Em uma iniciativa do diretor do colombiano *El Tiempo*, Roberto Pombo, o texto de Palacio foi publicado em seis jornais do Grupo de Diários América (GDA), entre eles o brasileiro *O Globo*, além de *El País*, da Espanha. Percebe-se que o Jornalismo ocupa-se do Jornalismo, a imprensa se torna objeto a ser comentado, neste caso, uma vez mais, pelas agressões sofridas, provocadas pelo sistema político.

O segundo acontecimento, também no final de fevereiro de 2012, foi o anúncio das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc) de que libertaria os últimos dez reféns uniformizados em seu poder e que abriria mão, a partir de então, do sequestro de civis, realizados com o objetivo de financiamento do grupo guerrilheiro. *El Tiempo* destacava: “que más llamó la atención fue la decisión de ‘proscribir’ la práctica del secuestro extorsivo, aunque la guerrilla no descarta seguir raptando a miembros de la Fuerza Pública”.³⁸⁸ Este novo acontecimento ingressou imediatamente nos jornais aqui analisados.

³⁸⁸ LAS FARC anunciaron la liberación de seis policías y cuatro militares. **El Tiempo**, Política, 27 fev. 2012. Disponível em: <http://www.eltiempo.com/politica/farc-prometen-dejar-el-secuestro-extorsivo_11226463-4>.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Pedro. Cooperação Sul-Sul em comunicação como estratégia de hegemonia: o Grupo de Diários América. In: Congresso de Estudantes de Pós-Graduação em Comunicação, 3., 2008, Rio de Janeiro. **Anais**. Rio de Janeiro: Coneco, 2008a.
- AGUIAR, Pedro. Notas para uma História do Jornalismo de Agências. In: Encontro Nacional de História da Mídia, 7., 2009, Fortaleza. **Anais**. Fortaleza: Rede Alfredo de Carvalho, 2009.
- ANTUNES, Elton. Temporalidade e produção do acontecimento. **Revista Em Questão**, v. 13, n. 1. Porto Alegre: UFRGS, 2007. p. 25-40.
- ARIAS MARÍN, Juan Guillermo. Periodismo, región y violencia. Antibiográfico de Orlando Sierra. **Signo y Pensamiento**. v. XXI. Bogotá: Pontificia Universidad Javeriana, 2002. p.87-93.
- ARQUEMBOURG-MOREAU, Jocelyne. O mito de Pandora revisitado. In: DAYAN, Daniel (org.). **O terror espetáculo: terrorismo e televisão**. Lisboa: Edições 70, 2009. p. 109-118.
- ARQUEMBOURG-MOREAU, Jocelyne. **Le temps des événements médiatiques**. Bruxelas: Éditions de Boeck Université, 2003.
- AUGÉ, Marc. **Ficciones de fin de siglo**. Barcelona: Gedisa, 2001.
- AUGÉ, Marc. **Por uma antropologia da mobilidade**. Maceió: Unesp, 2010.
- BABO LANÇA, Isabel. A constituição do sentido do acontecimento na experiência pública. **Trajectos**, Revista de Comunicação, Cultura e Educação, Lisboa, n. 6, 2005. p. 85-94.
- BACHELARD, Gaston. **A epistemologia**. Rio de Janeiro: Edições 70, 1971.
- BACHELARD, Gaston. **A formação do espírito científico**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- BAHIA, Juarez. **Jornal, história e técnica**. São Paulo: Ática, 1990.
- BAILEY, James. México en los medios de comunicación estadounidenses, 1979-1986: Implicaciones para la relación bilateral. In: COATSWORTH, John Henry; RICO, Carlos (eds.). **Imágenes de México en Estados Unidos**. México: Fondo de Cultura Económica, 1989, p. 77-112.
- BARBOSA, Alexandre. **A solidão da América Latina na grande imprensa**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação. São Paulo, Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, 2005.
- BARBOSA, Marialva. O acontecimento contemporâneo e a questão da ruptura. **Semiosfera**, Revista de Comunicação e Cultura, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, maio de 2002.

BARCELLOS, Caco. **Nicarágua: a revolução das crianças**. 3. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1995.

BAUDELAIRE, Charles. **Diários Íntimos**. Buenos Aires. Editorial Bajel, s/d.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BERGER, Christa. Do jornalismo: toda notícia que couber, o leitor apreciar e o anunciante aprovar, a gente publica. In: MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sérgio Dayrell (org.). **O Jornal: da forma ao sentido**. 2. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002. p. 273-284.

BERGER, Christa. O caso Aracruz. Do fato ao acontecimento jornalístico (um outro, o mesmo). **Unirevista**, São Leopoldo, vol. 1 n. 3, 2006.

BERGER, Christa. **Campos em confronto: a terra e o texto**. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

BERGER, Christa; MAROCCO, Beatriz Alcaraz. Fonte. In: MARCONDES FILHO, Ciro. (org.). **Dicionário da Comunicação**. São Paulo: Paulus: 2004. p. 142-143.

BERGER, Christa; TAVARES, Frederico M. B. Tipologias do acontecimento jornalístico. In: BENETTI, Marcia; FONSECA, Virginia. **Jornalismo e acontecimento: mapeamentos críticos**. Florianópolis: Insular, 2010. p. 121-142.

BERNABÉ FRAGUAS, Javier. Periodismo preventivo, una herramienta para las soluciones pacíficas de crisis y conflictos internacionales. **Anais I Congreso Iberoamericano de Periodismo Preventivo**. Costa Rica: 2004.

BIAL, Pedro; CASTELO BRANCO, Renné. **Leste Europeu: a revolução ao vivo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1990.

BIGO, Didier. Novos olhares sobre os conflitos? In: SMOUTS, Marie-Claude. **As novas relações internacionais**. Brasília: Editora UnB, 2004. p. 293-337.

BONILLA VÉLEZ, Jorge. Periodismo, guerra e paz. Campo intelectual periodístico y agendas de la información en Colombia. **Signo y Pensamiento**. v. XXI. Bogotá: Pontificia Universidad Javeriana, 2002. p. 53-71.

BORRAT, Héctor. **El periódico, actor político**. Barcelona: Gustavo Gili, 1989.

BOURDIEU, Pierre et al. **Ofício de sociólogo**. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BRAGA, José Luiz. Pequeno Roteiro de um campo não traçado. In: FERREIRA, Jairo (org.). **Cenários, teorias e epistemologias da comunicação**. Rio: E-Papers, 2007.

BRAGA, José Luiz. Quando a mídia é notícia. In: Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom, 5., Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 28., 2005, Rio de Janeiro. **Anais**. Rio de Janeiro: Intercom, 2005.

BRAUDEL, Fernand. **Escritos sobre a história**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia**. De Gutenberg à internet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BUITONI, Dulcília H. Schroeder. Jornalismo: linguagens no tempo e no espaço. **Líbero**, São Paulo, v. 14, n. 27, p. 23-30, jun. de 2011.

BUSTAMANTE, Enrique. El país: análisis del poder. In: IMBERT, Gérard; VIDAL BENEYTO, José (coord.). **El País o la referencia dominante**. Barcelona: Editorial Mitre, 1986. p. 55-107.

CASASÚS, Josep María. **Ideología y análisis de medios de comunicación**. 3 ed. Barcelona: Mitre, 1985.

CASTEL, Antoni. **Anàlisi de la informació sobre els conflictes de l'Àfrica subsahariana a la premsa espanyola (1992-1998)**. Estudi de tres casos significatius: Somàlia, Rwanda i República Democràtica del Congo. Tesi (doctorat). Universitat Autònoma de Barcelona, Facultat de Ciències de la Comunicació, Departament de Periodism i Ciències de la Comunicació, Barcelona, 2007.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. v. 1. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault**. Um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CASTRO SAVOIE, José Ángel. **Las agencias transnacionales de prensa al final del siglo XX**. Impacto del Nuevo Orden Mundial de la Información y de la Comunicación en los objetivos informativos de las grandes redes periodísticas (1973-1993). Madrid: Universidad Complutense de Madrid, 1995.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. 12. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Linguagem dos conflitos**. Coimbra: Minerva, 2001.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.

CHARAUDEAU, Patrick. Informação, emoção e imaginários. A propósito do 11 de Setembro de 2001. In: DAYAN, Daniel (org.). **O terror espetáculo: terrorismo e televisão**. Lisboa: Edições 70, 2009. p. 71-86.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Editora Contexto, 2004.

CHECA MONTÚFAR, Fernando Checa. La prensa escrita: entre el periodismo, las carencias y la oposición a Correa. In: **De Angostura a las computadoras de Uribe**: prensa escrita y crisis de marzo. Quito: Ediciones Abya-Yala. 2008. p. 149-176.

CHECA MONTÚFAR, Fernando. Introducción. In: MONTÚFAR, Fernando Checa (coord.). **De Angostura a las computadoras de Uribe**: prensa escrita y crisis de marzo. Quito: Ediciones Abya-Yala. 2008. p. 11-20.

CIESPAL. **Dos semanas en la prensa de América Latina**. Quito: Ciespal, 1967.

CLASTRES, Pierre. **Arqueología de la violencia**: la guerra en las sociedades primitivas. 2. ed. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2009.

COELHO, Alexandra Lucas. **Tahrir**: os dias da revolução. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2011.

COLOMBO, Furio. **Últimas noticias sobre el periodismo**. Manual de periodismo internacional. Barcelona: Anagrama, 1998.

CONTRERAS, Fernando; SIERRA, Francisco. **Culturas de guerra**. Madrid: Ediciones Cátedra, 2004.

CONTRERA, Malena. Jornalismo e mídia: o fim do real e a consagração do universo midiático. In: **Jornalismo e realidade**: a crise de representação do real e a construção simbólica da realidade. São Paulo: Editora Mackenzie, 2004.

DARÍO BUITRÓN, Rubén. Sembrar dudas y afectos. In: CHECA MONTÚFAR, Fernando (coord.). **De Angostura a las computadoras de Uribe**: prensa escrita y crisis de marzo. Quito: Ediciones Abya-Yala, 2008. p. 85-99.

DAHRENDORF, Ralph. **El conflicto social moderno**. Ensayo sobre la política de la libertad. Madrid: Biblioteca Mondadori, 1990.

DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette**: mídia, cultura e revolução. São Paulo: Companhia de Bolso, 2010,

DAYAN, Daniel; KATZ, Elihu. **La historia en directo**: la retransmisión televisiva de los acontecimientos. México: Gustavo Gili, 1995.

DAYAN, Daniel (org.). **O terror espetáculo**: terrorismo e televisão. Lisboa: Edições 70, 2009.

D'AZEVEDO, Martha Alves. **O controle externo da informação como forma de dominação**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Política e Sociologia. Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1980.

DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.

DINES, Alberto. Apresentação. In: ROCHA, Jan et al. (org.). **O Brasil dos correspondentes**. São Paulo: Mérito Editora, 2008.

- DOSTOIEVSKI, Fiódor. **Os irmãos Karamazov**. Rio de Janeiro: Abril Cultural, 1970.
- ECO, Umberto. **Cinco escritos morais**. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- ERBOLATO, Mário. **Técnicas de codificação em jornalismo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.
- ERICSON, Richard et al. **Visualizing deviance: a study of news organization**. Toronto: University of Toronto Press, 1987.
- ESPADA, Arcadi. **El terrorismo y sus etiquetas**. Madrid: Espasa, 2007.
- ESTUDIOS DE POLÍTICA EXTERIOR. **Colombia**. Política, sociedad y economía. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 2003.
- FAUSTO NETO, Antonio. A midiatização jornalística do dinheiro apreendido: das fotos furtadas às fitas leitoras. **Comunicação: Veredas**, Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Unimar, ano VI, n. 6, nov. 2007. São Paulo: Ed. Unimar, 2007a. p. 77-90.
- FAUSTO NETO, Antonio. **Mortes em derrapagem**. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1991.
- FAUSTO NETO, Antonio. Enunciação, auto-referencialidade e incompletude. **Revista Famecos**, Porto Alegre, n. 34, dez. 2007b. p. 78-85.
- FAUSTO NETO, Antonio. Mudanças da Medusa? A enunciação midiatizada e sua incompletude. Encontro da Rede Prosul, 1., 2007. **Anais**. São Leopoldo: PPGCC Unisinos, 2007c.
- FERREIRA, Jairo. **A proposta pedagógica**. 2008. (xerox)
- FRANCISCO, Fátima de Azevedo. **O exterior e o jornal: um estudo sobre o ritual da notícia internacional**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica. São Paulo, Pontifícia Universidade Católica, 1992.
- FISHMAN, Mark. **La fabricación de la noticia**. Buenos Aires: Tres Tiempos, 1983.
- FISHMAN, Mark. Crime waves as ideology. **Social Problems**, n. 25, 1978. p. 531-543.
- FONTCUBERTA, Mar. **La notícia: pistas para percibir el mundo**. Barcelona: Paidós, 1993.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 14. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2006.
- FOUCAULT, Michel. Mesa redonda em 20 de maio de 1978. In: **Ditos e escritos IV: Estratégia, Poder-saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. p. 335-351.

FOUCAULT, Michel. Linguagem e literatura. In: MACHADO, Renato. **Foucault, a filosofia e a literatura**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2000. p. 137-174.

FOUCAULT, Michel. Outros espaços. In: **Ditos e escritos III**: Estética: literatura e pintura, música e cinema. São Paulo: Forense, 2001. p. 411-422.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. 34. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

FRANÇA, Vera. O crime e o acontecimento midiático. In: Congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação, 6., 2009, Lisboa. **Anais do VI SOPCOM, VIII LUSOCOM**. Lisboa: SOPCOM, Universidade Lusófona de Lisboa, 2009. v. 1. p. 1-18.

GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. 47. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

GALTUNG, Johan; RUGE, Mari Holmboe. A apresentação do noticiário estrangeiro. In: TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo**. Questões, teorias e 'estórias'. 2.ed. Lisboa: Vega, 1999. p. 61-90.

GALTUNG, Johan. **Transcender e transformar**: uma introdução ao trabalho de conflitos. São Paulo: Palas Athena, 2006.

GEORGE, Pierre. **Sociologia e Geografia**. Rio de Janeiro/São Paulo: Forense, 1969.

GIRÓ, Xavier. La información sobre los países del Sur en los medios del Norte. In: CONTRERAS, Fernando; SIERRA, Francisco. **Culturas de guerra**. Madrid: Ediciones Cátedra, 2004. p. 155-183.

GIRÓ, Xavier. La imatge de la joventut a la premsa escrita. Valors, política i violència. **Anàlisi**, n. 30, 2003. p. 105-124.

GIRÓ, Xavier (coord.). **La premsa i el sud: informació, reptes i esquerdes**: mostres de recerca, materials d'aprenentatge. Barcelona: SOLC, 1999.

GOBBI, Maria Cristina. Introdução. In: GOBBI, Maria Cristina; MELLO, José Marques de. **Pensamento comunicacional latino-americano**: da pesquisa-denúncia ao pragmatismo utópico. São Bernardo do Campo: Umesp, Cátedra Unesco de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, 2004.

GOFFMAN, Erving. **Les cadres de l'expérience**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1991.

GOMES, Flavio Alcaraz. **Morrer por Israel**. Porto Alegre: Globo, 1967.

GOMES, Mayra Rodrigues. **Jornalismo e filosofia da comunicação**. São Paulo: Escrituras Editora, 2004.

GÓMEZ ANTÓN, Francisco. Introducción. In: RODRÍGUEZ ANDRÉS; Roberto, SÁBADA GARRAZA, Teresa (eds.). **Periodistas ante conflictos**: el papel de los medios de comunicación en situaciones de crisis. Pamplona: EUNSA, 1999. p. 19-29.

GOMIS, Lorenzo. **El medio media**. Cómo se forma el presente. Barcelona: Mitre, 1987.

GOMIS, Lorenzo. **Teoría del periodismo**. Cómo se forma el presente. Buenos Aires: Paidós Comunicación, 1991.

GROSSI, Giorgio. **Rappresentanza e rappresentazione**: percorsi di analisi dell'interazione tra mass media e sistema politico in Italia. Milano: Franco Angeli, 1985.

GROTH, Otto. **O poder cultural desconhecido**: fundamentos da Ciência dos Jornais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

GUERRA GÓMEZ, Amparo. **De emisarios a protagonistas**: boceto para una historia del periodismo corresponsal. Madrid, Editorial Fragua, 2005.

GUILHAUMOU, Jacques; MALDIDIER, Denise. Efeitos do arquivo. A análise do discurso no lado da história. In: ORLANDI, Eni (org.) **Gestos de Leitura da história no discurso**. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

GUILHAUMOU, Jacques. Le corpus em analyse de discours: perspective historique. **Corpus**, n.1, nov. 2002. Disponível em: <<http://corpus.revues.org/index8.html>>.

HAESBART, Rogério. **Regional-global**: dilemas da região e da regionalização na geografia contemporânea. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HEIDRICH, Álvaro Luiz. A relação entre espaço mundial e território nacional sob as dinâmicas da mundialização. In: OLIVEIRA et al. (orgs.). **O Brasil, a América Latina e o mundo**: espacialidades contemporâneas. v.1. Rio de Janeiro: Lamparina; Anpege, Faperj, 2008. p. 77-91.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

HOHENBERG, John. **O jornalista profissional**: guia às práticas e aos princípios dos meios de comunicação de massa. Rio de Janeiro: Interamericana, 1981.

IANNI, Octavio. **A era do globalismo**. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

IMBERT, Gérard. El discurso de la representación. In: IMBERT, Gérard; VIDAL BENEYTO, José (coord.). **El País o la referencia dominante**. Barcelona: Editorial Mitre, 1986. p.25-52.

IMBERT, Gérard; VIDAL BENEYTO, José (coord.). **El País o la referencia dominante**. Barcelona: Editorial Mitre, 1986.

KANT, Immanuel. **A paz perpétua e outros opúsculos**. Lisboa: Edições 70, 2008.

KANT, Immanuel. **Ideia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

KIENTZ, Albert. **Comunicação de massa**: análise de conteúdo. Rio de Janeiro: Eldorado, 1973.

KUCINSKI, Bernardo. Correstrangeiros. In: ROCHA, Jan; et al. **O Brasil dos correspondentes**. São Paulo: Editora Mérito, 2008

LACOSTE, Yves. **Geografia**: isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra. 2. ed. Campinas, Sp: Papyrus, 1989.

LAGE, Nilson. **Estrutura da notícia**. 6. ed. São Paulo: Ática, 2006.

LANA, Lígia Campos de Cerqueira; FRANÇA, Renné Oliveira. Do cotidiano ao acontecimento, do acontecimento ao cotidiano. **E-compós**, Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, Brasília, v. 11, n. 3, set./dez. 2008.

LEAL, Cleni Dombroski. **A notícia que não é nossa**: uma análise do noticiário internacional da imprensa gaúcha. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Política e Sociologia. Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1984.

LEZAMA LIMA, José. **A expressão americana**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo. Comunicação, disciplinaridade e pensamento complexo. In: **Anais do XVI COMPÓS**. Curitiba: Tuiuti/COMPÓS, 2007. (CD)

LÓPEZ TRIGAL, Lorenzo; BENITO DEL POZO, Paz. **Geografía política**. Madrid: Cátedra, 1999.

LATOUR, Bruno. **Ciência em Ação**: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora. São Paulo: Unesp, 2007.

LOS MONTEROS, Guillermo García Espinosa de. Periodismo Internacional, Corresponsales y Testimonios sobre el Extranjero. **Foro Internacional**, n. 152-153, México: Hemeroteca Virtual Unam, 1998. p. 415-426. Disponível em: <http://codex.colmex.mx:8991/exlibris/aleph/a18_1/apache_media/2ABM9V9CHVIEUG92B8Q869C5KJ7X4I.pdf>.

MAGNANI, José. **Festa no pedaço**: cultura popular e lazer na cidade. 2. ed. São Paulo: Hucitec, UNESP, 1998.

MANUAL de Estilo El Comercio. Quito: El Comercio, s/d. Disponível em: <http://www.elcomercio.com/noticias/manual-estilo_ECMFIL20110516_0001.pdf>.

MANUAL de Redação Folha de S. Paulo. 2. ed. São Paulo: Publifolha, 2001.

MANUAL de Redacción El Tiempo. 7. ed. Bogotá: Casa Editorial El Tiempo, 2005.

MANUEL JARQUE, José. Lògica de guerra o lògica de pau? Anàlisi crítica del discurs dels editorials d'El País sobre els atemptats de l'11-S. **Anàlisi**, n. 31, 2004.

MARCO conceitual e político: a informação internacional e a estrutura transnacional. In: **A informação na nova ordem internacional**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980. p. 21-30.

MARCONDES FILHO, Ciro. Acontecimento. In: MARCONDES FILHO, Ciro. (org.). **Dicionário da Comunicação**. São Paulo: Paulus: 2009. p. 14-16.

MAROCCO, Beatriz. A contribuição dos “livros de repórteres” para uma análise dos discursos jornalísticos sobre marginalidade. Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 8, São Luís. **Anais**. São Luís: SBPJor, UFMA, 2010b.

MAROCCO, Beatriz. A morte e as mortes no jornal. As aparições da morte em ZH. In: LEAL, Bruno et al. (org.). **Jornalismo e acontecimento: percursos metodológicos**. v. 2. Florianópolis: Insular, 2011. p. 207-235.

MAROCCO, Beatriz. Entre crime e terrorismo: o dilema apresentado pela Folha de S. Paulo. **Estudos em Comunicação / Communication Studies**, v. 1, p. 95-110, 2007.

MAROCCO, Beatriz. Os “livros de repórter”, o “comentário” e as práticas jornalísticas. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 33, 2010, Caxias do Sul. **Anais**. Caxias do Sul: Intercom, UCS, 2010a.

MAROCCO, Beatriz. **Prostitutas, jogadores, pobres e vagabundos no discurso jornalístico**. São Leopoldo: Unisinos, 2004.

MAROCCO, Beatriz; BERGER, Christa. Sobre Madeleine, os pais de Madeleine e os jornais. In: Colóquio Brasil-Portugal de Ciências da Comunicação, I, 2008, Natal. **Anais...** Natal, 2008.

MARTINS, Eduardor. **Manual de Redação e Estilo O Estado de S. Paulo**. 3. ed. São Paulo: Moderna, 1997.

MEDINA, Cremilda. **Notícia, um produto à venda**. São Paulo: Summus, 2003.

MEDINA, Cremilda. **Ciência e Jornalismo**. Da herança positivista ao diálogo dos afetos. São Paulo: Summus, 2008.

MERRILL, John. La comunidad periodística de la razón. In: **El País**, Tribuna, Espanha, 13 out. 1991. Disponível em: http://www.elpais.com/articulo/sociedad/LOS_ANGELES_TIMES_/DIARIO/EL_PAIS/LE_MONDE/THE_WASHINGTON_POST/comunidad/periodistica/razon/elpepisc/19911013e/pepisc_4/Tes?print=1.

MILLS, Charles Weight. **A imaginação sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 8 ed. São Paulo: Hucitec; 2004.

MOLINA, Matías. **Os melhores jornais do mundo: uma visão da imprensa internacional**. São Paulo: Globo, 2007.

MOLOTCH, Harvey; LESTER, Marilyn. As notícias como procedimento intencional: acerca do uso estratégico de acontecimentos de rotina, acidentes e escândalos. In: TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo**. Questões, teorias e 'estórias'. 2.ed. Lisboa: Vega, 1999. p. 34-51.

MORALES, Mario. Radiografía del cubrimiento informativo de la crisis colombo-ecuatoriana. In: CHECA MONTÚFAR, Fernando (coord.). **De Angostura a las computadoras de Uribe**: prensa escrita y crisis de marzo. Quito: Ediciones Abya-Yala, 2008. p. 151-176.

MOREANO URIGUEN, Hernán. **Colombia y sus vecinos frente al conflicto armado**. Quito: Ediciones Abya-Yala, FLACSO, 2005.

MORENO SARDÀ, Amparo. **La mirada informativa**. Barcelona: Bosh, 1998.

MOREY, Miguel. **El orden de los acontecimientos**: sobre el saber narrativo. Barcelona: Ediciones Península, 1988.

MORIN, Edgar. **Sociología**. Madrid: Tecnos, 2001.

MOUILLAUD, Maurice. A crítica do acontecimento ou o fato em questão. In: MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sérgio Dayrell (org.). **O jornal**: da forma ao sentido. 2. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002. p. 49-83.

NATALI, João Batista. **Jornalismo internacional**. São Paulo: Contexto, 2004.

NICOLÁS, Daniel Hiernaux. Tempo, espaço e apropriação social do território: rumo à fragmentação na mundialização? In: SANTOS, Milton et al. **Território**: globalização e fragmentação. 4.ed. São Paulo: Hucitec; ANPUR, 1998. P. 85-101.

NORA, Pierre. O regresso do acontecimento. In: LE GOFF, Jacques. **Fazer história**. São Paulo: Bertrand, 1974.

NOVAIS, Rui Alexandre. **News factors in international reporting**. Porto: Media XXI, 2010.

OLIVEIRA, Hebe Maria Gonçalves de. **A notícia exclusiva na lógica de distribuição em conglomerados da mídia brasileira**: estudo das rotinas nas agências *Estado*, *FolhaPress* e *O Globo*. Tese (Doutorado). Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, São Leopoldo, RS, 2010.

ORTIZ, Renato. **Mundialização e cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

ORTIZ, Renato. **Um outro território**: ensaios sobre a mundialização. São Paulo: Olho D'Água, 2005.

PAZ, Octavio. **O labirinto da solidão**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Fronteiras do milênio**. Porto Alegre: Ed. Universidade, 2001.

PETRY, Almiro. **Apontamentos sobre a América Latina**. 2008. Disponível em: <Portal Minha Unisinos/PastaNet (acesso restrito)>.

PIZARROSO QUINTERO, Alejandro. Guerra y comunicación. Propaganda, desinformación y guerra psicológica en los conflictos armados. In: CONTRERAS, Fernando; SIERRA, Francisco. **Culturas de guerra**. Madrid: Ediciones Cátedra, 2004. p. 17-55.

PIZARROSO QUINTERO, Alejandro. **Historia de la prensa**. Madrid: Editorial Centro de Estudios Ramón Areces, 1994.

PONTE, Cristina. Media e acontecimentos (com)sentidos. **Trajectos**, Revista de Comunicação, Cultura e Educação, Lisboa, n. 6, 2005. p. 101-104.

QUESADA PÉREZ, Montserrat. **Periodismo especializado**. Madrid: Ediciones Internacionales Universitarias, 1998.

QUÉRÉ, Louis. Entre facto e sentido: a dualidade do acontecimento. **Trajectos**, Revista de Comunicação, Cultura e Educação, Lisboa, n. 6, 2005. p. 59-75.

RABOY, Marc; DAGENAIS, Bernard (ed.). **Media, crisis and democracy: mass communication and the disruption of social order**. London: Sage, 1992.

RANCIÈRE, Jacques. **Políticas da escrita**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

REBELO, José. **O discurso do jornal**. Lisboa: Editorial Notícias, 2002.

REBELO, José. Apresentação. **Trajectos**, Revista de Comunicação, Cultura e Educação, Lisboa, n.6, 2005. p. 17-27.

REBELO, José. Prolegómenos à narrativa mediática do acontecimento. **Trajectos**, Revista de Comunicação, Cultura e Educação, Lisboa, n. 8-9. 2006. p. 55-58.

REY MORATÓ, Javier del. **Crítica de la razón periodística**. Un análisis desde la teoría general de la información. Madrid: Complutense, 1988.

REYES MATTA, Fernando (org.). **A informação na nova ordem internacional**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980a.

REYES MATTA, Fernando. **Análisis de la información internacional en la prensa latinoamericana**. Madrid: EFE, 1993.

REYES MATTA, Fernando. O encadeamento informativo da América Latina. In: **A informação na nova ordem internacional**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980b. p. 201-225.

RESENDE, Fernando. A narratividade do discurso jornalístico – A questão do outro. **Rumores**, ECA-USP, n. 6, set./dez., 2009, s/p. Disponível em: <http://www3.usp.br/rumores/artigos.asp?cod_atual=161>.

RESENDE, Fernando. Espaços parciais, espaços de resistência: relatos e conflitos no cenário contemporâneo. In: MARGATO, Isabel; GOMES, Renato Cordeiro (orgs.). **Espécies de espaço: territorialidades, literatura, mídia**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008. p. 141-161.

RESENDE, Fernando. O jornalismo e a enunciação: perspectivas para um narrador-jornalista. In: LEMOS, André; BERGER, Christa; BARBOSA, Marialva. **Narrativas midiáticas contemporâneas**. Porto Alegre: Sulina, 2006. p. 160-180.

RICOEUR, Paul. **Do texto à acção**. Porto: Rés, 1989.

RIFIOTIS, Theophilos. Nos campos da violência: diferença e positividade. In: **Laboratório de Estudos das Violências**. UFSC. s/d. Disponível em: <<http://www.cfh.ufsc.br/~levis/downloads/artigos/NCVDP.pdf>>.

RODRIGO ALSINA, Miquel. **A construção da notícia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

RODRIGO ALSINA, Miquel. **Los medios de comunicación ante el terrorismo**. Barcelona: Icaria Editorial, 1991.

RODRIGO ALSINA, Miquel. ¿Pueden los medios no ser etnocéntricos?. In CONTRERAS, Fernando; SIERRA, Francisco. **Culturas de guerra**. Madrid: Ediciones Cátedra, 2004. p. 239-253.

RODRIGUES, Adriano Duarte. O acontecimento. In: TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo**. Questões, teorias e 'estórias'. 2. ed. Lisboa: Vega, 1999. p. 27-33.

RONDEROS, María Teresa. Aires enrarecidos. **Revista Semana**, 23 mar. 2008, Colombia.

ROSA, Gonçalo Pereira. **A quercus nas notícias: a consolidação de uma fonte não oficial nas notícias de ambiente**. Porto: Porto Editora, 2006.

ROSSI, Clóvis. Fluxo de informação e pauta internacional. In: **O que é jornalismo**. 10 ed. São Paulo: Brasiliense, 2000. p. 78-87.

ROSSI, Patrícia **A América Latina das bancas de jornais: uma discussão sobre a negatividade das notícias**. Brasília: UNB, 1998.

RUIZ, Marta. Un centavo para el peso. In: **De Angostura a las computadoras de Uribe: prensa escrita y crisis de marzo**. Quito: Ediciones Abya-Yala. 2008. p. 199-204.

SAID, Edward. **Fora do lugar: memórias**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SANCHEZ FERLOSIO, Rafael. Notas sobre el terrorismo. REINARES-NESTARES, Fernando (org.). **Terrorismo y sociedad democrática**. Madrid: Akal, 1982.

SANT'ANNA, Lourival. **Viagem ao mundo dos taleban**. São Paulo: Geração Editorial, 2002.

SANT'ANNA, Francisco Cláudio Corrêa Meyer. **Papel da mídia impressa brasileira no processo de integração latino-americana: um estudo do comportamento editorial de grandes**

periódicos nacionais. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social. Brasília, Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, 2001.

SANTAELLA, Lucia. **Comunicação e pesquisa**. São Paulo: Hacker Editores, 2001.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Introdução a uma ciência pós-moderna**. Rio de Janeiro: Grall, 1989.

SANTOS, José Manuel. Da perca do mundo à sociedade dos (mega)acontecimentos. **Trajectos**, Revista de Comunicação, Cultura e Educação, Lisboa, n. 6. 2005. p. 77-83.

SANTOS, Milton. O retorno do território. In: SANTOS, Milton et al. **Território: globalização e fragmentação**. 4.ed. São Paulo: Hucitec; Anpur, 1998.

SANTOS, Rogério. **A negociação entre jornalistas e fontes**. Coimbra: Minerva, 1997.

SANTOS, Rogério. **Jornalistas e fontes de informação**. A sua relação na perspectiva da sociologia do jornalismo. 2. ed. Coimbra: Minerva, 2006.

SERRA PADRÓS, Enrique. Fronteira e integração fronteiriça: elementos para uma abordagem conceitual. **Humanas**. v.16. n.1/2. jan./dez. 1994. Porto Alegre.

SHEPARD, Michel Thomas. As lições de Timisoara. In: MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sérgio Dayrell (org.). **O jornal: da forma ao sentido**. 2. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002. p. 285-303.

SILVA, Alexandre Rocha da; MAROCCO, Beatriz Alcaraz. Murmúrios de Aion. Tempo e Jornalismo. **Verso e Reverso**, v. XXII. São Leopoldo: Unisinos, 2008, s/p. Disponível em: <<http://www.unisinos.br/diversos/revistas/versoereverso/index.php?e=13&s=9&a=113>>.

SILVERSTONE, Roger. A mediatização da catástrofe: o 11 de Setembro e a crise do Outro. In: DAYAN, Daniel (org.). **O terror espetáculo: terrorismo e televisão**. Lisboa: Edições 70, 2009. p. 161-171.

SILVEIRA, Joel. **O inverno da guerra**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

SIMMEL, Georg. **El conflicto: sociología del antagonismo**. Madrid: Ediciones Sequitur, 2010.

SIMMEL, Georg. Sociabilidade. Um exemplo de sociologia pura ou formal. In: MACEDO, Evaristo (org.). **Georg Simmel**. Sociologia. São Paulo: Ática, 1983. p.165-181.

SISMA MUJER. **Mujeres en Colombia: violencia sexual y paramilitarismo**. Bogotá: Corporación Sisma Mujer, 2009.

SISMA MUJER. **Violencia sexual, conflicto armado e justicia en Colombia**. Bogotá: Corporación Sisma Mujer, 2007.

SMITH, Anthony. **La geopolítica de la información: cómo la cultura occidental domina al mundo**. México: Fondo de Cultura Económica, 1984.

SOARES, Maria Susana. Nova diplomacia pública: novos atores internacionais. In: **Os novos atores da agenda internacional: o Brasil e o mundo**. Curso de Extensão. Porto Alegre: UFRGS, PPG Relações Internacionais, 2009.

SODRÉ, Muniz. **A narração do fato**: notas para uma teoria do acontecimento. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

SODRÉ, Muniz. O que é mesmo uma notícia? In: XIV Encontro Anual da Compós, 2005, Niterói, Rio de Janeiro. **Anais do XIV Encontro Anual da Compós**, 2005.

SODRÉ, Muniz. Sobre a episteme comunicacional. **Matrizes**, Revista do Programa de pós Graduação em Ciência da Comunicação da USP, v. 1, p. 15-26, 2007.

SOSTER, Demétrio. A reconfiguração do jornalismo na primeira década do século XXI. **Ícone**, Pernambuco, v. 11, n. 2, p. 1-18, dez. 2009.

SOUSA, Jorge Pedro. A reacção da imprensa de referência portuguesa ao Golpe de Estado de Julho de 2003 em São Tomé e Príncipe. **BOCC**. 2003. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-imprensa-golpe-estado.pdf>>.

SOUSA, Jorge Pedro. Estereotipização e discurso fotojornalístico nos diários portugueses de referência: Os casos do Diário de Notícias e Público. **BOCC**. 2002. Disponível em: <www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-estereotipizacao-discurso-fotojornalístico.html>.

SOUSA, Jorge Pedro. O jornalismo na democracia representativa: Um ensaio. **BOCC**. 2009. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-o-jornalismo-sousa.pdf>>.

SPONHOLZ, Liriam. O que é mesmo um fato? Conceitos e suas consequências para o jornalismo. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 18, p. 56-69, dez. 2009.

STEINBERGER, Margarethe Born. **Discursos geopolíticos da mídia**: jornalismo e imaginário internacional na América Latina. São Paulo: Educ; Fapesp; Cortez, 2005.

SURETTE, Ray. **Media, crime, and criminal justice**: images and realities. Pacific Grove, California: Brooks, Cole Publishing, 1992.

TASCHNER, Gisela. **Folhas ao vento**: análise de um conglomerado jornalístico no Brasil. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TORRES, Arturo. **El juego del camaleón**: los secretos de Angostura. Quito: Eskeletra Editorial, 2009.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**: a tribo jornalística. v. 2. Florianópolis: Insular, 2005.

TUCHMAN, Gaye. **La producción de la noticia**: estudio sobre la construcción de la realidad. Barcelona: Gustavo Gili, 1983.

TUÑÓN, Amparo. Prensa de elite: huella del pasado, indicio de futuro. In: FONTCUBERTA, Mar de (org.). **El periodismo escrito**. Barcelona: Editorial Mitre, 1986, p. 31-152.

UNESCO. **Um mundo e muitas vozes**: comunicação e informação na nossa época. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1983.

VÁZQUEZ MEDEL, Manuel Ángel. Los signos de la violencia, la violencia de los signos. In CONTRERAS, Fernando; SIERRA, Francisco. **Culturas de guerra**. Madrid: Ediciones Cátedra, 2004. p. 101-122.

VELHO, Gilberto. Violência, reciprocidade e desigualdade: uma perspectiva antropológica. In: VELHO, Gilberto; ALVITO, Marcos (orgs.). **Cidadania e violência**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Editora FGV, 1996. p. 10-24.

VERES, Luis. **La retórica del terror**: sobre lenguaje, terrorismo y medios de comunicación. 2.ed. Barcelona: Ediciones de la Torre, 2006.

VERES, Luis. Prensa, poder y terrorismo. In: **Revue de Civilisation Contemporaine de l'Université de Bretagne Occidentale**, 2004 Disponível em: <www.univ-brest.fr/amnis/documents/Veres2004.doc>.

VERÓN, Eliseo. **Construir el acontecimiento**: los medios de comunicación masiva y el accidente de la central nuclear de Thee Mile Island. 3. ed. Buenos Aires: Gedisa, 2002.

VERÓN, Eliseo. **Fragmentos de um tecido**. São Leopoldo: Unisinos, 2004.

VESENTINI, José William. Apresentação. In: LACOSTE, Yves. **Geografia**: isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra. 2. ed. Campinas, SP: Papirus, 1989. p. 7-13.

VEYNE, Paul. **Cómo se escribe la historia**. Foucault revoluciona la historia. Madrid: Alianza Editorial, 1971.

VIDAL-BENEYTO, José. El espacio publico de referencia dominante. In: IMBERT, Gérard; VIDAL BENEYTO, José (coord.). **El País o la referencia dominante**. Barcelona: Editorial Mitre, 1986. p. 17-24.

VOESE, Ingo. **O movimento dos sem-terra na imprensa**: um exercício de análise do discurso. Ijuí, RS: Editora UNIJUÍ, 1997.

VOGEL, Daisi. O acontecimento no jornalismo e na arte. In: BENETTI, Marcia; FONSECA, Virginia. **Jornalismo e acontecimento**: mapeamentos críticos. Florianópolis: Insular, 2010. p. 63-76.

WAAK, William. **Mister you Bagdad**: dois repórteres na guerra do Golfo. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 1991.

WEBER, Max. **Historia económica general**. 2. ed. México: Fondo de Cultura Económica, 1956.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação de massa**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

YOUNG, Jock. **A sociedade excludente**: exclusão social, criminalidade e diferença na sociedade recente. Rio de Janeiro, Revan: Instituto Carioca de Criminologia, 2002.

ZAMIN, Angela. América Latina na imprensa: uma análise a partir de textos acadêmicos brasileiros do período 1980-2005. **Estudos em Comunicação / Communication Studies**, v. 7, p. 219-234, 2010a.

ZAMIN, Angela. Carta a Betancourt: referência à fronteira e imbricamento dos discursos geopolítico e jornalístico. In: Angel Nuñez; Maria Medianeira Padoin; Tito Carlos Machado de Oliveira. (Org.). **Fronteiras**. v. 1. Dourados; Pelotas: UFGD; UFPel, 2010b, p. 317-336.

ZAMIN, Angela. Dos acontecimentos no mundo à notícia: relações entre o jornalismo e o geopolítico. In: Augusto Soares da Silva; José Cândido Martins; Luísa Magalhães; Miguel Gonçalves. (Org.). **Comunicação, Cognição e Media**. v. 1. Braga: Aletheia Associação Científica e Cultural; Universidade Católica Portuguesa, 2010c. p. 295-305.

ZAMIN, Angela; MAROCCO, Beatriz. Vertentes dos estudos de acontecimento. In: BENETTI, Marcia; FONSECA, Virginia. **Jornalismo e acontecimento**: mapeamentos críticos. Florianópolis: Insular, 2010. p. 97-120.

ZOURABICHVILI, François. **O vocabulário de Deleuze**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.

A pesquisa foi realizada no período 2008-2012 com financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, por meio de bolsa de Doutorado.

O estágio no exterior, na Universitat Pompeu Fabra, foi realizado com bolsa do Programa de Doutorado no País com Estágio no Exterior – PDEE, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES (Processo 0072-10-9), no período de junho a novembro de 2010.
